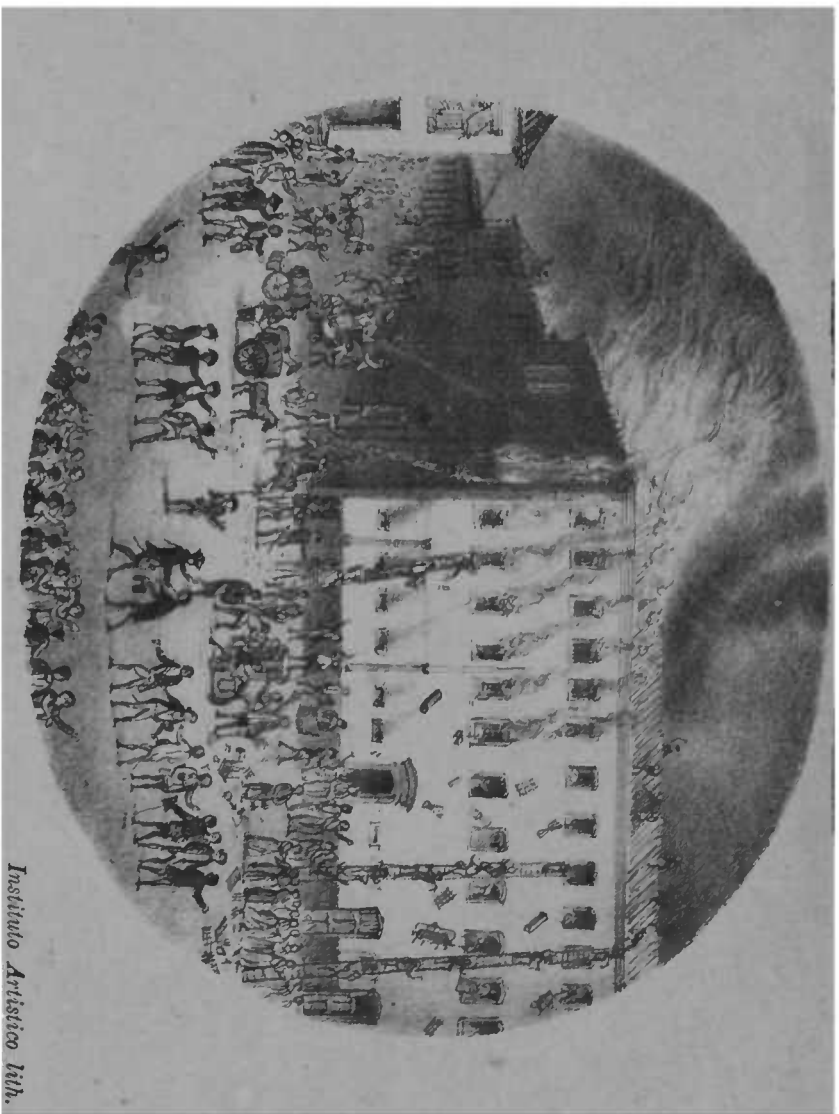




le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



Instituto Artístico lith.

FATAL E RAPIDO INCENDIO QUE REDUCIO A CINZAS EM 23 DE AGOSTO DE 1789, A IGREJA, SUAS IMAGENS E TODO O ANTIGO REQUINTAMENTO DE N. S. DO PARTO, SALVANDO-SE UNICAMENTE ILIÇA DE ENTRE AS CHAMAS A MILAGROSA IMAGEM DA MESMA SENHORA.

UM PASSEIO

PELA

CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Obras que se achão á venda na mesma livraria:

DO MESMO AUTOR

- Historia do Brasil (Lições da)** para uso dos alumnos do Imperial Collegio de Pedro II. 2 v. in-4º enc..... 8\$000
O tomo II vende-se separadamente..... 5\$000
- Historia do Brasil (Lições da)** para uso das escolas de instrucção Primaria. Obra adoptada pelo conselho superior da Instrucção Publica. 1 v. in-4º, enc..... 3\$000

DE DIVERSOS AUTORES

- Episodios da Historia Patria**, contados á infancia, pelo Conego Dr. J. C. FERNANDES PINHEIRO, Professor do Imperial Collegio de Pedro II. Obra adoptada pelo conselho director da Instrucção Publica. 7ª edição melhorada.
- Historia do Brasil** por ROBERTO SOUTHBY, traduzida da lingua ingleza para a portugueza pelo Dr. L. J. DE OLIVEIRA E CASTRO e annotada pelo Conego Dr. J. C. FERNANDES PINHEIRO. 6 magnificos volumes primorosamente impressos e encadernados em Paris..... 36\$000
- Historia da Fundação do Imperio Brasileiro** por J. M. PEREIRA DA SILVA. Esta obra forma 7 v. enc..... 37\$000
- Segundo Periodo do Reinado de D. Pedro I** no Brasil. Narrativa historica por J. M. PEREIRA DA SILVA. 1 v. in-4º br. 5\$000 enc..... 6\$000
- Varões illustres (Os) do Brasil** durante os tempos coloniaes, por J. M. PEREIRA DA SILVA. 3ª edição. 2 v. enc..... 8\$000
- Noticia sobre a Provincia de Matto-Grosso**, seguida de um roteiro da viagem da sua capital a S. Paulo por J. FERREIRA MONTINHO. 1 v. enc..... 10\$000
- Resumo da Historia do Brasil**, por HENRIQUE LUIZ DE NIEMEYER BELLEGARDE. 4ª edição correcta e augmentada. 1 v. enc..... 2\$000
- Noticias Curiosas e necessarias sobre o Brasil**. 1 v. in-4º enc..... 4\$000
- Historia de El-Rei D. João VI**, primeiro Rei Constitucional de Portugal e do Brasil, em que se referem os principaes actos e occorrencias do seu governo, bem como algumas particularidades da sua vida privada por S. L. 1 v. enc..... 3\$000
- Ermittão do Muquem (O)** Ou Historia da Fundação da Romaria de Muquem na Provincia de Goyaz, romance por JOSÉ BERNARDO DA SILVA GUIMARÃES. 1 v. enc..... 3\$000
- Peregrinações pela Provincia de S. Paulo**, por A. E. ZALUAR. 1 v. in-4º..... 9\$000
- Diccionario Geographico, Historico e Descriptivo do Imperio do Brasil**, Contando a origem e historia de cada Provincia, cidade, villa e aldéa; sua população, commercio, industria, agricultura e productos mineralogicos; nome e descripção de seus rios, lagóas, etc., por DE MILLET ST-ADOLPHE. 2 v. in-4º.
- Brasileiras Celebras**, por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 1 v.. 3\$000
- Compendio de Historia Universal** por V. DURUY, ex-ministro da Instrucção Publica de França; traduzido pelo padre FRANCISCO BERNARDINO DE SOUZA, Professor no Imperial Collegio de Pedro II. 1 v. in-8º..... 4\$000
- Historia do Brasil**, contada aos meninos por ESTACIO DE SÁ MENEZES. 1 v. impresso e enc. em Paris..... 2\$500
- A Provincia**, Estudo de Descentralisação por A. C. TAVARES BASTOS. 1 v. br 6\$000 enc..... 7\$000

UM PASSEIO

PELA

CIDADE DO RIO DE JANEIRO

POR

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

NOVA EDIÇÃO

TOMO I

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER

Livreiro-editor do Instituto Historico do Brasil

69 — RUA DO OUVIDOR — 69

UM PASSEIO

Pela cidade do Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO.

Creio que não digo uma grande novidade asseverando que nós os Brasileiros conhecemos muito pouco a nossa terra, e que não nos esforçamos bastante por conhece-la como aliás é preciso.

Não pensem que me refiro a essas vastas provincias centraes, e ainda mesmo a algumas das que são banhadas pelo Atlantico, e que estão apenas um pouco menos conhecidas do que o celeste imperio.

Deos me livre de lamentar a falta em que nos achamos a respeito d'ellas ; Deos me livre !

Tenho bem de memoria que em 1859, quando pela primeira vez appareceu a idéa de se mandar uma commissão scientifica *brazileira* explorar essas provincias do imperio, fez-se disso objecto de escarneo e de sarcasmos, e a pobre commissão partio no anno seguinte da nossa capital levando consigo quantas pragas e mãos agouros puderão lançar sobre ella os

homens praticos e sabichões do Estado, e do proprio governo, que já não pouco havia despendido para faze-la encetar os seus trabalhos, ficou em breve tão desestimada, que até as vezes achou-se sem recursos para proseguir nas explorações, e por fim de contas foi obrigada a parar no meio da obra; porque era inevitavel que se apagasse a lampada quando não lhe puzerão mais azeite.

Dizem, e eu creio, que a nossa commissão scientifica, ao tempo em que suspendêrão a subvenção, já se achava quasi ao ponto de desorganizar-se por si mesma, e sustentão que os seus trabalhos não corresponderão ás despezas feitas; parece-me porém que em tal caso o mais acertado seria procurar remover os embaraços que a amesquinhavão, dar-lhe mais seguras condições de harmania e de vigôr, e faze-la continuar em zeloso labor, mesmo porque as mais avultadas despezas estavam feitas, e a verdadeira economia aconselhava aproveitar o dinheiro empregado, e a experiencia do noviciado dos exploradores.

Mas entendeu-se que isso de commissão scientifica era peta, e acabou-se a historia.

Devemos contentar-nos com as commissões dessa natureza que tem sido e hão de ser mandadas ao Brazil por nações estrangeiras; nós não temos a menor necessidade de conhecer a nossa propria caza: basta que os estranhos nos ensinem o que ella é e o que temos dentro della.

Affirmão que a tal commissão importou e *devia im-*

poriar um enorme desperdicio dos dinheiros publicos ; porque o unico resultado que promettia, era alguma collecção de *bichinhos* para o muzeo nacional, que provavelmente tambem se entende que nos faz carregar com uma despeza de luxo : vê-se d'ahi que os nossos homens praticos aborrecem a historia natural, que é segundo elles, um genero especial de poezia ; mas a commissão scientifica tinha ainda a incumbencia de muitos outros e importantissimos trabalhos, e portanto não procedia aquella observação, que aliás eu consideraria muito justa ; porquanto era puerilidade indesculpavel tomar-se tanto incommodo para se arranjar lá por aquelles desertos uma collecção de *bichinhos* quando aqui mesmo na capital do imperio se poderião organizar, até entre os proprios homens praticos, e os nossos grandes politicos, umas poucas de collecções de bichos de proporções coloçaes que ainda não fôrão classificados pelos naturalistas.

Mas, repito. não é das provincias centraes e longinquas que pretendo fallar, dessas temos noticia de que *phosphorisão* as suas eleições periodicamente, e é o que basta : quanto ao mais, representão um mundo que ainda está á espera do seu Colombo ; e não admira que assim existão ignoradas, quauda é certo que nem conhecemos bem a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

Note-se que esta iucuria seria escusavei ao *montanhez* de Minas, ao *guasca* do sul, ao *caipira* do Paraná ; o que porém muito mais surprende é que os proprios

Cariocas não estejam ao facto da historia e das chronicas da capital, de que tanto se ufão.

Disse um escriptor francez, cujo nome agora me não lembra, que entre os francezes são os Parizienses os que conhecem menos Pariz : no Brazil não se pôde dizer couza semelhante, porque os provincianos como os Cariocas desconhecem do mesmo modo a nossa bôa Sebastianopolis.

Se no outro tempo era grande esta anti-patriotica falta de curiosidade, agora é muito peor : os paquetes á vapor e a facilidade das viagens ao velho mundo tirão-nos a vontade de passear o nosso e é mais commum, encontrar um fluminense que nos descreva as montanhas da Suissa e os jardins e palacios de Pariz e Londres, do que um outro que tenha perfeito conhecimento da historia de algum dos nossos pobres edificios, da chronica dos nossos conventos e de algumas das nossas romonescas igrejas solitarias, e até mesmo que nos falle com verdadeiro interesse dos sitios encantadores e das eminencias magestosas que enchem de sublime poesia a capital do Brazil.

Hoje em dia uma viagem a Lisboa é cousa mais simples do que um passeio ao Corcovado.

Entretanto eu estou convencido de que podia-se bem viajar mezes inteiros pela cidade do Rio de Janeiro, achando-se todos os dias alimento agradável para o espirito e o coração.

O passado é um livro immenso cheio de preciosos thesouros que não se devem desprezar ; e toda a terra

tem sua historia mais ou menos poetica, suas recordações mais ou menos interessantes, como todo o coração tem suas saudades. A capital do Imperio do Brazil não pôde ser uma excepção a esta regra...

Vamos nós dar principio hoje a um *passeio* pela cidade do Rio de Janeiro? é um convite que faço aos leitores do *Jornal do Commercio*. Se o *passeio* parecer fastidioso ou monotono, não haverá o menor inconveniente em dá-lo por acabado no fim da primeira hora; se agradar continuaremos com elle até... até... quem sabe até quando?... provavelmente conversaremos de preferencia á respeito dos tempos que já fôrão, e portanto, não é preciso que nos lembremos já do futuro, marcando o fim da nossa viagem amena.

Vamos passear.

Não se incomodem com os preparativos de uma viagem, que talvez seja longa: eu tomo isso á minha conta. Não tenham medo de se verem mettidos por mim dentro dos omnibus, gondolas ou carros da praça; desejo muito dar o maior prazer que fôr possível aos meus companheiros de *passeio*, para condemná-los a semelhante martyrio.

Se algum dos meus leitores é por infelicidade paralytico, se algum outro quebrou as pernas na luta eleitoral de Dezembro ultimo em qualquer dos pontos do Imperio onde a Vestal foi festejada com o emprego da força material, se ainda outro está tão atarefado com os cinco ou seis cargos em que se consagra ao serviço da patria, que não tem tempo de dar um passo

na rua, ainda esses mesmos não serão privados de passear comigo. Não ha incompatibilidades que affectem o nosso *passeio*. Não preciso pedir o braço, apenas peço a attenção dos meus leitores. Eu passearei escrevendo, elles lendo, e ainda assim, oh! fatal idéa!.. pôde bem ser que elles se fatiguem primeiro do que eu.

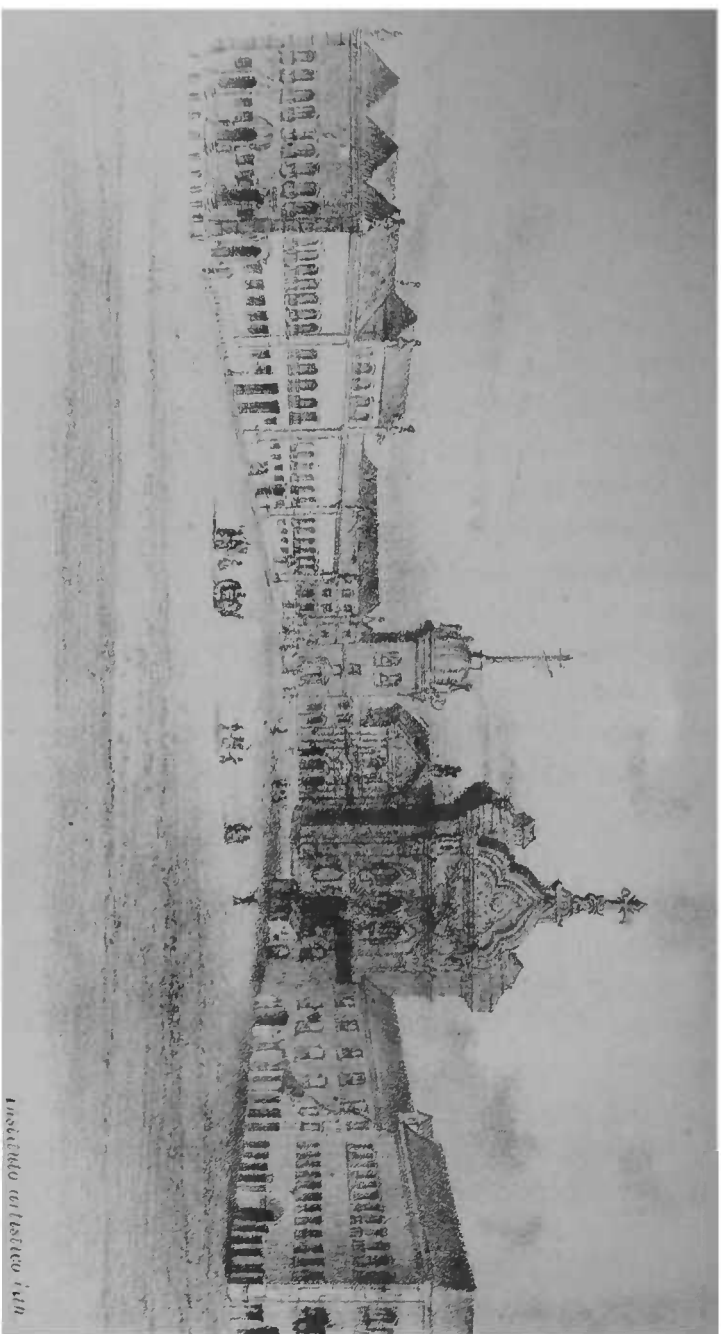
Acendamos pois um Havana (da Bahia), ou um Manilha (do Rio de Janeiro), e. passeemos.

Excluamos do nosso *passeio* toda a idéa de ordem ou systema: regular os nossos passos, impôr-nos uma direcção e um caminho, fôra um erro lamentavel, que daria lugar a mil questões de precedencia, em que sem duvida os frades Barbadinhos serião os primeiros a fazer ouvir bem fundados protestos em nome da igreja de S. Sebastião.

Independencia completa da chronologia! um *passeio* chronologico obrigar-nos-hia a começar dando um salto do Pão de Assucar ao morro do Castello e um salto desses sómente com a ligeireza e côm as pernas dos volantins politicos se poderia dar.

Passeemos á vontade: a policia o permite, e as posturas da Illustrissima camara o não prohibem.

Estamos no nosso direito; passeemos.



Instituto Geographico

UMA VISTA DO LARGO DO PAÇO

E PALACIÓ DOS VICE-REIS NO TEMPO DO CONDE DE RESENDE.

O PALACIO IMPERIAL

Eis-nos em frente do palacio imperial, no *largo do Paço*.

Por onde viemos para chegar aqui, e como nos achamos de improviso neste lugar, é o que não importa saber, nem eu poderia dizê-lo.

Consolemos-nos desta primeira irregularidade do nosso *passeio*: além de nós ha por esse mundo muita gente que se acha em excellentes posições sem saber como. O nosso século é fertil em milagres desta ordem: tem se visto no correr delle até quadrupedes que voão.

Paremos agora um pouco, e conversemos por dez minutos.

É justo que estudemos com interesse a historia do palacio imperial; antes, porém, cumpre dizer duas palavras a respeito do lugar em que elle está situado.

Esta praça tem mudado tanto de proporções como de nome, e ainda mais vezes de nome do que de proporções.

A sua extensão primitiva não a posso determinar; no ultimo quartel, porém, do século passado, o vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza deu-lhe regularidade e limites positivos, fazendo construir um bello cões de cantaria granitica á imitação de outro feito em Lisbôa pela marinha real, e ficou então a praça for-

mando um quadrilongo de setenta e cinco braças de comprimento sobre quarenta e cinco de largura.

Esse cães tinha defronte do palacio uma rampa destinada a facilitar os desembarques, e de espaço a espaço assentos de pedra, Tudo isso desapareceu desde 1841 ou 1842 por ordem da camara municipal, que projectou construir outro cães mais ao mar, lá se fôrão porém dezenove annos, e ainda estamos á espera d'elle!

Entretanto as obras de aterro têm já estendido bastante a praça, de modo que agora se acha não pouco affastado da praia o chafariz, que, levantado primeiro no meio daquella, fizera o vice-rei Luiz de Vasconcellos substituir por outro á face do mar.

Não nos queixemos da nossa edilidade: ella já fez o que pôle, e que infelizmente se reduzio pouco mais ou menos a cousa nenhuma; lembra-me, porém que para começo de trabalhos do novo cães se construiu uma trincheira de taboas, seguras por prégos que tinhão as pontas para o mar e as cabeças para terra e o mar aproveitando-se daquella bem ordenada pregadura, em nm dia em que fez *marêta*, atirou com as taboas á praia, de maneira que ensinou á camara municipal que até os mesmos prégos devem saber onde põem os pés e onde tem as cabeças. Não tenho ainda certeza de que esta lição aproveitasse.

O governo tomou a seu cargo a obra do novo cães, e ha esperanças de que mais diligente se ha de mostrar; no entanto as dimensões da praça excedem já

muito ás que tinha no fim do século passado e por não poucos annos conservou.

Fallei das proporções ; agora tratarei dos nomes.

A praia em que se termina esta praça teve primitivamente o nome de—Praia da Senhora do Ó—e heide em breve dizê-lo porque ; mas o nome mais antigo dos que tem tido esta praça é *Lugar do ferreiro da polé* : a origem de semelhante denominação perde-se na noite dos tempos ; mas quer me parecer que não podia ser sympathica.

No fim do século decimo-sexto, ou no principio do seguinte, chamou-se *Praça do Carmo*, porque era dominada pelo convento levantado pelos Carmelitas.

De 1743 em diante recebeu o nome de *Terreiro do Paço*, em razão de se haver construido nella a casa dos governadores, e os Carmelitas não brigárão com o conde de Bobadella por essa mudança de denominação, porque emfim palavras não adubão sôpas, e frades não fazem questões de pouco mais ou menos.

Por ultimo *Largo do Paço* ficou sendo chamada; não aposto porém que conserve por muito tempo o mesmo nome, a menos que o Estado se resolva a levantar outro palacio no mesmo lugar ; pois o que existe, desde alguns annos que recebeu do cupim formal intimação para procurar um substituto.

E antes dessas instantes intimações do cupim, já ao dever e ao patriotismo cumpria ter lembrado a necessidade urgente de uma tal substituição.

Este palacio que estamos vendo nem tem no seu

aspecto exterior bastante magestade, nem em suas disposições e ornatos interiores sufficiente magnificencia para mostrar-se digno do chefe do Estado e digno da nação. Ha na cidade casas de particulares que incontestavelmente ostentão mais riqueza e offerecem mais commodo do que elle.

Nas monarchias o esplendor da magestade reflecte sobre toda a nação, e a casa do monarcha, o palacio do chefe do Estado, que attrahe todas as vistas, que abre suas salas aos representantes das nações estrangeiras e á todos os cidadãos, deve ser grandioso como a idéa que representa.

Não me digão que o Brazil não tem dinheiro para levantar um palacio : oh se tem ! o patronato acha sempre recursos financeiros para fazer presentes á custa da patria amada, e só o dever e o patriotismo terá sempre de esbarrar diante do monstro chamado *deficit* !

O corpo legislativo não póde continuar a descuidar-se desta evidente necessidade : além de tudo, o palacio está arruinado, e a nação deve offerecer ao seu primeiro cidadão um edificio que pelo menos se adivinhe logo o que é, quando se olhar para elle.

Comecei fallando mal do palacio antes de descrevê-lo e de contar a sua historia.

Vou emendar o meu erro.

Para um palacio, este envelheceu depressa, pois que apenas conta cento e dezoito annos de idade, tendo sido portanto construido quasi dous seculos depois da fundação da cidade do Rio de Janeiro.

Não vos admireis de que o governo de Portugal deixasse correr tanto tempo antes de fazer edificar uma casa para os governadores desta capitania; porque também o Brazil é nação independente desde 1822, e ainda não mandou construir um palacio para o imperador.

Até ao fim do século XVII os governadores da capitania do Rio de Janeiro não tiveram casa propria para sua residencia, á excepção sem duvida do primeiro, que foi Salvador Corrêa de Sá, que seguramente havia de levantar, como os seus companheiros colonisadores, o seu competente rancho no morro do Castello: os que depois se fôrão seguindo morarão onde puderão ou melhor lhes pareceu.

Em 1698 ordenou el-rei de Portugal que para residencia dos governadores do Rio de Janeiro se comprasse a casa da rua Direita, que depois ficou sendo chamada dos « *Contos* » e que ainda hoje é assim por alguns dos nossos velhos denominada, porque para ella se passou a provedoria, e debaixo do seu tecto se recolhião os cabedaes da corôa, importantes em avultados contos de réis.

Actualmente está o correio nacional estabelecido nessa casa, que bem merece conservar o nome dos *contos*, pois que a respeito della podem-se referir *contos largos*, e por signal que até foi incendiada, quando em 1710 os francezes atacarão a cidade.

Opportunamente conversaremos sobre este caso.

Chegou emfim a época do palacio que estamos estu-

dando : lêde sobre o seu portico principal a inscripção que recorda o anno em que foi construido, e o nome daquelle a quem o devemos :— « Reinando El-Rei D. João V, nosso Senhor sendo governador destas capitanias e da de Minas-Geraes, Gomes Freire de Andrade, do seu conselho Sargento-Mór de Batalha dos seus Exercitos. Anno de 1743. »

Se não conheceis bastante que homem era esse Gomes Freire de Andrade, depois conde de Bobadella, informai-vos das melhores obras antigas de que se ufana a capital do Brazil, e avaliareis as proporções desse illustre varão pela altura dos monumentos e pela importancia dos trabalhos que executou.

Se ainda não vos basta isso, ide ao paço da nossa municipalidade, e ahí encontrareis o seu retrato conservado pela mais justa gratidão, e permitido muito excepcionalmente por el-rei de Portugal, que reconheceu os direitos que elle tinha a essa patriotica manifestação, de que até então sómente os soberanos podião ser objecto.

Quereis ainda conhecê-lo melhor?... Apreciai-o na morte depois de havê-lo admirado na vida. O conde de Bobadella, achava-se com a saúde alterada quando os Hespanhóes em 1762 tomárão a colonia do Sacramento, e logo depois desbaratarão uma esquadilha que em soccorro dos Portuguezes elle mandára : estes desastres e a injusta murmuração com que o offendêrão os negociantes do Rio de Janeiro, que muito soffrêrão em seus interesses com a perda da colonia, o affron-

tárão de paixão tão grave, que morreu em Janeiro de 1763.

Realmente já não ha Bobadellas no nosso tempo! nem com a lanterna de Diogenes seriamos capazes de encontrar um ministro que morresse de desgosto por causa de um desastre desses. A medicina póde descansar completamente : a molestia de que morreu o conde de Bobadella já não apparece hoje em dia, nem mesmo com character esporadico.

Não esqueçamos porém a historia do palacio..

Palacio?.. é preciso attender ao modo por que nos exprimimos ; palacio não ; casa dos governadores sim : uma carta régia prohibio chamar palacio a casa da residencia dos governadores : palacio, pois, deveriamos chama-la sómente mais tarde, se não estivessemos ha mais de um seculo de distancia daquella ordem de el-rei, e por isso livres de culpa e pena.

Um pouco de favor da virtude da paciencia : trata-se agora da descripção.

O palacio (perdi o medo á carta régia) passou por algumas modificações, que convém lembrar chronologicamente.

Constava elle, como ainda hoje, de quatro faces othogonaes ; a principal que olha para o mar offerencia á vista tres corpos separados por pilastras, e com tres janellas em cada um delles ; tinha um só andar, e inferiormente tres porticos de pedra marmore branca, sendo o do centro formado por duas columnas rematadas superiormente por graciosas combotas, e

os dos lateraes mais estreitos e de fôrma vulgar; de um e outro lado destes abrião-se janellas de peitoril. Cada um dos porticos descansava sobre uma escadaria propria, de marmore branco.

A face do norte apresentava, ao ligar-se com a anterior descripta, um portico fronteiro a outro igual da face do sul, dando entrada para o saguão, e além desse mais dous para seventia particular, e entre elles duas cocheiras e dezanove janellas de peitoril; no pavimento superior havião vinte e quatro janellas como as da faxada principal.

Na face do sul, que olha para o actual paço da camara dos deputados, havia, além do outro portico, vinte e tres janellas de peitoril e mais uma porta para serviço particular, e no pavimento superior vinte e tres janellas, das quaes sete erão de peitoril e collocadas quasi a meio da faxada.

A face do fundo apresentava nove janellas de sacada no andar superior, e inferiormente um portico ladeado por quatro janellas de peitoril.

A entrada do palacio era nobre : duas filas de columnas conduzião á escada, que agora é nobre, tambem constando de dous lanços no mesmo sentido e outros dous em sentido opposto ; como era porém no tempo do conde de Bobadella... não sei : não nos ficou memoria da escada primitiva, sem duvida porque no seculo passado ainda não se conhecia no Brazil a importancia extraordinaria que tem uma boa escada.

Depois do conde de Bobadella chegou a seu tempo

a vez do vice-rei conde de Rezende augmentar as proporções do palacio : o primeiro, como simples governador, tinha-se contentado com um só andar além do pavimento inferior; o conde de Rezende, que era vice-rei, elevou-se a maior altura, e fez construir um segundo andar de doze janellas de sacada que se vê ao meio do primeiro da face do norte.

Abro um parenthesis nesta descripção, que não me custa nada, porque apenas tenho o trabalho de copia-la de um livro, cujo titulo não declaro para vêr se passo por autor da obra, e interrompendo por momentos o fio do discurso, entro em certas explicações que não me parecem desnecessarias.

Visto que com as obras dos dous condes o palacio já tem não menos de cento e vinte e cinco janellas, convém dizer o que se via nesse tempo mais proximo a ellas.

Da face principal via-se o mar, isso já ficou dito: da face do norte via-se o chafariz ainda no meio da praça, e já então ou mais tarde a casa dos Telles defronte : os Telles fôrão homens notaveis no Rio de Janeiro pela sua riqueza e pela sua posição : a sua fama ficou perpetuada por um arco, que tomou o nome delles, e que não é mais do que um passadiço : a face do fundo namorava o convento dos Carmelitas, que um dia havia de acabar por conquistar : a face do sul emfim tinha em sua frente a casa da camara e cadêa, que é hoje o paço da camara dos deputados e além dessa a casa da opera, que tornou-se uma dependencia do palacio.

Ainda aqui não fecho o parenthesis.

Preciso dizer quem morava na casa dos governadores e dos vice-reis; pois que, além delles, mais alguém se achava estabelecido debaixo do mesmo tecto.

Morava com elles a justiça e a fazenda.

Os vice-reis occupavão mais de meio da galeria superior, além do segundo andar, para o lado da praça.

Para o mesmo lado, todo o resto da casa até ao canto fronteiro ao convento do Carmo, servia de assento ao tribunal da relação.

No pavimento inferior e sob esses dominios da relação ficava a fabrica moedal, como a chama Pizarro e o quarto do canto que olha por um lado para a casa da camara e por outro para o convento dos Carmelitas era habitado pelo provedor da moéda.

Estava por assim dizer todo o governo da terra reunido no mesmo ponto, e a um grito do vice-rei levantar-se-hia a relação com a espada de Astréa, a camara municipal que representa o povo, o provedor da moeda que forjava o encanto do mundo, e até podia acudir o carcereiro da cadêia com a competente guarda.

E para tudo isso bastava um grito: hoje grita-se horas inteiras de noite nas ruas da cidade, e é um milagre quando apparece a patrulha!

Era agora occasião de fechar o parenthesis que abri ainda ha pouco; acho-me porem tão fatigado que supponho conveniente deixa-lo ainda aberto emquanto descanso.

O PALACIO IMPERIAL.

Fiz muito bem não fechando o parenthesis que abri ao terminar o meu artigo precedente.

Antes de proseguir na descripção chronologica do palacio imperial, preciso dar ainda algumas explicações que se referem aos costumes do tempo dos vice-reis.

É verdade que a *Justiça* e a *Fazenda* moravão com o vice-rei debaixo do mesmo tecto; convém porém saber que o vice-rei e o tribunal da relação tratavão-se tão ceremoniosamente que nem ao menos se fallavão, passando de umas a outras salas pelo interior da casa.

Nos dias da reunião do tribunal, que era presidido pelo vice-rei, o carro deste vinha recebê-lo á entrada principal do paço, e o levava a apear-se á porta que se abria para o *terreiro do Paço*, e que era a que pertencia aos dominios da relação.

Mandava a regra que o vice-rei não fosse exercer tão importantes funções fazendo a pé um passeio, embora tão curto, e que se communicasse com o tribunal da relação aos olhos de todos, e não pelas *portas travessas*. Já naquella época tinha-se medo da influencia dos corredores e das ante-salas.

Com a fabrica da moéda, ou não havia tantas ceremonias, ou, além dos seus dominios no pavimento

inferior, tinha ella no primeiro andar ainda uma sala para o lado da *travessa do Paço*; porque ali se via uma grande balança pendendo de uma mão de ferro, e destinada ao serviço daquella fabrica.

A balança desapareceu quando se mudou a fabrica para o edificio em que hoje se acha; ficou porém a mão de ferro, que sómente no reinado do Sr. D. Pedro I foi arrancada como se se quizesse dizer que depois de fundado o governo constitucional não devesse mostrar-se *mão de ferro* no palacio do chefe do Estado.

Agora fechei difinitivamente o parenthesis, e, para que não haja a menor duvida a esse respeito, fechei-o com uma potente *mão de ferro*,

Vou continuar a descripção interrompida.

Era vice-rei do Brazil o conde dos Arcos quando a 14 de Janeiro de 1808 entrou o porto do Rio de Janeiro o brigue de guerra *Voador*, trazendo a noticia da proxima chegada da familia real portugueza. O brigue fizera honra ao nome que lhe tinham dado: *voára* para dar aquella nova ao vice-rei ainda a tempo de serem por elle tomadas algumas providencias.

O conde dos Arcos não descansou mais um momento, e enquanto mandava ordens para descerem de S. Paulo e Minas todos os viveres que se pudessem logo conduzir, despejava elle proprio o palacio, e preparava não só as suas salas e as que tinham servido á relação, mas ainda as que eram occupadas pelo expediente da casa da moéda, para receber tão com-

modamente quanto fosse possível os augustos hospedes.

Em breve porém vio-se que erão indispensaveis proporções mais vastas ao *palacio real* : começou-se pois por unir a elle o convento do Carmo e a antiga casa da camara e cadêa. Ao convento foi ligado o palacio pelo passadiço que ainda existe e que tem tres janellas de sacada para o largo do Paço, tres outras para a rua da Misericordia, e se apoia sobre dous arcos que facilitão a communicação entre o largo e a rua que ficão designados. Á casa da camara unio-se o palacio por um outro passadiço de que apenas resta a memoria.

Ainda novas obras fôrão executadas no tempo do *reino do Brazil*, pertencendo a essa época o pequeno corpo de janellas de peitoril que se observão na face do sul.

Em que peze aos meus companheiros de passeio, abro aqui outro parenthesis, e de novo interrompo a minha descripção.

Não sou tão alheio ás leis da cortesia que me expôna a deixar desalojados e na rua os frades do Carmo, os desembargadores da relação, e os prezos da cadêa.

Os carmelitas trocárão o seu convento do Terreiro do Paço pelo hospicio dos barbadinhos italianos, na rua da Ajuda, onde permanecêrão até que se extinguiu o seminário de nossa Senhora da Lapa, para o qual passárão de propriedade.

Os barbadinhos fôrão occupar as casas dos romeiros de Nossa Senhora da Gloria.

A *relação* não se achava mais nas suas salas do palacio quando chegou a familia real : tinha-se estabelecido, desde algum tempo, na casa da camara municipal ; mas d'alli mesmo teve de retirar-se, alugando-se primeiro, e enfim comprando-se para ella, a casa da rua do Lavradio em que até hoje continúa a funcionar, e que pertencia a João Marcos Vieira da Silva Pereira, fazendeiro do Campo Grande. Convém lembrar que ainda então não existia, e só muito depois se abriu a rua que tomou o nome da *Relação*, tribunal que aliás em 1808 foi elevado ao gráo de — Casa da supplicação do Brazil.

Provavelmente todas estas mudanças incommodarão não pouco aos desalojados ; mas é seguro que aos presos nem sequer um só instante occupou o espirito o cuidado de um novo asylo ; para elles porém tomou-se casa destinada a outros, que, sou capaz de jurar, não lamentarão a perda que soffrêrão.

Os presos fôrão removidos para o Aljube, que o bispo D. Fr. Antonio de Guadalupe fizera preparar exclusivamente para reclusão dos ecclesiasticos que merecessem uma tal punição.

Qem não mudou de casa em consequencia da chegada da familia real, apesar de pensarem alguns o contrario disso, foi a camara municipal.

A camara já tinha deixado a sua casa propria, cedendo-a para a *relação*, e se fôra estabelecer naquella parte da casa do Telles que fica na esquina da rua hoje denominada do Mercado : em consequencia de

um incendio que chegou a devorar tambem bôa porção do seu archivo, passou a occupar uma casa da rua do Rosario, entre as da Quitanda e Ourives, e ahi se achava em 1808 : da rua do Rosario, mudou-se para o consistorio da igreja do Rosario, onde em 1824 recebeu as assignaturas de todos os cidadãos, que declararão aceitar e querer a constituição offerecida pelo Sr. D. Pedro I. : do consistorio da igreja do Rosario emfim foi mostrar-se no seu paço no campo hoje da *Acclamação*.

Dizem que duas mudanças equivalem a um incendio ; e então quatro?... A nossa camara municipal não aquentava lugar, estava sempre em movimento constante ; desde alguns annos porém estabeleceu sua residencia definitiva no lugar mencionado, e emfim está quieta, e tão quieta, que parece dormir por uma eternidade.

Mas não penseis, meus bons companheiros de *passoio* que sómente as repartições, estabelecimentos publicos e religiosos tiverão de fazer mudanças inesperadas e subitas n'aquella época : essas ao menos erão exigidas pela necessidade de hospedar-se mais commodamente a familia real, e portanto effectuavão-se com satisfação geral, sem reluctancia da parte dos proprietarios, sem violencia da parte da autoridade e a um simples convite deste, ou com enthusiastica espontaneidade daquelles.

Com a familia real porém chegarão em grande numero fidalgos, empregados e criados de todas as ordens,

e tantos erão que faltavão casas para roceber a todos elles.

Os criados de menor graduação tiverão mesa e ninho na famosa *ucharia*, que se transformou desde logo em um immenso formigueiro no pavimento inferior do convento do Carmo que se ligára ao palacio. A *ucharia* não sómente servio para matar a fome a muitos pobres, mas ainda para encher os cofres de muitos ricos.

Os fidalgos, empregados e criados de outras ordens achârão a sua providencia nas muito mais famosas *aposentadorias*.

Quero em poucas palavras dar-vos uma idéa do que fôrão as *aposentadorias*, especialmente em 1808.

Adeos direito de propriedade!

Não houve habitante da cidade do Rio de Janeiro que dormisse tranquillo na sua casa *propria*, e que acordasse com a certeza de anoitecer debaixo do mesmo tecto. Quanto mais bella e vasta era uma casa, mais exposta ficava ao *quero absoluto* dos privilegiados.

Havia um juiz *aposentador*.

A *aposentadoria* era um arranjo de uns á custa de outros, que se executava em cinco tempos :

1º *tempo*.—O privilegiado dirigia-se ao *aposentador* e dizia-lhe que precisava da casa tal da rua tal;

2º *tempo*.—O *aposentador* encarregava a um meirinho de ir satisfazer o desejo do privilegiado;

3º *tempo*.—Sahia o meirinho com um pedaço de giz na mão, e chegando á casa designada escrevia na porta P. R. (*Principe Regente*);

4º tempo.—O proprietario ou morador da casa mudava-se em vinte e quatro horas.

5º tempo.—O privilegiado *aposentava-se* e ficava muito á sua vontade.

Esta sem cerimonia era na verdade desesperadora.

Comprehende-se que era indispensavel tomar providencias para que não ficassem no meio da rua aquelles vassallos fieis e bons servidores que tinham acompanhado a familia real ao Brazil ; mas entre essa necessidade e os abusos inauditos que se praticarão sob o pretexto das *aposentadorias* havia uma distancia enorme que cumpria ser prudentemente considerada.

Dir-me-heis que ao menos os *aposentados* pagavão o aluguel das casas que tomavão : pois estais enganados. Muitos deixarão de cumprir com esse dever, e houve alguns (e até um titular entre esses) que não só não pagarão o aluguel de que se trata, como, tendo de acompanhar el-rei em sua volta para Portugal, arrancarão as portas e as taboas dos assoalhos das casas em que estavam morando, afim de fazer os caixões necessarios para levar as suas baixelas e o mais que lhes pertencia e que com elles devia tornar ao velho mundo.

Ainda bem que este exemplo tristissimo não foi seguido pela maioria dos privilegiados.

Mas as desregradas *aposentadorias* tornarão-se logo em um tormento insuportavel. Houve senhor *aposentando* que se apaixonou tres ou quatro vezes consecutivas por diversas casas, e para contenta-lo despedirão-se

tambem consecutivamente quatro familias dos tectos sob os quaes se abrigavão.

Havia luxo de abuso, luxo de prepotencia, luxo de escandalo.

No meio das festas brilhantes e repetidas com que se solemnisava a chegada da familia real, que foi tão proveitosa para o Brazil, o povo começava a murmurar e a queixar-se. O principe regente, como todos os monarchas, ignorava a maior parte das violencias que em seu nome se praticavão. Então como dantes e como depois, os verdadeiros oppressores do povo levantavão uma barreira que não deixava a verdade chegar aos ouvidos do soberano.

Dava-se em 1808 a historia de todos os tempos.

Entretanto a originalidade de um magistrado veio dar causa a que o principe regente soubesse o que se estava praticando em seu nome e em mal da população,

Era então juiz de fóra e interinamente *aposentador* o celebre desembargador Agostinho Petra de Bittencourt.

Era um homem verdadeiramente original, mas um magistrado justo e sevéro.

Andava elle já muito aborrecido com os *arranjos de aposentadorias*, e cansado dos abusos em que por obediencia via-se coagido a tomar parte.

Um dia estava o desembargador Petra a meditar nos soffrimentos do povo, quando lhe entrou pela sala um fidalgo que o visitava pela quarta vez.

Na primeira visita esse fidalgo tinha pedido a *aposentadoria* em uma bôa casa que designára ; na segunda pedira nova *aposentadoria* em outra casa melhor ; na terceira tinha vindo exigir mobilia.

E não contente ainda com tudo isso, apresentava-se pela quarta vez declárando que lhe convinha muito um excellente criado, ou talvez escravo, que servia a um homem que designou.

O desembargador Petra, sem dar a mais simples resposta fez chamar sua senhora á sala, e apenas a vio chegar, disse-lhe :

— Aprompte-se, Sra. D. Joaquina, estamos em vespéras de separar-nos : este nobre fidalgo já me pediu casa, depois mais casa, depois mobilia, agora criado; amanhã provavelmente lia de querer que eu lhe dê mulher, e como não tenho outra senão a senhora, e não ha remedio senão servi-lo, aprompte-se, Sra. D. Joaquina, aprompte-se !

O fidalgo sahio furioso, protestando vingar-se, e foi direito ao principe regente queixar-se da zombaria de que fôra objecto; mas o desembargador Petra, interrogado pelo principe, taes cousas disse e tão claramente manifestou a verdade que as violencias cessarão, e o systema das *aposentadorias* foi mais suavemente executado.

Por occasião de sua elevação ao throno o Sr. D. João VI reformou ainda este systema, concedendo aos habitantes da cidade do Rio de Janeiro as *aposentadorias passivas*.

Faço aqui ponto final a respeito das *aposentadorias*.

Creio porém, meus companheiros de *passeio*, que podemos conversar ainda alguns momentos, visto que não temos pressa nem razão alguma para andar correndo.

Fallei-vos do desembargador Petra, disse-vos que era elle um homem original, e não devo contentar-me com a unica anedocta que a seu respeito referi.

Ahi vai outra.

Naquelles tempos de que nos estamos lembrando neste *passeio*, sómente de calções e meias de seda se apresentavão no paço os homens da côrte. O triumpho das calças teve lugar apenas em 1840, com satisfação indizível, de todas as pernas finas e de todas as pernas grossas de mais.

Os calções e as calças podião bem servir não só para representar duas épocas distinctas, mas ainda dous principios que se contrarião : teriamos em tal caso os calções representando a aristocracia, e as calças a democracia.

Se aceitarem a idéa, pôde bem ficar determinado que o ultimo e fiel representante da aristocracia no Brazil foi um antigo inspector de quarteirão da freguezia de S. José, homem constante, que até o ultimo dia da sua vida, annos depois de 1840, usou de calções de ganga amarella.

Vamos porém á anedocta.

Sómente de calções e meias de seda ia-se naquelle tempo ao paço fazer a côrte ao rei, e os magistrados

usavão por mais requinte de tafalaria levar aberta a beca para mostrar os calções e as meias de seda.

Preparava-se o desembargador Petra um dia para ir ao paço : achava-se já de calções, porém ainda em mangas de camisa, e eis que lhe apparece de subito um grande criminoso contra quem havia dado ordem de prisão e que lhe trazia um requerimento a despachar.

O desembargador, em vez de receber o requerimento abre a boca e brada : « está preso ! »

O criminoso volta as costas, e corre pela porta fóra; mas o desembargador Petra, em mangas de camisa e sem chapéo como estava, deita igualmente a correr pela rua atrás do fugitivo, gritando. « pega ladrão pega ladrão ! »

O povo acudio á voz da justiça : o criminoso foi cercado, preso e recolhido á cadêa ; e o desembargador Petra, muito satisfeito do resultado da diligencia, voltou para casa, tomou a beca, e foi para o paço.

Quero aida contar-vos uma outra anecdota relativa ao mesmo magistrado : será a última : antes porém de o fazer dezejo , assim a modo de prologo ou introduccão de uma historia offerecer-vos breves considerações.

O mal que se está experimentando sempre nos parece mais grave ou doloroso do que o mal que já se experimentou : esta nuança do nosso egoismo faz-nos geralmente muito injusto para com o nosso tempo.

Andamos agora incessantemente maldizendo do pa

tronato e queixando-nos dos repetidos e vergonhosos milagres que elle operava! causa-nos espanto a cara horrivel do patronato de hoje : ah!... façãõ idéa da face medonha do patronato daquelles tempos, em que o arbitrio era a lei, e vontade de um ministro valia mais do que todos os interesses do paiz e todas as conveniencias publicas.

Ao menos agora cada um de nós tem nas « publicações a pedido » dos jornaes diarios, e em cada typographia uma elevada tribuna em que solta a voz e falla como um deputado. E dantes?... Dantes quem fallava ou escrevia fóra do compasso marcado pela batuta do governo fazia uma viagem á Africa, ou pelo menos deixava o seu nome escripto no livro do carcereiro.

Morto por um raio seja eu se troco o meu tempo pelo tempo do mando e quero, se troco o direito que tenho hoje de pensar em voz alta, de discutir e de censurar, pelo antigo dever de uma céga obediencia e de um silencio de catacumbas.

Patronato sempre houve, e patronato ha ainda; mas o patronado de outr'ora differe muito do patronato de hoje.

Eis algumas das differenças que se pôdem notar entre o velho e o novo.

O patronato do outro tempo usava de calções, e o da actualidade de calças.

O patronato do outro tempo andava de dia e se mostrava ufano no meio da praça : o da actualidade

anda de noite, e de ordinario se esconde pelos beccos: no entanto o novo sabe de ordinario de carruagem, como acontecia ao velho.

O patronato do outro tempo dizia sempre : *ordeno isto!* o patronato da actualidade diz : *ar anjemos isto!*

Ao patronato do outro tempo tirava-se o chapéo com todo o respeito e consideração; ao patronato da actualidade manda-se, ao diabo sem a menor cerimonia.

O patronato do outro tempo ostentava-se apoiando-se na columna do arbitrio; o patronato da actualidade esconde-se atrás do sophisma.

O patronato do outro tempo apparecia aos olhos do povo nas janellas do palacio trajando brilhante fardão; o patronato da actualidade vive embrulhado em um grande capóte e agachado embaixo da mesa de cada um dos ministros.

Em uma palavra, o patronato do outro tempo era franco e patentemente ousado, e o patronato da actualidade é manhoso e só tenebrosamente ousado.

Notai porém que a franqueza do patronato velho não era uma virtude, era pelo contrario um defeito profundo do systema : essa franqueza era a ostentação do arbitrio.

Dir-me-heis que o patronato novo, por isso mesmo que é manhoso, sophistico e disfarçado, torna-se muito perigoso; convenho; ao menos porém, quando o percebemos e descobrimos, temos o direito de pôr-lhe a calva á mostra, e de maça-lo sem d'ó nem piedade.

Concordo ainda em que não poucas vezes no nosso tempo ousa o patronato erguer-se com a audacia antiga porque a vaidade e a filaucia de alguns figurões os faz crer que elles nascêrão predestinados para serem tutores e curadores obrigados do povo, e que portanto devem todos curvar-se ao imperio de sua vontade, e ainda em cima render graças a Deos pelo favor e beneficio immenso que da sua irresistivel influencia resulta para o paiz; mas em que lhes peze, cada cidadão tem na constituição do Imperio um baluarte inexpugnavel contra as intolleraveis pretenções desses reisinhos improvisados, e no direito de censura uma arma sempre poderosa e temida para atacar os abusos e os patronatos dos taes senhores.

Concluo : sempre houve, ainda ha, e muito, e nunca deixará de haver mais ou menos patronato : dantes porém as victimas soffrião as injustiças dos potentados sem queixar-se nem murmurar, e agora quem soffre pôde levantar a voz, fazer-se ouvir, achar um echo na opinião publica, e muitas vezes consegue ver triumphante o seu direito, e fugirem desapontados e pagãos os altivos afilhados dos mais orgulhosos padrinhos.

Ultima consequencia : viva a constituição do Imperio !

Está concluida a introduccção ou terminado o prologo da anecdota que agora passo a referir.

Na época em que viveu o desembargador Petra, a camara municipal marcava o maximum dos preços dos generos de primeira necessidade, e fiscalisava o

mercado, impedindo que se vendessem ao povo generos alimenticios deteriorados.

Aquelle desembargador presidia a camara municipal como juiz de fóra que era, e portanto a seu cargo principalmente estava o cuidado de garantir ao povo generos alimenticios em bom estado e por um preço não exagerado.

Nesse ponto era o desembargador Petra muito sevéro, e um certo mercador de farinha de mandiôca que era fornecedor das casas de alguns fidalgos mais influentes, tinha sido por elle mais de uma vez condemnado em consequencia de vender farinha avariada ao povo, e ainda em cima de ter uma balança infiel.

O negociante, cansado de soffrer a rectidão do juiz, appellou para os milagres do patronato.

Um dia em que o desembargador Petra dava audiencia, approximou-se d'elle o negociante de farinha, e apresentou-lhe um aviso ou portaria do ministro em que era ordenado ao juiz de fóra que não incommodasse mais o fornecedor dos fidalgos.

O desembargador leu primeiro para si e depois em alta voz a ordem do governo, e em seguida beijou respeitosaemente o aviso ou portaria, e disse :

— Póde ir descansado e furtar á sua vontade : o governo o autorisa a roubar ao povo ; eu hei de cumprir as ordens do governo, e V. M^{ce} fará muito bem se furtar dez vezes mais do que furtava até agora.

Realmente em um paiz governado pelo systema absoluto não se podia ferir, de um modo mais positivo

e forte do que o fez o desembargador Petra, um escandaloso patronato dos grandes.

Tambem é verdade que o sevéro magistrado contava na còrte uma numerosa phalange de furiosos inimigos; mas tinha por si a confiança do principe real, e zombou sempre de todos elles.

Creio que por hoje basta de *passeio*; mas desta vez fecho o segundo parenthesis que abri, e prometto que d'ora ávante divagarei muito menos.

III.

O PALACIO IMPERIAL.

O antigo convento dos carmelitas exige agora tambem um breve estudo : fazendo parte do palacio desde 1808 não pôde ficar esquecido sem offensa da exatidão historica.

Um simples passadiço converteu aquelle edificio de casa de frades em paço real; mudando-lhe porém a natureza, não lhe pôde mudar o parecer, e o antigo convento conservou e conserva ainda a primitiva feição monastica que o apresenta sempre architectonicamente desharmonisado com o palacio á que se ligou.

É um additivo que não tem relação alguma com o corpo a que foi addicionado : é um adjectivo que não concorda com o seu substantivo nem em genero nem em caso, nem em numero : discordancia completa no que diz respeito a architectura.

Mas pouco importa isso : hoje em dia já estamos acostumados com essas estravagancias que das obras de pedra e cal passárão a fazer-se sentir em obras de um outro genero. É raro o anno em que não vemos determinarem-se discordancias tão notaveis como aquella. Não ha lei de orçamento de receita e despeza do Imperio que não arraste uma cauda de additivos que se harmonisão tanto com ella como o antigo convento do Carmo com o resto do palacio.

Ao menos porém em 1808 uma necessidade in-

declinavel impôz a annexação que deu lugar áquella desharmonia architectonica, e actualmente nada pôde desculpar a abusiva repetição dessas discordancias administrativas.

Ora eis ahí! insensivel e involuntariamente começo a divagar outra vez! bom foi que a tempo o conhecesse para não adiantar-me muito.

Aqui vai em poucas palavras o que era o antigo convento do Carmo : creio que não haverá quem possa notar nelle mudanças sensiveis operadas nestes cincoenta e dous annos já passados : conservou-se quasi absolutamente o mesmo, o que, entre nós, não admira em uma casa, mas admiraria muito em um homem; porque os homens.

Peior! o antigo convento do Carmo nada tem de commum com os homens politicos.

O edificio que asylava os carmelitas começa na extrema da rua da Misericordia, um pouco adiante da esquina da rua da Assembléa, d'antes chamada da Cadêa, estende-se por toda a largura do Largo do Paço até a entrada da rua Direita, onde termina com a igreja que, acompanhando o destino do convento, passou a ser capella real, como é ainda hoje capella imperial.

Pela frente da praça apresenta o edificio, além do pavimento inferior, dous andares que tinham janellas com balcões de ferro e rotulas de madeira, e que erão duas ordens de dormitorios.

Vinha logo em seguida a igreja de Nossa Senhora do

Carmo, que é a capella imperial : em primeiro lugar levanta-se a torre, cuja entrada, que era a portaria do convento, é precedida por um alpendre sustentado por columnas de pedra. A torre é quadrangular e terminada superiormente por uma abobada pontaguda, em cujo cimo se observa um globo que serve de apoio ao symbolo da redempção : um gallo metallico que é atravessado pelo pé da cruz gyra horisontalmente obedecendo á acção dos ventos, e indica a direcção destes.

Segue-se á torre uma capellinha consagrada ao Senhor dos Passos.

Tres portas dão entrada para o templo : sobre o pavimento desta levanta-se um outro com pilastras, entre as quaes abrem-se tres janellas de peitoril : acima deste pavimento ainda um terceiro sobre o qual está montada a empena que ramata em seu apice pela cruz, e lateralmente por vasos de pedra que corôão as pilastras extremas. Entre as pillastras que sustentão a empena estavam as armas reas, como hoje estão as imperiaes.

Antes de penetrar no interior da capella imperial, devo fazer duas observações : a primeira refere-se a uma alteração por que passou o antigo convento ha cinco annos ; a segunda não passará de uma pergunta filha da minha ignorancia, e de uma idéa innocente que despertou em meu espirito o gallo metallico da capella.

Ha cinco annos reinava epidemicamente na capital do imperio a febre das empezas : o pensamento era

bom, o desejo do progresso material justificadissimo; o excesso porém a que se chegou fez da saúde molestia. Tratou-se tambem com ardor nessa época de abrir até o largo do Paço a rua do Cano, que devia ser toda de novo disposta, ladeada de casas magnificas, alinhada, embellecida e transformada na mais elegante das ruas da cidade.

Sorria tanto a idéa deste melhoramento, foi elle reputado tão facilmente realizavel, que atacou-se logo a *unica* barreira que separava o largo do Paço da rua do Cano, isto é, a extrema esquerda do antigo convento do Carmo. S. M. o Imperador desejando facilitar a realização da empreza, mandou promptamente romper o edificio naquelle ponto; abriu-se pois a communição entre a rua e a praça, e passado algum tempo unio-se ainda o palacio com a capella imperial, por meio de um passadisso de madeira que tem tanto de simples como de pouco elegante.

E a empreza não foi adiante, pelo menos até agora: tropeçou no *vacuo*, e ficou derreada. Não se incommodem com a phrase *tropeçou no vacuo*: a falta de dinheiro é um *vacuo*, e é na falta de dinheiro que os emprendedores tropeção mais desastradamente.

A rua que devia chamar-se *sete de Setembro* continúa como dantes a ser do *Cano*, e emquanto se conservar *feia e torta* como é, convém que não lhe mudem o nome; porque *Sete de Setembro* quer dizer Independencia do Brazil, e a nossa independencia é *muito bonita*, e nós a queremos *direita e bem direita*.

Segunda observação.

O gallo metallico que gyra horizontalmente sobre a torre da Capella Imperial, obedecendo á acção do vento que sopra, não pôde deixar de exprimir algum pensamento philosophico, alguma lição moral.

Que significa aquelle gallo inconstante, que assim se volta para todos os lados, e que ora mostra o bico ao sul, ora ao norte, ora ao occidente, ora ao nascente?.. que significa esse gallo que lisongêa e atraicôa a todos os ventos?.. não sei; e sómente quem o empoleirou na torre nô-lo poderia dizer.

Aproveitando-me no entanto da existencia do famoso gallo, e da sua incessante mobilidade, servir-me-hei delle d'ora avante para um termo de comparação que me parece apropriado.

A inconsistencia e volubilidade de muitos politicos excedem tanto as proporções de possiveis modificações conscienciosas de principios, que a todos antes se affigurão contradansas executadas ao som da orchestra magica da ambição e do egoismo.

São mudanças determinadas por conveniencias que não se confessão, mas que excitão os contradansadores a voltar as caras ora para um, ora para outro ponto, conforme o vento politico que sopra.

Assim pois serve-me ás mil maravilhas o *gallo da capella*, e quando ahi por essas ruas eu encontrar alguns desses homens politicos que andão aos saltos de um para outro partido, dizendo hoje que é branco o que hontem dizião que era preto, e achando sempre razão

em quem está de cima, direi a mim mesmo, ou aos amigos que passearem comigo nessa occasião : « alli vai um gallo da capella. »

Penetro agora no sagrado recinto.

Tem a capella imperial tres altares de cada lado, e entre estes e o altar-mór duas capellinhas fronteiras: na da esquerda é onde se expõe o Santissimo Sacramento, e onde a familia real vinha ouvir missa, tendo para isso duas tribunas.

No lado direito da capella-mór está a tribuna da familia imperial.

O tecto da capella-mór da igreja dos carmelitas foi decorado por José de Oliveira, o mais antigo dos pintores fluminenses : a Virgem do Monte Carmello que nelle está representada, era uma obra de mestre ; diz o Sr. Porto-Alegre em uma memoria apresentada ao nosso Instituto Historico, o seguinte : « Na reforma do convento os mais habéis artistas da capital se escusarão de retocar aquella obra ; mas os carmelitas descobrirão um caiador que a destruiu completamente ; seu estado actual é uma restauração feita pelo Raymundo (1), que antes se escusára, mas que no tempo de el-rei fôra obrigado a fazê-la. »

O tecto da capella do Senhor dos Passos, que representa o descimento da cruz, é obra do celebre Manoel da Cunha, outro pintor fluminense, que nascido escravo ennobreceu-se pela arte em que primou, e de que legou á patria bellos thesouros, como são o retrato do

(1) Escultor e pintor fluminense de muita nomeada.

conde de Bobadella, que está no paço da camara municipal, o Santo André Avelino da igreja do Castello, a capella contigua á sacristia de S. Francisco de Paula e muitos outros.

Em 1817 o Sr. D. João VI mandou pintar de novo e dourar a capella real, obra que se executou com tanta presteza como feliz desempenho, e para a qual concorrêrão os melhores artistas que então possuia a capital. e notavelmente o nosso habilissimo José Leandro de Carvalho, pintor historico e o mais fiel retratista da época, *tendo neste genero, diz tambem o Sr. Porto-Alegre, um dom particular, pois bastava ver o individuo uma unica vez para conservar perfeitamente de memoria suas feições e pinta-lo ao vivo.* (2)

José Leandro fez todos os quadros da capella real, e no concurso que houve entre diversos pintores levou a palma na execução do quadro do altar-mór da mesma capella, no qual retratou de uma maneira admiravel toda a familia real.

Em 1834 foi esse quadro delirante e violentamente condemnado pelo odio ao passado; a gratidão nacional

(2) Em um de seus escriptos informa o illustrado Sr. Porto-Alegre que José Leandro era natural de Magé : creio que o nosso distincto compatriota enganou-se neste ponto.

Tivemos dous José Leandro de Carvalho, o pai e o filho, ambos pintores de grande e merecida nomeada, sendo José Leandro de Carvalho, o pai, o celebre retratista de quem se trata : este nasceu no lugar chamado Muriqui, na freguezia hoje Villa de S. João de Itaborahy, onde residem ainda alguns parentes delle.

José Leandro de Carvalho filho teve o seu berço na cidade do Rio de Janeiro.

e a arte resentirão-se por certo desse [descomedi-
mento re]prehensível, que seria uma indignidade se
não fosse a loucura de um dia de vertigem; mas a
gratidão nacional não se apagou com o quadro destrui-
do, a arte pôde regenerar a obra do mestre; o mestre,
porém que foi testemunha do insulto, sentio-o tanto,
que perdeu a saúde com o abalo, e veio a morrer não
muito depois.

Faz-me conta suppôr que me perguntão agora como
em um paiz tão novo e ainda abatido pelo jugo colonial,
pôde em 1808 o principe regente vir encontrar artistas
de tanto merecimento, como esses que executarão a
reforma da capella real em 1817.

Pois sabei que desde a ultima metade do século
decimo setimo já as artes contavão fieis e esclarecidos
interpretes no Rio de Janeiro. Os artistas acudirão
como por encanto á voz de Bobadella e de Luiz de
Vaconcellos, e ensejo terei de demonstrar esse facto
na continuação deste *passeio*.

E sabei mais que não fôrão sómente pintores ames-
trados que a familia real portugueza teve de admirar,
chegando ao Brazil.

Nos pulpitos e no côro da então capella real fizerão-
se desde logo sentir grandes e brilhantes intelligencias
que a côrte portugueza mal podia esperar que esti-
vessem florescendo no Brazil e que devessem por ella
ser admirados.

Nos pulpitos apparecêrão entre outros muito nota-
velmente S. Carlos, Sampaio, e Mont'Alverne, tres

franciscanos, tres frades da ordem' que professa pobreza e que erão a immensa riqueza da nossa tribuna sagrada. No côro avultava não menos o padre José Mauricio Nunes Garcia, indisputavelmente um desses homens privilegiados em cujo espirito Deos acende a flamma do genio.

Dir-se-hia que a natureza virgem e portentosa do Brazil suppria com suas inspirações patrioticas e arrebatadoras as academias e os mestres abalisados que faltavão na America portugueza a esses e a todos os bellos talentos. Certo é que elles excedêrão a expectativa da familia real e dos fidalgos portuguezes, que reconhecêrão não ter deixado na culta Lisbôa quem os levasse a palma na eloquencia e na musica sagrada.

S. Carlos foi, além de brilhante orador um litterato profundo, e grande poéta. A sua oração funebre pelas exequias da rainha D. Maria I é um verdadeiro e magnifico triumpho de intelligencia. O seu poema a *Assumpção*, uma gloria da patria. S. Carlos era ainda notavel pela facilidade com que improvisava sermões, quando era inesperadamente arrancado de sua cella para subir á sagrada tribuna.

Sampaio arrebatava o seu auditorio por uma graça natural, que fallava a todos os corações: ás vezes interrompia o fio do seu discurso para aproveitar um incidente que de subito occorria, e de que tirava sempre sorprendente partido.

Um dia em que rebentára uma forte trovoada na occasião em que elle se achava pregando, Sampaio ao

escutar o ribombo de um horrivel trovão, cortou de subito a ligação das idéas em que ia, e em uma apostrophe ardente e bem cabida inspirada pelo estampido que ouvira, encheu de assombro, e deixou em extas a todo o concurso que se reunira na igreja.

A um destes dous prégadores refere-se um bello repente que não deixarei de lembrar aqui.

Solemnisava-se na capella real a *Santissima Senhora das Dôres*, Um incommodo não tinha permittido vi assistir á festa a rainha D. Maria I: não se contava com ella: o orador subira ao pulpito, e ia já em meio do sermão, quando apparecendo a rainha, teve de tornar a começa-lo: então, voltando-se para a tribuna real exclamou, repetindo o verso de Virgilio:

« *Infandum, regina, jubes renovare dolere.* . . »

Mont'Alverne foi dos tres illustres franciscanos que fulgurou ainda nos nossos dias: floresceu em todo o reinado do primeiro imperador; algum tempo depois porém achou-se em vida sepultado no horror da cegueira, e não tornou ao pulpito. O Sr. D. Pedro II conseguiu fazê-lo prégar de novo, e no dia 19 de Outubro de 1854 Mont'Alverne entoou o seu canto de Cysne em um eloquentissimo panegyrico de S. Pedro de Alcantara na capella imperial. Esse sermão foi um acontecimento que abalou a população da capital, e o que se passou então na capella não se póde explicar, nem descrever; sentio-se; não se diz.

O padre José Mauricio Nunes Garcia conquistou naquella época a reputação de um fertilissimo, severo

e notavel compositor de musicas sacras, e era alem disso recommendavel pelo seu nobre character como por sua instrucção.

As composições do padre José Mauricio erão classicas, magistraes, e ainda hoje se admirão. O principe regente estimava muito o grande musico brasileiro. Em uma dessas festas grandiosas que então se celebravão na capella real, o Sr. D. João VI sentio-se tão arrebatado ouvindo executar a musica de uma nova missa do padre José Mauricio, que uma hora depois o mandou chamar ao paço, e ahi em plena cõrte o encheu de louvores, e tirando da farda do conde de Villa Nova da Rainha o habito de Christo, com a sua propria mão collocou-o no peito do seu estimado e eminente mestre de capella.

A bõa vontade e os sentimentos generosos do rei nem sempre erão imitados pela sua cõrte: o padre José Mauricio teve nella desaffeitados, especialmente depois que chegou de Lisbõa o mestre Marcos Portugal que se tornou bem depressa seu decidido rival. Os profissionaes estão no caso de julgar qual dos dous tinha mais merecimento, e a bõas e conscienciosas autoridades na materia sempre ouvi dar preferencia ao compositor brasileiro.

Em certa occasião o padre José Mauricio e Marcos Portugal tiverão de medir artisticamente as suas forças.

Devia-se solemnisar na fazenda de Santo Cruz a degolação de S. João Boptista; o rei quiz musica

nova, e os seus dous mestres de capella fôrão chamado a satisfazê-lo.

Era uma luta artistica que ia ter lugar, e em resultado Marcos Portugal empregou um mez para compôr as matinas, ao tempo que o padre José Mauricio compoz em quinze dias uma grande missa e credo, que ainda hoje se executão com applauso dos mais profundos entendedores.

Neukomm, o discipulo predilecto de Haydn, o compositor daquelle famoso concerto que foi executado por tres mil artistas na inauguração da estatua de Guttemberg, Neukomm que viera para o Rio de Janeiro com a colonia artistica dirigida por Lebreton, dizia a quem o queria ouvir que o padre José Mauricio era *o primeiro improvisador de musica que elle tinha conhecido*, e a proposito contava o seguinte facto :

Em uma das muitas reuniões que tinham lugar na casa do marquez de Santo Amaro, fazião-se provas de diversas musicas que Neukomm acabava de receber da Europa. O celebre Fascioti cantou uma barcarola que foi ardentemente applaudida, e o padre José Mauricio, que estava ao piano começou em seguida a variar sobre o motivo, e de arte tal o fez que todos e elle proprio esquecerão-se do tempo que passava, e no meio de geral admiração derão por si ao toque da alvorada.

Esse mesmo Neukomm ao receber a noticia da morte do padre José Mauricio, exclamou chorando : « Ah ! os Brasileiros nunca souberão o valôr do homem que possnião ! »

Prometti não divagar, e talvez pensem que tenho divagado : protesto e juro que não. Tratando de descrever, devo dizer o que vejo, e ao estudar a capella imperial não me é possível deixar de ver nos pulpitos e no côro os vultos venerandos desses homens illustres que são glorias nacionaes.

S. Carlos, Sampaio, Mont'Alverne, e José Mauricio, são monumentos.

Acabei de referir-me ainda ha pouco ás festas pomposas que se fazião na capella real no tempo da regencia e do reinado do Sr. D. João : com effeito erão ellas notaveis pelo brilhantismo e magnificencia com que as mandava celebrar aquelle principe eminentemente religioso.

Não tive porém occasião de fallar de uma solemnidade piedosa que tinha em parte lugar na capellinha do Senhor dos Passos, que é; como disse uma dependencia da capella imperial.

Na segunda sexta-feira da Quaresma costuma, como ainda hoje se observa, sahir á rua, partindo da igreja da Misericordia a procissão do Senhor dos Passos ; mas a sagrada imagem que principalmente se venera nessa procissão não é do templo donde sahe n'aquelle dia.

Na noite da vespera dessa sexta-feira o Senhor dos Passos da capellinha de sua invocação erão solemnemente conduzido pelo rei e pela côrte para a igreja da Misericordia e este acto de devoção continuou a ser praticado pelos augustos filho e neto do Sr. D. João VI.

Entretanto cumpre não attribuir o começo deste

devoto costume á época da chegada da familia real portugueza ao Brazil: muito antes de 1808, primeiro os governadores e depois os vice-reis erão os que com os officiaes de maior patente levavão sobre seus hombros a imagem do Senhor dos Passos na quinta-feira á noite da capellinha do convento do Carmo para a igreja da Misericordia.

Outr'ora a procissão sahida na sexta-feira, parava, e fazia as orações *dos sete passos*, diante de oratorios que havia nas esquinas de certas ruas, e de alguns dos quaes ainda hoje restão vestigios. No fim da procissão a imagem do Senhor recolhia-se como actualmente se recolle, á capella imperial.

Senhores, que vos estou contando cousas que todos sabem: ha! lembrai-vos que os tempos que vão passando levão comsigo pouco a pouco as usanças, os costumes, as idéas, e tambem algumas ceremonias religiosas dos nossos antigos, e que portanto convém ir conservando a memoria de todos esses traços, que caracterisáo e mostrão-nos as feições do nosso passado.

E por fallar no passado, veio agora mesmo doer-me na consciencia a idéa de uma omissão que me pódem lançar em rosto. Descrevendo o palacio, e fallando do convento do Carmo, que passou a fazer parte d'elle, não disse uma unica palavra sobre *a historia antiga* desse convento.

Ainda bem que foi uma falta que póde ser facilmente corrigida.

Vou tratar disso immediatamente.

IV.

O PALACIO IMPERIAL.

Sou agora obrigado a dar um salto enorme, um salto do anno de 1808 e da época do reino do Brazil, de que me occupava estudando o palacio imperial para dous séculos e mais alguns lustros antes. Assim é preciso fazer, visto que me comprometti a dar *a historia antiga* da casa que foi convento dos carmelitas.

Irei referir de envolta com alguns factos registrados nas chronicas do tempo uma ou duas tradições populares; colhi os primeiros nos livros e memorias que consultei, e as segundas contou-m'as um padre velho que morreu ha dez annos; daquelles não é licito duvidar, a estas póde negar-se credito sem receio de molestar o padre, quo já não tem que ver com as cousas deste mundo.

Sem mais preambulos.

O famoso Mem de Sá acabava apenas de lançar os fundamentos da esperançosa Sebastianopolis: seu sobrinho Salvador Corrêa de Sá tecia ainda no alto do morro do Castello os primeiros fios daquelle ninho de aguia que foi o berço da actual capital do Imperio; a cidade nascente, modesto grupo de palhoças e cazinhas humildes não tinha ainda descido a banhar seus pés de princeza nas mansas ondas do formoso golpho que do seu throno da collina dominava; a povoação começava apenas, e já aqui e alli surgião e mostravão no valle

algumas piedosas ermidas, que a devoção erguera de improviso.

Cada umas dellas era tão simples como a oração que sahe da alina de um menino e sebe ao céu nas azas do anjo da innocencia, e erão todas flôres divinas abertas no seio daquelle novo paraíso, que se mostrara aos olhos dos Portuguezes.

Havia a ermida de Nossa Senhora da Canceição, a ermida de Nossa Senhora da Ajúda, a ermida de Nossa Senhora do Ó, tres turibulos em que se queimava o puro incenso da devoção aos pés da Mãe de Deos.

Creio que a mais antiga dessas ermidas, ou antes a primeira que se levantou fóra do morro do Castello foi a de Nossa Senhora do Ó, e é exactamente dessa que me cumpre fallar.

A ermida de Nossa Senhora do Ó estava situada na *vargem*, diz assim uma memoria do tempo, ou mais positivamente á borda do mar, e no mesmo lugar em que depois se levantou o convento do Carmo.

A praia que ficava fronteira á ermida chamava-se *praia da Senhora do Ó*, nome que como já ficou dito, perdeu logo que se fórao alli edificando algumas casas.

A ermida estava em terras pertencentes a uma mulher, cujo nome não chegou até nós : o piedoso devoto que ergueu naquella solidão essa igreja modesta e graciosa fóra um ermitão, que tambem não pôde ser lembrado pelo seu nome.

Nos primeiros quatro lustros que corrêrão depois da fundação da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

era a ordem religiosa dos Jesuitas a unica que tomára um posto e começára a lançar raizes na nova colonia: essa primazia de direito competia aos irmãos de Nobrega e de Anchieta, que muito havião contribuido para a expulsão dos Francezes em 1567.

Mas o ermitão de Nossa Senhora do Ó contava que virião tambem os carmelitas estabelecer-se no Rio de Janeiro : por qualquer motivo elle os amava e por elles esperando pedira e obtivera a favor da ermida de Nossa Senhora do Ó a doação do monte, que foi depois chamado de *Santo Antonio*, e que então se chamou o *monte do Carmo*; porque para os *carmelitas* o destinava o ermitão.

Até aqui a historia : fallarão as chronicas do tempo: agora começa a tradição e falla o padre velho.

Quem era aquelle ermitão?... envolvia-se algum segredo na fundação da ermida?... porque de preferencia e tanto lembrava-se o ermitão dos carmelitas?...

A tradição popular adivinhou ou improvisou o seguinte.

Um joven portuguez, cedendo aos votos de seus pais, e aos impulsos do proprio coração, determinára trocar o mundo pelo claustro, e acolhêra-se ao convento do Carmo de Beja em Portugal.

Passados alguns mezes, em uma pomposa solemnidade que teve lugar na igreja do convento, o joven vio uma donzella de maravilhosa belleza, e abraçou-se de amor por ella : nem a oração, nem os jejuns, nem os cilicios puderão vencer e destruir essa paixão, que subitamente lhe rebentára na alma.

O joven reconheceu que uma mulher se levantava diante da sua vocação de outr'ora, e que a força o arrastava do claustro para o mundo.

Ainda era tempo : fugio ao claustro.

O mais velho dos carmelitas do convento, ao vê-lo sair, disse-lhe em tom prophético : « trocas a mãe de Deus pela filha do homem ; não serás feliz ! um dia lembrar-te-has do Monte Carmelo ! »

Apezar disso o mancebo sahio ; mas seus pais o repellerão.

Um anno depois a familia inteira da formosa donzela teve de passar ao Brazil para estabelecer-se na cidade do Salvador : o mancebo apaixonado acompanhou na mesma caravella a dona do seu coração.

Os dous jovens amárão-se, e souberão que erão amados : sorria-lhes o futuro, quando, na cidade do Salvador, um cavalleiro de nobre estirpe, colono portuguez considerado, pedio a donzella em casamento. O pai mandou, a filha chorou ; mas teve de obedecer : o amante pensou morrer ; viveu porém ainda para amar com o mesmo ardor a mulher que pertencia já a outro.

O marido teve conhecimento daquelle amor que era já um desvario ; mas conteve-se, porque não podia duvidar da virtude da esposa.

No fim do anno de 1566 Mem de Sá chamou os bravos a pelear contra os Francezes do Rio de Janeiro.

O marido da bella moça alistou-se entre os guerreiros e fez-se acompanhar de sua mulher ; tinha a idéa de ficar na nova colonia que se ia fundar, e de assim

ver-se livre do importuno apaixonado de sua esposa; quando porém o navio em que ia levantou a ancora, o mancebo appareceu a seus olhos.

O marido turvou-se; guardou porém silencio.

A expedição chegou ao seu destino, e no dia 20 de Janeiro de 1567 travou-se a peleja entre os Portuguezes e os Francezes.

No momento de avançarem os Portuguezes para atacar a praça do *Uruçumirim*, o marido voltou-se de repente para trás e vio que sua esposa olhava antes para o antigo amante do que para elle; corou e tremeu: corára de vergonha e tremêra de raiva.

Ao travar-se o combate o marido chegou-se ao amante de sua mulher, bateu-lhe no hombro e disse-lhe:

— Quero ver se sabes ser valente como queres parecer apaixonado!

O amante olhou para o feliz rival com sorpresa e furor, e immediatamente atirou-se na peleja como um leão.

O marido tivera um máo pensamento excitando o amante a procurar a morte dos bravos; ao vê-lo porém batendo-se com arrojo sublime, arrependeu-se, teve pejo, imitou-o, foi um segundo leão.

E marido e amante cahirão cobertos de feridas.

A victoria coroou o esforço dos Portuguezes.

Dias depois na rude povoação que havia perto do Pão d'Assucar, e que ficou sendo chamada *Villa Velha*, estavam em duas cabanas diversas dous moribundos prastes a exhalar o derradeiro suspiro.

A cabeceira de um delles velava uma mulher, uma mulher que durante um mez inteiro, sem descansar, sem dormir, cuidou do marido, e rezou por elle : não lhe valêrão cuidados nem orações : ficou viuva, e aborrecida do mundo e da vida que até então vivêra, resolveu-se a ficar na solidão do Rio de Janeiro, pedindo e obtendo uma sesmaria no valle junto ao morro do Castello, onde se fundára a nova cidade.

Na outra cabana a luta entre a vida e a mórte mais longa tinha sido ainda : um pobre mancebo sem mãe, sem esposa, sem irmã que olhasse para elle, esteve suspenso entre a eternidade e o mundo, sem consciencia do que soffria, delirante ou sem voz, e emfim abandonado pelo proprio pratico, que alguns remedios lhe applicava. A seu lado ficou sómente um padre que rezava de joêlhos diante de uma imagem sagrada.

Ao amanhecer o dia em que se contava que expirasse o mancebo, abriu elle os olhos e fallou.

Não delirava : tinha passado a febre; estava salvo.
— Obrigado, meu padre ! disse com voz sumida.

— Agradecei a quem vos salvou : respondeu o padre mostrando a imagem.

O mancebo olhou e vio : era uma imagem de Nossa Senhora do Ó.

Seguiu-se uma convalescença de alguns mezes ; no fim delles o mancebo agradeceu ao padre os cuidados que lhe devia, e pediu-lhe lhe dêsse a imagem de Nossa Senhora do O.

O padre hesitava.

— Ouvi-me em confissão, meu padre, disse o manco.

E então de joelhos nos pés do ministro do Senhor, abriu-lhe o seu coração, patentcou-lhe todos os seus segredos, todos os erros, e um profundo arrependimento,

O padre absolveu-o, abençoou-o, e fazendo-o levantar-se, perguntou-lhe :

— E que pretendeis fazer agora, meu filho? . . .

— Tocando a beira da sepultura, devorado pela febre, exaltado pelo delirio, eu escutava incessantemente uma voz terrivel repetir a meus ouvidos as palavras do frade Carmelita : trocas a mãe de Deos pela filha do homem: não serás feliz ! um dia lembrar-te-has do Monte-Carmelo. » Eu me sentia condemnado e desejava a morte, quando uma noite no meio de violenta agitação, voltando os olhos, eu vos vi, meu padre, ajoelhado a rezar diante daquella imagem sagrada : contemplei-a tambem em extasi, pareceu-me vêr em meus olhos o annuncio da minha salvação : tive fé, esperei, e fui salvo.

— E então agora?

— Meu padre, fiz voto de erguer nesta terra inculta uma ermida a Nossa senhora do Ó, que me arrancou das garras da morte, e de provar o arrependimento que me acompanha da ingratição com que fugi do tranquillo e sagrado asylo do Carmo, procurando alcançar na nova cidade que se eatá fundando, um terreno espaçoso que guardarei para os Carmelitas, que não deixarão de vir estabelecer-se no Brazil.

O padre tomou a imagem da senhora do Ó nos braços, beijou-a fervorosamente nos pés, e depois entregou-a ao mancebo.

Passados apenas dous dias o mancebo tinha já escolhido o sitio onde queria levantar a ermida; soube porém que o lugar estava comprehendido na sesmaria concedida á viuva de um nobre portuguez que morrêra das feridas que recebêra no combate do dia 20 de Janeiro.

O mancebo não desanimou: o seu desejo era santo, e para realisa-lo foi pedir algumas braças de terra á sesmeira.

Bateu á porta da cabana da triste viuva, e mandáráo-o entrar.

Estremeceu ouvindo a voz que lhe fallára; mas entrou na cabana.

Uma mulher, formosa sempre, mas pallida, afflicta e abatida mostrou-se a seus olhos: era ella: era a sua artiga amante, que ao vê-lo soltou um grito de espanto.

O mancebo parecia um velho sexagenario: sua barba era longa, e assim como os seus cabellos, tinha embraquecido toda.

Reconhecêrão-se ambos; nenhum dos dous porém fallou de amor, nem sonhou com os gozos do mundo. Uma sepultura e um arrependimento, dous abysmos onde as lembranças do passado apparecem sempre negras, separavão os amantes de out'ora.

O mancebo de cabellos brancos disse ao que vinha.

A viuva pallida e afflicta deu-lhe sem hesitar a licença pedida para a construcção da ermida nas suas terras.

— Adeos! disserão ambos a um tempo, e levantáráo ambos para o céu os olhos.

Com os labios dizião-se o ultimo adeos na terra, com os olhos emprezavão-se para se encontrarem no céu.

Em pouco tempo a ermida de Nossa Senhora do Ó foi erguida a poucas braças do mar e defronte da praia que por alguns annos conservou o nome de *Praia da Senhora do Ó*.

O mancebo de cabellos brancos fez-se ermitão; viveu ainda alguns annos; nunca mais porém tornou a ver a bella viuva que com tanta paixão idolatrára.

Aquelle—adeos— que a um só tempo um e outro se tinlião dito, fôra com effeito a sua despedida no mundo; ambos, porém, approximárão-se enlaçados pela morte, pois que morrêráo no mesmo dia e á mesma hora, e fôrão enterrados na mesma ermida de Nossa Senhora do Ó.

E assim foi que teve principio a ermida de Nossa Senhora do Ó.

A tradição popular conservada e transmittida pelo padre velho de que fallei, termina aqui.

Filha sómente e toda ella da imaginação ou pela imaginação exaggerada e desnaturada, esta tradição assenta ao menos sobre dous factos incontestaveis.

A ermida de Nossa Senhora do Ó data daquella época, a mais antiga da cidade do Rio de Janeiro.

A existencia do ermitão, que a fundára, está marcada em memorias desse tempo.

Em 1589 chegarão ao Rio de Janeiro os primeiros monges Benedictinos, e por ordem de Salvador Corrêa de Sá (o velho) fôrão acolhidos na ermida de Nossa Senhora do Ó; mas logo no anno seguinte transferirão a sua residencia para o monte, onde levantarão depois o seu mosteiro, e que ficou sendo chamado o *morro de S. Bento*.

Bom foi que tão depressa tivessem mudado de residencia; porque no mesmo anno de 1590 entrarão a barra do Rio de Janeiro alguns Carmelitas, e desembarcando na praia da Senhora do Ó fôrão acolher-se á ermida que os Benedictinos acabavão de deixar.

Pelo que se vê, na cidade do Rio Janeiro e em outras, os frades têm muita predilecção pelos sitios elevados ou pelas montanhas: dir-se-hia que muito aborrecidos das cousas da terra, procurão assim collocar-se mais afastados dos homens, e entre o mundo e o céu. Se esta explicação não serve, não posso acertar com outra melhor.

Os carmelitas, porém, fizeram uma excepção áquella regra e preferirão o valle ás alturas.

O ermitão que para elles tinha pedido e alcançado o monte, a que por isso chamára do *Carmo*, perdeu o seu tempo e os seus cuidados.

Os Carmelitas achárão tão bonita e tão commoda a situação da ermida de Nossa Senhora do Ó, que por ella desprezárão o monte do Carmo, e para logo tra-

tirão de construir alli mesmo uma casa mais espaçosa.

Ganhirão com essa resolução principalmente os frades menores da ordem de S. Francisco, que em 1607 tomirão para si o monte, que mudando de donos, mudou tambem de nome, e começou a chamar-se *morro de Santo Antonio*.

Mas a ermida de Nossa Senhora do Ó, apesaz das obras com que fôra augmentada, estava ainda longe de offerecer as proporções de um convento : em regra geral os frades gostão muito do seu commodo, e os Carmelitas parecem-se nesse ponto com todos os outros das diversas ordens.

Assim pois determinirão os frades do Carmo construir um edificio digno delles, e em pouco tempo e com insignificante dispendio vio-se olhando para o mar uma espaçosa casa com dous andares de dormitorios, tendo cada um daquelles treze janellas rasgadas.

Os bons frades tiverão, ou de graça ou por modico preço, quanto lhes era preciso para tão grande obra; a madeira sobrava, a pedra nada custou, porque os carmelitas a mandirão tirar da ilha das *Enchadas*, cuja pedreira lhes fôra doada; a mão de obra era para alguns sobejamente paga com uma benção daquelles religiosos, e para os outros um serviço que por um fraco estipendio se prestava então : e além de todas estas facilidades vinha ainda o recurso das esmolas e dos donativos dos fieis, que não importavá menos.

A obra concluiu-se; mas, ou porque na execução della se abalasses as parêdes da ermida contígua, ou porque construída esta em terreno [pouco solido não podesse ter longa duração, certo é que não muito depois sobreveio uma horrivel catastrophe, que teve consequencias funestas.

Um dia celebravão os carmelitas uma solemnidade religiosa, a ermida estava cheia de devotos, e eis que de repente estala o tecto que as parêdes abandonão, e estas e aquelle cahem, abatem, e esmagão um crescido numero de individuos.

Este fatal acontecimento explicava-se facil e satisfatoriamente por alguma das duas hypotheses que ha pouco estabeleci; o povo porém que é poéta, embora não escreva linhas medidas, prefere quasi sempre o sobrenatural ao real, e em materia de explicações costuma pedi-las antes á imaginação do que a razão.

Um do povo inventou ou sonhou, alguns aperfeiçoarão o invento ou o sonho, e muitos acreditárão e fôrão transmittindo de pais a filhos e de filhos a netos uma segunda tradição a respeito da ermida de Nossa Senhora do Ó.

Eis-aqui pouco mais ou menos o que diz a tradição popular.

O ermitão que levantára aquella igrejinha, e a triste viuva que doára o terreno descansavão desde seis annos em suas sepulturas no seio della; mas suas almas penando ainda no mundo, velavão a horas mortas da noite á porta da ermida.

O ermitão e a viuva, como se ajustados estivessem para deixar iguaes disposições, tinham recommendado em seus testamentos, que durante sete annos no anniversario de sua morte se acendesse uma vela em suas sepulturas, e se dissessem tres missas por suas almas.

Seis annos havião já passado.

Os carmelitas fazião construir com ardor e esmero o seu convento, que estava a ponto de terminar-se, e no entanto pretendião alguns homens das vizinhanças que á meia noite ouvião-se alli gemidos pungentes, e dizião que erão as almas do ermitão e da viuva que lamentavão sem duvida que os frades que cuidavão tanto em preparar excellente casa para sua vivenda esquecessem o tecto sagrado, a ermida que ameaçava ruina.

Aquelles gemidos erão lugubres presagios.

Sinistras previsões erão murmuradas a medo por alguns, e uma bóa velha que passava por viver vida santa affirmava tremendo, que não tinha ainda acontecido uma grande desgraça na ermida, porque a Senhora do Ó esperava primeiro ver passar o setimo anniversario da mórte do ermitão e da viuva.

E o dia daquelle setimo anniversario chegou, e aconteceu que tambem nesse dia teve de celebrar-se uma solemnidade pomposa na ermida.

A festa não impedio que se acendesse uma vela sobre a sepultura do ermitão e outra sobre a sepultura da viuva, que erão na nave da ermida.

As missas, porém, que devião ser não menos de seis, tiveram de ser ditas em um altar que havia no consistorio da pequena igreja.

A festa começára ; as missas continuavão e as velas ardião.

Emfim a sexta, a derradeira missa chegou ao seu termo, e quando no altar do consistorio o celebrante pronunciou a ultima palavra, na nave da capella apagarão-se de subdito e por si mesmas as velas das sepulturas, e immediatamente a ermida abateu e desabárão todas as suas parêdes.

Aqui termina a tradição, que julguei não devêr desprezar, embora seja eu o primeiro a negar-lhe credito.

Livre da tradição popular que perturba um pouco ou mesmo muito á verdade da historia, prosigo desafrentado na fiel narração dos factos.

Sobre as ruinas da ermida de Nossa Senhora do Ó construirão os Carmelitas um templo que se mostrou em harmonia com as proporções do seu convento; essa igreja porém foi ainda reedificada, começando as obras da reedificação no anno de 1761, no tempo do illustre conde de Bobadella.

O nosso afamado *mestre Valentim*, o artista, que era grande naquella época, e que grande seria tambem na actualidade, concorreu com o seu immenso talento para a renovação e embellezamento da igreja dos Carmelitas.

É justo não esquecer que nenhuma destas mudanças e construcções fez pôr de lado a antiga devoção

de Nossa Senhora do Ó, que aliás continuou sempre a ser profundamente venerada na igreja que substituíra a sua ermida.

Nada mais me occorre agora para dizer ácerca da *historia antiga* do convento do Carmo, que desde 1808 faz parte do palacio imperial.

Farei porém um protesto antes de concluir.

Talvez alguém haja que me lance em rosto o haver misturado com a narração de factos authenticados nas nossas memorias historicas duas tradições populares, que aliás se reduzem a uma unica, e que evidentemente peccão por inverosimeis, e por falta de fundamento.

Mas tradições como essas abundão nos archivos da imaginação e da credulidade de todos os povos e encontram-se em todas as nações.

Que mal faz perpetua-las?... são as poesias do povo, os velhos amão-as, os meninos as aprendem de cór, os poetas as escutão cubiçosos, a terra da patria se enfeita com ellas.

Terei ainda de referir mais algumas, e destas a maior parte colherei muito conscienciosamente nas paginas dos Annaes mais sérios e aridos que possuímos.

Quem não gostar de um *passeio* assim dado, não passeie comigo.

E não zombem do povo, não: não se rião da innocente credulidade do povo.

Ha credulidades de sabios doutores que não ficão áquem da credulidade do povo.

Eu podia apresentar um milhão de exemplos; con-

temtar-me-hei porém com um só que vem a proposito. pois que se refere á igreja dos Carmelitas.

Pergunto : havia doutores e homens notavelmente illustrados na ordem carmelitana ? . . .

Respondo : havia incontestavelmente.

Pois agora escutem.

Segundo informa nos seus *Annaes do Rio de Janeiro* Balthazar da Silva Lisbôa, depois de concluida a igreja dos Carmelitas, foi enriquecido o seu altar-mór com algumas reliquias que constarão, além do Santo Lenho, de—*tres cabellos de Nossa Senhora e da touca de Santa Anna*.

A religião catholica, unica verdadeira e santa, a religião purissima de Jesus Christo, devia por ventura receber a imposição de semelhantes puerilidades ? . . . o nome sagrado da Virgem Immaculada, desse divino symbolo do mais angelico amor, devia ser assim profanado ?.

Donde nascêrão taes profanações senão da credulidade ?

E se não foi a credulidade que as determinou, ai meu Deos ! a consequencia seria mil vezes peor.

Basta.

A minha excursão peles dominios do passado chegou ao seu termo.

Voltarei em breve a continuar o estudo do palacio imperial, considerando-o em uma época muito mais recente.

O PALACIO IMPERIAL.

Na manhã do dia 26 de Abril de 1821, quando o príncipe regente do Brazil acabava de receber as ultimas despedidas de seu augusto pai, e a náó *D. João VI* abrindo suas brancas azas, começava a cortar as aguas do placido Janeiro para levar a Lisbôa a familia real, dous velhos criados do rei conversavão, olhando para a cidade que tambem deixavão.

— Pobre cidade! dizia um delles; como vai ficar agora, achando-se privada do rei e da côrte!

— E o palacio! acrescentava o outro: que salas desertas! que tristezas e que saudades!

— E o futuro ainda peor ha de ser para elle, porque por ora ainda lhe resta o príncipe D. Pedro com um arremedo da côrte do rei; mas em breve tambem o príncipe tornará á mãi patria, que não pôde querer que o herdeiro do throno ande aqui exaltando as cabeças dos Brasileiros; e em tal caso a que ficará ruduzido o tal palacio?..

— Á casa dos vice-reis como dantes, tornou o outro.

— O que já não é pouco, observou o primeiro criado que fallára.

— Não pensa o rei assim, disse sorrindo um terceiro criado que se aproximára.

Os dous voltárão-se e tomárão diante daquelle que viera intrometter-se em sua conversação, uma attitude

respeitosa, pois que tinham reconhecido um dos corte-
zãos mais queridos, e de maior privança do Sr.
D. João VI.

— Como pensa então Sua Magestadè?... perguntou
um dos dous criados já de antemão resolvido a ap-
plaudir o juizo do soberano.

— Ainda á pouco o rei abraçando ternamente o prin-
cipe, despedio-se delle dizendo-lhe algumas palavras
em que lhe deixou uma prophesia e um consellio; e
nem uma nem outro pôdem alentar muito as esperanças
dos Portuguezes.

— Mas o rei é o melhor dos Portuguezes.

— E nem por isso o seu patriotismo o torna cégo
ao futuro, em cujo livro sabe ler como um profundo
politico.

Os dous cortezãos curvárão-se em signal de appro-
vação.

O outro continuou :

— O rei disse ao principe estas palavras, que eu
recolhi e decorei : « Pedro, o Brazil brevemente se
separará de Portugal : se assim fôr, põe a corôa sobre
a tua cabeça, antes que algum aventureiro lance mão
della. »

Os corações dos dous velhos criados do rei revoltá-
rão-se contra o conselho, e ainda mais contra a pro-
phesia; mas seus labios de cortezãos tiveram sempre
um sorriso para acolher as palavras do soberano.
O contagio do liberalismo portuguez ainda não tinha
podido romper o cordão sanitario da côrte.

Emfim era preciso dizer alguma cousa que servisse para melhor esconder o descontentamento intimo.

— E... visto isso... o palacio. . .

— O palacio continuará a ser palacio real, e não será impossivel que se torne imperial.

A conversação parou ahi; estava tomando um character tão triste para aquelles fieis cortezãos e leaes portuguezes, que em verdade não podia continuar.

Em 1822, um anno e cinco mezes depois, a prophacia do rei achava-se realisada, e o seu conselho nobremente seguido.

O Brazil era um Imperio independente e livre.

A nova orgsnisação politica do paiz deu immediatamente lugar a uma modificação no palacio que passára a ser imperial; porque havendo necessidade de se preparar um edificio em que celebrasse as suas sessões a constituinte brazileira, escolheu-se para esse fim a antiga casa da camara municipal e cadêa, e consequentemente destruiu-se o passadiço que desde 1808 a ligára ao palacio.

Cousas deste mundo !... uns trinta annos antes dessa época brilhante e gloriosa tinham estado presos na cadêa que era naquelle mesmo edificio, alguns dos comprometidos na famosa conjuração do Tira-Dentes, os *criminosos de lesa Magestade* que haviam tramado em Minas-Geraes o primeiro movimento revolucionario, que devia realizar a independencia pelo menos de uma parte do Brazil; e passados trinta annos, em 1822, duas das victimas, dous dos condemnados, o padre Manoel Rodrigues da

Costa e José de Rezende Costa Filho virão entrar nesse mesmo edificio para tomar parte nos trabalhos da assemblea constituinte do Brazil independente como deputados pela provincia de Minas-Geraes!

A *cadeia velha* transformára-se em templo das leis; as victimas e os condemnados de 1792 erão triumphadores e heróes em 1823.

En faço idéa da impressão que sentirião e das recordações que terião o padre Rodrigues da Costa e José de Rezende ao verem-se pela primeira vez em 1823 debaixo daquelle mesmo tecto que tão lugubre lhes parecêra em 1792.

Não quero porém perder de vista o assumpto que ainda neste passeio me deve occupar.

Pelo andar do tempo continuou o palacio imperial a receber outras modificações.

No reinado do primeiro imperador levantou-se o segundo andar da face principal com tres janellas guarnecidas por uma varanda de ferro.

No actual reinado do Sr. D. Pedro II e por ordem de Sua Magestade fôrão reformados os dous corpos lateraes da fachada principal, sendo cada um delles coroado com um attico, parecendo por isso haverem dous terraços em lugar de telhados.

No interior do palacio limitar-me-hei apenas a lembrar as alterações que o pensamento que dominou em épocas diversas imprimio plasticamente na sala das audiencias do governador e dos vice-reis, e do throno do rei e do imperador.

O conde de Bobadella mandou representar no tecto daquella sala o genio da America, e José de Oliveira, pintor fluminense, mostrou o genio aspirando lume ao entrar no templo da humanidade, na grande alliança que caminhava com o sol do oriente para o occidente.

Por ordem do rei symbolisou Manoel da Costa o reino unido sustentando o escudo glorioso de Portugal,

O primeiro imperador encarregou a Francisco Pedro de substituir aquelle symbolo, que alli se tornára anachronico, pelas armas do novo Imperio diamantino.

Logo depois da declaração da sua maioridade o Sr. D. Pedro II mandou pelo Sr. Manoel de Araujo Porto-Alegre executar no paço as obras que ainda ha pouco referi, e então aquella sala cresceu de pavimento e altura, e no seu tecto fulgurou o Anjo Custodio, protector do Imperio, rodeado das provincias e do Brazil genuflexo, que recebe de sua mão celeste o influxo da protecção divina.

A descripção do palacio imperial deve parar aqui. Convenho em que ao ler-se a epigrapha deste e dos precedentes capitulos esperarião muitos que eu tivesse de fallar de salas sumptuosas, de brilhantes e admiraveis trabalhos de arte, e de todas essas riquezas que deslumbrão os olhos daquelles que visitão os palacios reaes e imperiaes do velho mundo; mas que hei de fazer? o nosso palacio imperial é uma casa pobre que faz honra á modestia do imperador, e que entretanto assignala tambem ou a pobreza, ou a incuria inexplicavel do Estado.

Mas porque dei por finda a descripção não se segue que eu deva recolher-me tão cedo deste *passeio*, que apenas acabo de começar. Aproveitaremos o tempo que nos sobra conversando um pouco sobre cousas que dizem respeito ao mesmo palacio.

Conversemos.

A primeira vista surprende a qualquer o facto de haver o rei deixado passar treze annos sem cuidar de fazer construir para si um verdadeiro palacio em lugar dessa casa dos governadores, em que se hospedára a familia real portugueza; e ainda mais admira que a nação se tenha descuidado de offerecer ao seu imperador um palacio digno della e delle, achando-se constituida ha perto de meio século.

Ora, ao que parece, o rei não tinha muita vontade de voltar para Portugal, e portanto não se explica por uma idéa de residencia passageira o facto de ter-se elle contentado com esse palacio *provisorio*.

Quanto aos imperadores a explicação seria ainda mais difficil para o Estado, que deve dar um palacio ao seu chefe.

Mas o motivo de ambos esses descuidos é no entanto por ventura bem simples.

O principe regente, depois rei do reino-unido, por muito pouco tempo residio ordinariamente no palacio de que tenho tratado.

No mesmo anno da chegada da familia real portugueza ao Brazil Elias Antonio Lopes, notavel negociante da praça do Rio de Janeiro, offereceu ao principe

regente uma casa e chacara que possuia em S. Christovão ; a offerta foi aceita, as armas reaes fôrão collocadas sobre a porta principal da casa, e a familia real passou a residir quasi sempre nessa chacara, que ficou sendo chamada, como ainda hoje se chama, *Quinta da Boa vista*.

Como o Sr. D. João, tambem os nossos dous imperadores preferirão com razão S. Christovão ao largo do Paço, e a necessidade de um palacio na cidade pareceu assim menos urgente.

Eis ahi porque a casa que a principio se chamou *dos governadores*, tem podido atravessar mais de um século merecido tres promoções, pois que passou a ser casa dos vice-reis, depois palacio real, e emfim palacio imperial, e se mantêm ainda com o mesmo titulo apezar da sua insufficiencia, da sua mesquinhez, do seu estado de ruina, e, em uma palavra, apezar do cupim que conquistou-a toda.

Entretanto deve-se dizer, tal qual é, o palacio da cidade encerra já importantes recordações historicas

Em relação ao passado, a lousa pesada do tempo esconde na sepultura do esquecimento sem duvida muitas lembranças interessantes ; metade porém da nossa historia contemporanea lê-se nas janellas e nas salas desse palacio.

Pelas salas daquella casa a nossa imaginação ruminando os annos do ultimo século vê passar os vultos dos governadores e dos vice-reis, cuja bengala era o symbolo do despotismo do governo e da escravidão do

povo. Ha ainda quem suspire pelas delicias daquelle tempo; eu porém apezar dos Freire de Andrade, Lavradio e Luiz de Vasconcellos, dou graças a Deos por ter nascido em uma época em que tenho direito de pensar, fallar, escrever e proceder com toda a liberdade que me garante a constituição do Imperio.

São gostos.

De uma das janellas da face principal daquelle palacio o governador conde de Bobadella e o bispo frei Antonio do Desterro em um dia do anno de 1759 estiverão olhando attentamente para o trapiche que havia no lugar onde depois se estabeleceu o arsenal de guerra, emquanto se embarcavão os padres jesuitas expulsos do Brazil por ordem de D. José I.

Em que pensava então o bispo, Deos o sabe; resava talvez pedindo o perdão daquelles que depois de terem prestado tão grandiosos serviços ao Brazil, tinham esquecido pelos bens da terra a piedosa e simples missão dos missionarios dedicados e civilisadores; o conde porém meditava sem duvida no que pôde conseguir a força de vontade e a energia politica de um homem, como foi o Richilieu portuguez, o famoso marquez de Pombal.

A edificação da casa dos governadores coincidio com o começo de uma época que se recommenda á memoria agradecida dos Fluminenses; porque é exactamente desse tempo que data o empenho de alguns administradores pelo embellezamento e progresso da cidade do Rio de Janeiro: as nossas melhores obras

publicas fôrão realisadas do meiado do século decimo oitavo em diante, e as ordens para a execução dellas assignarão-se naquella casa.

Em 1808 a monarchia luzitana asyloou-se no palacio da Sebastianopolis, fugindo á pressão e ao impeto victorioso das phalanges do conquistador moderno, e então a antiga casa dos governadores foi o ponto onde se concentrarão as vistas de todos os Portuguezes, e especialmente as mais ardentes esperanças dos Brazileiros que, enthiasmados ao ver a terra da Santa-Cruz elevada de colonia á metropole, não podião mais admitir a idéa da perda dessa supremacia.

E dentro do palacio, em uma de cujas salas a realleza fizera levantar um throno, onde até bem pouco se mostrava a cadeira pesada dos vice-reis, perdeu-se no mysterio de secretas confidencias, e nos disfarces de intrigas cuidadosamente manejadas a historia de uma longa e porfiada luta entre a côrte e o principe regente depois rei; entre a côrte desmoralizada, interesseira e prepotente que opprimia o povo, procurava fazer do paiz uma *fazenda sua*, e via com olhar vesgo o rapido desenvolvimento da antiga colônia, e o rei, que amava o Brazil, que desejava o bem do povo, mas que, sem energia para actuar, sem vigor, tolerava a luta, applaudia e sustentava uma ou outra autoridade que sabia corajosa resistir á influencia dos grandes da côrte, e no entanto continuava a deixar-se cercado daquelles mesmos que abusavão, prevaricavão, zombavão das leis e rião-se dos clamôres do povo.

Contai agora as janellas da face lateral do paço, que olhão para o largo : contai-as começando da extrema que faz angulo com a fachada principal; contastes até sete ? paraí ali.

Essa setima janella recommenda-se por uma sauve e patriotica recordação a todos os Brasileiros e muito especialmente aos Fluminenses.

Foi nessa setima janella que appareceu no dia 9 de Janeiro de 1822 José Clemente Pereira, presidente do senado da camara, á frente dos outros membros, seus collegas, aos olhos de uma multidão de patriotas, que esperavão anciosos a resposta do principe regente á representação que a municipalidade lhe fôra dirigir em nome do povo, pedindo-lhe que resistisse aos decretos do governo de Lisboa, e que *ficasse no Brazil*.

Foi do alto dessa janella que José Clemente Pereira como presidente do senado da camara, fallando ao povo exclamou : « O principe regente attendendo á representação que em nome do povo o senado da camara acaba de ter a honra de dirigir-lhe, respondeu pelo modo seguinte : — Como é para bem de todos, e felicidade geral da nação, diga ao povo que *Fico*.

O *Fico* era a revolução gloriosa da Independencia do Brazil, revolução que estava já acesa nos corações dos brasileiros; que se dirigia, encaminhava e desenvolvia nas lojas maçonicas, nos clubs dos patriotas, e até no convento de Santo Antonio, na cella de frei Sampaio, que se fazia já sentir nas ruas e nas praças, onde o povo se reunia exaltado, e que emfim rebentava dentro do

proprio palacio adoptada pelo principe que tinha de soltar o brado *independencia ou morte* nas margens do Ypiranga.

Do dia 9 de Janeiro em diante a causa da revolução nacional contou os dias por acontecimentos e por triumphos, e no palacio imperial não se trabalhava menos por ella do que nos clubs. Quando o principe chegou á margem do Ypiranga a 7 de setembro em S. Paulo, já tinha passado o Rubicon no Rio Janeiro.

A 12 de Outubro de 1822 o principe regente foi acclamado imperador constitucional e defensor perpetuo do Brazil na capital do novo Imperio; mas a essa grande e brilhante solemnidade quasi que ficou estranho o palacio imperial.

A acclamação teve lugar no campo que então se chamava de Sant'Anna, e que estava coberto de povo e tropa; o Imperador mostrava-se radiante na varanda do palacete que havia nesse campo. A chuva cahia com violencia, mas apesar della veio o imperador a pé e embaixo de pallio seguido por toda a côrte vestida de gala e pela multidão enthusiasmada, para a capella imperial, onde foi entoado o *Te-Deum* em acção de graças pela regeneração politica do Brazil e acclamação do seu imperador.

Com agua às vezes pelos joêlhos esse prestito magnifico seguiu pela rua dos Ciganos, praça da Constituição, rua hoje do theatro, largo de S. Francisco de Paula, rua do Ouvidor, e rua Direita até a capella; com a chuva do céu calião ao mesmo tempo enclentes de

flôres sobre o pallio, e as acclamações estrepitosas não deixavão ouvir o ruído da tormenta.

Entre os entusiastas, que erão todos, tornou-se notavel uma turma de mancebos, alguns dos quaes ainda vivem hoje; o imperador os vira á porta do palacete, sorrira-se encontrando-os á entrada da rua dos Ciganos, saudára-os vendo-os cada vez mais entusiasmados junto ao theatro de S. João, que logo depois se chamou de S. Pedro, e emfim esbarrando de novo com elles á porta da capella, parou um instante e disse-lhes :

« Os senhores tiverão hoje o dom da ubiquidade; foi milagre do patriotismo. »

No dia 1.^o de Dezembro de 1822 effectuou-se o acto solemne da sagração do primeiro imperador do Brazil, e então ficárão gravadas no palacio imperial lembranças faustosas desse notavel acontecimento. Foi no palacio publicada a lista dos primeiros agraciados com a ordem imperial do Cruzeiro do Sul, primeira ordem americana, instituida nesse dia, e com a qual o imperador agraciou muitos dos mais notaveis propugnadores da independencia : Antonio Carlos, Cypriano Barata, o Sr. Montezuma hoje visconde de Jequitinhonha, e alguns outros merecêrão essa bella distincção, não ficando tambem esquecido o benemerito capitão-mór José Joaquim da Rocha, cujos serviços á causa da independencia fôrão tão relevantes, como grande a sua modestia. O Sr. D. Pedro I ao entrar no saguão do palacio imperial na manhã daquelle dia, vio entre os cidadãos, que em numero extraordinario alli se achavão

um filho do capitão-mór José Joaquim da Rocha, e parando diante d'elle, perguntou-lhe alegremente :

— Seu pai já chegou ao paço?

— Já ahí está, senhor : respondeu o mancebo.

— Pois se o encontrar primeiro do que eu, diga-lhe que foi hoje agraciado com a dignitaria da imperial ordem do Cruzeiro do Sul, como premio justo e devido a um dos patriarchas, da independencia da nossa patria.

O povo respondeu com um viva estrepitoso as palavras do imperador que assim honrava o cidadão patriota.

Do fim de 1833 a 1834 o palacio imperial foi durante algum tempo habitado por Sua Magestade o Imperador, ainda menor e por suas augustas irmãs : a mudança de sua residencia da Quinta da Boa-Vista para o palacio da cidade traz-nos á memoria dias tormentosos e uma pagina triste da nossa historia

Os excessos do partido restaurador que perturbava a ordem e conspirava contra o governo provocarão excessos ainda mais lamentaveis do partido dominante e do proprio governo. Ás machinações e violencias dos restauradores respondeu o governo deixando em Dezembro de 1833 as turbas mais ardentes e menos escrupulosas do seu partido atacarem impunemente a sociedade Militar, que era a representante dos restauradores, quebrarem e destruirerem toda a mobilia, e em seguida levarem igual destruição ás typographias, de cujos prélos sahião jornaes infensos á politica que então dirigia os negocios publicos.

Dias depois espalhou-se que o partido restaurador premeditava romper em uma nova revolta, apoderando-se primeiramente dos augustos pupillos da nação. Fosse apenas um pretexto, ou tivesse realmente algum fundamento, certo é que essa noticia deu motivo a que o governo suspendesse o venerando José Bonifacio de Andrada do exercicio da tutoria do imperador e das princezas, e a que todos os juizes de paz da capital escoltados de uma força de cem homens da policia e de duas peças de artilharia partissem para S. Christovão varejassem o paço da Quinta, prendessem o tutor, e emfim acompanhassem a familia imperial, que foi trazida em triste triumpho para o palacio da cidade.

Passado algum tempo, arrefecido o fogo dos partidos, tornou o imperadar a ir habitar na quinta da Boa-Vista, e o palacio, em que por mezes residira, voltou áquella grande e melancolica solidão em cujo seio passou durante quasi toda a época da minoridade.

Em 1840 o imperador foi proclamado *maior*, e o palacio imperial obrio suas salas á côrte, que se apressou, mais do que nos nove annos que havião corrido desde 1831, a vir cercar o throno da magestade.

Em 1844 celebrou-se o casamento da princeza imperial a Sra. D. Januarina com o Sr. conde de Aquilla, principe das Duas-Sicilias, que ficarão residindo, em todo o tempo que estiverão no Rio de Janeiro, naquella parte do palacio imperial, que fôra outr'ora convento dos Carmelitas.

No reinado do Sr. D. Pedro II o Brazil tem visto

com ufania o palacio imperial hospedando dignamente as sciencias, as letras e as artes.

Em uma das salas principaes do palacio celebrava a Imperial Sociedade de Medicina, e celebra o Instituto Historico e Geographico do Brazil as suas sessões anniversarias.

Desde o dia 15 de Dezembro de 1848 o mesmo Instituto Historico recebeu no segundo andar do antigo convento do Carmo as accomodações necessarias para a celebração de suas sessões ordinarias e para a sua bibliotheca e archivo, e além desta graça muito especial que tanto o distinguio, o imperador, seu primeiro socio começou desta data em diante a presidir constantemente os seus trabalhos e a tomar nelles parte com um interesse tão glorioso como patriotico.

No pavimento inferior do palacio imperial tem sido em algumas salas hospedados artistas de merecimento; em uma dellas via-se, ainda não ha muitos annos, ó habilissimo Petrich manejaudo o cinzel e o martello, dar vida ao marmore e transformar a pedra informe em bellas estatuas.

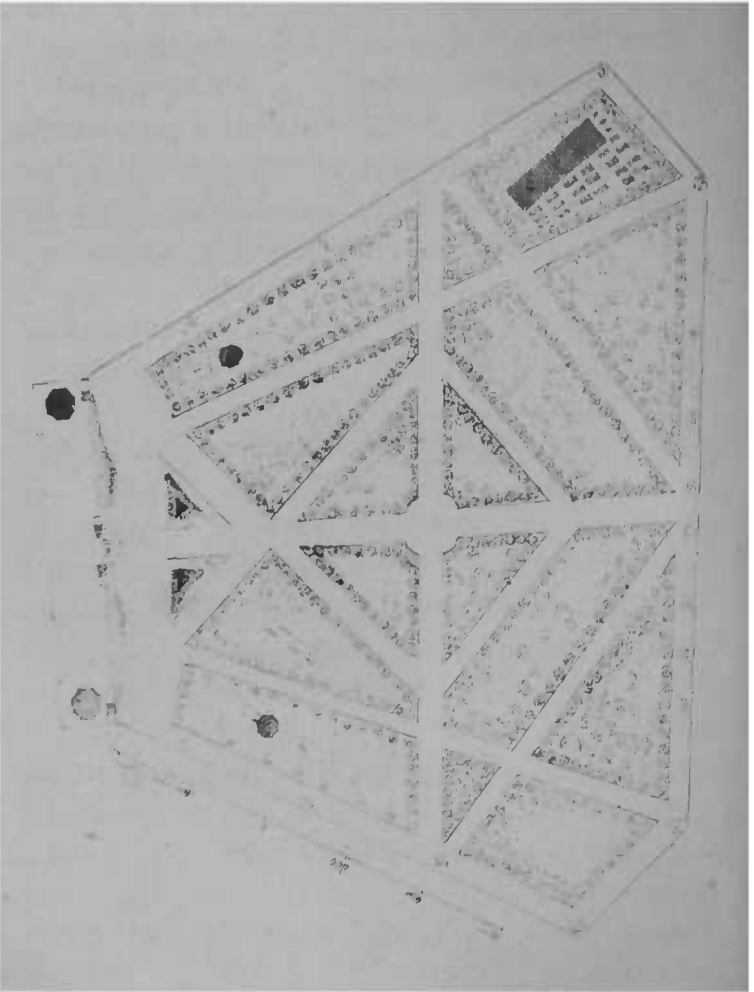
E apezar de todas estas rēcordações, apezar dos grandes vultos do passado, dos nomes illustres e dos acontecimentos importantes que nos faz lembrar, o palacio imperial não póde e não deve ser conservado; não ha concerto, nem reparações que lhe aproveitem.

Não é, repito pela ultima vez, não é digno nem da magestade, nem da nação.

Todas as artes devem dar-se as mãos para erigirem

um palacio novo : o patriotismo o exige ; a necessidade instantemente o recommenda .

O que estamos vendo no meio do Largo do Paço, não é um palacio, é uma casa antiga e na mais completa ruina.



PLANTA DO ANTIGO PASSEIO PUBLICO.

O PASSEIO PUBLICO.

Fazei de conta que vos achais agora comigo no aprazível terraço do Passeio Publico do Rio de Janeiro.

O dia foi calmoso : em compensação, porém, a tarde é bella e fresca; o sol derrama sobre a terra seus ultimos raios; annuncia-se a hora do crepusculo; a viração festeja docemente as verdes folhas das arvores que sussurrão com um leve ruido.

Imaginai tudo isso; embalar-vos-heis com uma ficção que já tem sido e será mil vezes uma verdade.

Sentemos-nos nestes bancos de marmore e de azulejos: voltemos as costas para o mar; o espectáculo dessa natureza opulenta, grandiosa, sublime, absorver-nos-hia em uma contemplação insaciavel: cerremos por algum tempo os olhos á magestade das obras de Deos. A hora do crepusculo é suave, melancolica, e propicia aos sonhos do futuro e ás recordações do passado.

Deixemos o futuro a Deos no céu e aos poetas na terra.

Lembremos antes o passado, e, ligados pelo mesmo pensamento, vamos buscar no ultimo quartel do século decimo oitavo o principio da historia deste jardim publico.

Supponhamos ainda e finalmente que por unanimidade de votos me escolhestes para vosso orador: foi uma eleição inteiramente livre, sem cabala, sem *phos-*

phoros, sem intervenção da policia, sem duplicatas, sem annullações de votos *fataes*, um verdadeiro milagre constitucional. Tenho consciencia da pureza do meu mandato.

Fallo em nome de todos vós.

O celebre Luiz de Vasconcellos e Souza, que no dia 3 de Abril de 1779 substituiu o marquez de Lavradio no governo do Brazil, via com a mais profunda magoa começar o seu vice-reinado debaixo de mãos auspicios.

Moço ainda, e portanto sem aquelle prestigio de uma longa experiencia que se assignala nas rugas da fronte e nos cabellos grizalhos, que aliás nem sempre são companheiros da sabedoria e da prudencia, viera succeder a um administrador provecto, habil e feliz, que deixava o seu nome recommendado á memoria do povo pelos serviços que prestára á agricultura, pela protecção que dera ás letras nascentes no Rio do Janeiro, e pelos cuidados com que se empenhára em prover ás despezas, á policia, e ao desenvolvimento e asseio da cidade capital da grande colonia portugueza da America.

A lembrança do marquez de Lavradio fazia já não pouco difficil a posição do novo vice-rei, e ainda como para torna-la mais embaraçada, sobrevierão logo dous lamentaveis successos, uma calamidade e um flagello inesperados, que enclêrão de desgosto a população.

Alguns mezes apenas tinham passado depois da chegada de Luiz de Vasconcellos ao Rio de Janeiro, quando em consequencia de chuvas aturadas e violentas, rompêrão-se os aqueductos das fontes publicas, deixando

os habitantes da cidade em luta com a carestia d'agua, que sómente de longe se podia trazer.

Então o pretinho que passava pela rua gritando— *li!* fazia pagar por um preço relativamente fabuloso o póte d'agua que levava á cabeça, e isso era um tormento para os pobres, e um motivo de lamentações para os ricos. Se não comprehendéis bem a significação desse grito dos vendedores d'agua, que ainda se ouvia no Rio de Janeiro em uma época muito recente, eu vo-lo explico. Logo depois da fundação da cidade de S. Sebastião, erão os indios ou gentios que vendião agua aos colonos, e a annunciavão na sua lingua, bradando :— *Ig! Ig!* — palavra que foi corrompida mais tarde pelos africanos escravos.

Mas, ainda peor do que a ruina dos aqueductos, aconteceu immediatamente que se desenvolvesse uma terrivel epidemia, que espalhou o terror e o luto no seio da bella Sebastianopolis. Era uma febre de character maligno, acompanhada de affecções cerebraes e da medulla, e que, quando não terminava com a mórte dos doentes, deixava a estes um legado cruel de paralyrias e de deformidades.

Chamou-se então a essa epidemia — *zamperini* — ou *zamparina*, como dizia o povo, que foi quem assim a denominou.

Permitti que eu interrompa por alguns momentos a minha narração, para dizer duas palavras a respeito de certas denominações populares dadas a algumas epidemias.

Como as molestias epidemicas atacão a muitos individuos ao mesmo tempo, o povo que não entende a tecnologia médica, e vê naquelle facto alguma cousa que se parece com a *moda*, dá ao mal reinante o nome que está mais em moda.

Assim, em 1779 chamou á epidemia que ceifava a população *zamperini* ; porque então penteavão-se os cabellos e usavão-se diversos objectos e vestidos á *Zamperini*, que foi aquella celebre cantora veneziana que chegou a Lisbôa em 1770, levada pelo notario apostolico da nunciatura, e a quem no theatro da rua dos Condes ião todos applaudir, e notavelmente o padre Macedo, que lhe dirigio sonetos e odes como qualquer outro peccador inspirado o faria.

Assim, tambem chamou-se em 1847 *polka*, e em 1851 *schottisch*, nomes de duas dansas muito em voga nesse tempo, a duas epidemias que apparecêrão.

No principio do nosso século, se não estou em erro, desenvolveu-se na cidade do Rio de Janeiro uma catarthal tão violenta, que os affectados á força de tossir acabavão por corcovar-se ; a essa molestia porém não deu o povo um nome da moda, e chamou-a muito apropiadamente *carcunda*.

Talvez me accusem de prolixo e divagador por entrar em explicações que não tem relação alguma com a historia do Passeio Publico. É uma injustiça : convém guardar as lembranças que vou registrando, e que podem para o futuro prevenir confusões possiveis : por exemplo, não se poderia dar o caso de se confundirem

as *careundas* catarrhaes com os *careundas* politicos, denominações que fôrão ambas empregadas neste século?... pelo menos os absolutistas devem me agradecer o empenho com que esclareci um facto que livra a qualquer delles de ser confundido com uma catarrhal, o que era muito possivel que acontecesse.

Fique pois bem determinado e sabido : a nossa população nunca até hoje se lembrou de fazer uma allusão politica quando trata de alcunhar alguma epidemia, e entretanto, se o fizesse, não era novidade no mundo, porque em França já o povo deu o nome de um ministro antipathico a uma molestia epidemica que reinou em Pariz : não digo que andasse bem procedendo assim, não ; mas é impossivel deixar de reconhecer que ás vezes apparecem ministros e ministerios que são-tão funestos ao paiz como a peste mais flagelladora e mortifera.

Prosigo sem mais demora a narração que interrompi.

A cidade do Rio de Janeiro estava pois em uma situação duplamente dolorosa ; mas se alguém então desanimou, não foi por certo Luiz de Vasconcellos, que deu promptas e energicas providencias para o abastecimento d'agua, assim como tomou medidas hygienicas para combater a *zamperini*, mandou soccorrer os enfermos pobres, e ainda teve tempo e força para ordenar o começo dessa série de obras importantes que perpetuárão o seu nome.

Luiz de Vasconcellos reunia a grandes qualidades de administrador maneiras tão affaveis, tanta cortezia

e bondade, que soube depressa conquistar as sympathias do povo. Em breve estas sympathias se transformarão na mais bem fundada estima e consideração; porque o activo e infatigavel vice-rei empreheudou grandes trabalhos em proveito da cidade e para leva-los ao cabo soube cercar-se de todos os homens esclarecidos, e capazes de coadjuva-lo, que encontrou no Rio de Janeiro.

Um dos seus predilectos era o mestre Valentim.

Observar-me-heis que eu não disse ainda quem era o mestre Valentim. Tendes razão.

Valentim da Fonseca e Silva era filho de um fidalgo portuguez e de uma rapariga do Brazil, e teve o seu berço ou no Rio de Janeiro, ou mais provavelmente na provincia de Minas Geraes, onde seu pai era contratador de diamantes: foi levado por elle para Portugal, donde voltou orphão e ainda joven, repellido pelos parentes, e trazendo por herança unica o vicio minhoto que sempre conservou na falla. Aprendeu no Rio de Janeiro a arte toreutica, e foi um architecto, e um entalhador de primeira ordem. As igrejas do Carmo e da Cruz, a capella-mór da de S. Francisco de Paula, e o chafariz do largo do Paço documentão o seu merecimento ainda hoje.

Devemos agradecer aos parentes do pai de Valentim o impeto de vaidade com que empurrarão para o Brazil aquelle pobre menino, que entre nós se fez um grande homem, e que honrou a patria com seu immenso talento.

O mestre Valentim queixava-se de que Luiz de Vasconcellos, que se dizia tão seu amigo, e que tantos tributos pedia á sua capacidade artistica, desse-lhe sempre mais elogios do que dinheiro ; parece porém que não havia muito fundamento nas queixas do artista, a quem jámais sobrava o ouro, porque amando muito o bello sexo, e tendo especial predilecção por estrangeiras, pagava uma fingida e interesseira gratidão por preço tanto mais elevado quanto era maior a impressão que causava o seu rosto feio e exterior pouco sympathico.

Mas Luiz de Vasconcellos tinha em grande estima o mestre Valentim ; aprazia-se com as suas originalidades e com a sua franqueza de artista, e confiava muito na sua probidade e intelligencia, fazendo-se até ás vezes acompanhar por elle, quando sabia a examinar o andamento das obras que estava mandando executar.

Corria ainda o anno de 1779, e em um dia ao cahir da tarde, o vice-rei, que da janella do palacio vira o mestre Valentim dirigindo os ultimos trabalhos do chariz que do meio da praça fôra removido nesse anno para junto do mar, ordenou que o fossem chamar, e, apenas o vio apparecer convidou-o a segui-lo em um passeio pela cidade.

Montarão ambos a cavallo, e Luiz de Vasconcellos tomando a dianteira, depois de demorar-se um pouco observando a obra do caes que se principiára a construir em frente do palacio, partio para o morro de Santa Thereza, onde se renovavão os aqueductos. En-

caminhou-se pelas ruas de S. José e da Ajuda, ladeou o convento das freiras, preferindo á rua dos Barbonos o seguir pelo largo da Ajuda e pela margem de uma feia lagôa que dali se estendia até ao fim da actual rua do Passeio.

O mestre Valentim sorrira-se maliciosamente vendo o vice-rei tomar aquella direcção. É verdade que o Boqueirão da Ajuda, cujo seio se comprehendia no espaço que vai desde a ponta do Calabouço até ao monte de Nossa Senhora da Gloria, offerecia uma vista magnifica; mas a lagôa que alli se encontrava era repugnante: formada pelas aguas da chuva que ficavão estagnadas, mostrava-se de feio aspecto; ás vezes exhalava um cheiro desagradavel, e, na opinião de muitos, passava por ser um fóco de peste. Chamavão-a Lagôa do Boqueirão.

Porque fizera caminho por aquelle sitio o vice-rei?.. porque se sorrira maliciosamente mestre Valentim?... elles lá o sabião.

O lugar era desestimado : a povoação da cidade interrompia-se naquelle ponto, onde apenas se vião tres ou quatro humildes casinhas, e entre essas uma quasi á beira da lagôa, e que diante da porta e a dez passos tinha uma bella palmeira, e junto desta uma cerrada moita de arbustos; mas nem a palmeira, nem a moita de arbustos terião feito notar a pobre casinha, se á sua janella não apparecesse muitas vezes o mais lindo rosto de moça morena que por ventura havia na cidade.

Quando o vice-rei passou, a moça correu á rotula

para vê-lo, e o mestre Valentim sorriu-se pela segunda vez.

Chegarão enfim os cavalleiros e subirão o morro de Santa Thereza : examinarão as obras, e conversarão tão longamente a respeito dos aqueductos, que começava a escurecer quando descêrão ; mas Luiz de Vasconcellos, não querendo ainda voltar ao palacio, rodou o outeiro das Mangueiras, que então existia, occupando o lugar do rua que teve depois o mesmo nome, e partio a galope em direitura ao Botafogo, prolongando tanto o seu passeio que erão nove horas da noite quando de volta passava diante da romanesca ermida de Nossa Senhora da Gloria.

A lua estava brilhante, a viração soprava docemente, a cidade parecia ir tranquillamente adormecendo.

— Mestre, disse o vice-rei, acabaremos a pé o nosso passeio.

Valentim sorriu-se pela terceira vez e apeou-se.

Os criados tomárão conta dos cavallos e partirão adiante.

O vice-rei e o artista ficarão sós, e fôrão seguindo : ao chegarem de novo junto do monte das Mangueiras, que era um espigão do morro de Santa Thereza, Luiz de Vasconcellos parou e disse :

— Temos montes demais na cidade, mestre : eis aqui um outeiro que podia bem desaparecer, sendo substituído por uma rua, que facilitaria a communicação do bairro que deixamos com a rua dos Barbonos e com aquella que o marquez, meu feliz antecessor, legou o seu nome.

— Sr. vice-rei, observou o artista, a cidade tem montes demais, como V. Ex. diz; creio porém que ella ainda precisa mais de aterros do que de arrazamentos.

— E porque não faremos aterros á custa do outeiro que arrazarmos?....

O artista não respondeu, porque sorria-se pela quarta vez ao ver que Luiz de Vasconcellos tomava pelo mesmo caminho por onde viera.

— Má direcção vamos seguindo, Sr. vice-rei, disse elle; terá V. Ex. de passar pela margem do logôa do Boqueirão, que a esta hora, dizem, derrama em torno miasmas pestíferos, e a zamperini ainda não cessou de todo; talvez fosse melhor ir buscar a rua do Lavradio.

— Onde mora o Hespanhol D. Pascoal, que toca guitarra excellentemente, acompanhando as suaves cantigas de sua filha Pepita cujos brilhantes olhos pretos e formosa cabeça fazem o encanto do certo artista meo amigo; não é assim, mestre?..

— É por certo assim, visto que vossa excellencia o diz; mas quer me parecer que a menina Suzana, que mora na casinha da lagôa do Boqueirão, é ainda mais bonita, e tem voz mais suave do que a Pepita.

O vice-rei voltou-se para trás, encarou Valentim, e perguntou :

— Então ...

— Então é que eu juro por minha alma que os vice-reis tambem tem coração, e que vossa excellencia gosta muito da menina Suzana.

Luiz de Vasconcellos bateu no hombro de Valentim e disse-lhe :

— Os vice-reis tambem tem coração ; mas ás vezes não se perdôa a elles o que se desculpa em um artista. Vamos... acabemos a noite como a começámos : seja uma noite de imprudencia , e ao mesmo tempo de segredo.

Estavão perto da lagôa, quando parárão ouvindo a voz doce e melancolica de Suzana, que cantava uma balada, da qual repetirei uma estrophe, porque tem a côr e a simplicidade daquella época.

Em S. Bento deu um'hora,
No Collegio derão duas ;
Vêde que horas são estas
Que eu por ti ando nas ruas !

— Ah ! meu bem ! não venhas cá,
Não venhas, prenda querida,
Vêde que eu sou impedida,
Tenho impedimento fórte.

— Quem ama não teme a môrte,
Quem teme, não sabe amar ;
A cada passo que dá
Pisa logo no perigo.

Vive sempre a suspirar,
Anda sem socego ter :
Assim mesmo desta sórte
A noite te venho ver !...

Não modifiquei em uma unica palavra a poesia deste canto ; reproduzo-a com todo o seu merecimento especial, e com todos os seus defeitos até mesmo de grammatica ; sinto não poder tambem dar uma idéa da musica que aliás ouvi por vezes em minha infancia, e que então me pareceu cheia de doçura e de melancolia.

E o peor é que o gosto e a originalidade desses cantos, cuja musica tinha um caracter que a fazia distinguir da musica caracteristica de todas as outras nações, tem se ido perdendo pouco a pouco, sacrificada ao canto italiano, cuja imitação é desde alguns annos o pensamento dominante dos nossos compositores. As *modinhas* e os *lundus* brasileiros quasi que já não existem senão na memoria dos antigos ; fôrão banidos dos salões elegantes e com todos os costumes primitivos, á semelhança das aves que, espantadas dos bosques vizinhos do litoral pelo ruido da conquista dos homens, fogem para as sombrias florestas do interior, lá se achão proscriptos, e felizmente ainda conservados com a sua patriotica pureza no seio dos valles e no throno das montanhas, onde a população agricola os asyla em seus lares, vive com elles, alimentando a flamma das recordações passadas que o estrangeirismo apagou nas cidades.

Para a musica caracteristica brasileira isso é uma verdadeira calamidade, e a Opera Nacional, recentemente creada, se quizer ser nacional, deve oppôr-se á continuação de tão grave erro, excitando os nossos novos e talentosos compositores a escreverem naquelle

gosto, que, bem aproveitado pela arte, póde produzir obras originaes e de incontestavel merecimento.

Mas.. é conveniente não deixar o vice-rei tanto tempo esquecido na rua.

Luiz de Vasconcellos, que tinha parado por alguns instantes a ouvir as primeiras notas do canto de Suzana disse logo depois a Valentim :

— Mestre, é verdade : eu amo aquella mulher; agora porém não ha aqui nem vice-rei nem artista; devemos suppôr que ha sómente dous curiosos um pouco apaixonados, um pouco imprudentes, mas em todo o caso honestos. Vamos ouvir de mais perto o canto de Suzana; ha alli uma moita de arbustos que nos será propicia : veremos e ouviremos sem ser vistos.

— Já fallou alguma vez áquella menina, Sr. vice-rei?...

— Nunca.

O mestre Valentim seguiu Luiz de Vasconcellos, que cauteloso penetrou na moita de arbustos e foi collocar-se tão perto da palmeira que se achou quasi ao lado de Suzana.

Porque Suzana estava lá, sentada na relva junto ao tronco do coqueiro, e inundada pelo clarão da lua que fazia realçar a sua formosura. Era uma moça que não tinha ainda vinte annos : cabellos negros, ondedos, e tão longos que lhe cahirião aos pés : olhos grandes, pretos e cheios de fogo celeste; tez morena e fina, lindissimo e voluptuoso collo; braços magnificos; mimosa e delicada na cintura, pequenas mãos, e quasi tão pequenas como os pés.

Era verdadeiramente encantadora e perigosa.

Acabára de cantar, e descansára a guitarra a um lado, vendo chegar um mancebo que para ella corria.

— Suzana !

— Vicente !

— Quem chegou ahí ?... perguntou uma velha que estava sentada á porta da humilde casinha.

— É o primo Vicente, minha avó.

— Vejão lá ! disse a avó.

O mancebo correu a beijar a mão da velha, e voltou logo a sentar-se aos pés da moça.

— Estava cuidadosa, disse a moça ; hoje te demoraste muito.

— Tardei muito, Suzana ; mas a culpa teve o bom padre-mestre Fr. Velloso, que levou mais tempo do que costuma a dar-me a sua lição de botanica : que excellente homem é aquelle sabio franciscano ! professa a pobreza de sua ordem ; mas a ninguem conheço mais rico de sabedoria e de virtudes ! como sabe animar os moços ! chegou hoje a dizer-me que espera ver-me em breve sentado entre os membros da academia scientifica do Rio de Janeiro, que foi, ha sete annos, fundada sob os auspicios do vice-rei marquez de Lavradio.

— Tambem não sei para que servem tantas instrucções em gente póbre ! disse a velha da porta onde estava sentada : eu nunca sube ler nem escrever, e comtudo tive sempre muito juizo, e tu, Suzana, tu, a quem teu tio, o meu infeliz filho, o defunto padre João Peres, en-

sinou tanta cousa, nem por isso deixas de ter a cabeça cheia de lantejoulas.

— Ah ! minha avó, respondeu a moça sorrindo-se, é porque o tio padre nunca pôde conseguir fazer-me aprender o seu latim, como desejava : foi só o que me faltou para ficar ajuizada.

— E o teu emprego Vicente?... perguntou a velha.

— Minha avó, canso de esperar e nada consigo : procurei obter um que vagara na alfandega, e o derão ao filho de um desembargador : outros dous que requeri um no hõspital militar, e o segundo nas obras que se estão executando na cidade, fôrão dados a quem delles menos precisava.

— Isso é máo, Vicente ; é máo, porque eu tenho já noventa annos, e não posso ir muito adiante ; e, morta eu, quem protegerá Suzana, moça e solteira, como está?... Vicente, é preciso cuidar em ter um emprego, e em casar com tua prima.

Vicente beijou a mão de Suzana que entre as suas apertava, e Valentim sentio que o vice-rei estremecêra e suffocara um gemido.

— Minha avó, disse Vicente, eu irei amanhã pedir a frei Velloso para tomar-me debaixo da sua protecção.

— Em teu lugar, primo, acudio Suzana, em vez de ir ter com frei Velloso eu mè dirigiria pessoalmente ao vice-rei.

— Ao vice-rei !... balbuciou o mancebo.

— Sim... então que mal havia nisso?...

Vicente começava a turvar-se : Suzana ou não deu por isso, ou quiz provocar o namorado.

— O vice-rei Luiz de Vasconcellos é bom e compassivo.

— Achas ?...

— Todos o dizem.

— E tu, Suzana ?....

— Também me parece.

— Porque ?....

— Porque no seu rosto lê-se a generosidade e a grandeza d'alma.

O mestre Valentim sorria-se ; o vice-rei escutava commovido ; Vicente, agitado, começava a esquecer a presença de sua avó.

— Tens continuado a ver o vice-rei, Suzana ?....

— Ainda hoje.

— E elle a ti ?....

— Como eu a elle.

— E o vice-rei olhou para ti ?....

— Porque não ?....

— Suzana ! Suzana !.... é horrivel.... mas devo dizè-lo.... eu vou perder-te ; o vice-rei ama-te !

Luiz de Vasconcellos fez um movimento de colera e despeito ao mesmo tempo que a velha e a moça exclamarão :

— Vicente !....

— Juro que disse a verdade, continuou o mancebo tremendo ; não é de hoje que o sei, e hoje, como em outros muitos dias, impellido pelo meu ciume, acompanhei de longe o vice-rei, e vi a attenção e o enlevo com que elle te devorava com os olhos : Suzana ! Suzana !... não ha luta possivel entre Luiz de Vasconcellos

e Vicente Peres ; o vice-rei te ama ; tudo está perdido para nós ambos, porque eu terei de ser esmagado e tu...

Suzana cortou-lhe a phrase, cerrando-lhe os labios com a sua mão delicada e leve.

— Não sejas máo, Vicente : tu calumnias o vice-rei, suppondo-o um seductor, e me injurias tambem, julgando-me capaz de sacrificar-te a elle. É verdade : o Sr. Luiz de Vasconcellos passa muitas vezes por este sitio, olha-me com attenção, e acha-me talvez bonita; mas, graças a Deos, não pensa, nem pensará em fazer-me infeliz.

— Tu o defendes?...

— Certamente : não sei porque, mas eu o estimo; o seu rosto me inspira confiança; ha nelle uma expressão de honestidade e nobreza que não engana.

— Oh ! isto é de mais !...

— Tu te exasperas primo !... quanto mais quando souberes que eu sonhei esta noite com o vice-rei....

-- Suzana !

— Sonhei : porque hei de mentir ou esconder um sonho innocente... foi um sonho deleitoso, um sonho de moça. Sonhei que um genio benigno me apparecia risonho e affectuoso ; era um genio, mas tinha o rosto do vice-rei ; não tinha voz, fallava-me porém com os olhos ; era apenas uma sombra, mas não me assustava, nem eu lhe fugia : a um movimento de sua mão branca e transparente tu appareceste, e elle nos ligou com um laço de flôres ; minha avó que alli estava , chorando abençoava ao genio e a nós... não sentiamos mais nem

pobreza nem reccios de futuro... o genio levou-nos para fóra, e tirando dos hombros uma tunica côr de angelica que trazia, estendeu-a sobre a lagôa do Boqueirão, que de subito se transformou em um lindissimo jardim: depois o genio... a sombra foi se esvaindo.... esvaindo até desaparecer de todo, depois felizes, contentes, nós corrêmos como duas crianças travessas pelo jardim... depois, ah Vicente ! depois eu desatei a chorar ; porque nesse immenso jardim eu procurei debalde e não encontrei este coqueiro, a cuja sombra um dia, pela primeira vez, de joêlhos ao pés de minha avó, tu lhe disseste, o que eu já sabia... que amavas-me. Depois o sonho parou ahí, porque... eu acordei chorando.

O que sentio Luiz de Vascellos ouvindo a narração daquelle sonho, ninguem pôde saber ; apenas o mestre Valentim suppôz que o vice-rei por mais de uma vez enxugára as lagrimas.

— Estás ouvindo, Vicente ?... disse a velha commo-vida e soluçando.

— Estou, respondeu o mancebo; e juro que acredito tanto na innocencia e na pureza de Suzana, como na salvação da minha alma; mas um sonho é uma illusão que nada pôde na vida, e a realidade que eu receio me espanta e me atormenta.

— Confia em mim, meu primo.

— E se amanhã, ou em breves dias o vice-rei, abusando do seu poder e da sua influencia, ousasse perturbar a paz, a serenidade do teu coração, e tentasse....

A moça não o deixou acabar, ergueu-se e fallou, e á

medida que fallava, a velha, que tambem se erguêra, veio se chegando para o coqueiro.

Suzana respondia a Vicente :

— Eu diria ao vice-rei sem hesitar nem tremer : Senhor, sou pura e feliz : tenho um noivo a quem amo, um noivo que minha avó abençôa ; tenho um amor, que um padre que era meu tio e tio do meu amado, abençoou no momento de morrer : é um amor sagrado diante de Deos, como a minha pureza é uma flôr do céu : esta pureza e este amor não hão de ceder ao capricho de um vice-rei : contava com a vossa generosidade, faltou-me ella ; agora conto com a minha virtude, conto com Deos, contarei emfim com a morte.

— E eu lhe diria, exclamou a velha, cujos cabellos soltos alvejavam ao clarão da lua : Sr. vice-rei, tive uma filha bella como Suzana ; ha vinte annos um fidalgo rico e poderoso apaixonou-se por ella, e não podendo desposar a filha de uma pobre mulher sem nome, seduzio-a: ao capricho do seductor seguiu o seu desprezo pela victima, e a miseria e opprobio desta . . . desse crime proveio uma filha, é Suzana, que custou a vida a sua mãe. Eis uma velha historia que se parece com a que quereis principiar ; não entreis pois em minha casa; porque nella já ha de sobra vergonha, deshonra desgraça e morte ! não entreis ; porque tereis de tremer diante da maldição de uma velha que tem chorado vinte annos ! . . .

— Minha avó, socegue ! exclamou Vicente.

— Mão ! disse Suzana, tu fizeste hoje chorar nossa

bôa avó, e foste injusto com o vice-rei, que é nobre e generoso!

— Perdoai-me ambas ! balbuciou o mancebo.

— Sim... sim, disse a velha, mas por hoje basta. Amanhã, Vicente, fallarás a Fr. Velloso, e, empregado ou não, casar-te-lhas com Suzana antes do fim do anno.

Vicente beijou a mão de sua avó com ardor e commoção : Suzana correu adiante e entrou para casa sem despedir-se do noivo, que momentos depois partio apressado em direitura á rua da Ajuda, onde morava.

Luiz de Vasconcellos e o mestre Valentim sahirão da moita de arbustos e caminharão em silencio. O artista não ousava dirigir uma unica palavra ao vice-rei.

Ao chegarem á entrada do palacio, Luiz de Vasconcellos voltou-se e disse :

— Amanhã ao meio-dia temos que convesar, mestre Valentim.

O resto da noite foi de meditação, e talvez de luta para o vice-rei, que não dormio, e levantou-se cedo no dia seguinte : os olhos um pouco injectados e grandes olheiras roxas, annunciavão em Luiz de Vasconcellos longas horas de vigilia e de soffrimento ; seu rosto porém mostrava-se animado e sereno.

As dez horas da manhã sentou-se o vice-rei na sua cadeira da sala das audiencias, onde recebeu logo depois um engenheiro e diversos empregados.

Ás onze horas entrou na sala Vicente Peres, que o vice-rei mandára chamar : o mancebo vinha pallido e tremulo.

— Sr. Vicente Peres. disse o vice-rei, Fr. José Marianno da Conceição Velloso precisa de uma pessoa intelligente e instruida que coadjuve o seu secretario Fr. Solano para facilitar-lhe os trabalhos da *Flora Fluminense*, de que se está occupando : o senhor é entendido em botanica, e discipulo do illustre franciscano : vá dizer-lhe que eu o nomeei seu sub-secretario, e que lhe mandarei pagar o seu ordenado.

Vicente Peres ficou sorprendido. O vice-rei continuou :

— E porque este serviço dentro de alguns annos achar-se-ha terminado, e não é justo que o senhor fique desempregado, póde dentro de tres dias vir receber a sua nomeação para o emprego que lhe destino na alfandega do Rio de Janeiro.

— Senhor ! exclamou o mancebo curvando-se.

— Nada de agradecimentos, tornou Luiz de Vasconcellos ; eu sei que o senhor é um moço morigerado e que com ardor se dá ao estudo ; estimo-o por isso ; se quizer porém dar-me um signal de gratidão escolham-me para uma das testemunhas do seu casamento, que em breve deve ter lugar.

Vicente Peres sahio confundido e ao mesmo tempo louco de prazer.

Ao meio-dia chegou o mestre Valentim.

— Mestre, disse-lhe o vice-rei sorrindo-se : já temos onde aproveitar a terra do desmoronamento do monte das Mangueiras ; é na lagôa do Boqueirão, que vamos transformar em um jardim publico ; dei a um enge-

nheiro as ordens para tratar immediatamente de fazer esgotar essa lagôa : o jardim fica por sua conta, mestre: note porém que eu me empenho em que nos ornamentos do nosso jardim seja reproduzido um certo coqueiro que indispensavelmente teremos de derribar.

— É um sonho que se realiza, senhor vice-rei.

— Silencio, mestre Valentim ! não ha sonho, nem genio, nem loucura da noite passada : haverá sómente um *Passeio Publico*, que a cidade do Rio de Janeiro vai ganhar.

Esta historieta, tradição ou cousa que o valha, que aliás daria uma origem um pouco romanésca ao nosso *Passeio Publico*, só poderia ter transpirado por uma indiscrição do mestre Valentim, ou porque Suzana houvesse adivinhado o segredo do genio do seu sonho de moça ; em qualquer dos casos acaba porém de um modo que não desmente, antes faz honra ao character generoso de Luiz de Vasconcellos. Se ainda assim não quizerem aceitar a tradição por lhe faltar seguro fundamento, roguem-me pragas, ou critiquem-me á vontade, que nem por isso deixarei de *passear*.

O PASSEIO PUBLICO.

No meu ultimo *passieo* abundei muito em louvores ao vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza, e não me dóe a consciencia por ter assim procedido : tenho para abonar o meu juizo não sómente o testemunho valioso de antigos escriptores, como o das grandes obras que elle fez construir na cidade do Rio de Janeiro, e que durão ainda perpetuando a memoria daquelle activo administrador.

A camara municipal da capital do Brazil pensou tambem como eu penso, e a prova disso aprecia-se perfeitamente na sala das suas sessões, onde se acha o retrato de Luiz de Vasconcellos fazendo companhia aos de Estacio de Sá, e do conde de Bobadella, unicos dos administradores que governárão o Rio de Janeiro no tempo colonial que merecêrão essa honra.

Entretanto, preciso é dizê-lo, aquelle vice-rei não fazia sentir menos ao povo, que o poder de que se achava armado era absoluto e violento ; resentia-se talvez o seu character do systema de governo que então pesava duramente sobre a população, e as vezes esquecia Luiz de Vasconcellos a sua bondade natural, as suas disposições generosas, esquecia-se do seu proprio coração emfim, para mostrar que empunhava a bengalla de vice-rei, e em momentos de capricho ou de mão humor punha o arbitrio e a violencia no lugar da justiça.

Ora, se Luiz de Vasconcellos, o vice-rei querido, louvado e abençoado fazia dessas, podemos bem imaginar o que farião os outros !

E chorem lá por aquelle santo systema do *mando e quero*.

Aqui vai um exemplo do que podia o capricho e a violencia de um vice-rei.

Um dos montes da cidade do Rio de Janeiro tem uma ladeira que ainda hoje conserva o nome de um homem que viveu no tempo de Luiz de Vasconcellos. Porque não apontarei claramente o lugar uma vez que o facto não importou uma deshonra para a vietima ? O monte é da *Conceição*, a ladeira é a de *João-Homem*.

Um dia nas horas de mais ardente calma descia o vice-rei do monte da *Conceição* por aquella ladeira, quando encontrou a *João-Homem* que era levado em uma *cadeirinha* para o alto do monte : os dous escravos conductores da *cadeirinha* suavão em bicas ; porque *João-Homem* era gordo e pesado, e o calôr era intenso.

Luiz de Vasconcellos que vinha de máo humor, irritou-se vendo os escravos arquejando de fadiga : mandou-os parar, fez sahir da *cadeirinha* a *João-Homem*, ordenou-lhe que tomasse o lugar de um dos negros, obrigou a este a ir sentar-se dentro da *cadeirinha*, e lá foi o *senhor* ajudando a carregar o escravo pela ladeira acima (a)

(a) Este facto aliás referido com outras circumstancias é tambem attribuido ao vice-rei conde de Rezende : entretanto das informações que pude obter, e que com o maior cuidado estudei e comparei, fui obrigado á concluir, que Luiz de Vasconcellos e não o conde de Rezende deve carregar com a responsabilidade desta violencia.

— É para ensina-lo a ser mais humano : disse o vice-rei, e depois proseguiu em seu caminho muito contente de si.

Talvez que hoje alguns possam rir-se do tormento porque passou João-Homem; affirmo porém que naquele tempo nem o povo rio-se e nem João-Homem queixou-se ! . . .

Mas a que vem isto para a historia do Passeio Publico ? . . tendes razão : foi um incidente que não tem applicação ao caso ; eu porém me empenhava em impedir que se confundisse o juizo que fiz das qualidades pessoaes e dos serviços do vice-rei Luiz de Vasconcellos com o juizo que faço daquelle barbaro systema de governo, que abria espaço a tantos vexames, tantas violencias e tanta oppressão que envelecião o povo.

Vereis porém em breve que ainda mesmo na historia das obras do *Passeio Publico* não faltou uma amostra do poder arbitrario do vice-rei.

O mestre Valentim da Fonseca e Silva mal acabou de receber as ordens de Luiz de Vasconcellos, correu a trancar-se em casa, e pôz-se a meditar no plano das novas obras de que se achava encarregado, e com tanta felicidade e inspiração que poucos dias depois apresentou ao vice-rei o risco e os modelos de toda a parte architectonica do projectado jardim, que fôrão immediatamente approvados.

— Agora mãos á obra, mestre ! disse o vice-rei.

— Mas, senhor, observou Valentim, perdõe-me o que vou dizer, que não tenho em mente a menor hesitação

no cumprimento das ordens que recebo ; vejo porém que vossa excellencia tem comprehendido tantos e tão grandes trabalhos que não sei onde haverão recursos para executá-los todos : vossa excellencia faz milagres ; mas o dinheiro não abunda, e faltão-nos absolutamente os trabalhadores necessarios.

— Farei apparecer dinheiro e gente : fica isso a meu cuidado : vá mestre, multiplique-se e saiba que é minha vontade ver prompto esse jardim antes que eu seja substituido no governo do Brazil.

Não havia que replicar : o mestre Valentim sahio do palacio e foi logo procurar o seu amigo Xavier dos Passaros ou Xavier das Conchas.

Perguntais-me quem era esse homem que tinha não menos de duas alcunhas e que por ambas era conhecido ?..

Infelizmente não me é possível dar-vos a respeito delle informações completas e minuciosas : sei apenas que depois de Valentim era Xavier o artista mais engenhoso e delicado do Rio de Janeiro ; nem me é dado dizer-vos qual das provincias do Brazil pôde ufanar-se de ter sido seu berço patrio ; certo é porém que Xavier das Conchas era Brasileiro.

O motivo das suas duas alcunhas é que não ficou nem podia ficar esquecido, porque nunca houve alcunhas que assentassem mais, e que melhores testemunhos de sua significação deixassem.

Xavier tornára-se famoso pelos trabalhos delicadissimos de pennas de passaros, e ainda pelos de conchas

ue executava. Em uma ou outra das casas mais antigas do Rio de Janeiro conservão ainda pessôas de bom gosto algumas das obras primorosas desse homem notavel.

Foi a esse artista que o mestre Valentim se dirigio.

— Xavier, disse-lhe Valentim, não te venho dizer que nos vai chover dinheiro ; obra porém vamos ter de obra ; o vice-rei quer transformar a lagôa do Boqueirão em um jardim publico ; eis aqui o plano e o risco dos trabalhos de que estou encarregado : estás vendo as extremidades desta varanda dous pavilhões?..... aço-te presente delles.

— Para que ?

— Para orna-los, está visto, para que havia de ser?...

— Entendo : queres em um o Xavier das Conchas, e no outro o Xavier dos Passaros, não é?...

— Adivinhaste : faremos tudo muito brasileiro. ... muito brasileiro.....

— Oh lá ! tu o apaixonado das estrangeiras.....

— Em amor não ha patriotismo, Xavier. Venus nasceu no mar para não nascer em terra alguma ; mas vamos ao que importa ; posso contar contigo?...

— Que duvida !

— Era o que ou queria ; vai ao mato caçar passarinhos, vai á praia apanhar conchas, e... adeos.

Os engenheiros tratavão de dessecar e de aterrar a *Lagôa do Boqueirão* ; o outeiro das Mangueiras ia pouco e pouco sendo arrazado ; os artistas estavam justos, e à trabalhavão.

Pela sua parte Luiz de Vasconcellos cumpria a sua palavra, fazendo apparecer dinheiro e trabalhadores.

Eis-aqui como elle operou esse milagre.

As rendas da camara municipal erão pequenas, e, como o disse o proprio vice-rei, *poucas são as rendas da fazenda real*; mas a cidade abundava de vadios: que fez Luiz de Vasconcellos?... lembrando-se que pela carta regia de 8 de Julho de 1769 se mandára construir no Rio de Janeiro uma *casa de correcção, que sendo utilisima ficou em esquecimento, ao mesmo tempo que não deixava de ser bem projectada para se reprimir o vicio, promover o trabalho, e tirar da ociosidade uma especie de lucro e de ganho em utilidade daquelles mesmos que os desprezarão, por isso sendo impossivel fazer-se esta regulção, sem haver um edificio proprio que admittisse as seguranças que lhe são precisas, seguio o meio termo de mandar para a ilha das Cobras todos esses vadios que se encontravão em algum commisso, fazendo-os trabalhar nos seus officios, e passando o rendimento e producto das obras que se vendião para um côfre. (*)*

Além deste dinheiro recolhião-se tambem no mesmo côfre as quantias que pelos açoutes dos escravos pagavão os senhores no calabouço; e assim ia o vice-rei ajuntando boas sommas, que applicava ás diversas obras publicas, e especialmente ás do Passeio Publico.

O povo portanto era quem fazia á sua custa o jardim

(*) As palavras que ahi vão grifadas lêm-se no officio do vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza para ser entregue ao seu successor — Vide *Revista do Instituto Historico*, tomo 4.º, 1.ª série, pag. 25.

que devia mostrar-se no logar d'antes occupado pela *Lagôa do Boqueirão*.

O dinheiro estava por esse modo arranjado : os trabalhadores fôrão recrutados em grande parte pelo mesmo systema.

Luiz de Vasconcellos era de opinião, e elle o escreveu, que a cidade do Rio de Janeiro estava cheia de vadios : o que fazia dos vadios que tinham officio e que não trabalhavão, ja ficou dito ; dava-lhes um asylo forçado na ilha das Cobras, e os obrigava a exercer suas profissões em proveito das obras publicas ; aos vadios que não tinham officio mandou elle servir de trabalhadores no Passeio Publico. Erão trabalhadores barattissimos, pois que não recebião por salario senão o pão que os devia alimentar; o seu serviço era prestado como uma punição imposta á ociosidade.

Dizem as tradições do tempo que a prepotencia puzera então de mistura com os verdadeiros vadios muitos homens laboriosos, artesãos, caixeiros e empregados no commercio ; póde ser que haja exageração nessas noticias tradicionaes, se ellas porém não são exactas, attestão em todo o caso a oppressão do povo e despotismo do governo.

O certo é que o vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza operou o milagre que tomára a peito realizar ; fez apparecer dinheiro e trabalhadores, e tanto activou as obras que no fim de quatro annos vio abrir-se o Passeio Publico ao bom povo da cidade do Rio de Janeiro.

Adimira realmente que em tão pouco tempo se exe-

cutassem tantos trabalhos, cuja difficuldade e importancia ainda hoje podemos apreciar! Actualmente quatro annos serão apenas sufficientes para a resolução da obra, a encommenda, apresentação e approvação dos planos e dos orçamentos ; porque o primeiro anno empregaria o governo a considerar e reconsiderar a materia ; o segundo anno seria dedicado á escolha dos engenheiros e ao exame e estudo dos riscos e dos relatorios que elles apresentassem : durante o terceiro anno o ministro respectivo dormiria sobre o caso, e no quarto emfim depois de tres mezes de consultas, de cinco de hesitações de mais tres de duvidas inesperadas, chegaria o ultimo mez, no qual o ministro mandaria dar começo aos trabalhos, ficando um dia inteiro a admirar o esforço inaudito de sua patriotica actividade !...

Dizem que todas essas delongas administrativas que entorpecem o desenvolvimento material do paiz no Imperio do Brazil provém das condições do systema representativo. Não admitto semelhante explicação. Penso tambem que no governo absoluto é mais facil a prompta execução de qualquer projecto, porque o impulso parte de uma só vontade, e de uma vontade que não receia opposição, e que pôde cortar arbitraria e immediatamente todos os obstaculos ; e que pelo contrario, no governo representativo estudão-se as conveniencias publicas, pesão-se os recursos do Estado, consulta-se finalmente a nação, ouvindo-se os seus representantes para levar-se a effeito depois a idéa que se dezeja realizar : se não é assim, é pelo menos assim que deve

ser ; mas entre a demora imposta pela necessidade de se reflectir e de se consultar os podêres competentes, e a procrastinação soporisada que a prigiça e o desmazêlo determinão, ha uma distancia immensa, que só escapa aos olhos daquelles que nascêrão com a proveitosa sina de passar a vida inteira dando *apoiados* a tudo quanto dizem os bons e os mãos, e os pessimos ministros de estado.

Os administradores preguiçosos e desmazelados desculpão-se com o systema, como se desculpão em outros casos *com o que nunca se deverião desculpar*, porque mimosos como a sensitiva preferem o descredito do systema representativo e dos mais nobres principios a levarem um belliscão, qu e aliàs é indispensavel para arranca-los do somno que dormem, somno de arganazes no inverno.

Mas onde vou eu a discorrer sobre espinhos, quando me está chamando a apprazivel manção das flôres ? . . Nada mais de incidentes nem de divagações. Começo já a descripção do Passeio Publico do Rio de Janeiro tal qual elle se mostrou no anno de 1783.

O Passeio Publico no espaço que comprehendia representava um hexagono de lados irregulares ; tinha porém de frente na rua do seu mesmo nome cerca de oitenta e seis braças, e de fundo, do portão da entrada até o gradil do terraço, dando sobre o mar, setenta e quatro braças e sete palmos. Ficava-lhe a um lado, que era o da mão direita de quem entrava pelo portão, o largo da Lapa, e ao outro o largo da Ajuda, e, como apenas ficou indicado, corria-lhe pela frente a rua do

Passeio, que ligava aquelles dous largos, e no fundo terminava acima do mar por um elegante terraço, cuja base recebia ás vezes os beijos, ás vezes os embates violentos das ondas ou namoradas ou embravecidas.

Pelos tres lados que olhavão para a terra o *Passeio Publico* era fechado por um alto muro, interrompido em intervallos regulares por janellas com grades de ferro, e mais notavel pela sua robustez do que pela graça, que aliás devia ter.

No meio da face que concorreu para formar a rua do *Passeio*, rasgava-se o muro dando lugar ao portão da entrada, que era todo de ferro e firmado em dous pilares de pedra lavrada. Sobre o portão ostentavão-se as armas reaes portuguezas olhando para a rua, e no reverso dellas via-se um medalhão de bronze dourado com as effigies da rainha D. Maria I e de seu esposo o rei D. Pedro III, e ainda a epigraphie seguinte : « *Maria I et Pedro III, Brazili regibus 1783.* »

Do que fica exposto conclue-se que, embora tenham já passado perto de oitenta annos depois da abertura ou inauguração do nosso *Passeio Publico*, nenhuma modificação tem este soffrido nem em suas dimensões, nem em suas disposições exteriores.

Penetrarei agora no seio do jardim.

Uma rua principal nascia á entrada do *Passeio* e ia morrer entre duas pyramides e diante de uma pequena cascata, de que logo fallarei, deixando bem no centro do jardim e no meio do seu correr um limitado terreiro quasi circular com quatro bancos de pedra sepa-

rados por ella e por mais duas ruas lateraes que vinhão abrir-se no mesmo terreiro.

Diversas outras ruas largas e bem construidas corrião com aquellas para dividir-se o passeio em massiços de fórma regular cercados por gradaria de taboca e ostentando o thesouro de mimosos e floridos arbutos e a vegetação tropical representada por arvores que havião de ser, corpulentas e frondosas e que terião de oferecer sombra e frescor ainda nas horas calmosas do dia.

Ao tocar a rua principal o ponto que a terminava, um largo espaçoso se fazia ver, e ahi duas mesas de pedra abrigavão-se debaixo de um tecto de jasmims, e adiante dellas, e um pouco mais para o centro, mostravão-se dous pequenos lagos artificiaes, do meio de cada um dos quaes erguia-se uma pyramide de cantaria, que de cada face de sua base deixava correr uma penna d'agua com doce murmurio. Parallelos ás margens dos lados havião bancos de pedras.

Uma das pyramides tinha a inscripção « A Saudade do Rio. » a outra « Ao amor do Publico » Quem sentio a *saudade* e quem se lembrou do *amor do publico*, a que fôrão consagradas as duas pyramides, não me é dado dizer.

Alguns passos além das pyramides e fronteiro á rua principal levanta-se um outeiro artificial, vulgarmente chamado *cascata*, e que era allí o mais bello triumpho do mestre Valentim.

O outeiro fôra todo formado de pedras sobrepostas como ao acaso mas com admiravel effeito, rebentando de entre ellas ervas e arbustos apropriados ; algumas

aves graciosas feitas de bronze pousavão sobre as pedras e soltavão dos bicos agua crystallina, que se precipitava mais murmurante que ruidosa ; quasi na base do outeiro dous jacarés tambem de bronze, parecendo recrear-se entrelaçados fóra do seu ninho, mostravão-se soberbos, lançando pelas bocas abertas copia d'agua clarissima, que ia com a que deitavão as aves ajuntar-se em um tanque semi-circular que rodeava a cascata, e onde se reproduzião as imagens dos jacarés. Sobre o cume do outeiro emfim elevava-se um magnifico coqueiro de ferro, pintado ao natural, e tendo mais de vinte palmos de altura.

Antes de passar adiante, permittão-me que me vingue da aridez da minha descripção, conversando um pouco.

As duas pyramides dos pequenos lagos artificiaes bem poderião ter-se queixado ao vice-rei Luiz de Vasconcellos por não lhes haverem dado mais alguns palmos de altura. As arvores que junto dellas hoje se mostram orgulhosas, as abafão e amesquinhão, e acabaráõ talvez um dia por cobri-las com a sua cópa.

Em compensação o outeiro é uma grande obra de arte que não deixará jámais esquecer o nome do mestre Valentim.

Tambem o artista tomou a peito executar essa obra com verdadeiro primor. Foi Valentim que, depois de modelar aquelle grupo de jacarés, vendo que falhára a primeira fundição, quiz em pessoa dirigir a segunda que deu o resultado feliz, que é louvado por quantos entendedores e mestres o estudão.

O coqueiro de ferro tambem foi obra do mesmo mestre, que muito nella se esmerou para agradar ao vice-rei. Se a tradição não mente, aquelle coqueiro teve uma origem mysteriosa, e servio para abrandar o pranto da bella Suzana, que em sonhos chorára a perda da palmeira querida, á cuja sombra trocára juramentos de amor com Vicente Peres ; mas o grande coqueiro pouco tempo resistio ao furor das tempestades : o vento impetuoso quebrou-lhe os ramos, e tão estragado deixou-o que no principio do século actual o vice-rei conde dos Arcos o mandou arrancar e substituir por um busto de Diana em marmore.

Apezar de ser de ferro a arvore de amor cedeu ao Vento ! a moralidade da historia não pôde ser muito lisongeira para os namorados.

E infelizmente não foi sómente a palmeira que teve de desaparecer do formoso outeiro : as aves de bronze que pousavão sobre as pedras da cascata soffrêrão o mesmo destino. Como acabárão ellas ? . não me é possivel dizê-lo ao certo ; mas se em todo o caso exigis uma explicação, inventarei a que me parece mais verosimil, e que mais serve para absolver de uma indisculpavel incuria algum dos governos passados.

É ao conde dos Arcos que devemos lançar a culpa da perda daquellas aves graciosas ; para que mandou esse, que foi o ultimo dos vice-reis do Brazil, collocar sobre o outeiro a intrepida Diana ? . . . Diana, como todos sabem, é caçadora, e portanto caçou as aves.

Se não vos serve esta explicação, também não vos darei outra.

Já conversamos : vou continuar a descripção.

Do jardim podia-se subir para o terraço por quatro escadas de pedra, duas centraes e contiguas á cascata e as outras duas nos pontos extremos.

O terraço era espaçoso e cheio de elegancia ; mas as obras de arte que o enriquecião quasi que se sentião abater ante a magnificencia da natureza, que daquelle lugar se admira.

Entretanto aquellas obras não carecião de merecimento.

Logo ao chegar-se ao alto das escadas centraes encontrava-se por detrás do outeiro um menino que parecia querer voar e que segurava um kagado que vomitava agua em um barril de granito, lendo-se o distico *Sou util inda brincando* em uma faxa trazida pelo menino.

O terraço era avarandado e lageado de marmore ; uma grossa parêde o defendia dos ímpetos arrojados do mar ; um parapeito o cercava todo, tendo varios alegretes com flôres que entermeiavão differentes bancos de pedra commum, e ornando-se com vasos de marmore.

Nas extremidades do terraço levantavão-se dous pavilhões quadrangulares, ambos iguaes e semelhantes nas proporções e fôrma exterior, e distinguindo-se apenas pelas estatuas que os coroavão ; pois que o pavilhão do lado direito era dominado pela estatua de Apollo que vibrava a lyra, e o do lado esquerdo pela

de Mercurio com o caducêu. As arestas de um e outro são guarnecidas por simplês pilastras ornadas superiormente por vasos de marmore, dos quaes nascião ananazes de ferro. As cobertas são pyramidaes e de uma simplicidade agradável.

Iguaes e semelhantes no exterior, como disse, os dous pavilhões differião completamente nos seus ornamentos do interior.

O tecto do pavilhão da direita dividia-se em cinco grandes quadros, dos quaes o culminante era quadrado e os quatro lateraes trapesoides e todos elles enfeitados de arabescos, palmas e flôres, sobre fundo branco, tudo tão perfeitamente acabado, que produzia uma suave illusão, avultando o seu merecimento por serem as palmas, e flôres e arabescos formados de pennas de diversas côres

As sobre-portas do mesmo modo se mostravão ornadas de baixos-relevos de passaros do Brazil formados das proprias pennas delles; á meia altura das parêdes emfim apreciavão-se lindos quadros elypticos feitos a pincel, representando differentes fabricas e officinas do paiz.

No pavilhão da esquerda notava-se identica disposição nos ornamentos; estes porém são de outra natureza: nos cinco grandes quadros do tecto as conchas substituião ás pennas, e o fundo em vez de ser branco tomava a côr azul: nas sobre-portas vião-se baixos relevos de peixes dos nossos mares feitos com as suas proprias peles e escamas. Os quadros elypticos repre-

sentavão as maiores armadas que tinham até então entrado na bahia do Rio de Janeiro, o incendio de embarcações, e finalmente formosas vistas de sitios romanescos do litoral e do interior.

Todos estes encantos de arte gozavão-se tambem de noite ao clarão de oito lampeões trabalhados com esmero e collocados na extensão do terraço.

Em duas pequenas casas construidas dentro do jardim guardavão-se muitos outros lampeões, que servião nas illuminações das grandes festas publicas; mas depois da chegada da familia real ao Brazil, todos elles fôrão dalli tirados para se applicarem á illuminação do palacio e do largo do Paço.

Eis o que foi o Passeio Publico do Rio de Janeiro na sua época primitiva no tempo do seu fundador o vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza; o que em seguida elle passou a ser, tratarei de referir no proximo *passeio*.

Emquanto porém nos vamos recolhendo para casa, ouvi-me ainda duas palavras pronunciadas em tributo de gratidão á memoria dos dous artistas que mais concorrêrão para o nosso até hoje unico jardim publico da cidade do Rio de Janeiro.

Convém ligar o nome de Valentim, e de Xavier ás producções, que ao talento de cada um delles devemos, e depois de o ter feito, atirarei no meio de vós uma consideração um pouco séria e phylosophica, que aceitareis ou rejeitareis conforme fôr de vossa vontade.

O menino alado que segurava o quadro, e as estatuas dos pavilhões erão do mestre Valentim, a quem

se atribuem também os quadros elypticos, especialmente do pavilhão esquerdo, que passavão por primorosos. Todo o trabalho de pennas, conchas, e escamas pertencia ao Xavier dos Passaros ou das Conchas, e encantavão pela sua delicadeza e perfeição, chegando os baixos relevos a parecerem antes obras da natureza do que da arte.

Valentim e Xavier tinhão-se comprehendido e ligado pelo mesmo pensamento, e havião executado as suas difficilimas tarefas em tudo e por tudo muito *brazileiramente*, como propuzera aquelle mestre. Este facto, que hoje não teria uma grande importancia, era naquella época a manifestação de um sentimento nobre e generoso, que, por assim dizer, presagiava a independencia do Brazil.

A poesia e as artes começavão a quebrar o jugo colonial, e inspiradas pelo patriotismo lançavão no espirito publico os germens da nossa futura regeneração politica. José Basilio da Gama no *Uruguay* tinha já enriquecido a poesia com a originalidade, as imagens, as descripções, e a côr da patria; José de Santa Rita Durão ostentava-se mais brasileiro ainda no seu *Caramurá*, que elle escrevia pouco mais ou menos nos mesmos annos em que se executava a obra do Passeio Publico do Rio de Janeiro; dirigidos pelo mesmo sentir inflammados pelo mesmo amor o mestre Valentim e o Xavier das Conchas escrevião também os seus poemas especiaes e cheios de patrioticas idéas na cascata e nos pavilhões do Passeio Publico.

Os idealistas, ainda sem o pensar talvez, preparavão a revolução que, prematura e imprudentemente, quizerão realizar os poetas e patriotas de Minas-Geraes em 1789, e depois foi consummada pelos heróes do Rio de Janeiro e do Ypiranga.

Quem não enxergar nos poemas do Uruguay, do Caramurú, e depois no da Assumpção de frei S. Carlos, e nas obras de Valentim, de Xavier das Conchas e de outros artistas a independencia do Brazil, que no fim de alguns lustros passou dos cantos dos poetas e dos quadros e trabalhos da arte para os clubs dos politicos, não enxerga a luz da verdade e a origem real dos factos.

VIII.

O PASSEIO PUBLICO.

O primeiro dia em que se abriu o Passeio Publico aos habitantes da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, foi, como era natural, de jubilo e de festa para a população, e de justa ufania para o vice-rei, e para os artistas a quem era devida aquella abençoada obra; contraria-me não pouco a falta de informações fidedignas a respeito das festas que tiverão lugar então; porque não hesitaria em descrevê-las, se para o fazer me achasse habilitado.

Nem sei mesmo em que dia e em que mez do anno de 1783 foi passado esse aprazivel facto; mas bem podia ter sido o mez de Agosto, e no dia de S. Bartholomeu; porque pelo correr da noite rebentou uma tremenda ventania, que poz o mar em furia e a terra em susto.

O mestre Valentim, depois de receber os cumprimentos do vice-rei e de fartar-se com o seu amigo Xavier das Conchas de ouvir no Passeio Publico elogios ás suas obras, recolhêra-se á casa levando consigo o irmão-artista, o bom Xavier, para regalar-se com elle fazendo honra a uma excellente ceia que mandára preparar.

Os dous amigos tinham-se apenas sentado á mesa, e depois do primeiro prato enchido os copos de rubro e odorifero vinho, quando as janellas da casa batêrão com estrondo ao impulso do vento desenfreado, que começou a rugir como um tigre embravecido.

Mestre Valentim estremeceu e tornou-se pallido.

— Que é lá isso ? . . . perguntou Xavier.

— É a tempestade, murmurou Valentim.

— Que nos importa agora a tempestade ! . . . tens medo de ver cair sobre nós esta casa derribada pela violencia dos tufões ? . . . Ah ! reparo agora que ella não é de pedra e cal ; mas está sem duvida feita com bôas madeiras do Brazil e as nossas bôas madeiras valem pedra e ferro.

— E que tenho eu com a fortaleza desta casa ? . . . que mal me vai em que ella seja ou não derribada pelo vento ? . . .

— Essa é bôa ! então não havia mal em ficarmos ambos esmagados ? . . . que diabo é pois que te preocupa ?

— O meu coqueiro, Xavier ! o meu coqueiro ! esta ventania vai atira-lo da cascata abaixo ! é uma tempestade como nunca vi !

Xavier desatou a rir.

— Sim ; ri, ri, e bebe vinho : os pavilhões estão fechados, e o vento nem depennará os teus passaros, nem escamará os teus peixes ; não é assim, egoista ? . . .

Xavier ria-se cada vez mais, e comia e bebia sem lhe importar a tempestade.

— Mas quem disto tem culpa é o Sr. Luiz de Vasconcellos ! exclamou Valentim : quiz por força um coqueiro enorme sobre a cascata, um coqueiro artificial que lhe lembrasse uma palmeira, que elle bem podia maldizer, e eis ahí o resultado ! . . .

— Mestre, disse Xavier come e bebe, e deixa o

vento : por mais que te exasperes e grites, não o farás cessar : ceieiros, e amanhã iremos ver como passou a noite o coqueiro.

Valentim deixou-se finalmente convencer, e acabou por zombar dos seus proprios temôres : ceiou pois, conversou, rio-se e gracejou até depois da meia-noite, que foi quando Xavier lhe disse adeos e retirou-se.

A tempestade tinha completamente serenado ; a noite mostrava-se clara e fresca ; a lua brilhava no céu.

O mestre Valentim não se pôde conter : sahio de casa, penetrou no Passeio Publico por uma portinha que havia ao lado esquerdo perto do terraço, e cuja chave ainda tinha em seu poder : correu para a cascata, e soltou um grito de prazer vendo em pé, firme e sem a menor quebra e damno o seu delicado coqueiro.

Foi tão grande o seu prazer que partio logo em direitura á casa de Xavier, e bateu-lhe á porta com quanta força pôde.

Xavier dormia já a somno solto ; acordou porém sobresaltado levantou-se e abrindo uma janella, perguntou de máo humor o que delle querião a taes deshoras.

— Sou eu, Xavier, disse-lhe Valentim.

— Oh ! mestre ! que aconteceu ? . . .

— Uma felicidade : venho dizer-te que o meu coqueiro está salvo.

— Maldito seja o teu coqueiro, que te fez cortar-me o mais bello somno que tenho dormido em minha vida ! exclamou Xavier trancando a janella.

Valentim voltou para casa rindo-se ás gargalhadas da peça que acabava de pregar a Xavier.

Do que se passou no dia da abertura do Passeio Publico do Rio de Janeiro nada mais posso adiantar; contentem-se pois os curiosos com a noticia da tempestade, e do susto do mestre Valentim, que são factos positivos, embora de pouca importancia.

O Passeio Publico teve indubitavelmente a sua época de brilhantismo e de encanto no vice-reinado de Luiz de Vasconcellos e Souza; mas logo depois sobreveio-lhe um longo periodo de lamentavel desprezo durante o governo do vice-rei conde de Rezende, e em seguida experimentou ora insufficientes cuidados, ora um tristissimo abandono, até que finalmente agora vai reaparecer mais bello que nunca, segundo o apregôa a fama, graças a uma refôrma intelligente, artistica e digna da capital do Imperio.

Luiz de Vasconcellos amava tanto a sua obra como um pai ama a sua filha, e soube despende sempre com ella extremos cuidados; não se limitou a enriquecer o jardim com ornamentos interiores; engraçou-o ainda pelo exterior, fazendo abrir e alinhar bonitas ruas, por onde se pudesse ir ter a elle: foi assim que dispoz a rua que correndo pela frente do Passeio, tomou do Passeio o nome, sendo apenas de lamentar que em suas proporções tão estreita ficasse; e além da rua do Passeio a outra que cahe perpendicularmente sobre esta no ponto em que se mostra o portão e que então se chamou rua das *Bellas Noites* em vez de rua das

Marrecas, que é como hoje se chama. Abertas as ruas, o vice-rei promoveu nellas a construcção de casas, determinou e adiantou algumas edificações, que aliás não pôde concluir como tinha em mente, e emfim não perdeu occasião de excitar alegria e festas no seio do seu pequeno paraíso.

O povo procedia neste caso muito de accordo com o seu vice-rei, bem entendido, neste caso de accordo espontaneo e muito de coração; porque em todos os outros casos não tinha remedio senão mostrar-se tambem de accordo com elle, quer quizesse quer não; visto que não era admissivel, que um vice-rei alguma vez deixasse de ter toda a razão em tudo e por tudo; e pouco admira que naquelles tempos todos applaudissem o juizo infallivel do poderoso delegado do rei absoluto, quando ainda hoje são muitos os que piamente acreditão na infallibilidade temporaria daquelles que sôbem ao ministerio ou que vestem as fardas de presidentes de provincias. A theoria nem ao menos pecca contra os preceitos da *metaphysica*; porque a infallibilidade não está nos homens, está no poleiro, na influencia do poder, e até ás vezes simplesmente no feitiço do thesouro publico.

O povo tomou amor ao seu bello jardim desde o primeiro dia.

Ainda ha velhos a quem lembrão as festas brilhantes que alli se fizerão em 1786 em applauso do casamento do principe, que vinte e dous annos depois veio assentar o throno da monarchia portugueza na cidade do

Rio de Janeiro : illuminações, musicas e dansas apparatusas fôrão então executadas durante algumas noites no Passeio Publico, e não faltárão poetas que nessa occasião se fizessem ouvir inspirados no meio de enchentes de flôres... flôres vegetaes e humanas.

Além dessa, algumas outras festas publicas tiveram lugar no Passeio do anno de 1786 em diante, e a prova ficou no grande numero de lampeões que para aquelle fim se guardavão nas duas casas que se levantarão dentro do jardim, como já ficou dito.

Mas essas noites officiaes, embora deslumbrassem a população e lhe dessem fervorosa alegria, erão naturalmente de curta duração, davão ao Passeio Publico apenas uma vida artificial, e um encanto que não podia ser perenne.

Ora o que mais nos importa conhecer é a vida normal a animação de todos os dias e de todas as noites, que tinha aquelle jardim no tempo a que me refiro.

Quereis pois fazer idéa do que era para o povo do Rio de Janeiro o Passeio Publico naquella época, e ainda em outras posteriores, a despeito do desmazelo dos governos? Pergantai qual foi a origem da denominação de — *Bellas-Noites* — dada á rua que depois muito prosaicamente chamarão das *Marrecas*.

Aquelle nome « *rua das Bellas Noites* » queria dizer que o Passeio Publico fizera o povo do Rio de Janeiro gostar pouco da *lua nova*, e aborrecer a *mingoante*.

Porque?... eis-aqui todo o segredo desse desamor e desse aborrecimento por aquellas duas phases da lua.

Nas noites de brilhante luar dirigião-se alegremente para o Passeio Publico numerosas familias, galantes ranchos de moças, e por consequencia cubiçosos ranchos de mancebos, e todos depois de passear pelas frescas ruas, e pelo ameno e elegante terraço, ião, divididos em circulos de amigos, sentar-se ás mesas de pedra, e debaixo dos tectos de jasmíns odoríferos ouvião *modinhas* apaixonadas, e *lunduns* traveços cantados ao som da viola e da guitarra, rematando sempre esses divertimentos com excellentes ceias dadas alli mesmo.

Toda essa multidão contente e festiva tomava de preferencia para chegar ao Passeio Publico á rua que ficava e fica fronteira ao portão do jardim : a lua *crescente* ou *plena* brilhava no céu : os grupos docemente ruidosos de moças succedião-se uns aos outros ao longo daquella tão curta como afortunada rua : os cantos soavão ; sentia-se o prazer geral no concurso de todos para os mesmos innocentes gozos : oh ! que nome querieis que fosse dado a essa rua ?... que outro nome mais bem cabido do que o « *das Bellas Noites* ?... »

E como essas familias, aquellas moças e aquelles mancebos deixarião de desamar a lua *nova*, e aborrecer a *mingoante*, que erão as phases da lua menos propicias ás suas suspiradas reuniões no jardim ?...

Conversai com os nossos velhos, e ouvi-los-heis fallar das suas agradaveis noites, e das afamadas ceias do Passeio Publico com mais enthusiasmo do que vós outros fallais do vosso *cassino*, do vosso *club fluminense*, dos vossos jantares do Jardim Botânico, das vossas

festas de hoje, emfim, tão descoradas e tão fatigantes á força de serem tão cerimoniaes e tão calculadas.

E, notai bem, quinze dias ou antes quinze noites pelo menos em cada mez havia no Passeio Publico festa do povo, alegria do povo, reunião de familias, cantigas de moças e de mancebos, conversações animadas de velhos e velhas, versos lidos ou improvisados por poetas ou simples cultivadores do Parnaso, amôres puros nascidos ao som de suaves cantos, confiança e contentamento de todos, ruido, applausos, risadas, movimento e nunca uma desordem, e jámais um desaguisado, e ainda menos um arrependimento e remorsos. O véo da noite alli não favorecia o vicio, sómente facilitava os santos gozos da virtude.

E no entanto não apparecião lá para manter a ordem nem subdelegados, nem inspectores de quarteirão, nem permanentes, nem pedestres ! até não tinha ainda florescido na cidade do Rio de Janeiro o celebre Vidigal, que foi o *tuiú* do seu tempo ! (a) passava-se perfeitamente sem as providencias da policia : não havia desordeiros, porque subsistião os antigos costumes do povo, e, apesar do governo absoluto, o povo tinha moralidade.

A satisfação naquellas noites era geral : as noites fazião talvez esquecer os dias : os gozos puros erão de todos e para todos ; creio mesmo que as freiras da Ajuda

(a) Celebre official de policia, cuja actividade, zelo, e muitas vezes despotica sem-ceremonia deixárão uma fama que dura até hojé.

Provavelmente ainda terci de fallar do *Vidigal*.

passarião horas inteiras ás grades das janellas do seu convento estendendo os olhos avidos para apreciar com elles e de longe embora, os innocentes prazeres da terra que erão negados a ellas, pobresinhas, a pretexto de que poderião arredar os seus pensamentos do céo.

Ainda bem que nesse tempo os frades do Carmo não moravão ainda a poucos passos do Passeio Publico, como depois tiverão de ir morar, aliás duvido que resistissem compaciencia áquelle martyrió de Tantaló, de que puderão triumphar as freiras da Ajuda; porque emfim os frades não são freiras, e ás vezes tem suas fraquezas, e cedem á tentação do diabo, que em regra geral é mais feliz tentando os homens do que as mulheres.

Foi uma verdadeira pena que esse contentamento do povo da cidade do Rio de Janeiro não se fizesse sentir sempre o mesmo e inalteravel até o fim do governo de Luiz de Vasconcellos; infelizmente porém a conjuração do Tiradentes em Minas-Geraes, denunciada em Março de 1789 ao visconde de Barbacena, veio dar motivo a toldarem-se e ennegrecerem-se os ultimos tempos do vice-reinado daquelle notavel administrador do Brazil.

Luiz de Vasconcellos mostrou na perseguição dos conjurados a mesma energia e fervorozo empenho de que dera provas em todos os outros actos de sua administração; multiplicou os *segredos*, não abriu um só instante o coração á piedade, turvou o seu espirito com a suspeita, e procurando todos os vestigios, e todas as

possiveis ramificações da conspiração de Minas, encheu a cidade do Rio de Janeiro de receios atarradores.

A mão pesada do absolutismo ergueu-se terrivel e vingativa: tremêrão a um tempo innocentes e culpados; o povo não se lembrou mais de folgar e de rir, e as flôres do Passeio Publico logo começárão a murchar.

E ainda mal que o successor de Luiz de Vasconcellos e Souza mostrou sempre ser mais um vice-rei de espinhos, do que um vice-rei de flôres.

D. José Luiz de Castro, conde de Rezende, era um homem desconfiado, melancolico, violento e caprichoso, e portanto muito naturalmente deu pancadas de cégo com a sua bengala de vice-rei.

Estreou no seu vice-reinado recebendo o sinistro festejo de uma illuminação de máo agouro; porque apenas alguns dias depois de ter tomado posse do governo do Brazil, ardeu toda a casa em que a camara municipal celebrava as suas sessões, e que era na mesma praça do palacio em frente a este, no correr das casas dos Telles, ficando exactamente na esquina da actual rua do Mercado. O fogo que consumio a casa devorou tambem o archivo municipal, escapando sómente os livros e papeis que por casualidade se achavão em poder do escrivão da camara e do juiz de fóra.

O povo, que já andava triste, vio naquelle incendio um presagio funesto, e o conde de Rezende pareceu tomar a peito verificar o presagio.

O novo vice-rei foi uma verdadeira prága que cahio

sobre a cidade do Rio de Janeiro ; além dos males que fez, destruiu ou amesquinhou os beneficios que achou feitos : dissolveu a academia scientifica creada sob os auspicios do marquez de Lavradio, e perseguiu duramente os seus membros ; desprezou completamente o Passeio Publico, fundado por D. Luiz de Vasconcellos, condemnou-o a um abandono que o foi arruinando pouco a pouco, e julgou-se talvez por estes e muitos outros factos semelhantes um administrador modelo.

E o peor é que têm apparecido bastantes cópias desse modelo fatal !

O Passeio Publico do Rio de Janeiro entrára portanto definitivamente em uma época de decadencia.

D. Fernando José de Portugal, depois marquez de Aguiar, successor do conde de Rezende, nenhuma providencia tomou a favor do infeliz jardim publico, e nem ao menos soccorreu o coqueiro do mestre Valentim, que se ia desganhando e quebrando, e fazendo convencer a todos que os governos desmazelados são mais funestos do que os mais desabridos furacões e as mais furiosas tempestades.

Á D. Fernando José de Portugal succedeu no vice-reinado do Brasil D. Marcos Noronha de Brito, conde dos Arcos, a quem tambem o Passeio Publico não ficou devendo grande cousa : este vice-rei limitou-se a substituir por um busto de Diana em marmore o famoso coqueiro que assim perdeu o dominio da cascata.

A chegada da familia real portugueza ao Rio de Janeiro em 1808 não mudou a fortuna adversa do Passeio

Publico ; antes deu lugar a que se concebesse e idéa de se lhe oppôr um rival, e de feito mandárão-se encetar, os trabalhos necessarios para ser transformada em um jardim publico uma parte do campo então chamado de Santa Anna. O pensamento era louvavel e utilissimo sem duvida ; mas os cuidados que por algum tempo mereceu o novo passeio em projecto não devião fazer olvidar o passeio antigo já prompto e estimado do povo.

Não quero porém deixar de fazer completa justiça ao governo dessa época: se elle não cuidou sufficientemente, se não fez renovarem-se as tardes amenas e as bellas noites do Passeio Publico, ao menos não desprezou este estabelecimento, como os ultimos vice-reis o tinham desprezado.

Dous factos servem para demonstrar a minha proposição.

Encontrava-se naquelle tempo o illustrado carmelita frei Leandro do Sacramento, que era um Fluminense notavel por sua illustração, e um naturalista muito distincto, dando lições de botanica no Passeio Publico em um *edificio oitavado muito elegante* (diz o padre Luiz Gonçalves dos Santos) que para esse fim alli se construiu do lado do largo da Lapa.

Se o edificio oitavado é um dos que ainda se achão no Passeio, protesto contra a idéa da elegancia ; fosse porém qual fosse, applaudo a criação daquella aula de botanica, onde o nosso frei Leandro contava a historia do reino vegetal á sombra das arvores e no meio das flôres.

Foi uma aula de botânica que deu alguns excellentes discipulos, que depois vierão a ser mestres ; o Brazil perdeu ainda ha poucos annos um delles no Dr. Joaquim José da Silva.

Em 1817 reconheceu-se que o terraço do Passeio Publico se achava tão arruinado pela violencia dos embates das ondas, que não era mais possivel adiar a sua reconstrucção : tornára-se indispensavel pagar a incuria dos ultimos governos com uma despeza avultada.

Mettêrão-se mãos á obra.

O terraço teve de passar por uma refôrma geral e completa, e consequentemente fôrão sacrificados os pavilhões quadrangulares, e com elles as estatuas de Apollo e de Mercurio do mestre Valentim, e os delicados trabalhos de conchas, pennas e escamas do mestre Xavier.

É verdade que, segundo escreveu o padre Luiz Gonçalves dos Santos nas suas *Memorias do Brazil* « esperava-se que os novos mirantes que se havião de levantar tivessem os mesmos ornatos que os antigos » ; mas tambem é verdade que essa lisongeira esperanza não se realizou e até perdêrão-se os vestigios das estatuas do Valentim e dos passaros e dos peixes do Xavier das Conchas.

A refôrma tinha sido por certo determinada com a melhor intenção; como se vê, porém, acabou do modo o mais triste, com a profanação da arte.

No terraço ficou sómente intacto o *menino que segurava o kagado* ; talvez merecesse então piedade por ser criança; mas, coitadinho ! coube-lhe mais tarde uma sôrte igualmente lamentavel.

Taes fôrão os dous factos que marcárão no Passeio Publico do Rio de Janeiro aquella época, que aliás foi de tanto progresso para o Brazil : uma aula de botanica que pouco tempo durou, e que ainda assim produzio excellentes fructos ; e uma refórma que se pareceu muito com aquellas emendas que sahem peiores do que os sonetos.

Decididamente, desandava a roda da fortuna para o Passeio Publico ; porque nem lhe valeu a declaração da independencia do Brazil e o grão de capital do novo Imperio assumido pela cidade do Rio de Janeiro.

As *bellas noites* estavam de todo esquecidas : a rua que aquelle nome tivera, já desde alguns annos se chamava das *Marrecas*, em honra da fonte onde a agua corria dos bicos de cinco marrecas de bronze ; essa fonte porém nem mesmo era uma novidade ; porque a data da sua construcção coincide com a do Passeio Publico. A mudança do nome da rua teve pois outro motivo, que não foi senão o arrefecimento do amor pelo Passeio Publico, em consequencia do abandono em que este cahio desde o tempo do conde de Rezende.

Os tres ultimos vice-reis do Brazil tinhão conseguido vingar a *lua nova* e a *lua minguante* do desamor e do aborrecimento com que o povo as ultrajava : os seus nomes devem ser portanto lembrados com justa gratidão no mundo da lua.

Entretanto os annos fôrão correndo, e o Passeio Publico não se regenerava.

O reinado do primeiro imperador não foi de sensivel proveito para esse estabelecimento de recreio publico.

A minoridade do Sr. D. Pedro II ainda menos. Creio que a unica obra que então se fez no Passeio foi a substituição do gradil de taquaras que cercava os massiços por grades de ferro mandadas collocar pelo ministro Bernardo Pereira de Vasconcellos senão me engana a memoria. Se outras obras se executarão, fôrão taes quê não valem a pena lembrar-se.

Ah ! não !... ainda ha uma grande obra, e um grande annuncio official que não devem ficar esquecidos.

A obra consistio em mandarem-se arrancar as armas de D. Luiz de Vasconcellos e Souza, que no Passeio Publico recordavão e perpetuavão a lembrança do seu fundador.

Que idéa sublime ! mas para tornar esquecido esse relevante serviço prestado por aquelle vice-rei, era melhor mandar destruir o Passeio todo : e nem assim ! nem assim, porque a historia da patria subsistiria, e não ha poder humano que a destrua.

O annuncio official foi talvez ainda mais curioso.

Tinha soado a hora fatal para o menino *util ainda brincando*.

Um dia deu-se por falta do *menino*, e debalde o procurarão.

O pequeno não se escondêra para fazer travessuras à vontade, como criança que era : não batêra as azas nem fugira apesar de o ter feito alado o mestre Valentim.

Nada disso : o pobre menino com o seu kagado e a sua facha tinha sido victima de um roubo.

E que fez em tal caso o governo ?... annunciou que

« quem quizesse fazer outro igual e mais barato se apresentasse na administração das obras publicas ! »

O annuncio era inspirado pelo mais santo amor da economia ; mas nem o proprio governo sabia o preço por que pagára Luiz de Vasconcellos aquelle menino que acabavão de roubar ; entretanto a questão era da maior transcendencia financeira, e cumpre que aquelle annuncio fique registrado nos annaes da historia.

E lá se foi o pobre menino !

Além do ladrão, ainda alguem mais ganhou com esse facto escandaloso : foi Andrew Grant que na sua historia do Brazil confundio com um *passarinho* ó *kagado* que o menino segurava : depois do roubo de que fallo, podia muito bem Andrew Grant sustentar que o *kagado* que vira e estudára, tinha azas como um pato, e voava como uma andorinha.

A declaração da maioridade do Sr. D. Pedro II veio abrir uma época nova para o Brazil, e então o Passeio Publico mereceu durante algum tempo mais desvelada attenção.

Em 1841 o coronel Antonio João Rangel de Vasconcellos, sendo inspector das obras publicas do municipio da Côrte, não pode tolerar com a paciencia, de que outros derão exemplo o quadro lastimavel do Passeio Publico, e determinou melhora-lo.

Faltavão os recursos para grandes trabalhos ; mas Rangel de Vasconcellos tinha um coração patriota, e o patriotismo tem o dom de vencer todos os embaraços, quando se trata de servir ao paiz.

Entendendo-se com o ministro do imperio o dedicado inspector das obras publicas apprehendeu obras na verdade dispendiosas, e com sobras de outras verbas do serviço publico, poude realizar notaveis melhoramentos.

O terraço foi convenientemente melhorado e mostrou-se guarnecido por uma bella cortina entremeada de assentos paramentados de marmore e azulejos, e interrompida symetricamente por excellentes grades de ferro. Diversos ornatos augmentarão-lhe ainda a elegancia.

Os antigos pavilhões quadrangulares já destruidos em 1817 fôrão substituidos por dous torreões octogonos; mas neste ponto foi enorme a differença que se notou entre a obra do século passado e a que se effectuou em 1841. Em seu interior os torreões são pintados a oleo fingindo marmore, e nos tectos de ambos apparecem as armas nacionaes e eis tudo.

Ah mestre Valentin! ah Xavier das Conchas! . . .

Rangel de Vasconcellos tendo de renovar a varanda do Passeio, quiz render uma simples homenagem, aos antigos pavilhões levantando os dous torreões; porque faltarão-lhe os meios pecuniarios para dar aos pavilhões do Xavier das Conchas successores dignos delles.

Creio que se nisto andou errado o patriotismo, ainda peor se houve o governo em 1817 e que melhor fôra que este tivesse conservado intactas e ainda mesmo com todas as suas rugas de velhice aquellas obras do Xavier das Conchas.

Rangel de Vasconcellos restaurou no Passeio Publico as armas de D. Luiz de Vasconcellos que tinham sido arrancadas, fez apparecer igualmente a effigie de D. Pedro III e D. Maria I; conseguiu fazer voltarem a seus competentes lugares a *Diana*, o *Jupiter*, o *Mercurio*, e o *Apollo*, que d'antes figuravão no Passeio, e emfim apresentou no antigo posto um novo *menino util* com o inseparavel kagado, e com a sua facha e a sua divisa.

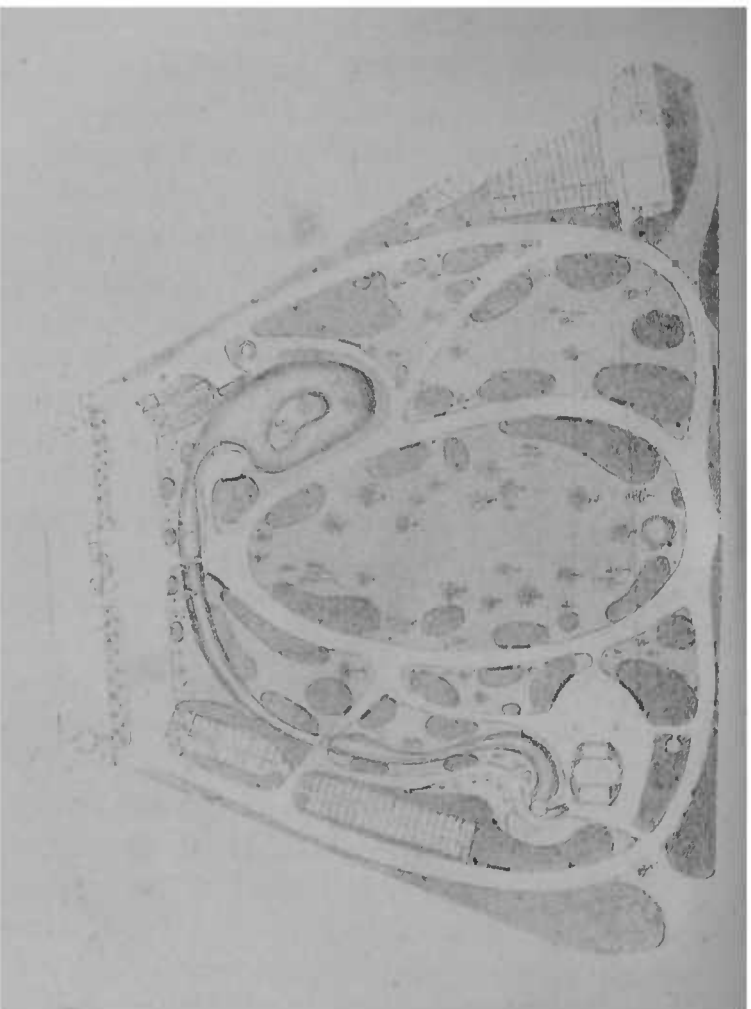
Se este *menino é igual* ao antigo, e sahio *mais barato*, não sei.

Ao engenheiro Rangel de Vasconcellos deve pois a cidade do Rio de Janeiro, além de outros, este importante serviço; como no entanto elle não teria melhora-do o Passeio Publico, se o governo não lhe permitisse fazê-lo, e não lhe desse ordens para isso, pertence tam-bem ao governo de então bôa parte da gloria, que por esses trabalhos, e por esse nobre empenho coube á Rangel de Vasconcellos.

Mas quando um governo realiza uma obra destas, descansa: Deos descansou no setimo dia depois de ter nos seis anteriores creado o universo: o governo pôde bem descansar no fim de longos mezes de trabalho.

E o governo não só descansou, como tambem dormio a somno solto a respeito do *Passeio Publico*: dormio.... dormio.... e dormio.

Até que acordou em 1860.



PLANTA DO NOVO PASSEIO PUBLICO.

IX.

O PASSEIO PUBLICO.

A administração publica do Brazil tem desde muito provado com a logica irresistivel dos factos um erro gravissimo em que se achão incursos todos os grammaticos e lexicographos; porque estes senhores pretendem que — *amanhã* — quer dizer *no dia seguinte, no dia immediato*, e ella em opposição foi e vai constantemente demonstrando que *amanhã* significa um periodo indeterminado que se póde estender por muitos annos, e mesmo algumas vezes até as calendas gregas.

Querem alguns que as honras de tão importante descoberta não pertencem á administração publica, e sómente á somnolenta preguiça, que foi quem fez o bello achado em uma hora deleitosa em que dormia nos braços do desmazelo; mas ainda protestão outros dizendo que fôrão os devedores insoluveis que ensinárão essa lição sublime que tanto desespera os credores.

Como quer que seja a *significação administrativa* que acabei de fazer notar tem infelicamente o defeito de arruinar muitas cousas já feitas, de deixar em meio outras que se devião acabar, e de esquecer ainda outras que era necessario que se fizessem.

O Passeio Publico do Rio de Janeiro é um exemplo tristissimo desse defeito da *significação administrativa* dada á palavra *amanhã*,

Tendo cahido em completa deslembração o Passeio Publico pedia compaixão com a voz suave das brisas que murmuravão com as folhas de suas arvores, bradava por soccorro com a voz irritada das ondas que rebentavão nas pedras defensivas do seu terraço, e a administração publica respondia sempre *amanhã ! amanhã !* e se a tal *amanhã* não chegava nunca, era sómente porque *amanhã* significa um periodo indeterminado que se pôde estender por muitos annos, e mesmo algumas vezes até as calendas gregas.

Está visto que sendo assim, não havia razão de queixa. Não era a administração publica que se descuidava; era a *amanhã* que não chegava.

Mas em resultado o descahimento e a ruina do Passeio Publico do Rio de Janeiro chegarão a taes proporções nos ultimos annos que a todos sorprendia vêr o abandono em que se deixava o unico lugar de refrigerio publico da capital do imperio.

Esse lamentavel e reprehensivel abandono foi perfectamente pintado em um ligeiro epigramma que ouvi a um amigo meu que tendo partido para a Europa em 1852, chegára de volta ao Brazil em 1860.

Passeavamos juntos eu e o meu amigo naquelle jardim publico alguns dias depois da sua chegada ao Rio de Janeiro.

— Que me dizes do nosso Passeio ?... perguntei-lhe.

O meu amigo sorriu-se e respondeu-me :

— Na vespera da minha viagem para a Europa vim aqui, e vi á entrada do Passeio um gato morto : estive

no velho mundo oito annos, voltei, e hoje encontrei ainda o mesmo gato morto no portão do Passeio.

Com effeito não podia ser maior o deleixo.

Um dia de chuva era de sobra para ficarem enxarcadas muitas ruas do Passeio.

Os massiços estavam cobertos de capim e de hervas ruins e as arvores de parasitas.

As grades dos jardins achavão-se despedaçadas.

Arvores preciosas e delicadas amesquiehavão-se e ião morrendo abafadas por outras que pouco ou nenhum merecimento tinham.

Dous pequenos tanques octogonos com pilastrinhas de marmore servindo de repuxos, que havião nos primeiros massiços da rua principal, e que não sei em que época fôrão feitos, estavam um quasi de todo e o outro completamente aterrados, destruidos, e ambos tão escondidos por debaixo de uma vegetação damninha que ninguem delles dava fé.

Os dous outros tambem pequenos tanques, de cujo seio nascem as pyramides, mostravão-se cobertos de verde limo e offerecião um aspecto repugnante.

As bellas grades de ferro do terraço, carcomidas pela ferrugem davão testemunho da incuria da administração publica, que para não gastar com ellas alguns mil réis por anno, deixava assim perder muitas centenas de mil réis.

A moralidade publica gemia resentida no interior do jardim.

Perto da pyramide — Ao Amor do Publico; — arran-

jára-se uma casinhola de taboas e coberta de zinco, onde se vendia café e sorvetes, tudo porém com uma tal negligencia, com exterioridades tão repulsivas, que o café e os sorvetes em vez de excitar o desejo provocavão o enjôo.

E fóra do jardim, aos pés e aos lados do terraço, de dia e de noite o ar se empestava com exhalações putridas provenientes dos despejos que se fazião.

É triste dizê-lo; tudo isso porém é absolutamente a verdade.

E o unico desses sinistros signaes de abandono que se podia apontar como antigo era o abuso inqualificavel dos *despejos* feitos na praia vizinha do Passeio Publico.

Um notavel viajante já tinha em época muito anterior tomado nota dessa triste prova de desmazelo municipal.

M. Abel du Petit Thouars; que sahira de França em Dezembro de 1826 na fragata *Venus* para fazer uma viagem em roda do mundo, chegára ao Rio de Janeiro em 1837, e visitando o nosso Passeio Publico, escreveu em sua carteira pouco mais ou menos o seguinte: « O lugar seria delicioso se na praia contigua não se fizessem despejo immundos, o que aliás se observa em todas as praias da cidade. »

A *Venus* do viajante francez fugio de certo espantada das vizinhanças do nosso Passeio Publico; mas a nossa camara municipal nem com o espanto da deosa dos amôres procurou destruir o abuso repugnante que afeiava a mansão das flôres.

Em 1859 a imprensa da capital clamou contra o des-

prezo em que se achava o Passeio publico, e repetidas vezes procurou despertar a administração, fazendo-se dessa arte echo das queixas do povo, como lhe ordenava o dever do seu ministerio.

Em Janeiro de 1860 emfim uma bôa e sympathica visita archiducal veio talvez dar motivo a que o governo voltasse os olhos para aquelle estabelecimento publico.

S. M. o Imperador honrava ainda naquella época com a sua presença algumas das provincias ao norte do Rio de Janeiro, quando aportou a esta cidade o archiduque Maximiliano d'Austria.

Os Fluminenses recebêrão com alegria o principe illustrado que já uma outra vez saudára a bella Nictherhoy, vesitára curioso o interior do nosso paiz, estudára sem prevenções os nossos costumes, e escrevendo em uma obra recommendavel as suas observações, de nós se occupára sempre sem azedume, quasi sempre com justeza, e algumas vezes com signaes de estima.

Sem theatros, sem galerias de bellas-artes, sem parques, sem monumentos, sem riquezas artisticas que occupem por momentos a attenção dos estrangeiros illustres que chegão á nossa capital, nós os Fluminenses appellamos para os thesouros da nossa grandiosa natureza, e envergonhiados da miseria das obras dos homens voltamos para o recurso que nos offerece a magestade das obras de Deos, e procuramos dirigir os passos dos nossos hospedes para os arrabaldes da cidade, onde se encontram ainda objectos dignos de admiração no pouco que nos resta do muito com que a Providencia Divina nos dotou.

E assim nós os Fluminenses batíamos palmas de contentamento, quando viamos o príncipe Maximiliano dirigir-se ao alto do Corcovado, da Gavia, e da Tijuca, e subir ainda o pitoresco morro de Santa Teresa.

Chegou porém um dia em que o príncipe deixou o caminho das alturas, penetrou no seio da cidade, dirigio-se pela rua das Marrecas, e entrando no Passeio Publico, foi subir ao terraço, donde poderia apreciar ainda uma vez a magnificencia da nossa bahia; mas ah! mal tinha o archiduque avançando quatro passos no recinto da elegante varanda e já com ambas as mãos levava o lenço ao nariz!...

O nosso vexame foi tão grande que um brado geral soou, e o governo não teve remedio senão acordar e olhar para o *Passeio Publico*.

O lenço levado ao nariz pelo príncipe Maximiliano d'Austria servio de motivo á novos clamôres da imprensa, e concorreu no seu tanto para que se determinasse a regeneração do nosso *jardim publico*.

O Sr. conselheiro Angelo Moniz da Silva Ferraz, que ficára na côrte encarregado da pasta do ministerio do imperio, comprehendeu que não se podia adiar por mais tempo a satisfação dos desejos do povo, e convidando para uma entrevista o Sr. Francisco José Fialho, conseguiu que este cidadão se encarregasse da obra da reforma do nosso Passeio.

A escolha do Sr. Filahô foi certamente bem aconselhada : além de todos os outros dotes que recommendão este nosso patricio, tem elle dado provas de um gosto

apurado e de muito amor pelas bellas-artes, e em relação ao mister de que se tratava era já de todos ou pelo menos de muitos conhecida a importancia e merecimento artistico das obras do parque ou grande jardim paisagista, que elle está fazendo executar em sua propriedade da rua de Mont'Alegre, sob o risco e a direcção do habil jardineiro francez M. A. Glaziou, parque ou jardim destinado ao recreio publico, como são os *Mabile*, *Chateau des fleurs* de Paris e outros das grandes cidades da Europa.

Não tenho conhecimento do contrato feito pelo governo com o Sr. Fialho ; anima-me porém a confiança de que este nosso compatriota desempenhará cabalmente a tarefa de que se encarregou, e de que nos dará com o valioso concurso do excellente jardineiro M. Glaziou um bello Passeio Publico.

Quero dar algumas idéas do que se projecta fazer, e se está com actividade realizando.

A planta apresentada ao governo, e por este approvada, representa um jardim no genero inglez, hoje admitido em todo o mundo como o mais natural, o mais livre, e que produz mais gradaveis e completas illusões.

O antigo systema de alamêdas em linha recta, e de massiços regulares e uniformes é completamente abandonado.

O cordel e o compasso não são consultados ; o olhar do artista e a sciencia da botanica são os grandes instrumentos deste trabalho. Esse olhar que nivella o terreno, destruindo-lhe as ondulações, que cria nelle

claros-escuros, divaga muitas vezes por muito longe dos limites fixados ao lugar da sua obra ; anda procurando perspectivas louças e encantadoras ; cubiça os panoramas longinquos, apodera-se delles, liga-os pela arte ao jardim que deste modo parece muito maior, illimitado mesmo.

O jardineiro paisagista é o rival do paisagista pintor: este faz representar em sua tela de algumas pollegadas o aspecto de um terreno immenso, vastas planices entrecortadas de rios, alcantilados montes, valles sombrios, e tudo emfim quanto a natureza creou. Aquelle corta, levanta, cava o terreno entregue á sua pericia, planta, e semeia onde convém cobrir o solo, ou onde é conveniente esconder o triste especto dos sitios ; copia em sua obra as obras da criação, aproveita ou improvisa rios e lagos, montes, outeiros, grutas, e bosques ; mas em sua cópia tudo é palpavel, tudo tem a sua vida especial, tudo brilha com as proprias tintas da natureza.

Não pensem que estou poetisando : repeti a lição de um mestre na matéria, e em breve teremos um exemplo deleitoso dessas idéas na reforma do Passeio Publico.

Os trez pensamentos que devem apresentar-se dominando nesta obra são a escolha de arvores e plantas formosas e raras ; o cuidado de reunir no limitado recinto do jardim diversos encantos da natureza, reproduzidos embora em ponto pequeno ; e emfim a observancia esmerada das leis da perspectiva na disposição das arvores, de modo que por entre ellas os olhos do observador vão espriair-se ao longe e gozar ainda muito além dos limi-

tes do Passeio os panoramas admiraveis de sitios pittorescos que aformoseão a cidade do Rio de Janeiro.

Logo á entrada do jardim, em frente ao portão, se estenderá um grande taboleiro de relva semeado de arvores e ornado de um pequeno tanque com um repuxo.

Ruas em linhas curvas e de extensões variadas se desenvolverão por todos os lados, e massiços multiplicados, diversos no tamanho e na fôrma, darão o encanto da variedade ; ostentando ainda grande riqueza de arvores ora em grupos, ora isoladas.

Ao lado esquerdo ver-se-ha uma bella rotunda para café, com sala e peristylo.

No mesmo lado levantar-se-ha sobre um outeiro um kiosque ou pavilhão rustico destinado ás bandas de musica.

Ainda do mesmo lado se mostrará um rochedo artificial, do alto do qual se precipitará uma torrente d'agua que alimentará um rio tortuoso, que irá formar ao lado direito do jardim um lago com suas ilhotas habitadas por cysnes.

Não muito longe do rochedo da queda d'agua, se lançará sobre o rio uma ponte rustica, e em frente do outeirinho dos jacarés do mestre Valentim uma outra ponte ; essa porém de mais custoso trabalho e no estylo da renascença, ou de ferro e em todo o caso imponente.

Ao lado direito erguer-se-ha um pavilhão imperial.

Algumas estatuas ; um lugar de repouso ornado de um rico vaso de Medicis e de plantas estimadas ; uma

abobada vegetal ; uma gondola veneziana no lago ; bancas de repouso ; taboleiros de relva, e muitas outras obras virão recommendar a refôrma do nosso Passeio Publico.

Muito me alegra ter ainda de accrescentar que o tanque e o outeirinho dos jacarés será conservado tál qual existe : apenas se arrancarãõ d'entre as pedras algumas plantas ruins que allí vegetão inconveniente-mente. Não sei se foi o governo ou o Sr. Fialho que teve essa bõa idéa, e que livrou-nos de testemunhar um crime de lesa-arte ; sei porém que M. Glaziou, o intelligente e habil jardineiro, tece os maiores louvores áquelle bem acabado trabalho do nosso Valentim e especialmente admira o primoroso grupo dos jacarés.

Os tanques das duas pyramidès terão de ser melho-rados ; estas porém ficarãõ intactas, e continuarãõ a mostrar-se como dantes, consagradas *Ao amor do publico* e *A' saudade do Rio*.

As obras da refôrma do Passeio Publico vão sendo executadas com diligencia e bõa vontade, e nas excava-ções feitas para se preparar o leito do rio notou-se que depois de algumas camadas de aréa e de barro, encon-tra-se uma terra, cujo aspecto e natureza indicão bem claramente que é o fundo da antiga lagõa do boqueirão.

Em seu começo os trabalhos de que se incumbio o Sr. Fialho provocárão reparos da parte de algumas pessõas que virão com um pezar bem explicavel serem derribadas não poucas das antigas arvores do Passeio Publico.

Concebe-se por certo que devia causar uma impressão desagradavel o sacrificio de arvores, á cuja sombra se descansou tantas vezes em horas de ardente calma : comprehende-se ainda mais aquella impressão dolorosa , quando nos lembramos do nosso clima e de que vivemos em uma cidade nua de arvores, e de jardins publicos.

Mas um exame reflectido e a observação do que se está fazendo no Passeio Publico devem dissipar os reparos e essa impressão desfavoravel.

Primeiramente, desde que foi approvada a planta do novo jardim, e que se entrou na execução deste, tornou-se inevitavel sacrificar alguma cousa do que existia ao systema que se ia empregar, e parecerá a todos sem duvida preferivel antes a perda de um certo numero de arvores, aliás de pouco valor, do que a mutilação do plano do jardim, e o abandono dos preceitos da perspectiva, que de tão essencial importancia se mostram em obras dessa ordem.

Além disso, cumpre notar que as melhores arvores que se mostravão no Passeio Publico fôrão respeitadas; de muitas apenas se cortarão os ramos que amesquinhavão outras mais delicadas e preciosas, que á sombra não podião medrar : algumas ainda nem merecião a posição que occupavão no nosso jardim.

As arvores do Passeio Publico crescerão e desenvolverão-se livres de todos os cuidados da arte : era uma reunião de vegetaes creados sem educação, sem amôr e sem direcção e escolha regular. Alguns ou muitos dos

mais possantes atropellavão e asfixiavão outros quasi sempre mais estimaveis : encontrarão-se plantas e arvores raras enfermas e quasi mortas , e que hoje se mostram já animadas e cheias de vida.

Observa-se especialmente uma palmeira muito preciosa que, achando-se de um lado abafada por algumas arvores corpulentas e por uma folhagem densa e cerrada, revoltou-se contra essa prepotencia vegetal, e procurando a luz, que era para ella a vida, dobrou-se toda, para o outro lado, perdeu a posição perpendicular em que naturalmente devia mostrar-se, e, por amor do sol, apresenta-se hoje inclinada, como a torre de Pisa.

Não tenho em mente nem poderia fazer uma descripção completa do novo jardim que se nos prepara : quiz apenas dar uma idéa da obra em que se está trabalhando e contento-me com o que acabo de dizer sobre este ponto.

Mas além desta grande refôrma no interior do jardim consta-me ainda que o governo vai mandar substituir o triste e pesado muro do Passeio por grades de ferro, que o engraçaráo muito mais, e que então a rua do Passeio, que tem actualmente quarenta e cinco palmos de largura, roubará ao jardim mais vinte e sete palmos, e ficará pelo lado deste flanqueada de arvores, que estão em muito bom estado.

Não se deve lastimar essa porção de terreno de que tem de ficar privado o Passeio, pois que com ella se aformoseará a rua que pela frente lhe corre ; mas por

que não ha de o governo pagar ao jardim o espaço que vai d'elle tirar, quando isso tão facil e tão conveniente parece? ..

Do canto mais saliente do muro do Passeio até a igreja dos carmelitas ha vinte e cinco braças e dous palmos, cujo fundo até ao cáes orçará talvez por cincoenta braças : a reunião desse terreno ao nosso jardim publico pouco dinheiro deveria custar ao governo, e ao Passeio, que tão pequeno e acanhado é, daria mais algumas proporções.

E é indisputavel que seria um grande erro deixar incompleta a reforma do Passeio Publico por uma consideração de falsa economia de alguns contos de réis.

Não é sómente esse augmento de terreno que deve ser determinado pelo governo : ha ainda outras despezas que não se pôdem dispensar.

Porque, por exemplo, hão de ficar no seio do jardim aquelles dous antigos pavilhões octogonos que não tem nem a elegancia, nem as condições artisticas necessarias para que possam achar-se de harmonia com os trabalhos que vão ser executados?... nao é justo substitui-los por outros que melhor se recommendem?...

Assevera-se que não se tocará no terraço do Passeio.

Mas nesse caso subsistirá aquella grade de ferro enferrujada e arruinada : era uma grade excellente e a deixarão perder-se por incuria ; agora porém está tão estragada que necessariamente deve ser substituida.

E aquelles torreões octogonos das extremidades da varanda ficarão sempre representando um contraste

com os dous antigos e quadrangulares em que se extremou o Xavier das Conchas ? . . . Pois não ha ali algum artista que nos venha provar que se póde fazer alguma cousa naquelle genero architectonico, e cousa que feche a boca aos velhos, e que não os deixe tirar da comparação do seu com o nosso tempo uma consequencia que nos obrigue a abaixar os olhos ?

As refórmas que se fazem por metade, as refórmas incompletas ficão sempre mancas e defeituosas, e no caso daquelles janotas-caricatos, que se apresentam de casaca nova, calça em estréa, e botins rotos, e chapéo velho e amolgado

Não perca o governo o ensejo que se offerece para regenerar completamente o nosso Passeio Publico. Desaproveitada despresada esta occasião quando se apresentará outra ? . . .

E o tempo urge : o Sr. F. J. Fialho declarou que a sua tarefa se cumpriria a tempo de ser de novo aberto o Passeio Publico no dia 2 de Dezembro do corrente anno : a administração publica tem obras a executar alli por sua conta, e se, como deve, tomar a peito ainda outros trabalhos, quaes os que acabei de propôr, ou ha de quanto antes metter mãos á obra, ou deixará trancado o portão do Passeio no dia 2 de Dezembro, e o Sr. Fialho sem poder cumprir a sua palavra por culpa alheia.

Se o governo se esquecesse neste caso da significação administrativa dada a *amanhã*, a população da capital ficar-lhe-hia agradecida.

Mas . . .

Observo agora, e infelizmente bem tarde, que tendo começado este *passeio* em recordações de annos passados embora proximos, acabei-o além dos horizontes que nos separão do futuro, fazendo uma ligeirissima historia do jardim publico que ainda havemos de ter.

Passei por um jardim que ainda não existe !

Transpuz os limites que marquei aos meus *passeios* : abusei da paciencia dos bons amigos que me acompanhão nelles.

Foi um erro, confesso : estou arrendido, e imponho-me o castigo de perder o trabalho que tive.

Fação de conta que hoje não houve *passeio*.

X.

CONVENTO DE SANTA THEREZA.

Nos meus anteriores *passeios* já vos occupei bastante com a longa historia de um palacio e de um jardim. No palacio vimos os grandes da terra, um governador, alguns vice-reis, uma rainha, um rei, dous imperadores, princezas e principes ; vimos a phalange lisongeira e inconstante dos cortesãos, phalange que, á semelhança do mar, tem o seu fluxo e refluxo, porém irregulares e só determinados pelo annuncio da prospera ou adversa fortuna da realza ; ouvimos o ruído das festas, e emfim tambem os echos das estrepitosas lutas politicas que vinhão retumbar em suas salas.

No jardim vimos o povo, a multidão, artistas avidos de gloria, os folguedos, gozos innocentes, as flôres e quadros prazenteiros ; ouvimos cantos, testemunhámos os risos suaves da prosperidade, as contracções dolorosas da decadencia, e a alegria esperançosa da regeneração.

Basta por ora de scenas animadas pelo movimento, pelas solemnidades e pelo encanto ardente da vida ruidosa do mundo : vamos procurar painéis differentes e sensações de outra natureza em algum daquelles piedosos asylos, onde o silencio é apenas quebrado pelo brando susurro das orações ou pelas harmonias de um côro religioso.

Quero levar-vos hoje ao mosteiro das freiras carmelitas reformadas, ao retiro melancolico das filhas de Santa Thereza.

Vamos pois subir tanto quanto fôr preciso áquelle pittoresco monte ; não vos guiarei porém por nenhuma dessas novas ruas que o trabalho intelligente do homem civilisado tem aberto pelas encostas do morro com um declive suave e insensivel, e bordado de casas de campo e de jardins galantes. Terei de contar-vos daqui a pouco uma historia do passado, que iria mal se fosse referida por entre as flôres e as galas da actualidade.

O monte em que está situado o convento que vamos estudar não é mais o que era d'antes nem no nome, nem nas condições, nem no aspecto. Chamou-se *morro de Nossa Senhora do Desterro* desde o principio do século decimo setimo ; no fim do decimo oitavo, porém, trocou esse nome pelo de *Santa Thereza*, que lhe deu o convento.

No outro tempo, — e o outro tempo ainda era apenas a cem annos passados — . os grandes da cidade e os negociantes ricos tinham as suas chacaras na então estrada, e mais tarde rua de Matacavallos, e em outros sitios vizinhos, e o monte de Nossa Senhora do Desterro era uma solidão immensa, e mostrava-se coberto de florestas, onde sómente penetravão caçadores animosos a quem não fazião recuar os casos sinistros de ataques de quilombolas.

Hoje o morro de Santa Thereza está encravado no seio da cidade, como uma esmeralda em um enorme diadema : é ainda um saudavel e desejado retiro, por

que o rumor incessante da multidão que remoinha no valle não pôde chegar até aos asylos tranquillos de suas alturas; e porque a sua atmosphaera deleitosa e pura contrasta com as ondas quentes e pesadas do ar que no valle se respira; não é mais uma solidão como outr'ora, é ainda um suburbio da cidade; mas a cidade quasi por todos os lados o cerca, e vai pouco a pouco subindo por elle como uma insaciavel conquistadora.

É daquelle tempo de outr'ora que principalmente vos occuparei; deixemos pois as novas e bellas ruas abertas ainda hontem, e subamos de preferencia pelo antigo *Caminho do Desterro*, que depois se transformou em *Ladeira de Santa Thereza*, ladeira ingreme, demasiado fatigante, e que muito mais penosa seria se, á cada passo que vai subindo, o homem não tivesse ao lado direito um encanto que lhe occupa o ouvido, no murmurinho da corrente da Carioca que desce pelo encanamento, e ao lado esquerdo mil encantos que lhe disputão os olhos, no quadro formoso e variadissimo da bahia do Rio de Janeiro.

Não temos necessidade de subir muito: o convento de Santa Thereza alli está; voltai-vos á direita, levantai a cabeça, ahi o tendes. Foi um piedoso retiro, e ao mesmo tempo uma prisão tristissima: é em todo o caso um anachronismo de pedra e cal; mas tambem em todo o caso foi santa a sua origem, e o mosteiro pôde-se dizer a flôr mística nascida de uma vocação sublime.

Esperai um pouco: não nos aproximemos ainda do convento; sentemo-nos em frente delle nestas pedras,

e, antes de encetar a sua historia, começemos pela recordação de uma ermida que o precedeu.

Naquelle mesmo lugar em que se levantou e ainda hoje se vê o mosteiro das religiosas carmelitas reformadas existia d'antes uma simples e pequena ermida, consagrada a Nossa Senhora do Desterro.

A antiguidade dessa ermida excede a éra de 1629: não se sabe ao certo o anno da sua fundação ; ao menos porém conservarão as memorias daquella época o nome do bom catholico, a quem se deveu esse templozinho que se mostrava no seio do deserto, como um santelmo da fé no meio da solidão tenebrosa. Foi Antonio Gomes do Desterro o fundador da ermida, que mais tarde teve de transformar-se em um mosteiro de freiras.

Mas as circumstancias e motivos que derão lugar á mudança do nome do monte e aos novos destinos da ermida não pôdem arrancar da historia do Rio de Janeiro a sua nobre recordação.

O anno de 1710 gravou naquelle sitio pittoresco a lembrança honrosa de um bello feito.

Foi alli na subida do monte do Desterro que se postou uma columna de bravos para disputar o passo aos soldados francezes commandados por Duclerc, que vinhão investindo contra a cidade, e foi alli que esse punhado de valentes fez provar aos audaciosos inimigos invasores uma das primeiras refregas precursoras da sua completa derrota. O sangue dos guerreiros, que então correu, deixou marcado o theatro de uma acção gloriosa, e lavrou a carta de nobreza do monte.

Quatro annos depois, em 1714, alguns religiosos de S. Theresa, mais conhecidos por frades Mariannos, vierão da cidade da Bahia á do Rio de Janeiro com a intenção de estabelecer nesta um convento, e fôrão hospedar-se na ermida de Nossa Senhora do Desterro.

Em semelhante andar a ainda muito limitada Sebastianopolis ficaria bem cedo mais enriquecida de conventos do que certas cidades da Hespanha : já havia realmente riqueza de mais nesse genero dentro dos muros da cidade de Mem de Sá.

Os habitantes da Sebastianopolis poderião então sentir falta de tudo, menos porém de frades, pois que contavão já quatro casas bem povoadas de religiosos, a saber : o collegio dos Jesuitas, e os conventos de S. Bento, do Carmo, e de Santo Antonio ou dos Franciscanos : tão satisfeitos estavam com o que tinhão, que não desejavão mais ; recebêrão portanto sem enthusiasmo, e antes com desanimadora frieza, os padres Mariannos, que sem duvida resentidos de tão grande ingratição, fizerão-se de volta para a Bahia no fim de dous annos, deixando outra vez solitaria a ermida de Nossa Senhora do Desterro.

Evidentemente Santa Thereza não se tinha mostrado muito propicia aos religiosos que com o seu nome se honravão ; talvez porém que assim procedesse por uma justificavel parcialidade pelo seu sexo ; porque já a esse tempo a Santa reformadora da ordem carmelitana bem podia do alto do céu estar vendo no berço de uma menina de pouco nascida o calix mimoso da flôr mais pura

e fragrante dos seus jardins deste mundo, e nessa menina a predestinada para ser a fundadora de um mosteiro que a ella seria consagrado.

Adivinhais que toco emfim a origem do convento que temos diante de nós, e que vou fazer-vos ouvir a historia da mulher notavel que o fez levantar.

Essa historia se apresenta com as proporções de uma lenda, e falla portanto mais ao coração do que á razão, e mais á fé do que ao raciocinio. Não é uma tradição popular, que se escuta sorrindo, e com disposição prévia para descrê-la ; é nada menos que uma historia authenticada com o testemunho do padre José Gonçalves, que a escreveu, e que a devia saber perfeitamente, porque era irmão da piedosa senhora de quem vou fallar, e ainda com o testemunho jurado de Fr. Manoel de Jesus, religioso carmelita descalço, que foi o confessor dessa mesma senhora.

Balthazar da Silva Lisbôa perpetuou nos seus *Annaes do Rio de Janeiro* a relação minuciosa da vida, soffrimentos e feitos da fundadora do convento de Santa Thereza, e as freiras desse mosteiro conservão ainda por certo e religiosamente um manuscripto em que com muito detalhe tudo isso se refere.

Deos me perdõe se estou em erro não acompanhando nem o padre José Gonçalves, nem Fr. Manoel de Jesus, nem Silva Lisbôa no juizo que fizerão sobre aquella exaltadissima donzella, e na credulidade, a meu vêr pueril, que os levou a encher de absurdos e de ridiculos episodios a historia que escreverão.

A verdade não pôde estar nem no sarcasmo do incredulo que zomba da viva flamma de um santo enthusiasmo, nem na cegueira de certas crenças que por absurdas se desfazem, ou por grosseiras se rejeitão ao primeiro intuito.

Não posso, não devo tratar deste assumpto com ligeireza e tom brincão : terei de fallar-vos de um enthusiasmo, de uma fé e de uma vocação que se acendêrão na alma de uma mulher desde os seus annos de primeira infancia. A criança é neste caso veneranda como um velho, e talvez que brilhe nella ainda mais puro um raio da luz divina, porque as crianças são anjos.

Na historia da fundadora do convento de Santa Thezeza do Rio de Janeiro não me farei écho dos absurdos que li ; mas que razão terei para regeitar ou calar o que encontrei nella de extraordinario ?

A mulher não raciocina fria e vigorosamente como o homem ; sente porém melhor, e imagina com mais ardor que o homem: excedendo-o no sentimento, excede-o por isso mesmo sempre no amor ; sobrepujando-o na imaginação, sobrepuja-o por isso mesmo sempre no enthusiasmo. O segredo desta superioridade está provavelmente na enervação delicadissima da mulher.

Dai a uma mulher uma sensibilidade excessiva, o que é facil pela sua propria organização ; levai o seu amor e o seu enthusiasmo ao extremo, e vê-la-heis heroína ou inspirada : heroína affrontando os perigos e a morte com o sorriso nos labios ; inspirada cercand-

se de uma auréola sobre-humana, vendo e ouvindo o que não vos é dado ouvir nem ver : passa-se realmente o que ella vê e ouve ? . . . não podeis como philosophos dizer que sim ; mas quem vos autorisa a dizer que não ? .

Appellais para a razão ? . mas a razão humana é limitada, e tudo quanto Deos pôde fazer por uma creatura, nem vós podeis comprehender, nem vos é licito negar.

Ha sem duvida illusões filhas do exaltamento da imaginação e do sentimento ; mas no meio dellas ha tambem a grande verdade que acende o enthusiasmo e o amor ; ha o arrebatamento da alma em um santo fogo, que é a inspiração ; ha prodigios que o espirito humano observa e não explica ; ha emfim mysterios cuja decifração pertence sómente a Deos.

A impostura, o charlatanismo e a hypocrisia, procurão ás vezes arremedar a inspiração : a prudencia convida-nos portanto a desconfiar do que nos parece extraordinario, e a critica examina os factos antes de aceita-los ; mas, como observa Lamartine, a critica lança-se por terra diante da sinceridade de uma criança.

Escutai pois a historia um pouco extraordinaria da piedosa fundadora do convento de S. Thereza.

No anno de 1715, e aos 15 de Outubro, exactamente no dia em que a Igreja celebra a festa daquella santa reformadora da ordem dos Carmelitas, nasceu na cidade do Rio de Janeiro uma menina, que na pia baptismal recebeu o nome de Jacintha. Fôrão seus pais José

Rodrigues Ayres, natural do Porto, e Maria de Lemos Pereira, natural desta cidade de S. Sebastião.

Desde os mais tenros annos a menina se fez notavel por um precoce desenvolvimento de intelligencia, por uma facil e grande percepção, por uma imaginação vivissima, e naturalmente tambem por uma exquisita e excessiva sensibilidade. Diz-se que era pallida e bella, e tão nervosa, que ainda muito cedo começou a experimentar crueis soffrimentos, que a medicina poderia bem attribuir á exaggerada predominancia daquelle temperamento.

Jacintha, apenas tinha deixado o berço, e principiado a comprehender o que ouvia, foi logo sugeita a uma educação toda religiosa : ainda fallava mal e já repetia de cór as suaves orações da Igreja, adormecia á noite escutando lendas e historias de santos, e de manhã acordava alegre para acompanhar seus pais a ouvir missa. Trazia ao pescoço uns bentinhos com a imagem de Nossa Senhora, que sua mãe lhe dera, dizendo-lhe que por elles ver-se-hia sempre livre de perigos e desgraças.

Entre as lendas que com interesse e prazer ouvia, é provavel, ou pelo menos muito possivel que Jacintha tivesse ouvido tambem a historia de Santa Thereza, a santa do dia do seu nascimento, a sua advogada de predilecção, e por quem chamava sempre que um temôr a assaltava ou que uma dôr vinha atormenta-la.

Assim, pois, a educação ligava-se com a organização dessa menina para acender-lhe o enthusiasmo na alma e o amor no coração.

E o entusiasmo e o amor bem depressa se inflamarão.

Aos oito annos de idade, ou ainda muito mais cedo, se se deve acreditar nos padres cujo testemunho lembrei, já era mais contemplativa e meditabunda do que se podia esperar em uma criança : em suaves visões que a deixavão em prolongados extasis, via ás vezes Nossa Senhora, ás vezes Santa Theresa, que lhe appareção e lhe fallavão.

Quem tem idéa dos costumes e do sentimento dos ultimos séculos, conceberá facilmente que fôra impossivel que com as historias de santos que se contavão á menina não se misturassem tambem contos sinistros de appareições e perseguições do diabo animado pelo desejo de levar á perdição os peccadores a quem tentava.

Naturalmente Jacintha com imaginação tão exaltada, e ao mesmo tempo com sua infantil credulidade, teve de tremer mil vezes em face do demonio perseguidor.

Um dia em que voltava da escola, Jacintha sentio-se arrebatada junto da igreja do Rosario, e immediatamente arrojada e submergida em uma lagôa que perto havia : a pobre innocente nesse dia não trazia ao pescoço os seus bentinhos ; fez porém o signal da cruz, e achou-se logo sobre a agua ; bradou por Santa Theresa, que lhe appareceu de subito na figura de uma menina formosa e estendendo-lhe as mãos, tirou-a da lagôa.

Mais tarde era pelo inimigo tentador atirada do alto da barreira do morro de Santo Antonio, e cruelmente apedrejada ; mas logo salva pela santa da sua devoção.

Em outro dia scena igual se passava com ella na barreira chamada de Santa Rita, e uma porção de barro que se despegára, como que a encerrava em uma sepultura; mas ao seu primeiro grito acode Santa Theresa, ainda na figura de formosa menina, que a arranca do abysmo, e senta-se com ella, falla-lhe, e ouvindo-a lastimar-se da perda de algumas pedras de um broche que trazia, toma-lhe o broche, corre sobre elle os dedos e de novo lh'o entrega perfeito e com as pedras que faltavão.

Como estas, muitas outras visões teve Jacintha, e por outros duros casos de perseguição do demonio disse ter passado. Mentia ao dizê-lo? Com que fim e movida por quem?... não havia mentira nem realidade: havia o exaltamento das idéas, a imaginação, o enthusiasmo creando todo esse mundo em que fazião viver essa menina extraordinaria.

Á medida que os annos ião passando, augmentava a devoção, multiplicavão-se as visões e os extasis, demonstravão-se mais fórtes os soffrimentos nervosos, e começava a mais austera penitencia para a menina.

Jacintha ainda nãoera moça, e já com repetidos jejuns e com o tormento dos cilicios se martyrísava: passava de noite longas horas em orações, e dava o exemplo de uma angelica paciencia, chorando a morte de seu pai sem levar a dôr ao desespero.

Moça emfim e bella, como fôra galante criança, nenhum mancebo tocou-lhe o coração, que era sómente de Deos: a donzella tinha desde muito escolhido o seu esposo, e abrazava-se de amor por elle: era uma noiva

de Christo, e desejosa de consagrar-se toda ao esposo amado, pensou no retiro religioso, em que o amor e os gozos fruem-se em orações e penitencia.

Jacintha desejou entrar em um convento.

A mãe da piedosa donzella oppoz-se aos desejos da filha, creou-lhe obstaculos e difficuldades, negou-lhe a sua permissão e exigio obediencia. Jacintha obedeceu sem queixar-se ; mas guardou inalteravel e firme a sua resolução, e não continuou menos no exercicio da penitencia a mais austera e constante.

As visões e os extasis reproduzião-se frequentemente.

Entre outras, uma vez Jacintha vio apparecer-lhe Jesus curvado sob o peso da cruz, olhando-a com amor, e logo depois tirando o lenho sagrado para descansa-lo por momentos sobre os hombros della.

Na razão directa da exaltação do espirito augmentavão tambem as enfermidades do corpo de Jacintha. Os phenomenos nervosos tomavão proporções assustadoras, que aliás se explicavão então ora pela influencia malefica do demonio, ora por divinos milagres.

Aos quinze annos de idade a donzella soffreu um accesso nervoso, que a deixou em completa insensibilidade e como se estivesse morta durante quarenta e oito horas, de modo que as disposições para o seu enterro já estavam tomadas quando tornou a si.

As noticias de todos estes casos corrião de boca em boca pela cidade, e naturalmente erão exageradas pela imaginação do povo, que começava a considerar Jacintha uma santa, uma escolhida do Senhor.

Não faltou o prestígio do milagre para authenticar a santidade da donzella : disse-se então, por exemplo que tendo uma escrava dado á luz uma criança aleijada dos pés, Jacintha a curára e tornára perfeita com o simples e instantaneo contacto de sua mãos.

Havia em tudo isso alguns phenmenos sem duvida admiraveis, de mistura com falsas apreciações, devidas á ignorancia e á rude credulidade daquelles tempos.

As proprias relações de alguns dos extasis da donzella indicão bem que ella soffria essa terrivel enfermidade a que os medicos dão o nome de catalepsia.

• O espirito dos pouco illustrados observadores, prevenido e dominado pelo encanto do sobrenatural, viu menos do que era indispensavel para comprehender e explicar a verdade dos factos, e muito mais talvez do que realmente se passava, para encher de absurdos a relação que deixárão.

Jacintha, porém, não era uma hypocrita : os seus sentidos podião illudi-la, o seu enthusiasmo cercava-lhe de ficções que lhe parecião realidades; mas, do mesmo modo que Joanna d'Arc e outras personagens celebres, era sincera quando referia suas visões e seus extasis. A sua inspiração produzia maravilhas.

Sobretudo é digna de attenção e de curioso estudo uma certa semelhança que se encontra nas visões, nos extasis e nas perseguições do demonio que se referem a Jacintha, com o que neste mesmo sentido se encontra na historia de Santa Theresa.

Fazendo notar esta semelhança, não é minha inten

ção applicar á historia de Santa Thereza as observações que acabo de escrever a respeito da exaltada ou inspirada donzella fluminense; quiz apenas indicar que Jacintha tendo pleno conhecimento da vida daquella santa, podia talvez em suas vizões e em seos extasis reproduzir com a imaginação, o que já tinha gravado em seo espirito.

Como quer que fosse, a virtude immensa da donzella inspirada, a sua reputação e a constancia com que guardava o proposito de retirar-se para um convento, não só acabárão por triumphar da opposição materna, mas levárão uma outra joven a imitar e seguir aquelle exemplo: Francisca, irmã de Jacintha, unio-se com esta por novos laços e marchou pelo mesmo caminho.

As duas irmãs preparavão-se para embarcar em um navio com destino a Lisbôa, onde, conforme uma licença obtida, tinhão de escolher o convento a que se devião recolher, quando se tornou impossivel a viagem em consequência dos graves resultados de uma queda, que deixára Jacintha perigosamente enferma.

Melhorando um pouco, depois de muitas semanas de dolorosos soffrimentos, Jacintha, que não podia ainda vencer a distancia que a separava da matriz da sua freguezia apoiava-se no braço de sua irmã, e ia com ella ouvir missa e entregar-se aos exercicios da devoção na ermida de Nossa Senhora do Desterro, onde então estavam habitando os religiosos capuchinhos italianos, que ali ficárão até ao anno de 1742.

Um dia, voltando da ermida as duas irmãs, adiantárão-se pela estrada de Matacavallos, e por acaso notárão

em uma antiga chacara que nesse lugar havia, e que se denominava da *Bica* : a chacara estava abandonada e sem cultura, a casa em completa ruina ; o sitio porém era então solitario, e recommendou-se muito ás religiosas donzellas, por ser contiguo ao monte de Nossa Senhora do Desterro e vizinho da ermida.

Jacintha mostrou grande empenho por aquella chacara, e, vencidas algumas difficuldades, obteve-a mediante a intervenção de seu tio materno Manoel Pereira Ramos, que a comprou ao tenente-coronel Domingos Rodrigues Tavora, seu proprietario.

Que pretendia fazer Jacintha ? qual era o seu pensamento ? . . . ninguem o adivinhou talvez.

Corria o anno de 1742 quando isto se passava, e no dia 25 de Março, Jacintha, chamando para junto de si o padre José Gonçalves, seu irmão, lhe confiou um projecto, que devia ser por ella em breves horas realizado e que até então cumpria que ficasse abafado em profundo segredo.

O padre, habituado a considerar a irmã uma serva querida de Deos, respeitou esse segredo religiosamente.

Na madrugada do seguinte dia Jacintha sahio, acompanhada do padre José, dirigio-se á ermida de Nossa Senhora do Desterro, onde ouviu missa, confessou-se e commungou, e de volta seguiu para Matacavallos, e entrando na casa arruinada da chacara, disse para sempre um adeos aos lares paternos e ao resto do mundo.

O unico thesouro que comsigo trouxera fóra uma

imagem do Menino-Deos ; mas na casa não encontrou nem um nicho, nem um oratorio : não se desconsolou por isso ; com o auxilio do padre Jozé improvisou junto de uma parêde um altar provisório, feito de varas convenientemente dispostas, e ornado de flôres e de hervas odoríferas que ella foi colher perto de uma fonte que no quintal havia.

Foi aos pés desse altar singelo e rude, mas certamente agradavel ao Senhor, que Jacintha rezou as suas primeiras orações naquelle retiro.

Levantando-se no fim de uma hora, abraçou a seu irmão, repetio-lhe as ultimas despedidas que o encarregava de levar a seus parentes e amigos, e pedio-lhe que dissesse a sua irmã que da sua vontade dependia vir, se quizesse, encontra-la e acompanha-la naquelle abrigo ameno e puro que do mundo a separava.

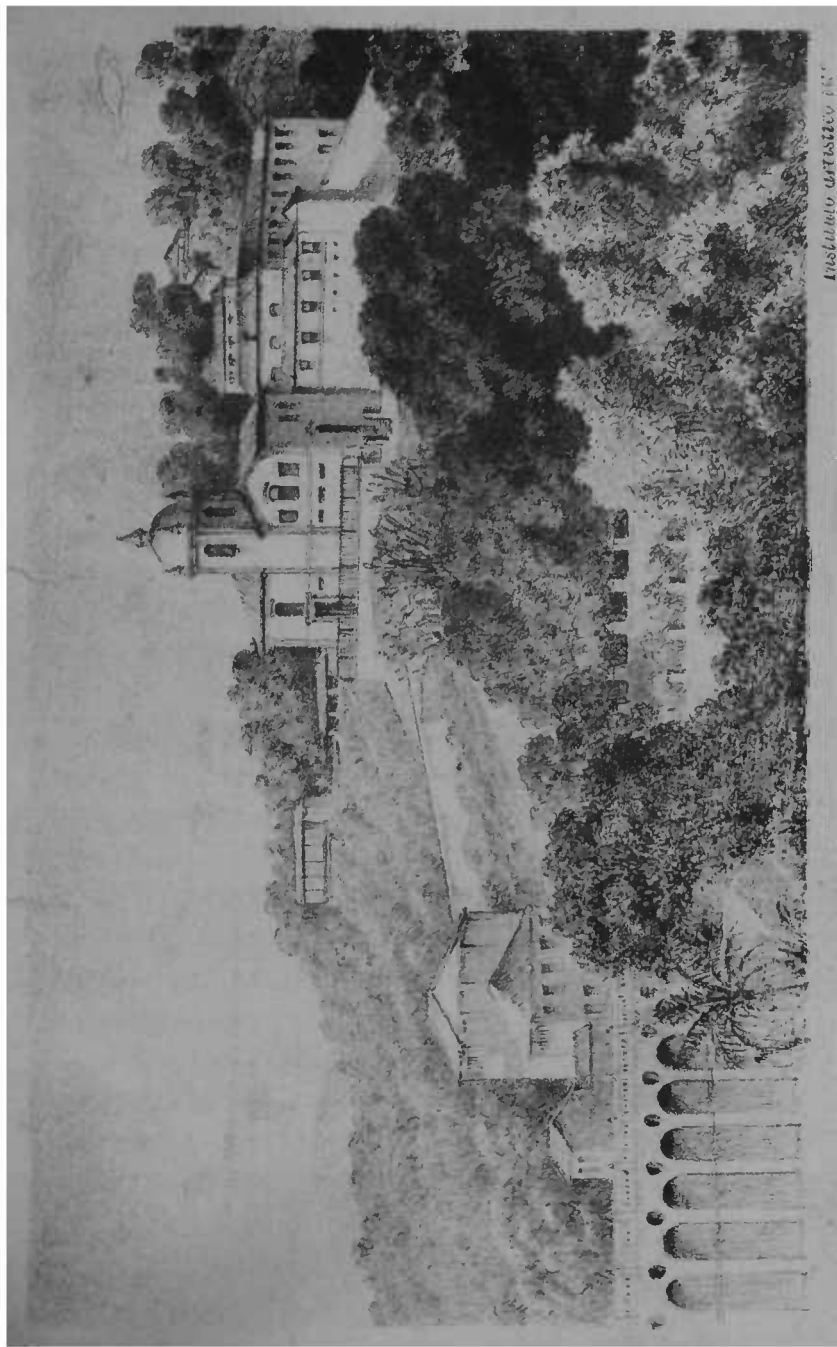
Jacintha não tinha esquecido sua irmã quando tomára a resolução de retirar-se perpetuamente para o asylo que preparára ; muito escrupulosa, porém, não queria que por sua influencia directa Francisca desse um passo que só a mais decidida vocação devia determinar ; queria esperar pela irmã, e não conduzi-la.

Francisca não tardou em mostrar-se ao lado de sua irmã : logo no dia seguinte o padre José Gonçalves a veio trazer ao retiro do Menino-Deos.

As duas irmãs arrancando-se aos tumultos da cidade, aos gozos do lar domestico, e ao amor dos parentes, para viver na solidão e no silencio, para entregar-se mais livremente á penitencia, e para consagrar suas

almas só ao amor de Deos, quizerão até esquecer seus nomes de familia, tomando outros que já erão do céo.

Assim, do anno de 1742 em diante chamarão-se essas piedosas donzellas Jacintha de S. José e Francisca de Jesus Maria.



ESTUDIO DE TATEO, P.

CONVENTO DE SANTA THERESA.

XI.

CONVENTO DE SANTA THEREZA.

Por mais que se esconda no seio profundo do bosque, a baunilha se annuncia ao longe pelo activo perfume que em torno derrama, e de que as auras que passão voando, levão as azas embalsamadas. O retiro a que se acolhe ás vezes a virtude, a modestia com que esta se furta à admiração do mundo, não a occultão jámais tão completamente que além dos muros de um, e dos véos da ontra não se faça sentir a sua fragrancia celeste.

A casa arruinada da *chacara da Bica* tinha-se tornado objecto do mais vivo interesse e de veneração para os habitantes da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro: nella se asylovão as duas flôres precursoras do carmello brasileiro.

A fama das virtudes das duas exemplares donzellas, e especialmente a reputação de santidade que sem o pensar havia adquirido Jacintha de S. José, transformá-rão aquelle velho e humilde tecto em um recolhimento prestigioso, sanctificado pelas orações e applaudido pelos anjos.

Ninguem via as duas religiosas, à excepção do padre José Gonçalves e do confessor que as dirigia; ouvião-se porém as suas vozes entoando cantos e rezando o officio de Nossa Senhora.

Depois de terminadas algumas obras indispensaveis

para tornar verdadeiramente habitavel a casa arruinada, Jacintha determinou fazer levantar alli mesmo uma capella consagrada ao Menino Deos : sentia que lhe faltavão recursos para realizar um tal empenho ; contando porém com o auxilio da Providencia, vendeu algumas joias que possuia e com o producto dellas ousou eucetar a construcção da capella.

Era então governador do Rio de Janeiro Gomes Freire de Andrade, depois conde de Bobadella, e sabendo elle do que se passava, e vindo no conhecimento de que o bispo D. Fr. João da Cruz tinha dado autorisação para aquella pia e modesta obra, quiz tambem ter nella a sua parte, e concedeu uma subvenção mensal, que junta ás esmolas dos fieis facilitarão a Jacintha de S. José e a Francisca de Jesus Maria os meios de executarem o seu pensamento.

Os trabalhos progredião com uma actividade infatigavel : os operarios aproveitavão todas as horas do dia, e á noite ao clarão do luar, os curiosos vião os vultos brancos de duas mulheres silenciosas que sobre seus hombros carregavão pesadas pedras para junto das paredes que se levantavão. Erão ellas as duas irmãs que esquecião o descanso e o somno, e a delicadeza do seu sexo, levadas pelo desejo ardente de verem mais depressa acabada a sua capella.

Em 1743, no dia de S. Silvestre, o conego doutoral Henrique Moreira de Carvalho, com autorisação do bispo, benzeu a nova capella, e no dia da Circumcisão do Senhor, do anno de 1744, as duas irmãs vestidas de

capas e saias pardas, e com um véo preto na cabeça, receberão alli o pão dos fortes.

Do lado do Evangelho sobre o presbiterio da capella Jacintha fizera collocar um postiguinho com o seu ralo de folha, e ainda um panno que impedia a vista, para servir de conficionario.

Esta capella subsiste ainda hoje, e encontra-la-heis na rua de Matacavallos, entre as do Lavradio e dos Invalidos. Se quizerdes visita-la, entrareis por um simples portão em um pateo de triste aspecto ; no fim do portão achareis uma varanda que não menos triste vos parcerá ; da varanda passareis á capella de limitadissimas proporções : vereis sobre o presbiterio dous velhos postigos, sobre o altar a imagem santa do Menino Deos, para trás do altar, e do lado do Evangelho uma portinha baixa e estreita, que se abre para a sacristia pequenina e acanhada, como o corredor de uma casa humilde.

Não gastareis na vossa visita mais de dez minutos e voltareis desagradavelmente impressionados pela pobreza ou quasi miseria em que se deixa a capella do Menino Deos e pela ruina que a ameaça e que nos ameaça de perder nella além de um puro e sagrado seio de orações, um tecto historico, e recommendavel por suavissimas recordações e por um passado cheio de mystica poesia.

Nõ Brazil ainda não começou a demonstrar-se verdadeiro empenho em conservar igrejas, capellas, simples casas, ou simples objectos, que se recommendão por algumas recordações historicas : destruimos esses the-

souros do passado sem dó nem piedade, e quando os não destruímos, deixamos que o tempo os destrua sem nos lembrarmos de que ha uma especie de indifferença, que um pouco se aproxima do vandalismo.

A capella do Menino Deos parece condemnada por essa fatal indifferença, e nem lhe valhe o sentimento religioso, que a devia deffender.

Praza ao céo que estas minhas palavras consigão despertar o zelo que dorme, e fazer com que appareçam alguns catholicos dedicados que auxiliem os ultimos devotos que ainda não abandonarão aquelle humilde massagrado tecto

A capella do Menino Deos nunca chegou a ser o jardim do Carmello brasileiro : alli porém nasceu e foi acariciada, cultivada e fortalecida a idéa da fundação do primeiro convento de Carmelitas descalças no Brazil; alli passarão oito annos as duas irmãs em solidão completa, sós e sem saudades do mundo; alli soffreu Jacinthta duros martyrios, multiplicando-se extraordinariamente os seus padecimentos nervosos e as lutas com o demonio, e alli tambem ella fruio gozos celestes do amor divino nas suas visões admiraveis e no embevecimento de uma devoção profunda : e alli, emfim, novas irmãs e novas esposas de Christo fôrão encontra-la mais tarde attrahidas pelo encanto da virtude e da religião.

A primeira que bateu á porta do recolhimento do Menino Deos foi Rosa de Jesus Maria, que acolheu-se áquelle retiro aos 15 de Março de 1748 : mas a 14 de Julho do mesmo anno Francisca de Jesus Maria sahia pela mesma porta para entrar pela do céo.

A irmã de Jacintha morreu com a mais perfeita contricção, morreu sorrindo-se como se saudasse a hora do seu triumpho : no meio de afflicções dolorosas que precedêrão ao seu passamento adivinhou-se-lhe o padecer, mas não se lhe ouviu uma queixa, e dizendo-lhe o confessor que podia gemer para desafogo da dôr, ella entre-abrio os labios e murmurou sómente « ai, meu Deos ! »

Refere a chronica phenomenos sorprendentes que se observárão nêssa piedosa donzella ainda depois de morta, e eu não hesitarei em lembra-los, embora reconheça que não me cumpre discuti-los.

Disse-se que o rosto da finada se mostrára risonho, que seus olhos tornárão a abrir-se e brillárão com o fulgor da vida ; que seu corpo perdêra a rigidez cada-verica, e que durante dous dias se conservára incorrupto: accrescenta-se que o povo corrêra em multidão a testemunhar o milagre ; que os terceiros de S. Francisco, excitados por taes boatos, acudirão á exigir a defunta, pretextando ter Francisca pertencido á sua ordem, e que então Jacintha adivinhando o motivo de um zelo tão inesperado, e desejando que ficassem na capella os restos mortaes de sua irmã, com fé viva em Deos se voltára para o cadaver, e lhe fallára, dizendo : « Francisca, veste-te de corrupção ! » e que a estas palavras o corpo de subito se corrompêra, e se tornára hediondo e fétido, retirando-se logo os terceiros de S. Francisco sem mais repetir suas instancias.

Em troco da irmã que perdêra vio Jacintha nos ulti-

mos mezes daquelle mesmo anno e nos dois annos seguintes chegarem mais dez irmãs espirituaes ao recolhimento , e contando as novas flôres que rescendião naquelle jardim, comprehendeu que era tempo de transforma-lo em berço do carmelo brasileiro, e começou a fazer praticar as regras de Santa Thereza, por isso mesmo que parecião mais severas e difficeis.

O governador e o bispo fôrão visitar o santo retiro, e tão completa pobreza encontrárão, que tiverão de descansar sentando-se no degrão da porta por não haverem cadeiras. O governador Gomes Freire de Andrade resolveu auxiliar efficazmente a construcção de um convento que se determinou levantar ao lado da capella de Nossa Senhora do Desterro, no monte do mesmo nome, e recommendou ao bispo que tratasse de obter as licenças do rei e de Sua Santidade, e o bispo D. frei Antonio do Desterro concedeu que as religiosas trocassem a saia e a capa de droguete castor pardo e véo de fumo que até então havião usado, pelo habito de estamenha parda e capa de baêta branca e touca desta mesma côr, modificando assim o habito das carmelitas descalças em attenção ao clima ardente do Brazil.

No dia 21 de Junho de 1750 foi lançada a primeira pedra do mosteiro de Santa Thereza, e um anno depois Jacintha e suas companheiras ouvirão missa e receberão o pão sacramental pela ultima vez na capella do Menino Deos, e fôrão habitar a casa do Desterro, onde em algumas accomodações provisórias deverião ter o seu noviciado.

O breve de Sua Santidade, chegado então, dispunha que as religiosas professassem a regra de S. Clara ; Jacintha de Jesus porém insistio em querer para si e suas irmãs as instituições de Santa Thereza. Freire de Andrade, protector destas religiosas, empenhava-se em realizar os seus desejos : o bispo pelo contrario, sustentava a conveniencia da disposição do breve, e não se queria prestar a intervir em favor da pretensão das reclusas.

O bispo D. Fr. Antonio do Desterro obedecia a um conselho da consciencia procedendo assim, porque entendia que a regra de Santa Thereza tinha graves inconvenientes para ser observada escrupulosamente no Brazil, a vista de certas condições naturaes do paiz; parece porém que a discordancia de opinião entre elle e o governador acabou por tornar-se em uma luta caprichosa, pela qual não pouco soffrêrão as reclusas.

É notavel a carta que a 22 de Abril de 1753 dirigio o bispo ao governador; ei-la aqui : « Esteja V. Ex. certo que o mosteiro do Desterro ha de ser mosteiro de religiosas carmelitas reformadas, e que se ha de servir a Deos nelle, e que Deos lh'o ha de pagar a V. Ex. : nisto tenho eu fé; mas se Jacintha de S. José ha de ser freira nelle ou não, para isto nem tenho fé, nem tenho luz; mas é grande e infinita a mizericordia de Deos, e sua divina omnipotencia. »

E esta prophecia realizou-se, porque o mosteiro do Desterro tornou-se convento de carmelitas descalças; mas nem o conde de Bobadella pôde vê-lo, nem Jacin-

tha de S. José conseguiu ser freira professa, nem o bispo D. Fr. Antonio do Desterro testemunhou aquelle facto, pois que todos morrerão antes que isso tivesse lugar.

Entretanto a directora das reclusas, Jacintha de S. José, não se dobrava á manifestação da vontade do bispo : parecia-lhe que em suas visões recebia do céu uma ordem para proseguir no seu empenho : quando o silencio reinava para todas as suas companheiras, a voz de um anjo, a voz de Santa Thereza, a voz de Deos soavão aos seus ouvidos, e lhe dizião : « Ayante ! » A flamma da inspiração cada vez mais brilhante se acendia em sua alma.

Em Novembro de 1753 Jacintha deixou inopinadamente o mosteiro, e embarcando-se para Lisbôa, dalli voltou em 1756, chegando ao Rio de Janeiro a 17 de Abril, e trazendo comsigo um breve apostolico que satisfazia as suas aspirações, e que obtivera por pedido feito por el-rei a Sua Santidade.

Mas nem assim pôde vingar a suave esperança de Jacintha.

Os annos corrêrão em lutas estereis e em objecções multiplicadas.

No dia 1.º de Janeiro de 1763 o conde de Bobadella, estrenuo protector das reclusas, exhalava o ultimo suspiro, e antes de morrer manifestava a pena que sentia por não ter podido consummar os seus desejos em prol da instituição das carmelitas reformadas, dizendo : « A casa de Bobadella fica feita ; mas as minhas filhas ficão ainda sem casa. »

A casa de Gomes Freire de Andrade estava com effeito prompta na igreja de Nossa Senhora do Desterro: o seu cadaver foi encerrado em um jazigo do presbiterio dessa capella, e sobre a campa não se lhe gravou epitaphio algum.

Quasi seis annos depois, a 2 de Outubro de 1768 Jacintha de S. José morria placidamente no meio de suas irmãs, que a cercavão banhadas em pranto.

A historia desta piedosa donzella é um longo canto de amor celeste e de puro mysticismo; um longo gemido de dôres e soffrimentos na terra; não é a historia de uma mulher, é a lenda de uma santa. A imaginação e as prevenções de alguns dos seus contemporaneos enchêrão de absurdos, e ridiculos episodios a relação da sua vida; mas indubitavelmente passarão-se nella phenomenos extraordinarios, e é pelo menos impossivel duvidar do enthusiasmo que exaltava a donzella, da inspiração que enlevou o seu espirito, e das virtudes que lhe ferio reputação de santidade.

Jacintha não foi carmelita descalça; foi porém a verdadeira fundadora do Carmelo brasileiro.

Como era de prever, os restos mortaes daquella religiosa inspirada descansarão na igreja de Nossa Senhora do Desterro. A flôr murchou desfolhou-se e cahio no seio do proprio jardim.

A rainha D. Maria I, por decreto de 11 de Outubro de 1777 confirmou licença e graça concedidas por ellei seu pai ás religiosas reclusas, e emfim o bispo do Rio de Janeiro D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas

Castello Branco com pomposa solemnidade lhes deu clausura canonica em 16 de Junho de 1780, e pontificando no seguinte dia na igreja do novo convento, vestio aquellas dedicadas filhas de Santa Thereza canonicamente de seus habitos e lhes abriu o noviciado.

A 23 de Janeiro de 1781 tomárão o véo as primeiras freiras professoras de Santa Thereza do Rio de Janeiro.

Tres dias antes dessa solemnidade os habitantes da Sebastianopolis acudirão a testemunhar um spectaculo novo para elles, e que talvez mais nunca se repita.

Para se proceder ao ingresso do convento e a outros actos relativos á profissão das novas esposas de Christo, tiverão as noviças de recolher-se ao mosteiro das religiosas de Nossa Senhora da Conceição d'Ajuda, e descêrão pois procissionalmente do monte do Desterro, seguindo até aquelle convento acompanhadas por immensa multidão que as olhava misturando uma explicavel curiosidade com o respeito o mais profundo. As noviças confusas e timidas, atravessavão as ruas de um mundo que já não era dellas, e por baixo de seus véos ardião-lhes as faces com o fogo de um santo pejo, quando ouvião as acclamações de um povo essencialmente religioso.

Na vespera do dia solemne voltárão ellas seguidas do bispo e entrárão para o convento que começava a ser de Santa Thereza.

Virão-se então naquella commovedora cerimonia da tomada do véo, religiosas que tinhão entrado moças e envelhecido no recolhimento, e jovens que alli havião

achado um berço, pois que apenas com alguns dias de nascidas, ou com dous annos de idade tinhão sido trazidas por seus pais ao piedoso retiro.

Era uma victoria depois de longos annos de constancia e luta. Era a flôr mimosa da mais ardente esperanza de Jacintha de S. José que desabrochava emfim sobre o jazigo da donzella inspirada, triumpho d'além tumulo, como o triumpho dos poetas.

Trinta e nove annos tinhão corrido depois que Jacintha de S. José e Francisca de Jesus Maria se havião retirado para o asylo da chacara da bica, e vinte depois que o mosteiro de Nossa Senhora do Desterro abrigára as primeiras religiosas dirigidas por Jacintha.

Eis aqui a historia que me propuz a contar-vos : agora levantemo-nos e vamos de mais perto ver o convento que temos diante de nós.

Uma ladeira calçada de pedra nos conduz ao mosteiro : deixámos á mão direita uma casa de sobrado que é destinada ao capellão das freiras, e subindo por uma escada de pedra, entrámos em um pateo cercado de grades de ferro, e que se estende aos pés da igreja e do convento.

O mosteiro é pequeno, e no exterior não se recomenda por condições architectonicas, antes se resente da necessidade que houve de se aproveitar a igreja primitiva de Nossa Senhora do Desterro.

A face principal do convento, que aliás consta de dous unicos pavimentos, apresenta dez janellas olhando para a barra, e defendidas por grossas e rudes grades

de ferro : na extremidade do lado esquerdo liga-se a torre, e esta á igreja.

A igreja tem uma porta lateral á esquerda : do mesmo lado e um pouco para trás fica a sacristia, a que se prende um muro.

Junto da torre está a portaria, e sobre esta uma unica janella com a sua grade de ferro.

O edificio é solidamente construido, e na altura em que se mostra, dominando o mar e a cidade, parece tranquillo e impavido desprezar a violencia das tempestades que ás vezes revolta a face de um, e enfurece o coração da outra.

Por detrás do mosteiro alarga-se a cêrca ou quintal todo murado, e tendo em seu seio tectos de abrigo para as religiosas que alli vão em horas de recreio, ou nos tres suaves dias que a regra annualmente lhes impõe para hygienico descanso e passeio.

Penetremos na igreja.

Ella é pequena triste e póbre.

Tem tres altares : o altar-mór é consagrado á Sacra-Familia: o do lado do Evangelho a Nossa Senhora do Carmo : o da lado da Epistola a Santa Thereza.

No fundo da igreja vêem-se dous côros, um inferior e outro superior defendidos por grades e por um véo denso e preto.

No côro superior o curioso descobre atravéz do véo sombras immoveis á hora da missa : são as freiras que logo depois se fazem sentir entoando o *tantum ergo* no momento solemne de levantar-se a Deos.

O côro que fica por baixo desse é reservado para os dous officios extremos da freira ; para a profissão e para o enterro, para o véo e para a mortalha : para a perpetua despedida do mundo, e para eterna despedida do mosteiro. É alli que a freira recebe a solemne consagração dos votos que um dia antes fizera no capitulo, e que mais tarde o seu cadaver terá de receber as orações dos finados.

Além da porta lateral que dá entrada aos fieis para a igreja, ha outra do mesmo lado na capella-mór, communicando com a sacristia, que é de uma extrema simplicidade, e apenas se faz notar por um quartinho escuro que tem no fundo e no angulo mais proximo do arcaz.

Esse quartinho é um dos dous locutorios das freiras, que vêm ás vezes fallar a seus parentes, fazendo ouvir a sua voz ou recebendo a voz do visitante através de um ralo coberto com um véo.

Como disse, o convento consta de dous unicos pavimentos para os quaes se entra pela portaria.

A portaria tem dous altares, um que pertence a Nossa Senhora do Carmo e outro a S. Elias. A mãe de Deos, e o propheta do monte Carmello fazem a guarda do Mosteiro.

No pavimento inferior vê-se o claustro com arcaria que fórma no seu centro um pateo, onde as freiras cultivão algumas flôres, com que ornão os altares do interior. Além do claustro achão-se ahí as catacumbas e a cozinha. Uma porta communica o pateo com a cerca.

Neste pavimento, além de diversos altares, está a capella do capitulo.

No pavimento superior ha um segundo locutorio, que fica exactamente por cima do que existe no fundo da sacristia; ha dez altares, e destes sete dos passos do Senhor, e ha as cellas das freiras e das noviças separadas em duas filas por um longo corredor, que d'antes se chamava o corredor escuro, e que ainda hoje é assim designado, embora as ultimas obras executadas no mosteiro lhe tenham dado luz bastante para fazê-lo perder aquella triste denominação.

Cada cella tem a sua janella abrindo para o pateo, ou para receber o ar e a luz. Tres rudes taboas e sobre ellas um enxergão e uma esteira, um duro travesseiro e uma simples cobertura formão completamente o leito onde descança a freira, e esse leito e um banquinho muito baixo, onde ella escreve ou colloca objectos de trabalho, resumem toda a mobilia e todos os ornatos da cella.

As cellas são em numero de vinte e uma, e nem devem ser mais, porque tambem só vinte e uma pôdem ser no maximo as freiras do mosteiro de Santa Thereza. Além dessas ha apenas tres reservadas para as noviças.

Não ha enfermaria no mosteiro: a religiosa que adoecê é tratada na sua cella, e tem o direito de escolher o medico de sua confiança.

No seu aspecto interior, o convento apresenta o quadro da maior pobreza e humildade. Não se vêem allí nem ornamentos de arte, nem objectos proprios para o

commodo da vida. As freiras não têm ao menos bancos e cadeiras em que se sentem e repousem : sentão-se e descansão no chão.

Reina a mais perfeita igualdade entre as filhas de Santa Thereza : a superioridade da priora sente-se sómente na direcção e governo do mosteiro : em tudo mais são irmãs, e vestem as mesmas roupas, um escapulario pardo, habito tambem pardo, e manto hranco, todos de sarja, uma touca branca, e um véo preto ou branco, conforme ellas são, ou coristas, ou conversas e noviças. Calção todas simples sandalias, e não trazem meias.

As freiras não têm escravos nem criadas para o seu serviço ; são as servas de si mesmas. Outr'ora aproveitavão o tempo que não consagravão á oração para entregar-se a delicados trabalhos de arte, e erão notaveis no Rio de Janeiro em obras de flôres artificiaes.

O bispo D. Fr. Antonio do Desterro quando se oppunha a que essas religiosas fossem sujeitas á regra de Santa Thereza, porque a reputava perigosa em um clima como o do Brazil, dizia muitas vezes que o convento das carmelitas reformadas poucos annos se poderia conservar como tal, porque teria de tornar-se em um hospital de invalidas.

Entretanto a regra sevéra de Santa Thereza é escrupulosamente observada no mosteiro, com a unica modificação do tecido do habito ; os preceitos, os jejuns, o silencio e a devoção austera se cumprem com o maior zelo, e aquellas esposas de Christo não desanimarão ainda.

A morte inevitavel tem visitado repetidas vezes o convento, e feito seccar com o seu enregelado sopro muitas flôres daquelle jardim do Senhor; novas religiosas porém vão logo pedir o véo das carmelitas, donze'las na primavera dos annos correm a entrar no mosteiro, e vêem sem pezar a tesoura da austeridade cortar seus negros e longos cabellos que lhes cahem aos pés em enchentes de bellos aneis; e ainda actualmente emfim completo se acha o numero das freiras de Santa Thereza, tendo apenas, ha quatro mezes, começado o seu noviciado a ultima candidata que se appresentou.

O exame do obituario do convento mostra igualmente que a regra de Santa Thereza não encurta a carreira da vida ás suas filhas : das primeiras religiosas que tomárão o véo a maior parte chegou a uma idade muito avançada ; é porém notavel que ultimamente se comece a observar o contrario, e que as novas freiras vão prematuramente descendo a povoar os jazigos do mosteiro.

Esta observação pôde talvez despertar considerações que se referem ás condições hygienicas, cuja falta a cidade do Rio de Janeiro experimenta, e ainda aos novos costumes e á educação amollecida e defeituosa que recebe a mocidade.

Basta : não perturbemos por mais tempo a solidão e o silencio deste asylo religioso e respeitavel.

Desçamos o monte de Santa Thereza para subi-lo mais tarde uma outra vez quando em *passeio* mais festivo e brincão eu tiver de levar-vos a outros sitios onde o riso e as alegrias domundo pôdem cabidamente fazer-se sentir.

Qualquer que seja a minha opinião individual sobre os conventos de freiras, onde votos perpetuos se pronunciação, onde não ha recurso para um arrependimento possível, e então se paga a Deos á força o que Deos só aceita quando se lhe dá com o coração cheio de vontade; qualquer que seja a minha opinião sobre esses mosteiros de freiras, que são para muitas sem duvida asylos tranquilllos e enlevadores, e que pódem sem duvida tambem ser para outras muitas sepulturas em que se enterrão vivas, prisões onde se abafão os gemidos e se escondem as lagrimas, que parecerião sacrilegios; qualquer que seja a tal respeito minha opinião, repito, eu rendo tributos de verdadeira admiração a essas creaturas que se tornárão proscriptas do mundo para approximarem-se do céo, a essas venerandas religiosas que, no recolhimento de sua devoção, de suas orações, de sua penitencia, pedem a Deos ainda mais por nós de que por si mesmas.

CONVENTO DE SANTO ANTONIO.

A phalange monastica, organizada e disciplinada por S. Francisco de Assis, phalange que no século decimo oitavo chegou a contar cento e quinze mil frades e vinte e oito mil freiras, e que no século anterior não podia ser muito menos numerosa, devia naturalmente lembrar-se de mandar uma expedição á cidade do Rio de Janeiro, onde tinha conquistas á fazer e victorias a alcançar no serviço de Deos.

Os Jesuitas, os Benedictinos e os Carmelitas já haviam levantado as suas casas e hasteado as suas bandeiras na cidade fundada em 1567; os Franciscanos tinham-lhes cedido a dianteira como pòbres e humildes que erão, chegára porém o tempo em que por sua vez devião estes tambem apparecer na terra que escapára de ser franchezza e calvinista.

A phalange capucha aliás já estabelecida em diversos pontos do Brazil enviou de Pernambuco para o Rio de Janeiro em vez de uma expedição imponente uma simples patrulha composta de dous frades. Antonio das Chagas e Antonio dos Martyres, que chegarão a 22 de Outubro de 1606, e aproveitando-se da doação feita da ermida de Santa Luzia para ahi se fundar a residencia dos Franciscanos, tomãrão conta dessa capella, e no seguinte anno recebêrão nella o Custodio da casa principal da Bahia e alguns outros dos seus irmãos.

Não ha quem mais vezes mude de residencia do que a gente pòbre : a pobreza arranja-se perfeitamente em qualquer cantinho ; mas não é qualquer cantinho que se arranja com a pobreza. Esta desconsoladora regra foi experimentada no Rio de Janeiro pelos Franciscanos que andárão durante um anno de um para outro lado a procurar uma casa em que permanentemente se estabelecessem.

A ermida de Santa Luzia foi desde logo abandonada. Porque ? . . . o Custodio pretextou que não achava nem sufficientes os commodos do hospicio, nem favoravel a sua situação. Mas onde quer que fosse teria de mandar construir um convento, como tambem alli o poderia fazer, e situação mais aprazivel do que a da ermida de Santa Luzia difficilmente chegaria a encontrar.

Parece que o prelado dos Franciscanos já naquelle tempo conhecia a giria politica dos nossos estadistas de hoje, que quasi sempre explicão as suas retiradas dos ministerios por cansaço ou molestia, ainda que se achem de perfeita saúde e capazes de trabalhar vinte cinco horas por dia na vinha da patria. O cansaço e a molestia são em tal caso os densos véos com que se encobrem verdades e factos inconvenientes que a prudencia ou o pejo mandão calar. Fr. Leonardo de Jesus, o prelado dos Franciscanos, fez em 1607 o que fazem hoje os nossos estadistas, e inventou dous pretextos para esconder uma triste realidade.

Assevérão alguns que os jesuitas, cujo collegio estava situado no monte do Castello, não virão com bons olhos

a vizinhança dos capuchos; e como entre os frades das diversas ordens os ciumes são mil vezes peiores do que entre as moças, sobrevierão desgostos e desintelligencias tão fórtes que os recém-chegados preferirão deixar a ermida de Santa Luzia a ficarem alli tão perto expostos á má vontade daquelles reis da montanha.

Não vos devem admirar estas lutas e opposições a separarem religiosos que devião pregar e seguir a mesma doutrina; tambem a quasi totalidade dos nossos homens politicos combate, briga e desatina, bem que um unico pensamento esteja no espirito de quasi todos, e uma unica ambição os devore : tanto nos frades como nos politicos a questão é de exclusivismo; uns contendem pelo privilegio no serviço de Deos, os outros pelo privilegio no serviço da patria, excesso de virtude em ambos os casos.

Desculpem-me se abundo de mais nestas comparações dos frades com os nossos politicos : acho tantos pontos de analogia entre uns e outros que não posso resistir á tentação de fazè-las notar.

Abandonando a ermida de Santa Luzia os Franciscanos fôrão dar consigo na casa da Misericordia ; mas logo depois passárão-se para a ermida de Nossa Senhora da Ajuda, que então existia no principio da rua que depois se chamou dos Barbonos, e exactamente no angulo que alli fórma a cerca do convento das freiras.

Mais tarde, em passeios que ainda teremos de dar, contar-vos-hei a historia dessa ermida, bem como da de Santa Luzia e da Misericordia : agora convém não

esquecer os Franciscanos, que já se achão em terceira residencia.

O governador e a camara do Rio de Janeiro corrêrão em auxilio dos póbres capuchos ; e visto que os carmelitas não se havião aproveitado do monte que se reservára para elles, e que por isso se chamava do Carino, por escriptura de 9 de Abril de 1607, fizerão aos Franciscanos doação desse morro, que em breve tomou o nome de Santo Antonio, e que ficou sendo desses frades, e ao mesmo tempo delles não sendo.

Não protesteis contra este *esse et non esse* ; aqui tendes a sua explicação nas seguintes palavras da escriptura de doação : « Que os religiosos de S. Francisco havião elegido o sitio e lugar que se acha no outeiro do Carmo defronte da vargem abaixo de Nossa Senhora e sobre a lagôa de Santo Antonio ; e porque os mesmos religiosos não erão pelo seu instituto capazes de propriedade e dominio, se fazia esta doação ao papa, e á igreja romana, etc »

Os Franciscanos derão-se por satisfeitos : levantarão uma capella e um hospicio provisorios junto do monte, e para ahi effectuárão a sua quarta mudança : dispuzerão a obra do seu convento e igreja annexa. lançárão a primeira pedra desses edificios no dia 4 de Junho de 1608, e concluidas as principaes accommodações mudárão-se pela quinta, e emfim pela ultima vez para a sua nova casa a 7 de Fevereiro de 1615, e no dia seguinte celebrárão a primeira missa solemne na sua igreja, aliás ainda incompleta, e cuja capella-mór só ficou prompta em Dezembro do anno seguinte.

Contei-vos em poucas palavras uma longa historia de dez annos; póde ser que ella não vos inspirasse interesse por culpa e defeito do narrador; mas na qualidade de vosso ciceroni obrigado, precisava preparar-vos com estas idéas preliminares para levar-vos a visitar o convento de Santo Antonio.

Já vêdes que temos, como nos dous precedentes *passaios*, uma encosta que subir; esta porém é mais breve e mais suave, e lá em cima na casa da pobreza esperamos um lauto banquete para matar a fome da nossa curiosidade, uma opulenta mina de bellas recordações, e de tradições mais ou menos admissiveis; todas porém interessantes, que nos cumpre explorar com cuidado e zelo.

Aquelle convento de Santo Antonio deve-nos ser sympathico; á parte as considerações religiosas, a casa onde florescêrão Rodovalho, S. Carlos, Sampaio e Mont'Alverne não póde deixar de ser muito prezada ao Brazil.

Em uma das cellas desse mosteiro foi concebido e escripto um grande poema; em outra ajudou-se a preparar a obra monumental da independencia do Brazil: a poesia e o patriotismo não devem merecer menos por se apresentarem vestidos com o burel dos Franciscanos.

A ordem de S. Francisco de Assis está entre nós em completa decadencia; os conventos despovoados de frades vão se transformando em tristes solidões; os ultimos esforços da dedicação, do empenho desvelado e da constancia admiravel de alguns religiosos capuchos

que, chamados ao governo desta provincia da Immaculada Conceição do Rio de Janeiro, conseguirão banir repugnantes abusos, e uma deploravel situação moral que, em época ainda não muito afastada, se observarão, pódem apenas adiar a ruina inevitavel e preparar com a regeneração da moralidade de seus conventos um nobre sudario e a mortalha gloriosa para o cadaver da congregação dos capuchos no Brazil.

O quadro da adversidade desperta antes interesse do que indifferença por aquelles que a experimentão ; pelo esplendor do passado, portanto, e ainda pela sua má fortuna da actualidade, o convento de Santo Antonio da cidade do Rio de Janeiro deve chamar a nossa attenção e tornar-se objecto de estudo desvelado em alguns dos nossos *passeios*.

Subamos pois a ladeira de Santo Antonio : ahi nos fica á mão direita essa pesada mole de granito que se chama o chafariz da Carioca, e que ha de ainda convidar-nos a um *passeio* especial : vamos subindo e deixemos agora á mão esquerda o que o padre Luiz Gonçalves dos Santos designou com o nome de *caixa com fórma de torre*, que recebe a agua que vai ter ao chafariz ; subamos sempre, e depois de ver outra vez ao lado direito o elegante portão de ferro em que vem terminar a excellente escada de pedra, que substituiu a ladeira da ordem terceira dos Franciscanos, demos alguns passos mais, e volvendo para esse mesmo lado, subamos a escada tambem de pedra que nos conduz ao adro do convento e das igrejas dos frades e dos terceiros de S. Francisco.

A posição é magnífica ; o convento domina uma parte da bahia e grande parte da cidade ; em frente apenas o monte do Castello se levanta como uma barreira ; mas em vez de amesquinhar-lhe o panorama augmenta ainda talvez a belleza deste.

O aspecto exterior da igreja do convento não é imponente ; tendo porém ao lado esquerdo a dos terceiros e ao direito a face principal do mosteiro, representa este conjuncto um edificio de vastas proporções e notavel, ao menos pela sua grandeza.

Hoje nada temos que ver com os dominios dos terceiros Franciscanos; entremos pois e já na igreja dos frades capuchos.

O templo é um pouco sombrio ; mas quanto a mim não perde por isso a magestade da casa do Senhor. Todas as portadas são de marmore, e as portas e o tecto de jacarandá. Não sei quem teve o máo gosto de mandar pintar com tinta vermelha aquellas portas, roubando-lhes assim a belleza natural e sevêra da preciosa madeira ; mas o actual provincial fez restitui-las ao seu antigo estado, e o jacarandá ostenta outra vez a sua grave formusura.

A igreja é simples e seus altares ornados de trabalhos de talha de um estylo pesado ; a capella-mór mostra-se enriquecida com desenove paineis da vida de Santo Antonio, representando seus bellos feitos e milagres por sua intervenção operados. O côro é espaçoso : em frente apparece o orgão, que é um dos melhores que existem no Rio de Janeiro; olhando para o fundo do côro o orgão

apresenta um espaldar com um crucifixo que tem aos lados as imagens de Nossa Senhora e de S. João. Por detrás do orgão levanta-se uma estante choral de jacarandá, que é de uma execução sevéra : aos lados seguem-se as estantes e cadeiras ou assentos também de jacarandá e preparadas de modo que offerecem todos os commodos possiveis e imaginaveis, como era de esperar em uma obra meditada e realizada por frades, que são os homens commodistas por excellencia.

A igreja tem tres altares : o do lado do Evangelho consagrado á Nossa Senhora da Conceição, o do lado da Epistola ao Patriarcha dos Franciscanos, e o altar-mór a Santo Antonio.

Não posso ir adiante sem recordar uma tradicção que se refere áquella imagem de Santo Antonio ; e sem lembrar-vos as honras e despachos que esse milagroso santo mereceu outr'ora do governo.

Começo pela tradicção.

Aquella imagem de Santo Antonio é obra de um dos frades da ordem ; trabalhava nella esse religioso com fervor e devoção, e tinha-se sahido bem na disposição e execução de todo o corpo da imagem, chegando porém á cabeça não pôde ajustar ao corpo uma só das muitas que teve de ir fazendo ; porque apesar de todo o seu cuidado e empenho umas cabeças excedião e as outras não chegavão á medida.

Se a imagem continuava sem cabeça, o frade perdia a propria ; porque não podia explicar o motivo da sua subita e desastrada impericia.

Os frades estavam em movimento : não havia cella em que não se discorresse sobre a inexplicavel infelicidade do artista religioso.

Mas uma noite, e já bem tarde sôa inexperadamente a campainha da portaria ; todos os frades achavão-se no mosteiro ; podia porém aquelle signal ser um chamado de soccorro para algum triste moribundo.

Corre-se a portaria, abre-se a porta, e ninguem se apresenta. . . . olha-se em torno e não se vê pessôa alguma. . . . mas, quem o pensaria ?... encontra-se depositada no chão uma cabeça de Santo Antonio !..

Indaga-se, procura-se pelas circumvizinhanças o portador do singular e precioso presente, e não se acha nem vestigios de alguem que tivesse vindo ao convento.

A noticia do extraordinario caso espalha-se logo pelo mosteiro : acodem todos os frades á portaria : a cabeça do santo é levada ao corpo da imagem, que já estava prompto, serve perfeitamente, e como se de proposito tivesse sido feita para elle.

Mas de quem e donde viera a cabeça do santo ? Nunca se pôde resolver este problema, e as antigas tradicções fazem suppor que os Franciscanos a considerarão como obra executada por mãos sobrenaturaes.

Tal é a tradicção que existe a respeito da cabeça da imagem de Santo Antonio, que se venera no altar-mór da igreja do convento dos capuchos do Rio de Janeiro.

Agora as honras e despachos do governo.

O Santo Antonio do convento dos Franciscanos do Rio

de Janeiro tinha praça e soldo de simples soldado de infantaria. Nem ao menos era cadete, o que indica que a sua estirpe não brilhava pela nobreza, e por consequencia valia menos aquelle bom santo portuguez, do que qualquer fidalgote emproado.

Era um santo *sans culotte* como dirião em França os revolucionarios depois de 1789 ; era um santo *jurujuba* como se diria no Rio de Janeiro em 1831 ; era um santo popular emfim, e está visto que por ser popular não mereceu menos aos olhos de Deos.

Esta consideração deve ser um pouco desagradavel aos fidalgos ; mas tenham elles paciencia : contentem-se com o dominio da terra, dominio que as vezes partilhão com o diabo, que tambem é fidalgo. O céo pertence exclusivamente á virtude, quer tenha sangue azul, quer não.

E Santo Antonio ficou soldado raso até o anno de 1710, em que um perigo imminente que ameaçou a colonia portugueza do Rio de Janeiro, e a necessidade do seu potente auxilio, o fizerão dar um salto de soldado a capitão de infantaria do primeiro regimento da cidade, regimento chamado *velho*. O santo querido das moças ficou assim capitão-velho.

Era o caso do ataque dos francezes commandados por Du-Clerc contra a cidade do Rio Janeiro : o governador Francisco de Castro e Moraes, que tinha as melhores razões para não confiar em si mesmo, agarrou-se com Santo Antonio e deu-lhe a patente de capitão.

O Santo não entrou no combate; mas como prudente general, presidiu á acção de cima do seu monte, pois que a sua imagem foi collocada sobre a muralha do convento. Os Francezes fôrão batidos e ficárão prisioneiros; e Santo Antonio recolhido á sua igreja cahio outra vez no esquecimento, vio-se preterido pelos officiaes e soldados de duas gerações, e sómente um século e quatro annos depois, aos 26 de Julho de 1814, subio ao posto de tenente-coronel, sendo aos 13 de Agosto do mesmo anno condecorado com a grã-cruz da ordem militar de Christo.

Santo Antonio gastou portanto dous séculos pouco mais ou menos para chegar a tenente-coronel e a grã-mestre da ordem de Christo no Brazil: ha pecadores obstinados muito mais felizes, que da noite para o dia se vêm elevados a grandezas muito mais subidas na terra, e sem poderem dizer como nem porque.

E de 1814 a 1861 lá vão 47 annos em que o santo permanece no seu posto de tenente-coronel; não sei bem quantas duzias de ministros da guerra temos tido durante estes nove e meio lustros; sei porém que nenhum delles se lembrou de contemplar nas promoções o tenente-coronel de 1814.

Quer isto dizer que passou felizmente o tempo em que os homens, levando a sua devoção até o ridiculo, amesquinhavão, sem o pensar, os escolhidos de Deos, conferindo-lhes postos e condecorações cá da terra, e suppondo talvez que dessa arte os honravão muito.

Os homens sempre fôrão e sempre hão de ser cria-

ças. Se os tempos passados tinham destas puerilidades, o nosso faz-se não menos notavel por outras que não ficam atrás.

Passemos da igreja á sacristia, onde teremos tambem alguma cousa que ver e alguma cousa que contar.

No mesmo estylo da igreja, a sacristia é comtudo mais importante e curiosa debaixo do ponto de vista da arte. Creio que não ha na cidade do Rio de Janeiro um templo, cuja sacristia seja igual a esta.

O tecto é coberto de paineis com molduras douradas e reproduzindo na pintura alguns dos principaes factos da vida do santo : o chão é de marmore de diversas côres e embutido : como as da igreja, as portadas são de marmore, e as portas de jacarandá com trabalho de talha. Além do mais, e sobretudo o mais, ostenta-se o arcaz vasto e magnifico todo de jacarandá, onde um entalhador ufanoso esmerou-se em fazer brilhar a sua pericia, como de igual modo se houve em um espaldar que se vê ácima do arcaz, e que é daquella mesma madeira.

Cumpra-se notar que todas estas obras fôrão executadas pelos religiosos capuchos no tempo em que a sua ordem como algumas outras monasticas, davão o exemplo do cultivo esmerado das artes liberaes e contavão entre os frades não poucos architectos, pintores, talhadores, musicos e artistas de todas as especies, o que prova muito bem que estava reconhecido que o nivel, o compasso, a palheta, o buril e a batuta não deshonravão nem humilhavão os antigos monges, ante quem mil vezes curvavão a cabeça os principes da terra.

Em um armario que existe perto daquella sacristia achão-se cuidadosamente guardadas e conservadas quatro jarras de pão com uma delicada pintura de flôres, e tão bem acabado trabalho que, apesar de velhas, illudem a vista observadas mesmo a curta distancia, parecendo de fina porcellana da India.

Estas jarras fôrão devidas a uma innocente travessura de frade.

Eis aqui o caso.

Como é natural, os religiosos capuchos esmeravão-se em ornar muito a sua igreja no dia da festa de Santo Antonio, e tinham já por costume mandar pedir emprestadas para esse fim umas lindissimas jarras de porcellana da India, que possuia um devoto frequentador do convento.

O bom devoto emprestava as suas bellas jarras com o maior prazer, e talvez até que estimasse bastante vê-las uma vez por anno figurar no altar de Santo Antonio.

Durante não poucos annos o pedido era tão certo da parte dos frades, como o emprestimo da parte do devoto.

Em um anno emfim, no dia que se seguio ao da festa de Santo Antonio, estavam na igreja o sacristão desarmando o altar, e um religioso, frei Francisco Solano, conversando com elle.

— Agora cuidado com as jarras do devoto; disse o sacristão tirando-as do altar com toda a delicadeza que pôde.

— Com effeito, observou frei Francisco Solano ; seria uma infelicidade se uma dessas jarras se quebrasse.

— Certamente ; porque não ha outras tão lindas e tão ricas na cidade, e não poderíamos haver por preço algum uma ou duas iguaes e semelhantes para restituir ao dono.

— Pois é preciso não pedi-las emprestadas outra vez.

— Sim... mas...

— Quando tem de ser entregues estas jarras?... perguntou frei Solano considerando-as attentamente.

— Hoje mesmo.

— Mas eu preciso que ellas me sejam confiadas por quatro ou cinco dias.

— Para que ?

— É um segredo meu.

O sacristão conveio no pedido de frei Solano, e este levando para a sua cella as quatro jarras, tirou-lhes escrupulosamente o molde, e com o mesmo escrupulo copiou a pintura que as ornava.

No dia da festa de Santo Antonio do anno seguinte o constante devoto vinha subindo a ladeira do convento um pouco admirado de não lhe terem sido pedidas as suas jarras como nos annos anteriores.

— Desconfiarião os frades da minha bôa vontade?... perguntava elle a si mesmo : já terão comprado jarras tão bonitas como as minhas?...

Assim reflectindo chegou o devoto ao adro e entrou na igreja, e depois de fazer a sua oração adiantou-se para a capella-mór, pôz os olhos no altar e recuou dous passos exclamando :

—As minhas jarras! . . .

Tornou a olhar, aproximou-se mais do altar, observou com todo o cuidado, e repetio :

— São as minhas jarras ! .

Mas o devoto tinha a certeza de não as haver emprestado, e confundido portanto com o que via, sahio da igreja, correu á casa, foi direito a um armario onde guardava as suas jarras, e vio-as com espanto no seu lugar.

Voltou ao convento immediatamente, tornou a entrar na igreja e a olhar para o altar-mór.

— Mas por fim de contas são as minhas jarras ! disse elle.

Acabada a festa dirigio-se o devoto ao sacristão, e pediu-lhe encarecidamente que lhe explicasse aquelle mysterio.

O sacristão sorrindo-se foi tirar as jarras do altar e veio apresenta-las ao devoto.

— Bem vê que não são as mesmas, disse.

— Como?... são as minhas ! exclamou o devoto.

— Nesse caso ahi as tem, tome conta dellas.

O devoto a esforços do sacristão recebeu as jarras, e ficou ainda mais admirado,

— Então ? . . .

— Não são as minhas ; disse entregando outra vez as jarras ; não são ; mas a unica differença é que as minhas são de porcellana, e estas são de páo.

— Ha ainda outra differença ; observou o sacristão.

— Qual ? . . .

— É que as suas vierão da India, e estas fôrão feitas aqui no convento por frei Francisco Solano.

Este ligeiro episodio das jarras de pão, aliás absolutamente verdadeiro, impõe-me a obrigação de dizer duas palavras sobre o frade artista que as fez.

Frei Francisco Solano era um homem de grande habilidade, e no convento se tornou notavel por diversos espaldares e quadros de santos que executou e que ainda existem.

Não era nem podia ser um grande mestre; nunca sahio do Brazil, não teve a educação artistica das academias, nem a frequencia de pintores abalisados; nos seus quadros adivinha-se e sauda-se o genio: notão-se porém ao mesmo tempo os senões devidos á falta de escola, aprecia-se a belleza do collorido, as vezes porém repara-se em alguma desproporção das formas das suas figuras. Entretanto é impossivel deixar de reconhecer talento, e inspiração nas obras da sua palheta.

Ha ainda outra razão para não se deixar no esquecimento o nome de frei Francisco Solano.

Quando no fim do século passado outro Franciscano, o celebre frei José Mariano da Conceição Velloso, se occupava da sua importantissima *Flóra Brasileira*, trabalho immenso que perpetuará o nome deste nosso compatriota, foi reconhecida a necessidade de dar um ajudante ao notavel botanico.

O padre mestre frei Velloso não sabia desenhar, e não podia prescindir do desenho na sua obra; pediu pois que lhe fosse dado um ajudante desenhador e por pro-

posta sua o vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza escolheu frei Francisco Solano para desempenhar este mister.

Frei Solano tornou-se então o companheiro inseparavel de frei Velloso; seguiu-o em suas excursões pelo interior e pelas florestas, tomou parte em suas laboriosas vigílias de gabinete, e são emfim delle todos os desenhos de plantas que se encontram na *Flóra Brasileira*.

Frei Francisco Solano occupou os maiores cargos da sua ordem, chegando a ser ministro provincial em 1814, e tendo então por secretario durante o triennio o illustre frei Sampaio.

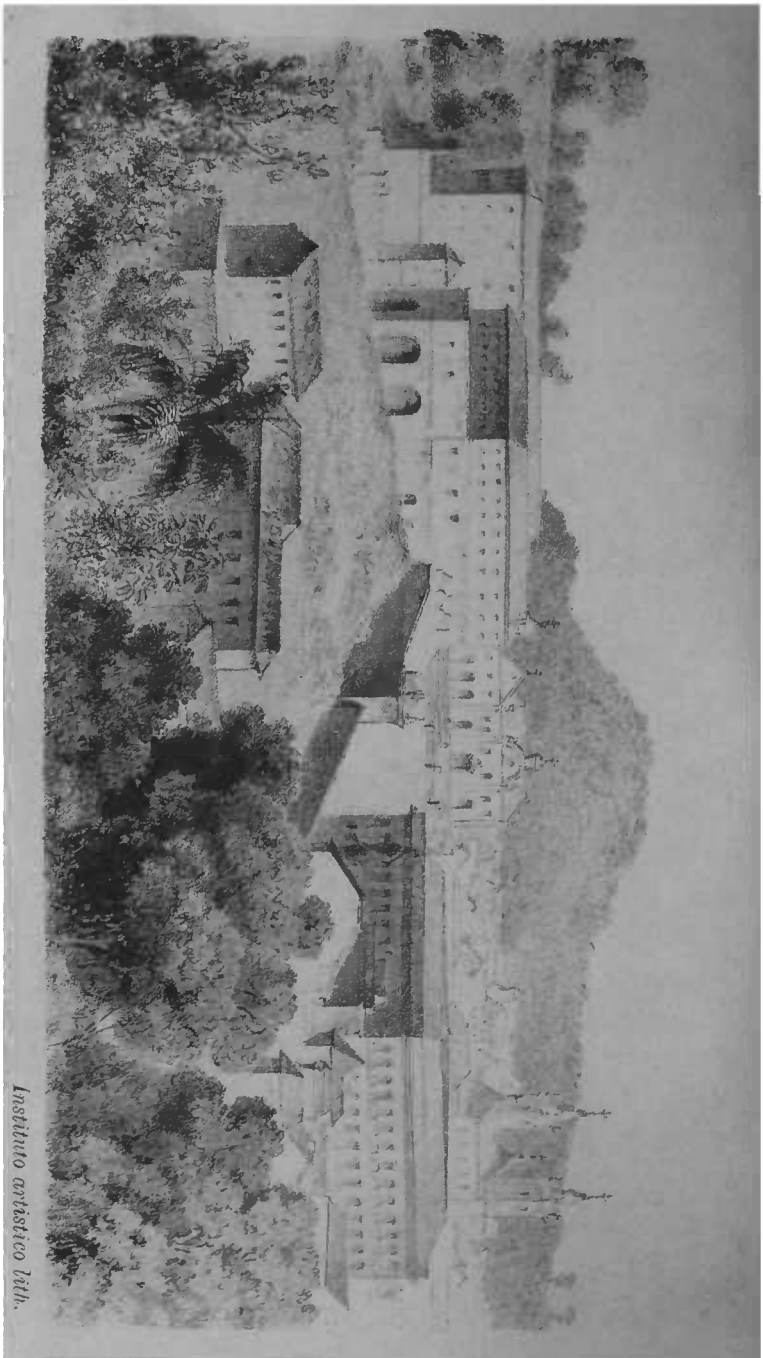
É bom que as nossas villas e povoações do interior vão brilhando com o reflexo do esplendor de seus filhos e portanto marcarei o berço deste Franciscano.

Frei Francisco Solano foi natural da villa de Santo Antonio de Sá, e filho legitimo de Jorge Antonio Costa Mendonça natural da freguezia de S. João de Itaborahy.

Acabamos de estudar a igreja e sacristia dos frades Franciscanos; cumpre que passemos agora ao convento.

Não será porém acertado deixarmos o convento para outro *passeio* ? . . .

Descansemos um pouco. Vamos respirar as suaves brisas da tarde neste aprazivel e excellente ádro, e depois iremos bater á portaria do mosteiro.



Instituto artistico 7th.

CONVENTO DE SANTO ANTONIO

XIII.

CONVENTO DE SANTO ANTONIO.

Com toda a sua pobreza franciscana os frades Capuchos conseguirão levantar o mais espaçoso e o melhor dos mosteiros que existem na cidade do Rio de Janeiro, e tiverão a habilidade de levar ao cabo em poucos annos essa grande obra, sem que ficassem as caudas dos seus habitos presas aos livros do *ha de haver* dos credores, como acontece a tantos pobres que ambicionando vaidosos as glorias de proprietarios, fazem construir elegantes casas que chamão suas, mas de que pagão um aluguel pavoroso nos tanto por cento de juros que de quatro em quatro mezes vão levar aos escriptorios dos verdadeiros donos das suas propriedades.

Desculpem-me estas liçõesinhas de moral e economia: não é de reparar que eu prégue de vez emquando o meu sermão, quando estou passeando em um mosteiro e conversando a respeito de frades.

O convento de Santo Antonio da cidade do Rio de Janeiro é um grande edificio que apresenta dous andares além do pavimento inferior.

A portaria do convento está ao lado esquerdo da igreja, e nelle se acha um nicho com uma imagem de Nossa Senhora da Conceição de um trabalho delicado.

Temos, passando da portaria ao claustro, uma escada de pedra á mão esquerda para subirmos ao primeiro andar, e em frente toda a extensão do claustro. Prefiro

começar a minha descripção pelo pavimento inferior; deixemos pois a escada de pedra para subi-la mais tarde.

O claustro é vasto, sevêro, e todo cercado de arcarias que fórma uma varanda immensa e aberta em torno de um pátio quadrangular.

No fundo dessa extensa varanda abrem-se diversas capellas com as suas competentes sacristias, representando igrejas em miniatura.

Seguiremos a ordem em que se achão as capellas do claustro, começando pelo lado direito á entrada da portaria.

A primeira capella é consagrada a *Nossa Senhora dos Prazeres*, e de um trahalho muito bem acabado. Junto ao subpedaneo desta linda capella está sepultado em uma cova com campa de marmore o bemfeitor do convento, João Gonsalves Valle, o qual, a pedido do padre-mestre Fr. Joaquim de Santa Leocadia, concorrêra com a despeza necessaria para o ornato interior da capella e para a compra de paramentos.

A segunda é a cappella da *Porciuncula*.

A terceira é a das *Dôres de Nossa Senhora*, cuja imagem se acha cercada de sete quadros, que recordão os sete passos da paixão de Christo.

A quarta é a do *Senhor da Canna Verde*, e no seio della acha-se o tumulo do principe D. João Carlos, que morreu a 4 de Fevereiro de 1822, quando a princeza real, que devia ser logo depois a nossa primeira imperatriz, retirou-se com elle, que tinha apenas onze mezes

de idade, para a fazenda de Santa-Cruz, afim de achar-se mais longe da cidade, onde a cada momento se esperava o choque dos partidos e o começo da luta entre os propugnadores da independencia do Brazil e os inimigos desta.

A quinta é a da *Sacra-Familia*; dentro desta capella estão guardados os tumulos que encerrão os restos mortaes dos principes D. Affonso e D. Pedro, esperanças do Brazil, que murcharão tão cedo.

A sexta é a do *Senhor do Bomfim*, aberta em frente da quadra em que se sepultão os religiosos: é no altar dessa capella que tem lugar o officio de sepultura por elles.

A setima é a do *Nascimento de S. Francisco*: vê-se sobre o altar differentes imagens e figuras; o menino recém-nascido está deitado em um presepe, tendo ao lado seus pais de joelhos. No retabulo lêem-se em um pequeno quadro os seguintes versos, composição de Fr. S. Carlos.

- Em Assis Belém se mostra
• Com assombrosos signaes :
• Qual Jesus, Francisco nasce
• Entre brutos animaes. •

A oitava capella é a da *Môrte de S. Francisco*: sobre o altar está a imagem do Santo, deitado com as mãos cruzadas no peito, e cercado de religiosos, entre os quaes se vê a madre Jacoba. Todas as figuras são de barro

e coloridas; no retabulo ha outro pequeno quadro com estes versos, compostos ainda por aquelle mesmo poeta:

- « Adverte, não é Jesus,
- « É Francisco que aqui jaz,
- A quem semelhante faz
- « Nascimento, vida e cruz. »

A nona capella é consagrada a *S. Joaquim*.

A decima e ultima é a de *Sant'Anna*; esta capella denomina-se o *capitulo*, e é de todas a maior, estendendo-se em frente do altar um espaçoso salão. As parêdes são ornadas com grandes quadros de diferentes santos em tella e com molduras douradas. No fundo do salão levanta-se a cadeira magistral, aos lados mostrão-se os bancos e assentos para os religiosos. A *capella de Sant'Anna* foi outr'ora a casa dos estudos, quando havia frades collegiaes.

As dez graciosas cappellas de que acabei de fazer uma simples menção já tiverão a sua época de florescimento e de esplendor, em seguida a de um triste abandono, e agora emfim a de uma regeneração sem grande esperança de futuro, mas em todo o caso louvavel.

Outr'ora o convento de Santo Antonio regurgitando de frades, não tinha altares de sobra na igreja para um tão grande numero de sacerdotes, e então cada uma daquellas capellas era ou pôr devoção especial ou de preferencia tomada por um ou alguns religiosos, e todos á porfia se esmeravão em ornar e aformosear as suas capellas.

Veio depois o tempo sinistro da decadencia : as cellas começarão a mostrar-se desertas, a flamma do zelo a apagar-se; as portas das capellas se fôrão trancando; as chaves enferrujárão-se; os altares não brilhárão mais á luz de festas solemnes; a ruina appareceu nascendo do abandono e da desanimação.

A solicitude e a devoção que despertão outra vez vão restaurando os altares estragados, substituindo os velhos por novos paramentos, e, deixem-me dizer assim, galvanisando aquelle cadaver que resta das glorias e do brilhantismo do passado. A tarefa é ardua, difficil e immensa; não póde porém ser mais generosa nem mais nobre, por isso que toda a esperanza de futuro para os frades Capuchos do Brazil não vai além de vidas, das quaes as mais novas já estão em meio, e deve apagar-se á beira da sepultura do ultimo dos actuaes frades.

Mas não nos deixemos levar pelas reflexões, nem nos retiremos ainda desta importante e historica varanda, onde se encerra o livro grandioso do mosteiro, livro em que as paginas são lousas, thesouro precioso de recordações despertadas por humildes cóvas.

Passámos ainda ha pouco muito rapidamente pela quadra das sepulturas dos religiosos : voltemos a ella; cuidado porém... encostemo-nos ás parêdes para não pisar sobre as campas venerandas que cubrirão para sempre os despojos de vidas illustres que fizerão a honra do convento e a ufania da patria.

Ahi está perto da capella do Senhor do Bomfim a sepultura de Fr. Fabiano; não nos demoremos diante

della ; terei de fallar - vos desse religioso, typo de caridade e de pniecia, quando subirmos ao theatro de suas admiraveis acções, quando entrarmos na sala dos soãrimentos e dos gemidos, na enfermaria.

Em irente à capella da *Sacra-Familia*, como dormindo o somno eterno defronte do seio sagrado, onde tambem dormem somno igual os dous augustos filhos daquelle que tanto o honrou e exaltou em seus ultimos annos, descansa Mont'Alverne, o celebre professor de philosophia, e o derradeiro daquelle esplendida pleiade de oradores da igreja brazileira, pleiade que formárão, além de outros, o grande padre Caldas, que foi o primeiro a morrer, e depois d'elle S. Carlos, Sampaio, o padre Januario, e elle, Mont'Alverne.

S. Carlos e Sampaio! — ei-os alli : descansão sepultados entre as capellas das *Dôres de Nossa Senhora* e do *Senhor da Canna Verde* : tiverão os dous frades por berço patrio a cidade do Rio de Janeiro, abrazou-os a ambos a mesma vocação, vestirão o mesmo habito, florescêrão no mesmo convento, fôrão irmãos pela ordem e irmãos pelo genio ; contemporaneos, ambos engrandecêrão o pulpito do Brazil ; ninguem profere o nome de um que não se lembre logo do nome do outro ; os mesmos sentimentos religioso e patrioticos os unirão estreitamente na vida, a mórte não ousou separa-los de todo. S. Carlos falleceu em 1829 e foi encerrado na sepultura que alli vedes ; um anno depois exhalava Sampaio o ultimo suspiro, e o seu cadaver ia descansar junto da cova de seu irmão, na sepultura contigua ; uma unica

parêde separou os seus leitos eternos, as suas cellas da mórte.

Esta coincidência de serem tão perto um do outro enterrados os dous inspirados prégadores da ordem seraphica no Rio de Janeiro, deu lugar a uma lembrança feliz, despertada pela dôr e pelo reconhecimento do merito indisputavel daquelles eloquentissimos Franciscanos.

No triste dia do enterro de frei Sampaio foi o conego Januario da Cunha Barbosa prestar ao seu defunto amigo os ultimos officios de religião e caridade, e notando que davão ao illustre finado uma sepultura immediata á de S. Carlos, desfez-se em pranto, e quando pô le fallar, applicando muito cabidamente as palavras consagradas pela Igreja em uma antiphona dos apóstolos S. Pedro e S. Paulo, exclamou :

— *Gloriosi Principes terræ, quomodo in vita sua dilexerunt se, ita et in morte non sunt separati.*

Não perturbemos por mais tempo a morada silenciosa da mórte; vamos continuar o nosso passeio por onde menos afflictivas ou dolorosas sejam as impressões que tenhamos de receber.

Alli está o *refeitorio* : entremos.

É uma grande sala oblonga, simples e pobre. Uma fila de mesas pequenas, bem toscas se estende de cada lado por todo o correr da sala : no meio desta e á mão direita de quem entra levanta-se a tribuna ou o pulpito donde se fazem as leituras da regra durante a refeição. No fundo, como unico ornato, vê-se um painel da ceia

do Senhor, painel que aliás não é de notavel merecimento artistico. Adivinha-se que não foi Leonardo de Vinci, nem Nicoláo Poussin o autor desse quadro.

A sala do refeitório deve parecer bem triste actualmente aos religiosos do convento de Santo Antonio; porque se d'antes cada uma de suas mesas era convenientemente occupada, e nenhuma chegava a mostrar-se de sobra, hoje vazias ficão muitas, e á sala, como aos frades que a ella acódem na hora da refeição, bem se poderia applicar o mil vezes repetido verso de Virgilio :

Apparent rarinantes in gurgite vasto.

Ao lado direito do refeitório ha uma porta que abre caminho para a menos sym,athica das divisões e accomodações da casa, para o carcere.

Não acrediteis porém que o carcere dos frades Capuchos do Rio de Janeiro seja uma terrivel masmorra, uma sepultura dos vivos, um melonho inferno cheio de apparatus de tormento : lá se foi, graças a Deos, o tempo desgraçado desses horrores em que primáráo os Dominicanos com as suas innocentissimas proezas da Inquisição, que tinhão a sacri'ega sem-ceremonia de chamar *santo-officio*. O carcere do convento de Santo Antonio é uma sala, onde o ar e a luz penetrão livremente, onde o asseio se observa com prazer, e onde o frade que delinquo fica trancado e resando, se reza, ou maldizendo da sua vida, se mal-liz.

É verdade que um carcere sempre é um carcere ; mas

ah! se em vez de passeardes comigo pela capital do Imperio, emprehendesseis uma viagem instructiva pelas villas do interior das nossas provincias, entrando na conta a do Rio de Janeiro, que é a mais civilisada de todas, e visitasseis suas cadêas, cahir-vos-hia, eu o juro, a alma aos pés, observando a *inconstitucionalidade*, o estado miseravel desses fócios de peste, onde se amontoão detidos de envolta com sentenciados, simples suspeitos de mistura com sceleratos, respirando todos ondas pesados de um ar corrupto e repugnante, e então reconhecerieis que o carcere do convento de Santo Antonio é um céu aberto em comparação das nossas cadêas e que os presidentes das provincias não valem os provinciaes nem os guardiões dos Capuchos.

Demos por terminada a nossa visita ao carcere do convento, e voltemos sobre os nossos passos; protesto-vos porém que não haveis de atravessar outra vez a sala do refeitório sem que eu vos conte cousas novas a respeito della.

Tenho de referir-vos pelo menos duas anedotas que esta sala me está lembrando, e ainda a noticia de um breve pontificio que não pôde ficar esquecido.

Disse-vos ainda ha pouco que o salão que se estende em frente do altar de Sant'Anna se denominava *o capitulo*, devia porém accrescentar então que essa denominação era apenas um titulo honnorifico; porque de facto não era alli, e sim nesta sala do refeitório que se reunia, como ainda se reúne o capitulo dos frades Capuchos da provincia de Nossa Senhora da Conceição do Rio de Janeiro.

Ora, sabendo todos nós que o capitulo se celebra periodicamente no convento para se proceder á eleição dos prelados, podemos fazer idéa do que se terá passado á portas fechadas nesta sala do refeitório.

Asseguro-vos que do alto do pulpito que alli vêdes, qualquer dos frades capuchos poderia dar lições da arte da cabala eleitoral a todos os forjadores de phosphoros e de duplicatas, a todos os inspectores de quarteirão, a todos os empalmadores de listas, e até a todos os chefes de partido e ministros de estado do imperio do Brazil.

Os frades de todas as ordens fôrão sempre mestres cabalistas por excellencia; mas os Capuchos tomárão nesse ponto a dianteira a todos os outros.

Vou dar-vos conta de uma esperteza eleitoral de frade capucho, e para que não duvideis da historia, não só publicarei o nome do protagonista, como vos afirmo que se conserva no convento a memoria do facto.

O padre-mestre frei Cosme de Santo Antonio via chegar ao seu termo o triennio em que fôra provincial e desejava muito que no capitulo que tinha de celebrar-se no dia 3 de Feverriro de 1776 sahisse eleito para seu successor o padre-mestre frei José de Jesus Maria Reis; mas apesar de todos os pedidos, promessas, lamurias, ameaças, intrigas e manejos, a grande maioria dos vo-gaes sustentava o outro candidato; e se os votos valessem como devião valer, certo era o naufragio da candidatura de Fr. José.

O velho frade provincial nem assim desanimava; sabia já nesse tempo o que hoje todos estão vendo, isto

é, que se abafão e nullificação os votos da maioria com a violencia, ou com um ardid, embora desregrado e feio.

Um mez antes da eleição, frei José de Jesus Maria foi ter com o seu protector e disse-lhe :

— Padre-mestre, estamos perdendo tempo e trabalho : a minha derrota é inevitavel ; abandonemos o campo.

— Abandonar o campo !... só se eu, não me chamasse frei Cosme de Santo Antonio ! Hei de ensinar a esses fradinhos de hontem o que pôde conseguir a habilidade de um frade velho.

— Mas que espera ?...

— Eu não espero ; conto fazê-lo provincial.

— Como, se a grande maioria dos vogaes é contra nós?...

— Que lhe importa o meio?... cale-se ; não falle mais em eleição, não peça mais votos, e deixe o resultado por minha conta.

Frei José retirou-se, e cumprio á risca a ordem de frei Cosme.

No dia seguinte entrou pela barra do Rio de Janeiro um navio proveniente de Lisbôa.

Frei Cosme sahio do convento, e voltou horas depois trazendo um maço de cartas e de officios, e dando demonstrações de uma alegria e de uma animação que não deixarão mais o seu semblante.

Frei Cosme não cabalava mais como até então ; mas porque se mostrava tão satisfeito e risonho ?...

— É impossivel, dizião os frades uns aos outros ; é im-

possivel que o nosso velho e astuto provincial não tenha prepara lo algum recurso terrivel para arranear-nos a palma da victoria ; sorri-se com malicia, olha para nós com ar de escarneo : alli ha cousa ! . .

O que frei Cosme queria era exactamente preoccupar os seus adversarios com prevenções que os incommodassem ; continuou pois a conservar-se mysterioso, e nem a frei José disse a mais simples palavra a respeito dos seus planos. Cabalista de fama e velho frade, comprehendia o valór do segredo.

Chegou o dia 3 de Fevereiro, que estava marcado para a eleição.

Ao aproximar-se a hora do capitulo, os vogaes fôrão entrando para a sala do refeitório : só faltava frei Cosme, que appareceu muito risonho no ultimo momento e foi tomar o seu lugar.

Reunido o conclave com todas as formalidades da lei, e tendo o presidente declarado aberta a sessão, immediatamente frei Cosme pediu, obteve a palavra, e tirando da manga uma folha de papel dobrada em quatro partes disse com voz segura, fazendo entrega do papel :

— Em virtude desta ordem de Sua Magestade, declaro suspensa a acção capitular e devolvida a eleição ao delegado da Santa-Sé.

Disse e sentou-se.

Os vogaes sentirão-se como feridos por um raio ; logo depois levantarão-se indignados, abrirão a porta da sala e quasi todos sahirão abandonando o conclave.

Era com isso que frei Cosme contava : **aberta a porta,**

abandonado o conclave, este não podia mais reunir-se nem proceder á eleição canonica, segundo o disposto nas constituições.

Quatro ou cinco vogaes tinham ainda ficado na sala, e o mais velho delles exigio que fosse lida a ordem de el-rei.

O presidente abriu o papel que frei Cosme entregára, e ficou pasmo.

Não havia ordem alguma : era uma folha de papel em branco !

— Isto é incrível ! . . . bradárão.

— Já é tarde, meus irmãos, disse frei Cosme : se vossas caridades tivessem, como devião, exigido a tempo a leitura da ordem, tinha eu perdido o jogo e ficado com cara de tolo ; agora porém a porta foi aberta, o conclave suspenso, e portanto manda a lei que a eleição seja devolvida ao delegado da Santa-Sé.

E assim foi, e o que mais admira é que frei Cosme escreveu ao nuncio apostolico, residente em Lisbôa, participando-lhe o occorrido, e aresentou-lhe por intermedio de personagens influentes na côrte os nomes dos religiosos, cuja eleição desejava, e tendo continuado interinamente no governo da provincia, recebeu no fim de dous annos o breve do nuncio com o competente *exequatur* regio, nomeando provincial ao padre-mestre frei José de Jesus Maria Reis e provendo os mais cargos no sentido dos desejos de frei Cosme.

Direis a isto que o triumpho de frei Cosme foi um escandalo e um abuso inqualificavel. Boa consolação ! . .

mas o peor é que o exemplo do frade tem tido imitadores ás dezenas ! olhai para o nosso mundo politico, e vereis duzias de frei Cosmes triumphando como elle triumphou.

A segunda anecdota que devo referir não se passou na sala do refeitorio ; mas proveio de uma eleição que alli teve lugar.

Acabava, não sei em que anno do século passado, de ser eleito guardião do convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro um frade rabugento e severo.

Os frales moços que tinham ficado não pouco afflictos com o resultado dessa eleição, passarão bem depressa a murmurar e agitar-se em consequencia da austeridade e do zê-lo activissimo que na manutenção da disciplina mostrava o novo guardião.

Um dia estavam os desgostosos reunidos em numero de mais de trinta, e lastimavão-se com acrimonia.

— As queixas e os lamentos são estereis ! exclamou o mais exaltado de entre elles : devemos proceder com decisão e vigor.

— Que podemos fazer ? perguntarão os outros.

— Vamos depôr o guardião.

— É uma revolta !.

— Embora : vamos todos : o rabugento velho tremirá vendo a nossa attitudo e o nosso ousado pronunciamiento, e acabará por ceder á força : vamos !

— Quando ?

— Já ! immediatamente ! . .

— Falta-nos um chefe : quem fallará por nós ? . .

— Eu.

— Vamos! bradarão os jovens frades.

— Esperem: eu vou capitanea-los; promettão-me porém antes de tudo apoiar a minha voz, e sustentar-me a todo trance na contenda!

— Nós o promettemos! disserão todos.

— Pois bem! sigão-me.

Os trinta frades avançarão entusiasmados até á porta da cella do guardião.

O chefe dos revoltosos lançou um ultimo olhar cheio de orgulho e de confiança á sua tropa, e voltando-se logo, bateu com força á porta da cella.

— Quem está ahí?... perguntou o guardião.

— Sou eu, ou somos nós, padre mestre! respondeu com voz ameaçadora o chefe da revolta.

Ouvio-se o ruído dos passos do velho frade.

— Venha! venha! gritou o chefe.

O guardião abriu a porta, e mostrando-se com ar severo e digno, perguntou ainda de dentro:

— Que querem?....

— Viemos declarar que vossa caridade não é mais guardião, pois que está deposto!....

— Deposto?... e por quem?... perguntou o velho religioso avançando um passo.

— Deposto em meu nome e em nome de toda esta comunidade!... tornou o impavido chefe, voltando o rosto estendendo o braço para mostrar os companheiros que o seguião e. . .

Quem o diria?... .. o chefe dos revoltosos achou-se

absolutamente só!... um por um todos os seus bravos camaradas tinham-se esgueirado!...

Mas o joven religioso, sem confundir-se e sem perder a cabeça com tal *desapontamento*, encarou de novo o guardião e disse-lhe sorrindo-se :

— A! padre-mestre, confesse que preguei-lhe um grande susto !

O guardião sorriu-se também e respondeu :

— Sim.... sim.... mas não caia em outra: pôde retirar-se sem receio, e de hora ávante não se fie em frades para dirigi-los em empresas desta ordem.

Ahi tendes duas anelctas, cuja veracidade asseguro.

O assumpto que mereceu as horas de um breve do Santo-Padre é muito mais sério.

É sem mais nem menos a historia da *alternativa*.

Preparai-vos para ouvi-la, enquanto descauso um pouco.

XIV.

CONVENTO DE SANTO ANTONIO.

Aquelles que não têm estudado a historia do Brazil e que mal e apenas conhecem della os factos contemporaneos ou recentemente passados attribuem ás lutas que tiverão lugar na época da proclamação da nossa independencia e ás manifestações que de alguns annos a precedêrão, ás novas e ardentes aspirações dos Brasileiros acendidas depois da chegada da familia real á terra da Santa Cruz, e a essa mudança provisoria da séde da monarchia portugueza, attribuem emfim ao primeiro quartel do século XIX o principio do ciume e da rivalidade entre os Portuguezes e os Brasileiros.

É um erro que convém que desapareça, erro que se deve corrigir porque, além do mais, calumnia a nossa independencia que foi um acontecimento admiravel pela sua importancia e magestade, e ainda mais pelos seus resultados civilisadores, nobres e generosos.

A origem daquella rivalidade é igual e semelhante á de outras da mesma natureza que se observão no mundo: onde houve colonisação dominadora e subsequente regeneração politica do paiz colonizado, onde houve conquista estrangeira e posterior triumpho da nacionalidade offendida, rompeu e existe o ciume e a rivalidade entre o povo conquistador e o povo regenerado.

É por isso que existe rivalidade entre Francezes e Ingleses, entre Hespanhóes e Portuguezes, entre Italia-

nos e Austriacos, entre Hespanhóes e Americanos das antigas colonias de Hespanha, entre Ingleses e Americanos do norte, entre muitos povos ainda.

A independencia do Brazil, porém, em vez de dar nascimento ao ciúme a que me refiro, preparou pelo contrario o seu arrefecimento: nos annos do maior fervor das idéas de separação do Brazil, nos dias de esforço e de luta, naturalmente o ciúme tomou proporções que lhe derão até o character de odio; mas, conseguida a victoria, reconhecida a independencia, começou a civilisação do paiz a dar os seus fructos, e a rivalidade foi e vai pouco a pouco se extinguindo, e os dous povos vão apertando os seus laços de fraternal amizade, porque de facto elles são irmãos pelos costumes, pela religião, pela educação, pela lingua, pelo sangue, pelas virtudes, e até pelos defeitos.

Hoje podemos fallar sem receio dessa rivalidade que não existe mais no espirito dos homens esclarecidos, e que apenas amesquinha ainda os corações dos homens menos civilizados das duas nações.

Quando começou a rivalidade entre Brasileiros e Portuguezes?... Ninguém poderia marcar-lhe a data; não erraria porém aquelle que dissesse que começou no dia em que os Portuguezes naturaes do Brazil começárão a sentir a supremacia que sobre elles exercião os Portuguezes naturaes de Portugal, isto é, que começou, quando mais tarde, logo no século XVII, dous séculos antes da independencia do Brazil.

Nos annaes e nas chronicas das nossas províncias

achareis antigas provas dessa rivalidade, provas deixadas em lutas de todo o genero, e até em vestigios de sangue.

Para não amontoar citações e lembranças historicas, limito-me ás seguintes, que são irrecusaveis e positivas.

Em 1645 os Pernambucanos, pondo-se em campo contra os Hollandezes, doêrão-se por ver á sua frente João Fernandes Vieira, que era europeu e que só conservou o commando dos independentes pelo prestigio que lhe deu a victoria das *Tabocas*.

No principio do século XVIII a guerra civil dos *emboabas* em Minas-Geraes escreveu com letras de sangue a historia da inimizade dos Paulistas e dos Portuguezes.

Ainda no começo do mesmo século a guerra civil chamada dos *Mascates* em Pernambuco deu testemunho daquella rivalidade com uma violencia terrivel.

Em 1707 os naturaes de Portugal residentes na cidade do Rio de Janeiro dirigirão ao rei uma representação em que se queixavão dos *filhos da terra*, que os excluião nas eleições dos officiaes da camara *em tal fórma*, diz o documento, *que, tanto nos pelouros do senado da camara não suppoem introduzidas aquellas pessôas do seu empenho, logo se congregão, unem e ajuntão, fazendo ranchos. afim de embaraçar e perturbar com publico escandalo as eleições, etc.*; e mais abaixo diz ainda o mesmo documento: — *não dando outra cauza a isso mais que serem os supplicantes filhos deste reino de Portugal, como se Portugal fôra a Barbara e de Portugal!*

lhes não tivera ido aos supplicados aquillo de que se pôdem jactar, etc.

Estes quatro factos, além de muitos outros, demonstrão que é de antiga data essa triste rivalidade; não se sentia ella porém sómente no seio agitado da população e do século, e ia não menos fôrtemente reflectir no interior dos proprios conventos dos religiosos! . . .

Nas contendas e'itoraes dos frades capuchos do Rio de Janeiro o ciúme entre os Brasileiros e Portuguezes era sempre motivo de desgostos e de recrimnações e resentimentos: os frades portuguezes, que erão em numero muito mais avultado, monopolisavão as prelazias e cargos superiores da ordem, e chegou a tal extremo esse espirito de exclusivismo que os religiosos Brasileiros pedirão á santa Sé uma providencia qualquer á bem dos seus direitos.

O padre-mestre ex-provincial e procurador-geral da provincia de Nossa Senhora da Conceição do Rio de Janeiro, frei Fernando de Santo Antonio, achava-se em Roma em 1719, e ali gozava de grande credito pelas suas virtudes e sabedoria, e, commissionado pelos capuchos brasileiros, pediu e obteve do Pápa Innocencio XIII para a corporação franciscana do Rio de Janeiro, um breve que, mandado observar pelo beneplacito regio, foi aceito por todos os religiosos e pela meza definitiva em sessão de 23 de Outubro de 1719.

É esse o breve chamado muito propriamente da *alternativa*, e que vigorou até á declaração da independencia do Brazil.

Segundo as disposições do *breve da alternativa*, quando havia um noviço para professar e era portuguez, esperava este que outro noviço brasileiro concluísse o tempo do tyrocínio para professarem ambos no mesmo dia; e do mesmo modo, em caso contrario, esperava o brasileiro pelo portuguez, de maneira que o numero dos religiosos europêjs não excedesse o dos brasileiros e *vice-versa*.

— Quando em um capitulo sahia eleito provincial um capucho nascido na Europa, no seguinte o successor tinha necessariamente de ser natural do Brazil, sob pena de nullidade de eleição, seguindo-se depois ao brasileiro outro que devia ser portuguez, *sine qua non*.

A respeito dos guardiões estabelecia-se a mesma regra.

Se por qualquer circumstancia vagava algum dos cargos antes de terminado o tempo marcado nos estatutos, o cargo era preenchido por um substituto brasileiro ou portuguez, conforme era Portuguez ou Brasileiro o frade a quem se dava o substituto.

Para os collegios de estudos emfim os collegiaes que se designavão erão em numero igual brasileiros e portuguezes.

Tal foi o breve da *alternativa*.

As disposições singulares e curiosas desse breve indicão bem claramente a que ponto havia chegado o ciúme entre Brasileiros e Portuguezes nos conventos dos franciscanos da provincia de Nossa Senhora da Conceição do Rio de Janeiro.

A historia da *alternativa* que acabo de contar é um novo e seguro fundamento para a proposição que emitti e que vou repetir.

A rivalidade que tanto separava os Brasileiros dos Portuguezes não teve a sua origem nas lutas da independencia do Brazil, e muito pelo contrario a independencia que nos engrandeceu e exaltou, a independencia que nos deu um governo livre e nacional, o sol do Ypiranga que foi tambem para nós o sol da civilisação tem conseguido ir banindo pouco a pouco essa rivalidade e esse ciume que hoje se tornârão tão fúteis, tão mesquinhos, tão inconvenientes, que chegarão a ser inconfessaveis.

Não ha mais nem pôde mais haver metropole nem colonia para Portugal e Brazil : o Brazil e Portugal são duas nações irmãs, e, embora separadas pelo Atlantico, estendem seus braços e apertão as mãos amigas e nobres, não só sem resentimento, mas ainda com amor.

É tempo agora de irmos subir pela escada de pedra que vimos ao lado esquerdo da portaria, e logo ao vencê-la temos de parar um instante para contemplar um quadro que orna a parêde principal e que representa a *Fé* e a *Caridade*.

A escada leva-nos ao primeiro andar, e termina dando entrada para uma sala que se chama o *salão da portaria*.

Nesta sala tres quadros grandes em tela e com molduras douradas desafião a nossa attenção, e não me sendo possivel dizer-vos os nomes dos pintores que os execu-

tárão, limitar-me-hei a expôr-vos o assumpto de cada um delles, a dar-vos a leitura de algumas *oitavas* que os esclarecem e que devem ser conservadas em lembrança do poeta que as compoz, e emfim a contar-vos a historia de um desses quadros, que não deixa de ser curiosa.

O quadro que está ao lado direito representa S. Francisco de Assis humilhado aos pés do bispo de Assis, no acto em que este queria beijar as mãos do santo patriarcha.

O do centro que é o maior e mais importante, figura a mórte de S. Francisco, que está estendido no chão com os braços cruzados sobre o peito, cercado de religiosos e da madre Jacoba, a qual, segundo refere a tradição, assistio ao passamento do santo.

Deixemos por ora de parte o terceiro quadro, que é o do lado esquerdo.

Aquelles dous primeiros paineis, que merecem por certo alguma apreciação, impressionarão um frade capucho ainda muito moço e que já patenteava no convento de Santo Antonio um talento brilhante: o joven religioso foi ter com o provincial e pediu-lhe licença para compôr alguns versos que fossem depois escriptos por baixo das pinturas: a licença foi obtida, e as telas em que o pincel do pintor reproduzira aquellas scenas recebêrão novo encanto da musa de um poeta.

Asseverando eu agora que esse poeta foi S. Carlos e que as *oitavas* por elle escriptas fôrão algumas das primicias de seu bello genio, está visto que todos me estais pedindo esses versos do cantor da Assumpção.

Não me farei rogar.

O quadro de S. Francisco humilhado aos pés do bispo de Assis tem as seguintes oitavas :

I.

Este quadro que admiras, bem traçado,
Destreza do pincel mais primoroso,
Prazer causa ao espirito humilhado.
Terror e confusão ao orgulhoso.
O varão que aqui vês representado
Vence agora de humilde o ser vaidoso ;
Que em lutas de vaidade, só cahido,
Se consegue o laurel de ter vencido.

II.

Lançado está por terra e satisfeito
Porque o pastor que attento o assistira
Formou do seu fervor um tal concêito
Que tudo á mão de Deos attribuirá ;
Por ver acreditado este direito
Em ondas de prazer, gloria respira
O justo, que de gosto transportado
Vê que em tudo é Deos glorificado.

III.

Assim este exemplar de santidade
Guardava á risca as leis do abatimento,
Reconhecendo a Deos summa bondade
Em tudo com profundo acatamento.

Não descobre a cegueira da humildade
Nas honestas acções o luzimento;
E por mais que bem obre (oh cousa rara !)
Sempre tem para si que nada obrára.

IV.

Tu pois que estás a ver attentamente
Primores de humildade tão subida,
Não pares só na vista; se és prudente
Regula pelo exemplo a tua vida.
O retrato é motivo bem urgente
P'ra excitar-te a vontade adormecida;
Que a viriude, inda mesmo assim pintada,
Reprehende a conducta relaxada.

As *oitavas* que se lêem no quadro do centro, que figura a scena do passamento do patriarcha, são estas outras :

I.

Este que vês, cadaver animado,
Que sobre a dura terra jaz despido,
É da Italia o assombro venerado,
É o credito de Assis esclarecido,
O seraphim Francisco, que o costado,
As mãos e pés fazem conhecidos,
Servindo de inscripção (de amor effeito)
Chagas nas mãos e pés, chagas no peito.

II.

Nos paroxismos ultimos da vida,
Já vacilante o edificio humano,
No leito jaz ; porém a alma assistida
Do celestial alento soberano,
Na infalivel do corpo despedida.
Não receia da morte o golpe insano,
Pois na desunião do corpo e alma
Espera conseguir da gloria a palma.

III.

Mas o corpo mortal na dura ancia
(Pensão de toda a humana creatura),
Da vida á morte vê curta distancia :
Antes que o cubra a terrea sepultura
Aos seraphicos filhos, com instancia,
Roga o lancem despido á terra dura.
P'ra que se veja em acto tão profundo
Que o mundo deixa como veio ao mundo.

IV

Alcança o que deseja, e já do leito
O concurso seraphico o levanta,
E da humildade o exemplar perfeito
No chão depõe a obediencia santa.
Amante cruza os braços sobre o peito,
E os olhos põe no céu, onde se encanta ;
Seguindo o corpo e os olhos desta sôrte
Da terra o porto e dos céos o nórte.

V.

Oh seraphico espirito que amante
De Christo intentas imitar os passos !
Pois vendo a Christo padecer constante
Na cruz em que rompeu da vida os laços,
Para seres a Cristo semelhante
A cruz para morrer fôrmas dos braços!
De amor invento foi, para seres visto
Na vida e môrte imitador de Christo.

VI.

Quem não dirá, de assombro suspendido,
Ao vêr-vos, seraphim crucificado,
Que ou em vós está Christo convertido,
Ou estais vós em Christo transformado !
Se Christo em cruz por nós morreu ferido,
Por Christo em cruz morreis tambem chagado ;
Se em Christo chagas fez o amor mais fino,
Em vós chagas abriu o amor divino.

VII.

Jacoba, que a Francisco e aos seus em vida
Sempre favoreceu com mão piedosa,
Festa de amor tragedia esclarecida,
Por aviso do céo, se acha amorosa ;
Mortalha e cêra traz, bem advertida,
Prevendo em Roma a môrte gloriosa ;
E de Francisco aos pés com tanta pena
Assiste qual amante Magdalena.

VIII.

À vista do espectáculo estupendo
Do seraphim os filhos amorosos,
O rigor da saudade já prevendo,
O transitio do pai sentem chorosos:
Quando dos olhos lagrimas correndo,
Dos peitos sahem suspiros lastimosos,
Tributando-lhe juntos nesta magua
Os peitos fogo amante, e olhos agua.

IX.

Inspira o céo ao guardião Aiguerio,
Que amortalha a Francisco com decencia
No habito que trouxe, por mysterio,
Da matrona Jacoba a diligencia ;
Assim lhe diz com reverente imperio
Que o aceite em virtude da obediencia :
E Francisco, com animo sujeito,
Promptamente obedece ao seu preceito.

X.

Ó singular modelo da humildade !
Ó raro paradigma da pobreza !
Ó pasmo sup'rior da santidade !
Ó tocha da mais bella luz acesa !
Ó esphera em que ardeu a caridade !
Ó relevante cifra da pureza !
Quem soube como vós, sempre constante
Ser pobre, santo, puro, humilde e amante?...

XI.

Na mórte, depois della, e mesmo em vida
Sempre por santo foste venerado,
E por santo tres vezes, quem duvida?
Sois seraphim no empyreo laureado.
Da vossa consonancia, ás mais unida,
No céo tres vezes santo é Deos louvado ;
Pois sois santo tres vezes, não me espanto
Canteis qual seraphim tres vezes santo.

XII.

A numero os prodigios sup riores
Intentar reduzir deste portento
É querer numerar do campo as flôres
E as estrellas contar do firmamento.
Só poderão contar vossos louvores
Voz seraphica, angelico talento ;
Que para assumpto tão alto e soberano
É limitado o entendimento humano.

Não foi o poeta quem trasladou para os quadros as oitavas que compuzera ; e explicão-se por isso não poucos erros de orthographia que nessa cópia se notão, assim como é certo que S. Carlos se queixava de erros ainda mais graves, que o copista commettêra e que offendêrão a substancia da composição.

Guardemos no entretanto com amor estes versos do joven inspirado. Tudo quanto respeita e se refere ao nosso S. Carlos deve necessariamente ser-nos grato.

Chegou a vez do terceiro quadro, que nos apresenta o milagre que fizera S. Francisco resuscitando um bispo na occasião em que o cadaver deste, collocado sobre a eça, ia ser encommendado pelo cabido.

Este painel não tem no salão da portaria a mesma data dos dous anteriores, e veio muito depois delles substituir outro que cahira no desagrado do bispo D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello-Branco.

Sabe-se que o patriarcha S. Francisco de Assis appareceu como um enviado do céu, no meio das vicissitudes e duras provas por que passou a igreja nos ultimos annos do século decimo-segundo e nos primeiros do seguinte, em que as heresias, o desprezo da moral evangelica, e a corrupção dos costumes fazião a vergonha do proprio clero e de muitos bispos. S. Francisco entendeu que a verdadeira caridade deve principiar por casa, e atacou os abusos, as irregularidades do clero e dos bispos, e conseguiu os triumphos que o tornárão admiravel aos olhos do mundo.

Um antigo pintor, querendo, ao que parece, alludir a esses factos, e usando daquella liberdade que o mestre Horacio reconhece como um direito dos poetas e dos pintores, pintou um grande quadro allegorico, no qual era representado o santo patriarcha empunhando como o profeta de Terbes uma espada, e na acção de degollar com ella um bispo que elle sustinha pelos cabellos.

Não sei se a allegoria era de bom gosto; certo é porém que esse painel foi por muitos annos conservado no salão da portaria do convento de Santo Antonio.

Mas veio um dia em que o bispo D. José Joaquim Justiniano deu aos capuchos do Rio de Janeiro a honra de uma visita, e entrando no salão da portaria estacou diante do quadro tremendo e offensivo da dignidade dos bispos.

— Que quadro é este?.. exclamou : S. Francisco de Assis nunca praticou acção semelhante!..

— É uma simples allegoria, disse o provincial.

— Simples?... é uma allegoria insultuosa e indigna ; é uma pintura indecente e que não deve existir em um convento!

O bispo estava irritadissimo, e ordenou logo depois que o painel fosse arrancado e inutilizado.

A ordem foi cumprida, e o quadro do bispo resuscitado substituiu o do bispo em acção de ser degollado.

Era a substituição da imagem terrivel da morte pela imagem risonha da vida.

Tempos depois o bispo D. José Joaquim Justiniano tornou ao convento de Santo Antonio, e, vendo o novo quadro que tomara o lugar do antigo, disse com uma alegria beatificadora :

— Este sim ! este sim !.

CONVENTO DE SANTO ANTONIO.

O primeiro andar do convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro ainda nos deve dar precioso entretenimento para um longo *Passeio*.

Tinhamos parado no *salão da portaria*, que estudamos já sufficientemente.

Sigamos agora por este extenso corredor, e no fim delle entremos no salão chamado dos *Guardões*.

É como o primeiro uma pequena sala, a que imprópriamente se empresta o nome de salão; tem duas portas que abrem para um terraço, que domina a entrada da barra e grande parte da cidade: é simples, sem ornamentos, conforme o preceito da ordem Seraphica; pôde porém ufanar-se de possuir em suas parêdes quatro verdadeiras preciosidades, que são os retratos de Rodovalho, S. Carlos, Sampaio, e Mont'Alverne, devidos á palheta do Sr. *Tironi*

Daquelles quatro admiraveis oradores do pulpito brasileiro só Mont'Alverne nos deixou uma collecção de uma parte dos seus sermões: os thesouros da intelligencia dos outros perdêrão-se ou completamente, ou em sua maxima parte.

Frei Antonio de Santa Ursula Rodovalho era natural de Taubaté, provincia de S. Paulo, e dizia Mont'Alverne, que era Rodovalho o frade mais sabio da provincia de Nossa Senhora da Conceição do Rio de Janeiro; foi

um orador profundo e muito conceituado; morreu a 2 de Dezembro de 1817, e não me consta que se saiba o fim que levirão os seus sermões.

Ainda ha quemse lembre de ter ouvido frei Rodovalho pregar, e sei de um ancião que occupa uma alta posição official e que é muito notavel por seus conhecimentos e illustração, que conserva de cór quasi toda a *oração funebre* que aquelle celebre Franciscano pregou na igreja da Misericordia nas exequias do marquez de Lavradio,

S. Carlos fez presente de cerca de sessenta sermões que tinha conservado, a um clérigo secular da sua amizade que o frequentou muito nos seus ultimos dias de vida; e o padre, cujo nome não quero declinar, sumio um legado tão precioso que era mais da patria que delle proprio.

Sampaio morreu de um ataque apoplectico, e deixou em sua cella um caixão contendo mais de tresentos sermões. O provincial que então servia, e que era frei Joaquim de S. Daniel, arrecadou o caixão em que ninguem mais pôz os olhos; e quando em 1852 falleceu, algumas horas antes de morrer, ou na vespera do dia do seu passamento, offereceu esse rico thesouro a um joven religioso seu discipulo.

Mas a ultima vontade de S. Daniel não foi cumprida: o caixão de sermões foi arrecadado pelo provincial que nessa época servia, e cujo nome não declino porque ainda existe, e sem duvida ainda guarda zeloso aquella riqueza, de que não houve mais noticia, e que, eu o penso, pretende por sua mórte legar á corporação a que pertence.

Muito melhor e louvavel fôra que o respeitavel religioso entregasse ainda em sua vida e quanto antes esses desejadissimos trabalhos do illustre frei Sampaio: a isso o convida o dever do patriotismo e da religião.

No entretanto penso que para gloria e credito da sua ordem e tambem para a gloria da patria devem os frades capuchos empenhar-se em obter aquelle precioso caixão ou pelo menos em reunir e publicar om uma collecção esses poucos sermões que existem impressos em folhetos e alguns manuscriptos que restem dos numerosos trabalhos desses grandes pregadores, para que os vindouros possuão ao menos fazer idéa da robusta e esclarecida intelligencia de tão distinctos brasileiros.

Foi pena que se esbanjassem tantos e tão preciosos thesouros.

Frei Sampaio especialmente era de uma fertilidade pasmosa : sentava-se à mesa, dobrava duas ou tres ou quatro folhas de papel, cosia-as, tomava a penna, e escrevia sem parar com uma letra sempre igual, miuda, e de character antigo; não emendava, nem riscava, e acabava o discurso exactamente no fim da ultima pagina do folheto que preparava.

Sampaio gostava de ter dinheiro, e como não lhe sobrassem os meios, escrevia sermões para os padres que lh'os ião encomendar ao preço de quatro mil réis : faça-se idéa dos triumphos que se alcançárão ahi pelos pulpitos da cidade e das freguezias do interior à custa de frei Sampaio!

Era de uso naquelle tempo que os pregadores Fran-

ciscanos pagassem ao convento de cada sermão de Evangelho uma dobra, e de cada pratica quatro mil réis. O onus era pesadissimo; porque então não se gratificavam tão bem como hoje os oradores sagrados.

Os frades capuchos pregadores revoltavam-se todos contra semelhante tributo e era já objecto de divertimento e toleravel empenho no convento o ver qual delles podia escapar por innocente astucia ao pagamento da dobra ou dos quatro mil réis.

Contava muitas vezes Mont'Alverne que um dos maiores desapontamentos porque passára, fôra devido áquelle empenho.

Tinhão-lhe ido encommendar um sermão para uma festa que no dia 15 de Agosto se devia celebrar na igreja dos Terceiros do Hospicio.

Mont'Alverne declarou que pregaria, se se guardasse inviolavel segredo a respeito do nome do pregador, e aceita a condição, preparou o seu sermão, e no dia da festa sahio do convento, pregou, e voltou para sua cella sem que um só dos frades, e menos o guardião concebesse a menor suspeita sobre o caso.

A noite havia no convento uma solemnidade á Nossa Senhora da Assumpção no altar da enfermaria, e Mont'Alverne chegando para tomar parte nella ainda um pouco cedo, começou a passear e a conversar em um salão com o guardião que era frei Joaquim de S. Jeronymo.

Passados apenas alguns minutos, entra no salão um devoto frequentador do convento de Santo Antonio, homem estimavel, que tinha em grande apreço os bons

pregadores, e que por signal e felizmente ainda hoje vive, e lembrar-se-ha deste caso.

O bom devoto, logo que pôe os olhos em Mont'Alverne, corre para elle enthusiasmado e exclama :

— Ah ! padre mestre !. que magnifico sermão pregou hoje vossa caridade !... a admiração foi geral, e eu ainda me acho commovido e arrebatado !...

Mont'Alverne estava dentro de si maldizendo do enthusiasmo do seu admirador, e este cada vez mais ardente e enlevado relatou tudo quanto testemunhára.

O guardião desatando a rir, voltou-se para Mont'Alverne e disse-lhe :

— Venha a dobra, padre-mestre, venha a dobra !...

E Mont'Alverne teve de paga-la.

Frei Sampaio foi mais feliz do que Mont'Alverne.

Estava elle para pregar um sermão de *Angustias* na igreja da Misericórdia, e dias antes sabindo da sua cella, vio o guardião que era então um outro celebre pregador, Santa Leocadia, passeando triste e como se estivesse contrariado.

— Que tem, padre-mestre ?..perguntou frei Sampaio.

— Ah ! disse Santa Leocadia ; não se pôde mais ser prelado nestas casas ! os frades não dão aos prelados senão desgostos e angustias.

— Deverás ?.... tornou frei Sampaio sorrindo-se.

— Ria-se ! ria-se ! mas se fosse guardião havia de entristecer-se como eu, e de viver sempre angustiado.

— Pois, padre mestre, eu lhe juro que não se queixará de mim por lhe dar o meu *quinhão de angustias*.

—Estou certo disso, padre-mestre, estou certo, e nunca pensei o contrario : respondeu Santa Leocadia.

Tres dias depois foi Sampaio pregar o seu sermão, e de volta recolheu-se á sua cella; tinha porém apenas acabado de entrar, quando lhe appareceu Santa Leocadia.

— A dobra padre-mestre ! disse o guardião,

— Que dobra?... perguntou frei Sampaio, mostrando-se admirado.

— Ora!... a dobra do sermão que pregoi.

— Ah padre-mestre guardião ! disse frei Sampaio : de pagar esta dobra estou eu livre; porque preguei um sermão de *angustias*, e ha tres dias lhe jurei, e vossa caridade recebeu o meu juramento, de que eu não lhe daria o meu *quinhão de angustias*.

O guardião pôz-se a rir, e frei Sampaio não pagou a dobra.

Relevai-me estas ligeiras anedoctas que se referem a esses nossos grandes prégadores; e retirando-nos do salão dos guardiões, rendamos justos louvores ao actual provincial dos Franciscanos do Rio de Janeiro, porque foi elle que mandou fazer aquelles quatro retratos que perpetuão as imagens de tão eloquentes e sabios oradores brasileiros.

A capella dos *Tres corações* que em seguida passamos a visitar, tem o altar copiosamente enriquecido de reliquias e ossos de santos, que os provinciaes quando ião a Roma votar em capitulo geral trazião obtidos do Papa: as parêdes mostram-se ornadas com diversos bustos de santos, cada um dos quaes apresenta um relicario ao

peito : o tecto é pintado a oleo, e é ali notavel um quadro do mysterio da Trindade.

Além das salas e da capella que temos estudado, constava ainda o primeiro andar do convento de Santo Antonio de numerosas cellas que outr'ora não erão de sobra, porque então abundavão os religiosos, e que nestes ultimos tempos tão deshabitadas ficárão, que uma parte dellas foi cedida para o *archivo publico*, que desde 1834 se acha alli estabelecido, tendo-se rasgado muitas cellas que se transformárão em salas dispostas convenientemente para o serviço desta utilissima instituição.

O *archivo publico* absorveu as antigas accomodações da secretaria e do consistorio do convento que erão no primeiro andar, e que em consequencia dessa patriotica hospedagem o actual provincial fez mudar para o segundo, como teremos de ver.

A necessidade de prover com os arranjos precisos o *archivo publico* ia sendo causa de desaparecer, como desaparecerão muitas outras, a cella que fôra habitada pelo padre-meatre frei Francisco de Santa Theresa Sampaio.

A situação em que se achava esta cella a condemnava ao doloroso sacrificio; o digno provincial porém, frei Antonio do Coração de Maria Almeida, que por algum tempo a tinha tambem occupado desde 1844, salvou-a desse grande perigo e della conserva a chave, bem como das que pertencêrão a S. Carlos e Mont'Alverne.

A cella que foi habitada por frei Sampaio está situada junto de um salão que corre por cima da sacristia,

para o jardim da qual olhão as suas janellas de grades de ferro.

A cella de frei Sampaio é historica, e cheia de importantes e curiosas recordações : em 1821 e 1822 reu-nio por vezes em seu acanhado recinto um club de patriotas, e depois da proclamação da independencia foi muito frequentada pelo Sr. D. Pedro I, imperador do novo Imperio.

Quando no Rio de Janeiro se tratou de impedir a reti-rada do Sr. D. Pedro, então principe regente, para Por-tugal, o capitão-mór José Joaquim da Rocha, o coronel Nobrega e outros, reunirão-se repetidamente na cella de frei Sampaio; e foi ahi que preparárão alguns dos gran-des acontecimentos que em seguida chegarão a ter lugar, e que fôrão os precursores do grito do Ypiranga.

Frei Sampaio foi o redactor de um jornal politico que naquelles annos se publicou sob o titulo *O Regulador*, e em que sustentou principios liberaes moderados ; era da sua cella que mandava para a imprensa os autographos, e ainda hoje se conserva no convento de Santo Antonio um livro, em cujas paginas elle pela sua propria mão deixou copiados os principaes artigos que fez imprimir no seu periodico e em outros.

Algun tempo depois da independencia frei Sampaio começou a desagradar aos liberaes que principiavão a manifestar aquella opposição que só acabou triumphando em 7 de Abril de 1831.

Dizião os liberaes que o illustre Franciscano escre-viu obedecendo ás inspirações e à vontade do Sr. D. Pe-

dro I, que o conquistára com obsequios e provas de afecção, e assentavão o seu dizer em um fundamento que a muitos parecia seguro, porque era verdade que o Sr. D. Pedro I ia frequentes vezes ao convento de Santo Antonio, e não poucas ficava desde o anoitecer até ás dez horas da noite na cella de frei Sampaio, ouvindo-o ler os seus artigos, e com elle discorrendo sobre politica.

Mas tudo isso já lá vai, e tudo desapareceu : perdêrão-se os sermões do eloquente prégador, por pouco que não desapareceu tambem a sua cella, e perdêrão-se até os ossos desse homem illustre !

Direi como se extraviarão os ossos de frei Sampaio ; e tratando deste ponto escreverei a ultima pagina em que neste *Passeio* me occuparei do celebre Franciscano.

Quando frei Sampaio falleceu, alguns dos seus compatriotas e admiradores determinarão mandar preparar uma urna digna de receber-lhe os restos ; abrirão para isso uma subscrição e encommendarão a urna a um artista de nome Adriano, que teve uma officina de entalhador na rua do *Senhor dos Passos*.

Chegado o tempo competente, dirigio-se um antigo amigo do finado ao convento de Santo Antonio, onde era muito conhecido e considerado, e depois de instancias reiteradas obteve os ossos de frei Sampaio.

Mas o enthusiasmo tinha já esfriado ; os subscriptores não concorrêrão com as quantias competentes ; o descuido fez esquecer a gratidão ; faltou o dinheiro quando a urna se achava prompta, e os ossos do grande prégador fôrão abandonados e esquecidos na officina de Adriano.

Dê a um brasileiro escrever estas tristes verdades ; sirvão ellas porém ao menos para castigo da nossa reprehensivel incuria.

Entretanto Adriano incommodava-se com a urna que lhe custára trabalho e despeza, e que continuava na officina a lembrar-lhe o prejuizo soffrido : sabendo porém que o Sr. Dr. José Mauricio Nunes Garcia procurava uma urna para recolher os ossos de seu pai o illustre padre José Mauricio Nunes Garcia, correu a offerecer-lhe a que tinha.

O Sr. Dr. José Mauricio foi á officina de Adriano, comprou a urna, e vendo a ossada de frei Sampaio, e reconhecendo-lhe a cabeça pelo unico alveolo incisivo que apresentava, e que fazia lembrar um defeito que pelo correr dos annos experimentára em sua dentadura o celebre pregador, levou consigo essa cabeça, que tão grande se mostrára, e que Adriano cedeu sem a mais leve opposição.

Os annos corrêrão, Adriano morreu : os ossos de frei Sampaio extraviarãõ-se para sempre, e apenas a cabeça ossea nos resta conservada pelo illustrado medico e habilissimo mestre de anatomia, que nas suas *Lições de Anthropotomia* deu uma curiosa discripção, ou antes fez um estudo consciencioso e interessante daquella preciosa reliquia.

O Sr. Dr. José Mauricio considera *o craneo de frei Sampaio como um typo dos melhores—das bellas formações craneanas, e declara que elle se presta á todos os systemas craneometricos melhor do que nenhum dos queha podido ver*

Debaixo do ponto de vista phrenologico o Sr. Dr. José Mauricio faz ainda notar o extraordinario desenvolvimento da *bossa da idealidade* que Gall e Spurzheim se extasiariam encontrando na cabeça daquelle prégador tão famoso pelos seus improvisos felizes e pela sua eloquencia arrebatadora.

O estudo feito sobre o craneo de frei Sampaio é cheio de importancia e de interesse : e para as *Lições de Anthropotomia* do nosso muito distincto lente jubilado de anatomia, remetto os meus companheiros de *Passeio* que o desejarem devidamente apreciar.

O Sr. Dr. José Mauricio Nunes Garcia é merecedor de elogios e de gratidão pela bôa obra que fez, salvando e conservando o craneo de frei Sampaio, e dando delle um estudo minucioso e profundo que aproveita a sciencia, e tambem um pouco mitiga a magoa que nos deixou o extravio dos outros ossos.

Além da cella do frei Sampaio, que o respeito devido á sua illustre memoria fez conservar com um cuidado tão louvavel, ainda os religiosos Franciscanos apontão e mostrão com uma bem fundada e justa ufania aos visitantes do seu convento da cidade do Rio de Janeiro outras cellas não menos recommendaveis por nobres recordações da mesma natureza.

Entre essas distinguem-se as que pertencérão a Mont Alverne e S. Carlos.

Direi alguma cousa a respeito da cella que foi habitada pelo ultimo, o frade notabilissimo que primou como prégador e como poeta.

A cella que pertenceu a frei S. Carlos está situada na extrema esquerda da face principal do convento, e della são as ultimas duas janellas de peitoril, que alli se vêem; por cima, no segundo andar, tem ella o painel e altar de Nossa Senhora da Assumpção, que havemos de contemplar mais tarde.

É notavel a feliz coincidencia desse altar e desse painel da Assumpção levantados exactamente sobre a cella em que habitou aquelle que foi o grande e inspirado cantor da Assumpção, e onde elle escreveu esse estimado poema, que perpetuará o seu nome.

Entretanto esta cella tambem correu o risco de ser destruida, não pela mão dos homens, mas pela flamma do raio.

Em uma tarde escura e tempestuosa achava-se frei S. Carlos na sua cella e conversando com elle os padres mestres frei Henrique de Sant'Anna, frei Joaquim de S. Daniel e alguns outros religiosos.

A tormenta ia cada vez mais redobrando de intensidade, e ao ribombar de um terrivel trovão levantáram-se os frades assustados.

Frei Henrique tremia ainda mais que todos os outros.

— Que é isso, padre-mostre?... perguntou-lhe S. Carlos.

— Tenho medo, respondeu frei Henrique; tenho medo, e lembra-me que não estamos bem aqui em uma extremidade do convento: acho prudente que nos retiremos.

S. Carlos rio-se do conselho de frei Henrique; esse porém despedio-se, sahio, e foi logo seguido por todos os outros frades.

Frei Joaquim de S. Daniel, que se deixára ficar por ultimo, despedio-se tambem, e S. Carlos, ou para continuar a conversação em que estavam, ou porque não lhe agradasse o ficar só, acompanhou a S. Daniel.

E tinham apenas dado alguns passos fóra da cella, quando um novo e mais terrivel trovão rebentou, e a cella pareceu abysmada em um diluvio de fogo.

Era o fogo do raio.

S. Carlos, S. Daniel, frei Henrique e os outros religiosos acabavão de escapar de ser fulminados.

O raio estragou o altar da Assumpção, que veremos no segundo andar do convento, fez rachar-se de alto abaixo uma das parêdes da cella, e cahir uma grande pedra no mesmo lugar onde poucos momentos antes se achava sentado o padre-mestre S. Carlos.

O suavissimo cantor da Assumpção tratou logo depois de promover os reparos do altar estragado, conseguiu em breve restaura-lo, e em observancia de um voto que por essa occasião fez, dahi em diante e até morrer pré-gou em todos os annos o sermão da festa de Nossa Senhora da Assumpção no convento, solemnidade que se celebrava no mesmo altar que tambem fóra tocado pelo raio, attribuindo sempre aquelle padre-mestre a um milagre da Santissima Virgem o ter escapado a tão tremendo perigo.

E justo foi que a Rainha das Virgens, a Mãe Immar-

culada cobrisse com o escudo da sua protecção o poeta por ella mesma inspirado, o poeta que a cantava com tanto brilhantismo e com tanta doçura e que a ella dizia :

- « Eu só procuro com meus versos rudes
- « Teus triumphos cantar, tuas virtudes.

XVI.

CONVENTO DE SANTO ANTONIO.

Finalmente, depois de quatro longos *passeios*, chegamos ao segundo andar do convento de Santo Antonio da cidade do Rio de Janeiro.

Talvez cansados e aborrecidos de acompanhar-me, penseis que cinco *passeios* prolongados e consecutivos pelo interior de um convento devão parecer de mais : sabei, pois, que eu nutro sérios receios de que não paremos ainda no quinto, e que tenhamos de completar a meia duzia.

E mesmo assim não pouco me ficará por dizer, visto que sendo tão amplos os habitos dos frades Franciscanos. não pôdem deixar de dar muito panno para mangas.

E nem é de admirar que seis *passeios* não bastem para se fazer o estudo completo de um espaçoso e notavel convento, quando tantas e tão dilatadas viagens se tem feito dentro de limites muito mais apertados.

Só Xavier de Maistre, para não lembrar alguns outros, escreveu dous livros dando conta de uma *viagem ao redor do seu quarto*, e de uma *expedição nocturna*, ainda *ao redor do seu quarto* ; fação idéa de quantos livros escreveria Xavier de Maistre se viajasse por um convento de frades.

Direis a isso que tambem não fatigaria nem mesmo

ao maior preguiçoso, o ser companheiro de viagem de um escriptor como foi o espirituoso irmão do celebre conde José de Maistre.

Reconheço o fundamento e justeza desta observação, e como não tenho resposta a oppor-lhe, nem argumento que lhe tire ou diminua a força, faço o que está em moda, apello para a *rolha*, e proponho o encerramento da discussão.

E encerrou-se a discussão, e votou-se, e fico declarado por grande maioria de votos tão bom escriptor como Xavier de Maistre, ou ainda melhor do que elle.

Não vos admireis : as maiorias são ás vezes tão despoticas como Luiz XIV, e tão injustas como o Synhedrim que condemnou a Jesus-Christo.

Estamos, pois, no segundo andar do convento de Santo Antonio da cidade do Rio de Janeiro.

Vejo porém uma escada que deve levar-nos ainda a um andar superior, e deu-me vontade de sacrificar a ordem regular deste passeio, subindo ao terceiro andar antes de estudar o segundo.

Quer vos agrade quer não, haveis de sujeitar-vos á minha vontade.

Subamos pois a escada.

Este terceiro andar tem uma unica face, e bem que fique no fundo do convento, olha para a frente, e está fronteiro á rua da Guarda-Velha.

Examinemos o que se encontra neste ultimo pavimento.

Temos diante de nós uma pequena capella, em cujo

unico altar se venera a imagem sagrada do *Senhor dos Passos*.

No seio desta capella, que está quasi junto da enfermaria, e apenas della separada por um muito curto corredor, são depositados os corpos dos religiosos que chegam ao termo da sua perigração pelo mundo : emquanto as almas sobem aos pés de Deos, os cadaveres são recolhidos á capella.

Entretanto ella não foi sempre destinada para receber e guardar por algum tempo os restos mortaes dos Capuchos : outr'ora, até ao anno de 1747, alli se offereceu habitação e descanso a um venerando religioso leigo do convento, que nesse lugar teve a sua cella durante toda a sua vida passada no Rio de Janeiro.

Perguntais-me quem foi esse homem ? . . .

Já lestes o seu nome sobre a campa de uma distincta sepultura do claustro; tereis porém agora de lê-lo ainda uma vez : deixai a capella a avançai comigo pelo corredor, vinde.

Neste corredor, que communica a enfermaria com a capella do *Senhor dos Passos*, vê-se á mão esquerda de quem vai para a enfermaria uma pequena chapa de cobre pregada na parede indicando o lugar onde se achão os despojos mortaes de frei Fabiano de Christo, e tendo a seguinte inscripção :

*Ut quondam ægris quærebam, Fabiane, salutem,
Nunc etiam votis auxiliare tuis.*

Mas porque na casa da humildade assim tão manifes-

tamente se exalta a memoria desse finado?... porque nas sepulturas dos religiosos todas as lousas são mudas, e apenas duas, e dessas duas aquella que cahio sobre a cova desse pobre leigo, falla com a voz da inscripção, annunciando o nome do religioso, cujo cadaver escondeu no jazigo?...

A estas perguntas, que certamente me estais fazendo, vou responder contando a historia de frei Fabiano, como aliás já vos tinha promettido algures.

E a lenda de um santo que me cumpre repetir, e fallo-hei reproduzindo fielmente o que se encontra em livros e manuscriptos do archivo do convento.

Achar-se-hão nesta historia bellos exemplos da sublime virtude da caridade e além delles prodigios que a fé pôde receber, e sobre os quaes não se deve emittir opinião alguma.

Eu não discuto: limito-me a relatar com verdade o que li em papeis que me fôrão obsequiosamente confiados.

Frei Fabiano de Christo, religioso leigo do convento de Santo Antonio da cidade do Rio de Janeiro, era natural do arcebispado de Braga, no reino de Portugal: veio ainda muito moço para o Brazil, e aqui no Rio de Janeiro tomou o habito de franciscano capucho, com o qual viveu piedosamente durante quarenta e um annos, empregando desses não menos de trinta e sete em servir de enfermeiro com uma admiravel caridade, e dando sempre exemplo de singulares virtudes: aos setenta e um annos de idade pouco mais ou menos, e aos

17 de Outubro de 1747, falleceu enfim no mesmo convento de Santo Antonio, succumbindo a uma hydropeisia e com o corpo martyrisado por algumas chagas.

Era um homem tão venerando e de costumes tão irreprehensíveis, que todos os religiosos capuchos e ainda as principaes autoridades da casa o tratavão com o mais profundo respeito.

Apezar da sua modestia e do seu recolhimento, frei Fabiano era conhecido e amado em toda a cidade, e diz-se que frequentes vezes vinhão ao convento enfermos ricos e pobres pedir ao simples leigo a sua intervenção perante Deos para conseguirem o seu restabelecimento, acrescentando-se que as orações e as preces de frei Fabiano erão de ordinario attendidas, e que muitos doentes lhe devião assim a terminação dos seus soffrimentos, ou a vida.

Effeitos naturaes ou favores do céo, essas curas davão ao pobre leigo uma grande reputação de santidade.

Um factó tradicional no convento de Santo Antonio exhibe o mais seguro e incontestavel testemunho das sublimes virtudes da paciencia e da caridade do illustre religioso e devotado enfermeiro, que tanto se elevava pela humildade.

Achava-se em um dos leitos da enfermaria um velho frade, impertinente por genio, pela idade e pela molestia e de character irascivel e violento, e em uma noite, e já muito tarde, desejou tomar um caldo, e chamou o enfermeiro pelo toque da campainha.

Frei Fabiano acudio immediatamente, e attendendo

ao pedido do velho doente, e não querendo incommodar o ajudante e serventes da enfermaria, que socegradamente dormião, correu elle proprio à cozinha afim de preparar o caldo.

Alguns minutos depois, o frade recebia a sua chicara de caldo; provando-o, porém, e não o achando do seu gosto, atirou com a chicara cheia de caldo quente ao rosto do bom e zeloso enfermeiro.

Frei Fabiano ficou com a face ferida e queimada; insensível, porém, à dor, e cheio de angelica paciencia, disse :

— Perdôe-me, meu padre ! eu vou preparar lhe outro caldo.

O frade, confundido por um procedimento tão edificante, desfez-se em lagrimas, e, esquecendo a molestia lançou-se fóra do leito, cahio de joelhos, e exclamou :

— Perdão!... perdôe-me pelo amor de Deos a offensa que acaba de receber!...

Frei Fabiano levantou o velho religioso em seus braços e chorou com elle.

No dia seguinte o prelado vendo o enfermeiro com o rosto ferido, e não podendo conseguir que elle lhe revelasse a causa daquelle damno, impoz-lhe o preceito da obediencia e mandou-o fallar; mas frei Fabiano cedendo ao dever que o obrigava a accusar o velho frade, pôz-se de joelhos aos pés do prelado, e com um crucifixo na mão pedio e obteve o perdão do offensor.

Realmente só uma grande alma é capaz de tanta virtude!

Conta-se ainda que frei Fabiano vendo-se perigosamente enfermo, alguns dias antes do seu fallecimento despedio com suaves consolações os religiosos que o cercavão, e annunciou-lhes o dia e a hora do seu passamento, que exactamente veio a verificar-se, como elle predissera, no dia 17 de Outubro de 1747, pelas duas horas da tarde.

A noticia da morte de frei Fabiano, espalhada rapidamente pela cidade, chamou ao convento immenso povo, que invadiu a capella do capitulo, onde estava depositado o corpo, e começou a lançar-se sobre o féretro para cortar pedaços do habito de que estava vestido o cadaver, como se no panno que arrancavão levassem preciosas reliquias.

Tornou-se bem depressa necessario revestir o cadaver com um novo habito, e reclamar força publica para conter a multidão.

No dia seguinte o enterro teve lugar com a assistencia do governador Gomes Freire de Andrade, depois conde de Bobadella, do bispo D. frei Antonio do Desterro, e das pessoas consideradas da cidade.

Contão-se cousas extraordinarias observadas no cadaver do caridoso e humilde enfermeiro; deixarei porém a cargo daquelle que depuzerão sobre os factos que em seu dizer se passarão, o cuidado de contar a historia desses prodigios.

Frei Fabiano foi sepultado na quadra dos religiosos no claustro, na segunda sepultura, começando a contar da capella do Senhor do *Bomfim*. Na parêde que fica em

frente da sepultura collocou-se uma tarja de mármore com a seguinte inscripção em letras pretas e que ainda se conserva :

« *Sepultura do servo de Deos frei Fabiano de Christo, fallecido em 17 de Outubro de 1747.* »

Passados alguns annos, procedeu-se á exhumação, e por ordem do bispo e do provincial foi sellada a sepultura para ficar perpetuamente impedida, e os ossos do homem justo e caridoso, daquelle que já gozava em vida grandereputação de santidade, passarão para uma caixa, sendo esta collocada na parêde do corredor, edefrente da capella do Senhor dos Passos, de quem tinha sido frei Fabiano o mais constante devoto.

O bispo e o provincial mandarão proceder a uma inquirição juridica a respeito dos *numerosos milagres que fez o Senhor em testemunho da santidade daquelle seu servo*, e vinte e nove pessôas derão depoimentos que se achão lançados no livro II do tombo da provincia, de folhas oitenta e quatro a cem.

Não deixou de apparecer a idéa de pedir-se a canonisação de frei Fabiano ; não se levou porém a effeito esse projecto, por ser muito pobre a ordem dos Capuchos, e faltarem-lhe os recursos para as enormes despezas que seria indispensavel fazer.

Eis-ahi a historia, ou, se quizerem, a lenda de frei Fabiano de Christo, tal como a achei e li.

Se o caridoso, paciente e humilde enfermeiro foi e é

santo, não sei : se por sua intervenção operou Deos milagres e prodigios, ignoro ; basta-me porém saber que foi um homem rico de virtudes, para louvar a sua memoria.

No entanto, e ao menos por curiosidade, ajuntarei a este *passeio* a cópia de dous documentos que se referem a frei Fabiano, e que fôrão escriptos e assignados pelas duas principaes personagens da terra naquelle tempo, pelo governador e pelo bispo.

Suponho que são dous attestados pouco ou nada conhecidos ; a sua publicação portanto não é desnecessaria.

Copio-os sem commenta-los, e cada um ajuize delles como quizer. Ei-los abi :

D. frei Antonio do Desterro, por mercê de Deos e da Santa-Sé Apostolica, bispo do Rio de Janeiro, do conselho de Sua Magestade, etc., etc. : Attestamos que aos 18 dias do mez de Outubro do anno passado, de 1747, às 4 para as 5 horas da tarde assistindo nós a rogo dos Revms. Franciscanos do convento de Santo Antonio desta cidade) ao enterro do servo de Deos frei Fabiano de Christo, religioso leigo do mesmo convento, o qual havia fallecido no dia antecedente pelas duas horas da tarde, vimos e presenciámos o seguinte : Que, havendo fallecido o dito servo de Deos de uma hydropesia e de umas chagas antigas e asquerosas que lançavão de si materias putridas, depois de morto, nenhum máo cheiro lançava o cadaver. Que as ditas chagas estavam rosadas, vertendo sangue liquido. Que, esfregando nós as ditas chagas com um retalho do

habito do mesmo servo de Deos, e molhando-o no seu sangue, lançava este um cheiro suavissimo que re-reava o olphato. Que o cadaver tinha flexiveis as mãos, braços, pernas e juntas do corpo, em que se fez exame. Que tinha as côres do rosto tão naturaes e agradaveis, e os olhos tão crystallinos como se estivesse vivo, havendo mais de vinte e seis horas que tinha morrido. O que tudo nos pareceu e aos medicos que estão presentes serem effeitos sobrenaturaes e prodigiosos. E informando-nos nós da patria, vida e costumes do dito servo de Deos, soubemos dos religiosos do dito convento que era natural do arcebispado de Braga, no reino de Portugal, que tinha 71 annos de idade pouco mais ou menos, e 41 de professo na religião de S. Francisco desta cidade, dos quaes gastára 37 em servir com fervorosa caridade na enfermaria do convento, e que finalmente fôra sempre um religioso de vida inculpavel e exemplar. Todo o referido é verdade, em fé do que mandamos passar a presente attestacão, por nós assignada e sellada com o sello das nossas armas neste nosso palacio episcopal da cidade do Rio de Janeiro, aos 2 de Agosto de 1748. E eu padre Agostinho Pinto Cardoso, escrivão da camara ecclesiastica, a subscrevi. (Assignado † *D. Fr. Antonio*, bispo do Rio de Janeiro. — Lugar † do sello. — *Cardoso*.

« Registrada á fl. 77 v. do livro 1º do registro das letras apostolicas. Rio, 2 de Agosto de 1748. — *Senna.* »

« Gomes Freire de Andrade, do conselho de Sua Magestade, sargento-mór de batalha dos seus exer-
h' »

eitos, governador e capitão-general das capitánias do Rio de Janeiro, Minas-Geraes, Goyaz e Cuyabá, etc. etc. : Certifico e attesto que, indo eu ao convento de Santo Antonio desta cidade, assisti ao funeral do servo de Deos frei Fabiano de Christo, religioso leigo do mesmo convento, vi e examinei haver fallecido de hydropesia geral, e que algumas chagas que tinha antigas e asquerosas, lançavão de si sangue puro e odorifero. Que tinha as mãos, pés e mais partes do corpo em que pôde fazer-se exame inteiramente flexiveis. Que sendo o dito religioso em vida de côr muito macilenta, ao tempo que se fazia o officio de corpo presenté reparei que se lhe tornárão as côres do rosto tão rosadas e naturaes, e os olhos tão crystalinos, melhor do que se estivera vivo, havendo mais de 26 horas que estava morto; o que tudo me pareceu e ás mais pessôas que estavam presentes serem effeitos sobrenaturaes e prodigiosos. Ultimamente sempre o conheci, de 14 annos que estoa nestas capitánias, e geralmente de todos foi tido como um religioso de vida virtuosa e exemplar. Era natural do arcebispado de Braga, no reino de Portugal. Viveu 71 annos de idade pouco mais ou menos, e morreu a 17 de Outubro do anno passado, pela uma para as duas horas da tarde. Tinha 41 annos de corporação, havendo 36 ou 37 que servia de enfermeiro no referido convento, com ardente caridade evangelica.

« Todo o referido passou na verdade segundo o que presenciei e as informações que tomei; em fédo que mandei passar a presente attestação, por mim assignada

e sellada com o sinete das minhas armas. S. Sebastião do Rio de Janeiro, a 5 de Setembro de 1748. — *Gomes Freire de Andrade.* »

É tempo de sahir deste corredor, onde tanto nos havemos demorado.

Entremos na enfermaria.

É uma sala espaçosa, sala que apresenta todas as disposições necessarias para o bom desempenho do mister a que era destinada.

Digo *aque era destinada*, porque actualmente estando os frades capuchos do convento de Santo Antonio reduzidos a muito pequeno numero, é cada um delles, quando adoeece, tratado na sua propria cella.

Quem entra na enfermaria vê á sua mão direita uma fileira de humildes e pobres leitos, e á mão esquerda, em frente destes, contempla tres altares de espaldar.

Os leitos são separados por delgadas parêdes de estuque, de modo que cada um delles representa a fôrma de um beliche, sendo todos abertos pela frente, e tendo no fundo uma porta que communica com um gabinete pequeno e especial, e este uma outra porta que se abre para um corredor commum a todos, por onde se executava o serviço.

Uma campainha unica, a que se prendião tantos corleis quantos são os beliches, servia outr'ora para os doentes chamarem os enfermeiros e os serventes, quando delles tinhão necessidade.

Em cada beliche ha ainda um armario e um cabide. Aprecia-se pôr certo em todas estas disposições o

genio preventivo dos frades, que não esquecião nunca as mais simples exigencias do seu commodo e bem estar.

Os Franciscanos derão sempre lições de habilidade consummada na arte de viver muito á gosto e com todas as commodidades possiveis no meio da pobreza que profissão.

Em frente dos beliches, como disse ha pouco, e junto da parêde, levantão-se tres altares com espaldar, dous nas extremidades e um no centro.

No primeiro altar aprecia-se um eloquente painel do *Senhor da Penitencia*: o painel, o espaldar, e os ornatos do altar fôrão devidos ao pincel e ao curioso trabalho do celebre frei Solano.

O altar do centro é consagrado a S. Diogo: nem sempre o foi porém; a imagem de S. Diogo substituiu ahi á de S. Paschal Baylão, que em breve teremos de encontrar desterrado, e então contaremos a interessante historia de um golpe de estado que em certa época deu o governo superior do convento de Santo Antonio, pondo fóra da enfermaria a S. Paschal Baylão, amado santo da ordem Franciscana, e enfermeiro tão nobremente famoso como frei Fabiano de Christo.

O terceiro altar, emfim, é o de Nossa Senhora da Gloria ou da Assumpção; é o altar que foi tocado pelo raio e depois renovado a esforços de frei S. Carlos; é o altar em que annualmente era celebrada, e ainda é, a festa da Assumpção, tendo, emquanto viveu, prégado sempre por essa occasião e alli mesmo aquelle brilhante orador.

Concluindo aqui este *passoio*, lembrarei uma coinci-

dencia consoladora e suave, que vem muito a proposito neste lugar.

Quando frei S. Carlos adoeceu da molestia que tinha de leva-lo á sepultura, ou por pedido seu, ou por feliz casualidade, foi trazido para o beliche que fica em frente do altar de Nossa Senhora da Assumpção, beliche que não póde ser confundido, porque é o ultimo.

Alli passou os seus dias derradeiros o eloquentissimo pregador, alli sentio elle approximar-se a hora da sua agonia, e alli emfim morreu.

O inspirado cantor da *Assumpção da Virgem* exhalou o ultimo suspiro com os olhos embebidos na sagrada imagem de *Nossa Senhora da Assumpção*.

XVII.

CONVENTO DE SANTO ANTONIO.

No precedente *Passeio* tínhamos chegado ao ultimo altar e ao ultimo leito da enfermariã do convento de Santo Antonio ; deixemos pois essa vasta e melancolica sala, antigo theatro de gemidos e de agonias, de bellos actos de caridade e de brilhantes solemnidades religiosas, e hoje tão solitaria e muda.

Em seguimento passemos rapidamente diante da *cella* chamada do *enfermeiro*, que é um posto vago e já naquelle lugar inteiramente desnecessario ; especie de *sinectura* que seria um luxo ridiculo em uma enfermariã sem doentes.

É verdade que ha um certo genero de *sinectura* que é uma verdadeira mina de carço ; mas essa da enfermariã do convento de Santo Antonio faz excepção á regra, porque com ella não se vai caminho do thesouro publico.

Não nos demos tambem ao trabalho de visitar a botica do convento, que dantes era muito bem provida e intelligentemente administrada, e que depois cahio em abandono por falta dos seus naturaes freguezes, que erão os frades.

Chegamos depois á enfermariã dos escravos do convento, e nella nos demoramos apenas breves momentos para contemplar uma capella de Nossa Senhora do Rosario com a sua sacristia ao lado.

Os nossos passos levão-nos agora a uma porta que

abre para um pateo que se alarga na encosta do monte.

Antes de ir além dessa porta, quero contar-vos a historia de uma preocupação que ainda actualmente influe não pouco sobre o espirito dos frades capuchos do convento de Santo Antonio.

Tenho-vos fallado tanto neste e no precedente *Passeio* em enfermarias, doentes e finados, que não vem inteiramente fóra de proposito uma historia do esquife funereo.

O convento tem um esquife em que os religiosos que fallecem são levados á sepultura.

O esquife é antigo, está velho, e seus simples e tristes ornatos resentem-se do uso e do tempo. É um esquife de cabellos brancos.

Porque não se renova ou substitue o velho esquife?.. Ah! não vos lembreis de fallar em tal aos religiosos de Santo Antonio.

É tradicional entre aquelles frades que o esquife, existente ainda hoje, servio pela primeira vez para levar á sepultura o prelado que o mandára fazer.

Esse facto não passou desaperecebido e causou impressão.

Alguns annos depois, outro prelado determinou que se fizesse não sei que concerto no esquife, e, apenas concertado este, foi logo empregado em levar para o ultimo jazigo o zeloso frade que se lembrára de melhora-lo.

Esta segunda coincidencia poz os religiosos em sobresalto. e não houve mais um só delles que concebesse a idéa da necessidade de se tocar de leve no fatal esquife.

Correu o tempo e no fim de longos annos um guardião menos fraco ordenou que se pregassem umas sanefas no esquife.

Os frades, logo que tiverão noticia de ordem de tal natureza, fôrão temerosos repetir as tristes coincidencias ao seu guardião; este porém sorriu-se ouvindo contar o que já sabia, e não insistio menos no que determinára.

As sanefas tiverão de ser pregadas no esquife, que assim ornado prestou o seu primeiro serviço recebendo o cadaver do pobre guardião.

A terceira coincidencia impressionou tão fortemente os religiosos capuchos, que nunca mais se concertou e se renovou o esquife, que conserva ainda agora, e já lá vão dezenas de annos, as mesmas sanefas que nelle mandára pregar o infeliz guardião.

Creio que vos estais rindo deste prejuizo dos frades capuchos do Rio de Janeiro; mas, se qualquer de vós fosse frade capucho do convento de Santo Antonio, hesitaria certamente antes de ordenar que se concertasse o famoso esquife.

Contei-vos uma ligeira historia á porta do pateo, e vou contar-vos outra um pouco menos curta, e talvez do mesmo genero, aqui mesmo no pateo.

E porque no pateo ?

Porque alli naquelle paredão estamos vendo um nicho de pedra e cal, e dentro delle uma imagemzinha de S. Paschal Baylão, que dantes occupava o altar central da enfermaria, e que foi desterrada para fóra do convento por motivos muito graves.

chos de mais nomeada pertencentes a este convento, e quero agora mencionar os nomes de alguns outros.

Frei Bernardo do Quintaval foi um desses homens que ainda se conservão na memoria de seus irmãos, apesar de terem morrido ha bastantes annos. Era formado em medicina e chimico de grande merecimento : aborrecido do mundo e querendo consagrar-se ao serviço de Deos, vendeu quanto possuia, deu aos pobres o dinheiro que realizou, veio para o Brazil, e entrando para o convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro professou para o humilde estado de leigo, e encarregado logo da enfermaria na qualidade de primeiro enfermeiro illustrou-se pela sua caridade e pela sua pericia, sendo sempre ouvido e consultado pelos medicos, que muito o consideravão.

Além de muitos factos que abonão o seu saber e a sua experiencia em medicina, conta-se de frei Bernardo do Quintaval que, achando-se um dia almoçando no refeitório da enfermaria com os convalescentes, entre os quaes estava frei Francisco de Mont'Alverne, appareceu-lhe um joven religioso de manto e chapéo, que vinha despedir-se delle e dos outros porque havia obtido do provincial uma licença de quinze dias para ir passar fóra da cidade, Frei Bernardo encara-o, levanta-se apressado, pede-lhe que espere, e corre á botica ; mas voltando logo depois, apenas entra na sala, vê cahir o joven religioso succumbindo a um ataque de apoplexia fulminante.

— Cheguei tarde ! disse frei Bernardo mostrando uma lanceta que trazia da botica.

Frei Bernardo de Quintaval morreu no dia 20 de Agosto de 1822.

Era dantes costume celebrar-se no convento de Santo Antonio, como em outros estabelecimentos e nos collegios de instrucção secundaria, uma festa litteraria e annual que se chamava *defesa de conclusões*.

Em uma dessas solemnidades, que se effectuou em um dos annos da primeira metade do século passado, os frades capuchos, tendo préviamente mandado exemplares de algumas theses philosophicas aos homens mais illustrados da cidade, reunirão no seu convento o governador, o bispo, os religiosos mais instruidos das outras ordens, e algumas notabilidades litterarias.

O lente de philosophia occupou a sua cadeira, e quatro jovens religiosos estudantes tomárão os lugares dos defensores das theses, e depois de um longo e bello debate, acudio a ataca-los um notavel padre jezuita que tomou a peito confundi-los: o lente veio em breve em auxilio dos seus alumnos; sendo porém muito velho e doente do peito, no fervor da luta começou a lançar sangue pela boca e teve de retirar-se.

A victoria estava pois do lado do jesuita, ou pelo menos indecisa, quando outro joven religioso, que contava apenas dezanove annos de idade e dous de collegio, levantou-se e pediu licença para sustentar a these: travou-se então, e de novo, a luta; ao jesuita arguente reunirão-se mais dous padres da mesma ordem, e a discussão prolongou-se até ao ultimo momento sem que o estudante perdesse um palmo de terreno.

O auditorio applaudiu com enthusiasmo o talentoso e admiravel mancebo; o bispo convidou o provincial a que dêsse por concluido o curso para aquelle religioso, e mandou-lhe passar a patente de leitor de philosophia.

Infelizmente pouco tempo depois morreu esse esperançoso joven, que se chamava frei Antonio de Monte-Alverne.

Uma vez que fallei nas *defesas de conclusões*, quero lembrar, por curiosidade ao menos, que em outra dessas solemnidades, e no mesmo convento, um frade, já padre-mestre, frei Fernando de S. José de Menezes, sustentou vigorosamente uma these contra a *infallibilidade do papa*. Concluido o acto, o vice-rei Luiz de Vasconcellos, que estava presente, mandou trancar no carcere o padre-mestre : a ordem foi immediatamente cumprida, mas frei Fernando, auxiliado pelos religiosos, conseguiu evadir-se; fugio para Lisbôa, onde alcançou o seu perdão, e voltou algum tempo depois, firme porêm na sua opinião, apesar de ser frade.

O convento de Santo Antonio recorda-se ainda com saudades de frei Antonio de Santo Elias, que era um grande musico e sobretudo um organista do mais elevado merecimento. Alguns dos nossos velhos fallão com enthusiasmo de Santo Elias. Quando em 1808 a familia real portugueza chegou ao Brazil, e começárão as festas sumptuosas da capella real, foi esse frade muitas vezes chamado para tocar alli, e os maiores entendedores da materia não poupárão elogios ao *rei dos organistas*, como o chamava o padre José Mauricio.

Uma vez foi frei Antonio de Santo Elias encarregado pelo guardião do convento de compôr umas *matinas* para a festa da resurreição, que devia ter lugar no convento no dia de paschoa ás duas horas da noite. Santo Elias obedeceu, e ás 5 horas da tarde do sabbado da alleluia reuniu no côro os religiosos musicos para ensaiar as suas *matinas*; mas, ou fosse erro do compositor ou dos executores, notou-se tal desacordo em uma fuga que alguns rivaes de Santo Elias começãrão a sorrir-se. Este irritado fecha o orgão, arrebatada as musicas, foge com ellas e rasga-as.

E ás duas horas da madrugada do dia seguinte cantavão-se outras *matinas* compostas de improviso por frei Francisco de Santa Eulalia, que teve a satisfação de as ver acompanhar no orgão pelo proprio Santo Elias.

A partitura dessas *matinas* ainda se conserva no convento.

Entre os muitos cantochonistas que teve o convento distinguio-se sobre todos frei João de Santa Clara Pinto : suas composições, que os capuchos guardão com amor, são, ao que dizem, modelos de gosto e de harmonia; e as ultimas que sahirão da sua penna bem inspirada, tres hymnos para a festa de Santo Antonio, passão entre os mestres por admiraveis.

Frei João de Santa Clara Pinto e frei Francisco de Santa Eulalia erão naturaes do Rio de Janeiro.

A communidade dos capuchos pobre, como requer o seu instituto, era outr'ora tão auxiliada pelas esmolas que espontaneamente lhe vinhão trazer os fieis, e pelas

que colhião os religiosos espalhados pelo interior do Rio de Janeiro, que lhe sobravão os meios para acudir aos desfavorecidos da fortuna.

Além da refeição quotidiana que muitos pobres recebião na portaria á hora do refeitório, havia uma mesa particular, onde outros pobres, por assim dizer adoptados pelo convento, vinhão jantar á mesma hora, sem que alguém o soubesse, além do guardião e do leigo empregado nesse serviço.

Muitas famílias necessitadas recebião tambem auxilios do convento, que no principio de cada mez mandava levar-lhes bôa provisão de diversos generos alimenticios. Segundo notas particulares existentes no convento, ainda em 1827, sendo guardião o padre-mestre frei Joaquim de S. Jeronymo Sá, cincoenta familias indigentes recebião esse grande beneficio.

Hoje não se pôde observar o mesmo factó, pelo menos com o desenvolvimento e extensão do tempo passado; as circumstancias são outras, são diversas. Ao esplendor do passado seguio-se uma triste decadencia.

Agora as minhas duas palavras em despedida.

Ninguem se lembrará de accusar-me de má vontade para o convento de Santo Antonio da cidade do Rio de Janeiro.

Sou amigo de não poucos religiosos tanto franciscanos como de outras ordens, mas faltaria á verdade se fizesse protestos de amor pelas instituições monasticas.

Não negarei jámais os serviços relevantes que em

outros tempos prestarão à humanidade muitos conventos e diversas ordens.

Mas todas as instituições tem seu tempo, todas florescem mais ou menos, depois envelhecem e tornão-se anachronicas quando não se refôrmao ou não se transformão confôrme as exigencias da civilisação e do progresso.

Se érrro pensando assim, peço a Deos que me perdõe e que me illumine.

Não sou portanto favoravel ás ordens monasticas; tenho porém, não direi que é pela ordem dos franciscanos, mas pelo convento de Santo Antonio da cidade do Rio de Janeiro, uma especie de veneração que provém talvez das recordações do passado.

Não posso olhar para esse convento que não me venha logo encantar a lembrança daquellas gloriosas recordações, daquelles pregadores inspirados, de que se ufanao o Rio de Janeiro e todo o Brazil, daquelles eloquentes frades que souberão pregar o evangelho e a liberdade a lei de Christo em fim.

Doeu-me por isso, extremamente observar em uma época não muito antiga, pois que não fica aquem de 20 annos, a indisciplina e um lamentavel desregramento laborando funestamente no convento, onde vivia ainda, embora cego, o representante das glorias do passado dos capuchos fluminenses, o celebre Mont'Alverne.

Dois-me ver a miseria ao pé do tumulo.

Felizmente o convento moribundo ergueu a fronte, e lavou o pé de desmoralisação que o estava conspurcan-

do, restabeleceu a disciplina, e desde alguns annos se faz notavel pela ordem, regularidade e observancia dos preceitos do seu patriarcha.

Esta regeneração não é a vida certamente, não é uma brilhante esperança de futuro; é sómente o esplendor da consciencia ao pé da sepultura, é a agonia da resignação, é o cumprimento do dever em face da morte, e portanto é por ventura mais nobre ainda, do que se fosse a expressão da confiança no futuro.

Os ultimos frades capuchos que habitão o convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro fazem como os antigos Romanos dos derradeiros tempos da republica: antes de receber o golpe da morte, compoem com todo o esmero os seus vestidos para cahirem decentemente.

E fazem bem procedendo assim.

XVIII.

A IGREJA DE S. PEDRO.

Se os nossos clerigos seculares e os frades beneditinos e carmelitas por ventura de algum modo se resentirão de que, antes de occupar-me com o templo especial dos primeiros e com o mosteiro e convento dos segundos, eu dirigisse em primeiro lugar não poucos *passeios* ao convento de Santo Antonio ou dos nossos religiosos franciscanos, positivamente não têm razão para isso.

Creio que nenhum se queixou, nem se podia queixar, não só porque não ha aqui materia de preferencia, pois que vou *passeando* e hei de continuar a *passear* sem regra nem systema, como porque, se acaso se dêsse uma questão de precedencia, eu me decidiria ainda a favor dos franciscanos.

Perguntão-me porque?. . . É muito simples a resposta.

Foi frei Henrique, um religioso franciscano, o primeiro que fez ouvir a palavra de Deos e que celebrou o santo sacrificio da missa em uma praia do Brazil quando Pedro Alvares Cabral, desembarcando em Porto-Seguro, rendia graças ao Altissimo pelo descobrimento da nova terra que elle chamou então ilha de Vera-Cruz.

Assim pois, antes dos clerigos seculares que acompanhárão os primeiros donatarios de capitánias hereditarias do Brazil, já tinha apparecido e deixado a



INTERIOR DA IGREJA DE S. PEDRO.

lembrança de seu nome nesta bella parte da America meridional um frade da ordem seraphica; e o gentio que foi encontrado pelos Portuguezes, quarenta e nove annos antes de ter visto a roupeta do jesuita, havia já contemplado o vasto e negro habito do franciscano.

Mas realmente não foi esta consideração historica que me determinou a visitar em primeiro lugar o convento de Santo Antonio; visitei-o então pela mesma razão por que hoje vou visitar a *igreja de S. Pedro*, isto é por que devo, quero, e hei de passear, por onde me parecer e nos meus *passeios* demorar-me um pouco, onde houver cousas que referir e recordações que avivar.

Vamos pois á igreja de S. Pedro.

Quando estudastes geometria, meus bons amigos, aprendestes certamente em uma definição muito sedicã que « linha recta é o caminho mais curto de um ponto a outro. »

Declaro que desconfio da verdade desta definição, porque sem duvida alguma a experiencia já tem demonstrado que o caminho mais curto de um ponto a outro nem sempre é pela linha recta, ou então teremos de reconhecer que se chega muitas vezes mais depressa a um ponto dado desprezando as rectas e preferindo as curvas.

Os politicos são neste caso decididos inimigos dos geometras, e aprecião os caminhos mais curtos de um modo diverso : julgão que as rectas ou são cheias de perigos que pódem demorar as viagens, ou terrivelmente massantes pelas conveniencias e considerações que

se devem respeitar no caminho, e de ordinario preferem seguir as curvas que os livrão de muitos embaraços, e enganão assim os tolos, que os suppoem viajando para o norte quando elles têm os olhos fitos no sul.

A linha recta dos geometras é portanto uma famosa peta, ou, como já disse um espirituoso escriptor francez, *linha recta é cousa que não existe.*

Estudemos o caso tambem connosco.

Ficamos ultimamente no convento de Santo Antonio, e tendo agora de dirigir-nos á igreja de S. Pedro, que devemos fazer para chegar mais depressa áquelle ponto? . . .

Observando a definição dos geometras, procuraríamos seguir a linha mais recta possivel, e portanto desceriamos pela escadaria da ordem terceira de S. Francisco, e atravessando o largo da Carioca iríamos pela rua da Valla até á de S. Pedro, por onde chegaríamos enfim á igreja.

Pois bem : affirmo-vos que não é esse o caminho mais curto que se nos offerece, e declaro-vos que para chegarmos mais depressa, deixando o morro de Santo Antonio, havemos de ir á igreja de S. José, da igreja de S. José voltaremos á de nossa Senhora do Parto, e dahi então subiremos pela rua dos Ourives até á igreja de S. Pedro.

Protestais contra o meu plano itinerario?... Perdeis o vosso tempo. Os abusos do systema eleitoral desacreditarão completamente no Brazil o recurso dos *protestos* : já não ha *protestos* que prestem : o que hoje em dia

opera recursos inacreditaveis é a sublime descoberta das *duplicatas* : arranjai portanto uma duplicata de *passeio*, se não quereis sujeitar-vos ao meu gosto, á minha direcção, e até mesmo ao meu capricho.

Partamos para a igreja de S. José, e aproveitemos o caminho conversando um pouco.

Cumprindo-nos hoje visitar o templo que na cidade do Rio de Janeiro foi pelos padres erigido a S. Pedro, o principe dos apostolos, não é por certo fóra de proposito dizer duas palavras sobre a historia dos padres no Brazil.

Não tenho conhecimento do nome de clérigo secular algum que viesse ter ao Brazil e no Brazil ficasse antes do anno de 1532; neste anno porém fundou Martim Affonso de Souza as duas colonias de S. Vicente e de Piratininga, e, visto que Pero Lopes de Souza, irmão daquelle, nos diz que *nas duas villas se poz tudo em bõa ordem de justiça, do que a gente toda tomou grande consolação, com verem povoar villas e ter leis e sacrificios, celebrar matrimonios, etc.*, não me resta duvida alguma da assistencia de padres nessas colonias nascentes, porque do contrario não se celebrarião matrimonios.

Tres annos depois começarão a chegar ao Brazil alguns e talvez não poucos padres acompanhando os primeiros donatarios ou os delegados destes que vinhão lançar os fundamentos das suas capitánias hereditarias.

Mas, preciso é confessá-lo, os padres entrárão com o pé esquerdo na terra da Santa-Cruz, e não era muito de presumir que entrassem com o direito.

Os padres que naquella época fôrão chegando não devião ser dos mais recommendaveis nem pela sua illustração nem por uma grande moralidade, porque os donatarios, que no *reino* recrutavão nas ultimas camadas da sociedade a gente de que precisavão para crear os seus estabelecimentos coloniaes, por certo que não terião mui zeloso cuidado na escolha dos clerigos que fizerão vir.

E aqui chegados esses padres, livres completamente de todo o freio da disciplina, separados do reino pelo Atlantico, misturados constantemente com a gente que tinha vindo com elles e com a gente que encontravão na nova terra, isto é, em relações continuas quasi sempre com a desmoralisação e sempre com a selvaticueza, tornárão-se em breve tempo os que erão bons em mãos e os que erão mãos em pessimos, em uma palavra, pervertêterão-se os que ainda não se achavão pervertidos, e pouco a pouco assalvajarão-se todos.

Entretanto esta reprehensivel e vergonhosa situação era, não direi desculpavel, mas pelo menos muito explicavel. O batalhão clerical estava espalhado por diversos pontos, e em nenhum delles reconhecia chefe a quem obedecesse e respeitasse; vivia em abandono e lutando com privações, não via quadros de virtude, esbarrava a cada passo diante do espectaculo dos desregramentos e dos vicios dos colonos, ou da natureza bruta, e tambem da *natureza nua* do gentio.

A torrente era pois violenta e arrebatadora, e os padres, que são peccadores como todos os outros filhos

de Adão e Eva, deixarão-se levar uns por gosto e por fraqueza outros, de modo que em 1549, quando se organisou o governo geral da America portugueza, encontrárão-se nas colonias existentes todos ou quasi todos os padres estragados pela corrupção e divorciados da igreja, tendo cada um delles a sua *caboclinha* ao lado.

Thomé de Souza, o primeiro governador-geral, e os jesuitas que com elle chegarão em 1549 confessarão muito francamente que no empenho da regeneração moral das colonias foi o clero que lhes custou mais a fazer tomar o bom caminho.

O padre Nobrega, chefe dos jesuitas, escrevia, falando da relaxação dos costumes : « os seculares, com toda razão, tomão o exemplo dos sacerdotes, e o gentio o de todos. »

O infeliz Pedro Fernandes Sárdinha, primeiro bispo do Brazil, dizia em 1552, em uma carta ao rei, tratando dos abusos dos ecclesiasticos : « nos principios muitas mais cousas se hão de dissimular que castigar, maiormente em terra tão nova. »

Eis aqui porque eu comecei dizendo que os padres tinham entrado com o pé esquerdo na terra da Santa-Cruz.

E tambem já nessa época a terra tinha perdido o seu nome sagrado, e recebido outro de inspiração toda mercantil. O santo madeiro levantado por Cabral em Porto-Seguro estendia debalde os seus dous braços sobre a immensa colonia portugueza : o trafego do pão-brazil fizera esquecer a invocação da cruz. Não se adorava o Christo, rendião-se cultos a Pluto.

Mas tornemos aos padres.

Dizem que o official é quem faz o soldado : assegurao os entendidos nas cousas militares que não ha soldados mãos nem cobardes quando são commandados por bons e intrepidos officiaes.

Eu creio que se pôde dirzer do clero o mesmo que sè diz do exercito.

São os bispos que fazem o clero : desde que os bispos além de sabios e moralizados, são zelosos, dedicados e sevêros, os padres vão seguindo as suas pñsadas, e brilhão tambem por sua vez pelo zelo e pela dedicação.

A criação do bispado da Bahia começou a melhorar pouco a pouco, mas sensivelmente a situação do clero e por certo que se devia contar com a sua desejada regeneração se algumas lamentaveis occurrencias e um subsequente e fatal acontecimento não viessem perturbar a obra santa de Pedro Fernandes Sardinha.

O nosso primeiro bispo intrigou-se com o governador geral que succedêra a Thomé de Souza, e a tal ponto se perturbárão as relações entre ambos que o bispo foi chamado a Lisbôa, e, como é sabido, naufragou e cahio nas mãos do gentio feroz, que o devorou sem piedade.

Facilmente se comprehende a falta que deveria ter feito o bispo logo no principio do seu empenho regenerador do clero, falta que só se preencheu tres annos e meio depois da morte do venerando martyr.

Os fundamentos da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro fôrão lançados no tempo do segundo bispo D. Pedro Leitão; continuou porém o systema de man-

dar para o Brazil degradados e gente sem escolha, ou antes columnos escolhidos desageitalamente; e ainda mais, sobreveio poucos annos depois o dominio hespanhol, e, como uma das suas lamentaveis consequencias, o enfraquecimento do prestigio e da força da auctoridade em muitos pontos do Brazil, e o natural desgosto da população colonisadora.

Não é pois de admirar que tambem entrassem os padres com o pé esquerdo no Rio de Janeiro.

Os bispos habitavão na cidade do Salvador, as outras cidades e villas nascentes distavão muito daquella capital, as communicações crão difficilimas, e por consequencia resentia-se de tudo isso a disciplina.

Onde estava o bispo mostravão-se mais zelosos e dignos os padres; onde elle não estava, onde se sentia fracamente a sua influencia, a desordem e os abusos continuavão.

Os primeiros sacerdotes que tomárão a seu cargo o curativo das almas dos habitantes da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, fundada em 1567, forão jesuitas, e desses não posso lembrar-me sem gratidão pelo que fizerão naquella época, e ainda durante muitos annos além della, o que aliás não implica com a profunda convicção que tenho das suas perniciosas tendencias e dos males que fizerão em tempos posteriores.

O primeiro parochio da então unica freguezia de que constava a cidade de S. Sebastião foi o padre Matheus Nunes, presbytero do habito de S. Pedro, que entrou no exercicio do seu cargo em principios de 1569.

No entanto vierão chegando á nova colonia diversos clerigos seculares.

Em 1577 recebeu a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro um prelado independente da jurisdicção do bispo da Bahia; desde essa época porém até á creação do bispado do Rio de Janeiro, as desordens, as lutas e as desintelligencias com os diversos prelados que se succedêrão fôrão de tal natureza e importancia que eu não posso senão reconhecer e lamentar a profunda desmoralisação dos colonos e dos padres da nascente povoação.

O primeiro prelado foi o padre Dr. Bartholomeu Simões Pereira, que, depois de resistir a uma opposição odienta e desregrada, teve de retirar-se, provavelmente em 1592, para a capitania do Espirito-Santo, onde acabou, dizem as memorias do tempo, com suspeitas de envenenado.

O segundo prelado foi o padre Dr. João da Costa, que, perseguido como o seu antecessor, no Rio de Janeiro, pensou ir achar socego na villa de S. Paulo, mas ahi mesmo vio-se injuriado e até apupado na rua, e morreu sob o peso de desgostos e de affrontas, depois de deposto do seu cargo por sentença da relação da Bahia.

O terceiro prelado foi o padre Dr. Matheus da Costa Aborim, que do anno de 1607 ao de 1629 experimentou a mesma opposição, que aliás tornou ainda mais forte pelos seus proprios excessos e violencias atacando a autoridade civil e até excommungando a camara municipal; lutou pois com energia e ás vezes com descome-

diamento, e morreu, dizem alguns, envenenado como o padre Bartholomeu Simões Pereira.

Seguirão-se ao padre Dr. Aborim, interinamente porém, o D. abbade de S. Bento frei Maximo Pereira, por nomeação do bispo da Bahia, protestando o clero da cidade do Rio de Janeiro não demittir de si a eleição do prelado interino em qualquer outra vâcancia; e no fim de quatro mezes o padre Pedro Homem Albernaz, por nomeação do clero. Frei Maximo Pereira retirou-se para Lisbôa, e o padre Albernaz servio até 1632, escapando ambos ás intrigas e ás hostilidades já costumadas pelo cuidado que tiverão de deixar apenas sentir a sua influencia no exercicio do cargo que occuparão.

O novo prelado que o rei nomeou foi o padre Dr. Lourenço de Mendonça, que a 9 de Setembro de 1632 começou a exercer as suas funcções, e dahi a quatro dias experimentou logo os effeitos de um odio inexplicavel que se demonstrou em libellos infamatorios, em uma tentativa de assassinato por meio de um barril de polvora que fez arder parte da casa do prelado, n'um ousado plano de o prenderem e abandonarem fóra da barra em um navio desaparelhado, ardil criminoso de que conseguiu escapar a victima, e na accusação emfim de um factó escandaloso, pelo qual teve o padre Mendonça de responder ao santo-officio, merecendo ser por este absolvido.

Ao padre Lourenço de Mendonça fôrão se succedendo:
O padre Pedro Homem Albernaz, outra vez interina-

mente, a quem se imputou grande parte na desordem dos jesuitas com a camara, e que em verdade tomou com decisão o partido delles, excomungando a todos os que tivessem concorrido para a expulsão desses religiosos.

O padre doutor Antonio Marim Loureiro, que escapou a uma tentativa de assassinato em S. Paulo, e, vendo-se exposto a horribes perseguições no Rio de Janeiro, partio para a capitania do Espirito Santo, onde, escrevem Pizarro e outros, não sei com que fundamento, foi-lhe propinado um veneno que o privou da razão.

E além de dous que servirão interinamente :

O padre doutor Manoel de Souza e Almada, nomeado a 12 de Dezembro de 1658 : foi por mais de dez annos hostilizado e atacado como os seus antecessores, chegando a ousadia dos inimigos a assestarem uma peça de artilharia carregada com bala, na noite de 5 ou 6 de Março de 1668, contra a casa de sua residencia, e a lançarem-lhe fogo, conseguindo felizmente o prelado escapar a tão indiguo attentado, e inacreditavelmente os perpetradores deste á devassa que então se tirou, e de que teve de pagar as custas a propria victima, que, cansada de tanto soffrer, determinou retirar-se para Portugal.

O padre Dr. Francisco da Silveira Dias, natural do Rio de Janeiro, provou a fortuna adversa dos outros prelados, e provocou o resentimento e a inimidade do povo deixando-se dominar e illudir pelos jesuitas a ponto de, a instancias e persuasões do reitor dos padres

da compunha, fazer publicar uma tremenda excomunição contra os que *cortavão mangue nas marinhas fronteiras ás terras desses padres.*

E com o nome do padre Silveira Dias fecha-se a lista dos *simples prelados* do Rio de Janeiro, que subio á categoria de bispado, recebendo no mez de Dezembro de 1684 a jurisdicção prelatícia o padre Sebastião Barreto de Brito, vigario da parochia da Candelaria, a quem o bispo D. José de Barros de Alarcam nomeára governador do bispado.

Essas desordens vergonhosas, essas tentativas de crimes horrorosos, esses crimes inauditos que se realizarão, esses factos escandalosos emfim que se repetirão impunemente durante cem annos, patentêão bem claramente a desmoralisação da cidade do Rio de Janeiro.

Eu disse que ia conversar sobre a historia dos padres no Brazil, e Deos me livre de attribuir exclusivamente aos padres do Rio de Janeiro que naquelles cem annos vivêrão, as culpas de tantos e tão abominaveis attentados.

A culpa deve recahir mais ou menos sobre todos ; deve recahir sobre as autoridades civis, que erão ou devião ser quasi sempre conniventes com os criminosos, pois que estes logravão sempre escapar ao castigo, e se exaltavão com a impunidade ; tambem deve recahir sobre os prelados, que quasi todos ultrapassavão os limites de suas attribuições invadindo com abuso e arrogancia a esphera da autoridade civil ; deve-se attribuir aos jesuitas, que lavravão sempre a mina em beneficio

proprio. Não hesitavão em comprometter os prelados e expô-los á animadversão publica, desde que isso podia aproveitar aos seus interesses; deve-se attribuir tambem, e muito, aos clérigos seculares, que uns por ambição de cargos mais ou menos importantes, e outros por indisciplina e desenfreamento fomentavão a desordem e aticavão a anarchia.

Em uma palavra, a desmoralisação era geral: *clero nobreza e povo* estavão todos pervertidos.

Como porém e porque bastou a presença dos bispos para fazer serenar toda essa tempestade que incessante se desfechava sobre as cabeças dos simples prelados? . . .

Esta pergunta é muito grave e exige uma resposta tão longa como bem fundamentada, resposta que agora não posso ou não quero dar, mas que provavelmente darei quando chegar nos meus *passeios* ao palacio da *Conceição*.

Todavia, apesar dessa depravação dos costumes, os padres, que tambem se achavão profundamente affectados da molestia geral no Rio de Janeiro do século decimo setimo, começavão pelo menos a mostrar-se devotos, e se por um lado se aviltavão com a mais reprehensivel indisciplina, por outro abraçavão-se com os santos do céu, e especialmente com o principe dos apóstolos.

E neste momento chegamos muito a proposito á igreja de S. José, que no tempo de que vos fallo era apenas uma simples ermida.

Dizia eu pois que os padres do Rio de Janeiro não se descuidavão do culto e da devoção, e tanto foi assim que no principio do século XVII reunirão-se elles de accordo commum, e resolvêrão fundar uma irmandade dos clerigos de S. Pedro.

Que bom padre teve essa idéa não sei ; em que anno foi ella realisada tambem ignoro ; mas é verdade que a irmandade dos clerigos de S. Pedro é uma das mais antigas na cidade do Rio de Janeiro, e devia ter tido principio antes de 1639 porque nesse anno um tal Gonçalo Lopes de Tavora por verba testamentaria mandou dizer algumas missas a S. Pedro na ermida de S. José: ora, na ermida de S. José foi que os padres estabelecêrão a sua irmandade, que sem duvida começou com o character de simples devoção.

O desamor aos *papeis velhos*, o descuido e o abandono que entregão livros, apontamentos e memorias ao bolôr e á traça, tornárão os primeiros tempos da nossa historia em uma noite mais ou menos profunda, em que se anda ás apalpadellas á procura de tudo, e até mesmo á procura do berço da irmandade do santo principe dos apostolos, do santo que tem as chaves das portas do céu.

Não pude dizer o anno em que começou a devoção de S. Pedro, e não posso marcar o anno em que teve principio regular e legal a irmandade que do prelado do Rio de Janeiro, Manoel de Souza e Almada, recebeu o seu compromisso.

E. cousa singular! monsenhor Pizarro, que nas suas

Memorias do Rio de Janeiro lança sobre todas estas cousas a maior luz possível, desesperado de não poder determinar as suas datas com o testemunho dos vivos, appella para o testemunho dos mortos, e com os mortos se arranja : assim no primeiro caso foi o *defundo* Gonçalo Lopes de Tavora que lhe disse com a sua verba testamentaria — a devoção de S. Pedro começou antes de 1639. — E na questão do compromisso da irmandade é ainda o *defunto* Francisco Dutra de Leão fallecido a 25 de Agosto de 1661, quem, determinando no seu testamento que o acompanhasse no seu enterro a irmandade de S. Pedro dos clérigos, e não sendo obedecido *por isso não estar em uso*, ensina a monsenhor Pizarro que *para isso não estar em uso* era necessario que muito antes do anno de 1661 já estivesse organizada a irmandade.

Realmente é bem triste que se ande a pedir aos mortos explicações das cousas deste mundo.

Organizada a irmandade dos clérigos de S. Pedro, continuou o príncipe dos apóstolos a ser por ella festejado na ermida de S. José durante todo o resto do século XVII; está porém decidido que ninguem póde, **nem** mesmo as imagens dos santos, morar em casa alheia.

A irmandade de S. José achou-se de subito fatigada da hospitalidade que prestava á irmandade de S. Pedro, e desde que assim se sentio começou a manifestar cada vez mais franca e bem claramente a sua má vontade.

Por fim de contas brigárão em nome de S. Pedro e de S. José as competentes irmandades.

Não vos admire essa briga de devotos e de filhos da mesma igreja : muito peor do que á irmandade de S. Pedro succedeu ao cabido da Sé, que andou da igreja de S. Sebastião para a da Santa-Cruz, e desta para a do Rosario, sempre aos empurrões, e maltratado e humilhado, até que descansou de tantos trabalhos acolhido na capella real e hoje imperial.

E nem vos póde surprender essa briga de catholicos em nome de santos, porque não ha abuso que se não tenha commettido á sombra dos mais sagrados objectos : para não amontoar desagradaveis recordações basta lembrar as torturas e as abominações praticadas, e as horrorosas fogueiras da inquisição acesas pelos dominicanos em nome do Deos de piedade, da misericordia, e do perdão.

As questões e desintelligencias entre as irmandades de S. Pedro e de S. José acabárão como naturalmente devião acabar : os donos da casa vencêrão. S. José ficou na sua ermida, e S. Pedro foi despedido e posto na rua.

Já nesse tempo estava creado o bispado do Rio de Janeiro, e o nosso segundo bispo, D. Francisco de S. Jeronymo, foi presente no dia 23 de Setembro de 1705 á mudança da irmandade de S. Pedro da ermida de S. José para a igreja de Nossa Senhora do Parto, onde permaneceu tranquilla durante perto de trinta annos.

Ainda então não havia sido fundado o *recolhimento de Nossa Senhora do Parto*, e longe estava a noite pavorosa de 24 de Agosto de 1789, em que o incendio por

pouco não devorou de todo e a um tempo a casa do recolhimento e a igreja contigua.

Mais de cincoenta annos antes dessa catastrophe a imagem de S. Pedro occupava já o altar-mór da sua pequena, porém interessante igreja.

É cousa enfadonha passar sempre a vida em casa alheia.

A irmandade dos clérigos de S. Pedro acabava de ganhar um poderoso protector no bispo D. frei Antonio de Guadalupe, e animada por elle determinou fundar um templo consagrado a S. Pedro.

O padre Francisco Barreto de Menezes doou por escriptura de 9 de Outubro de 1732, celebrada na nota do tabellião Manoel Salgado Cruz, um terreno com dez e meia braças de testada e treze de fundo, na rua então chamada do *Carneiro*, para a igreja de S. Pedro, para a obra da qual o bispo Guadalupe concorreu logo com *alguns mil cruzados*.

A construcção do novo templo foi deliberada por termo de 2 de Agosto de 1733, e a primeira pedra foi lançada pelo bispo protector.

Servia nesse anno de provedor da irmandade o padre João Alvares de Barros, vigario collado na freguezia de Nossa Senhora do Pillar de Iguassú, que aliás não teve o prazer de testemunhar a conclusão da obra, pois falleceu a 9 de Setembro daquelle mesmo anno, e por expressa recommendação testamentaria foi enterrado no lugar que deveria ser o recinto da igreja de S. Pedro.

Dir-se-lhia que ainda depois de morto o activo e dedi-

cado provedor queria velar pela prompta execução daquelle templo, que fôra objecto dos ultimos e desvelados empenhos da sua vida.

Comprehendeis, meus caros e bons companheiros de *passaio*, que uma igreja, ainda mesmo pequena como é a de S. Pedro, não se pôde levantar em um dia; enquanto pois o architecto dirige a obra que planejou, os pedreiros levantão as parêdes, os entalhadores preparão os ornamentos com que a sua arte deve enriquecer e embellezar os altares, procuremos nós tomar conhecimento com essa nova e muito veneranda personagem que acabei de apreseniar-vos como fervente protector da irmandade dos clérigos de S. Pedro.

É um bispo, é frei Antonio Guadalupe.

Devéras que seria imperdoavel não saudarmos com respeito e gratidão este bispo venerando e prestimoso.

Fa-lo-hemos pois recordando alguns dos seus grandes serviços.

Deixai-me porém descansar alguns momentos.

XIX.

A IGREJA DE S. PEDRO.

A 27 de Setembro de 1672 nasceu na villa de Amaranthe, no reino de Portugal, aquelle que devia ser cincoenta e tres annos depois o quinto bispo do Rio de Janeiro.

D. frei Antonio de Guadelupe, filho do desembargador Jeronymo de Sá da Cunha e de D. Maria Cerqueira, ambos de nobre estirpe, foi destinado a seguir a brilhante carreira de seu pai, e depois de tomar o grão de bacharel em sciencias canonicas na universidade de Coimbra, e de passar em seguida pelas necessarias provas no desembargo do paço em Lisboa, foi escolhido para exercer o cargo de juiz de fóra do civil na villa do Trancoso.

O joven magistrado reconheceu em breve ou que não entendia bem as leis dos homens, ou que certos homens as não querião entender como elle: acreditou que a ustiça devia ser igual para todos, e que os privilegios da nobreza não devião ter tanta força que entortassem as leis em seu beneficio, e teve em consequencia de soffrer viva opposição dos privilegiados de Trancoso, até que aborrecido de pesar direitos na balança de Astréa, convenceu-se de que sómente podia ter fé na balança de S. Miguel.

O direito torto dos grandes da terra espantou o joven magistrado, que resolveu-se a ir caridoso rezar por

esses oppressores e por todos os descendentes de Adão e Eva, e transformou-se de juiz em frade, recolhendo-se á clausura da observancia de S. Francisco em Lisbôa.

E foi um frade exemplar, como tinha sido um magistrado imparcial e recto.

Frei Antonio de Guadelupe era já muito vantajosamente conhecido como orador sagrado eloquente e consciencioso, quando el-rei D. João V. o nomeou para a mitra fluminense aos 25 de Novembro de 1723 (*) sendo esta nomeação confirmada pelo papa Benedicto XIII, em 20 de Fevereiro de 1725, e a 13 de Maio seguinte sagrado o novo bispo, que tomou posse por seu procurador em 2 de Agosto do mesmo anno.

De Novembro de 1723 ao anno de 1725 não perdeu D. frei Antonio de Guadelupe o seu tempo; procurou antes aproveitá-lo esmeradamente; e quereis saber como?...

Admirai a *pobreza de espirito* deste illustrado religioso.

D. frei Antonio de Guadelupe, formado em sciencias canonicas, considerado como um clerigo sabio, celebre pelos seus triumphos no pulpito, notavel pelos profundos conhecimentos que tinha bebido nos livros em vinte e dous annos de estudo e de meditação no placido retiro do claustro, D. frei Antonio de Guadelupe, que era velho e mestre, apenas teve conhecimento da sua nomeação para chefe da igreja fluminense, partio para

(*) *Pisarro* diz aos 25 de Janeiro de 1722; mas eu encontro em um livro que tem certo character official a data que apresento; não pu- le examinar quem está em erro.

Braga, onde foi ouvir e *aprender* os dictames do pastoral officio com o archbispo primaz das Hespanhas, D. Rodrigo de Moura Telles, exemplar dos prelados.

Ou esse acto de D. frei Antonio de Guadelupe foi uma pasmosa puerilidade, ou os tempos estão muito mudados.

Por que não se improvisavão então como hoje se improvisão sabios, e benemeritos ? Que se observa hoje? vejamos.

Sahe um mocetão da academia de S. Paulo ou de Pernambuco, formado em direito, e, *se é nhônhô*, isto é, se é filho, sobrinho ou parente chegado de algum *senhor velho*, de algum membro daquella classe de privilegiados que atirarão D. frei Antonio de Guadelupe da magistratura para o convento; *se é nhônhô*, disse, encarta-se logo na presidencia de alguma provincia; da presidencia da provincia salta para a camara temporaria da camara temporaria pula para o ministerio : uma questão de tres pulos dados em alguns mezes, e em duas palhetadas e meia, o *nhônhô*, que não foi ouvir as lições de nênhum mestre, que não teve noviciado, nem tempo para ler mais do que os *prologos* de alguns livros, é declarado estadista de fama e salvador da patria! . . .

Como diabo se arranja esta magicatura ?

Eu só lhe acho uma explicação.

Vivemos no século do vapor, e actualmente tudo se faz a vapor, até mesmo os estadistas e os salvadores da patria !

E é também por isso que o Brazil *vai a vapor* : para onde?... não sei; só Deos o sabe.

Em D. frei Antonio de Guadelupe teve o bispado do Rio de Janeiro um dos seus mais zelosos e benemeritos pastores.

Um dos grandes empenhos deste illustre bispo foi moralisar e instruir o clero fluminense, e conseguiu em maxima parte, não admittindo ao estado clerical se não candidatos recommendaveis por seus costumes sãos, e por sua vida honesta, não distribuindo empregos e honras senão aos que de nns e de outras se tornavão mais dignos pelo seu merecimento proprio; não dando ouvidos nem aos segredinhos da intriga, nem ás solicitações do patronato, e não alimentando um só instante os ciumes entre os padres nascidos em Portugal e os nascidos no Brazil, que aliás mutuamente se hostilisavão de um modo inconvenientissimo.

Bastaria este procedimento para a gloria e recommendação do nome de D. frei Antonio de Guadelupe; elle porém fez mais, e deixou-nos em livros de pedra e cal a historia de seus eminentes serviços.

Para evitar que os ecclesiasticos que fossem por seus delictos condemnados á reclusão se misturassem com os seculares criminosos; para dar-lhes emfim uma casa de prisão especial, fundou o *Aljube*, para onde se transferio a cadeia geral em 1808. e onde actualmente se reúne o tribunal do jury do municipio da côrte.

Como prisão destinada exclusivamente aos padres, o aljube tinha proporções tão vastas, que eu não sei

mesmo o que pensava o bispo quando a mandou construir.

D. frei Antonio de Guadalupe foi ainda o fundador do seminário episcopal de S. José, á que deu principio em provisão de 3 de Fevereiro de 1739, a beneficio da mocidade e do Estado, e isentando-o da jurisdicção parochial.

Tambem ao mesmo bispo se deve a fundação do *seminario dos orphãos de S. Pedro*, que depois tomou o nome de *seminario de S. Joaquim*, e ha alguns annos passou a ser *imperial collegio de Pedro II*.

Enriqueceu com diversos presentes e dadivas algumas igrejas da cidade, e especialmente concorreu para a obra da igreja de S. Pedro, com a avultada esmola de *alguns mil cruzados*, como já ficou dito, e depois doou, para o serviço e ornato do mesmo templo, diversas peças de prata.

O como pôde fazer tanta cousa em tão pouco tempo D. frei Antonio de Guadalupe, explica-se pelos milagres da solicitude, da energia e da dedicação.

Infelizmente para o Rio de Janeiro, D. frei Antonio de Guadalupe foi chamado para a mitra de Vizeu : embarcou-se, e sahio no dia 25 de Maio de 1740, a bordo da não *Nossa Senhora da Gloria*, capitania da frota; chegando porémã Lisboa, para morrer poucos dias depois de haver desembarcado, pois que exhalou o ultimo suspiro no dia 31 de Agosto de 1740, nos braços dos seus irmãos, os religiosos do convento de S. Francisco.

Eis-aqui o distico com que o magistral chronista perpetuou a memoria desse venerando bispo :

*Templa Deo, purisque scholæ me Præsule, justis
Præmia dona malis præmia, carcer adest.*

Temos tomado conhecimento com o illustre D. frei Antonio de Guadelupe, de quem aliás terei ainda de fallar algumas vezes. Agora cumpre continuar a historia da igreja de S. Pedro.

No presente *passeio* deixei lançada a primeira pedra da igreja de S. Pedro; e como ignoro o nome do architecto que deu o plano desse templo, e não tenho á referir circumstancia alguma que occorresse durante a execução do trabalho, julgo melhor dar desde já a obra por acabada, e conduzir os meus companheiros de *passeio* ao lugar em que essa igreja se levantou, e ainda hoje se mostra, como é de esperar que por muitos séculos se conserve.

Vamos pois subindo pela rua dos Ourives, que parece condemnada a perder dentro em pouco o seu nome, ou pelo menos a razão do nome que recebeu; porque é um facto que ella se vai despovoando de ourives.

Chegámos enfim; é aqui: a igreja de S. Pedro está situada na rua dos Ourives, canto da rua de..... como a chamarei eu?...

É uma rua que tem tido pelo menos quatro nomes.

Em 1619, ou antes desse anno, chamava-se *rua do Carneiro*, por morar nella (entre as dos Ourives e da Quitanda) uma senhora muito respeitavel e estimavel de nome *Anna Carneiro*.

Diz o monsenhor Pizarro que com a fundação da

igreja de S. Pedro perdeu a rua aquelle nome; creio porém que ha mais tempo já o havia perdido, porque, segundo se lê em um dos livros do tomo da Illua. camara municipal, essa mesma rua denominava-se em 1705 *rua de Antonio Vaz Viçoso*, e em 1717 *rua do desembargador Antonio Cardoso*; passando finalmente a chamar-se *rua de S. Pedro*.

Segue-se destas diversas denominações que a rua mudava de nome conforme as celebridades que ião nella residindo, o que me faz esperar que não perderá mais nunca o nome *de S. Pedro*, que ha 128 annos lhe foi dado; porque, apesar de todos os dotes e merecimento que possão ter, as celebridades deste mundo não ousarão disputar primazia ao porteiro do céu.

Dahi.. quem sabe?

Estamos pois em frente da igreja de S. Pedro; como porém eu protestei e protesto que não respeitarei nenhuma especie de systema nem de regularidade nos meus *passeios*, em vez de dar-vos agora a descripção desse pequeno, mas elegante templo, vou continuar a occupar-me da irmandade dos clérigos de S. Pedro e de duas instituições que a ella se prendem.

A irmandade dos clérigos de S. Pedro começou sendo composta exclusivamente de padres; pelo correr dos annos porém quebrou-se algumas vezes esse exclusivismo, sendo por especial favor admittidos nella alguns individuos seculares que contribuíão com a esmola de 400\$000, naquelle tempo sem duvida muito avultada.

O primeiro secular que invadio a irmandade dos pa-

dres foi Pedro de Souza Pereira, provedor da fazenda real, e depois deste Martim Corrêa Vasqueanes, governador da praça em 1666, e Martim Corrêa Vasques, mestre de campo de um dos terços de infantaria, e que em 1697 occupou o governo do Rio de Janeiro.

Já se vê que não bastavão 400\$ para que qualquer abrisse as portas da irmandade dos clérigos de S. Pedro: a honra era subida, e sómente a alcançavão aquelles que gozavão de grande poder e influencia na terra.

Vierão porém as obras da igreja de S. Pedro *desfidalyar* a irmandade pela precisão que houve de dinheiro, e não só se facilitou a muitos a entrada para ella, como se reduzio a joia ou esmola a 200\$; acabando-se emfim por admitir no seu gremio seculares de ambos os sexos.

Apezar de se achar de posse de uma igreja sua, a irmandade dos clérigos de S. Pedro não passou logo a gozar uma vida tão placida como provavelmente calculava; não teve mais de soffrer as impertinencias da irmandade de S. José; mas vio-se em luta com o vigario da freguezia, depois com o cura do Sacramento e até se achou não pouco embaraçada, tendo de cumprir certas honras funebres, que erão e são pelos estatutos concedidas aos irmãos seculares.

Determinava um artigo dos estatutos da irmandade que os irmãos sacerdotes carregassem para a sepultura os irmãos seculares finados: fez disso questão o padre José da Fonseca Lopes, mestre de ceremonias do bispado, appellando para o ritual de Paulo V, e para Bauldry, de modo que ficou suspensa aquella disposição

até que, ouvida no assumpto a *Sagrada Congregação dos Ritos*, foi decidida a *gravissima* questão em favor da irmandade, que pôde assim ver os irmãos sacerdotes carregando os irmãos seculares finados.

Hoje em dia, e creio que em todo o sempre, tanto na irmandade de S. Pedro como fóra della faz-se e fez-se menos cerimonia e difficuldade em carregar aos hombros os vivos, ou fazer dos hombros escada para os vivos, principalmente quando estes além de vivos são vivatões.

A irmandade dos clerigos de S. Pedro reputava-se isenta de todo e qualquer direito parochial, fazendo todas as suas funcções dentro e fóra da igreja sem a concurrencia do parochio territorial, porque assim o estabelecia um artigo dos seus estatutos reformados em 1732 pelo bispo D. frei Antonio de Guadalupe; mas chegou um dia em que o vigario da freguezia, Ignacio Manoel da Costa Mascarenhas, veio perturbar esse privilegio da irmandade, querendo que de mistura com o corpo da irmandade fossem sacerdotes não irmãos acompanhar o cadaver de um irmão secular.

Travou-se questão vehemente, e para evitar novas e iguaes disputas acudio o bispo D. frei Antonio do Desterro com uma provisão que decidiu todas as duvidas em favor da irmandade.

E, levado do empenho de prevenir outras desagradaveis contestações para o futuro, o mesmo bispo isentou, por provisão de 15 de Setembro de 1762, a irmandade da jurisdicção parochial, concedendo-lhe os privilegios em direito permitti-los, para que ella por seus provedor

res e legitimos substitutos pudesse celebrar todos os actos festivos e funebres independentemente do parochio.

Esta provisão foi confirmada pelo papa Pio VI. no breve apostolico de 8 de Março de 1776, que mereceu o beneplacito regio por aviso da secretaria de estado dos negocios do reino de Portugal de 18 de Agosto de 1780 tendo sido executado nesta cidade e julgado por sentença definitiva do ordinario, publicada a 7 de Junho de 1781.

Não obstante a isenção concedida, rebentou inesperadamente outra contestação entre o cura da freguezia da Sé e a irmandade, por occasião de encommendar-se um irmão dentro da propria igreja de S. Pedro.

Ao acto da encommendação achou-se presente o cura da Sé, que era então o padre bacharel Antonio Rodrigues do Miranda, pretendendo ter a primasia no officio que se ia celebrar, direito que lhe foi negado pelo padre provedor da irmandade, que era o conego João de Figueiredo Chaves Coimbra.

O cura bacharel e o provedor conego travarão-se de razões, e a disputa assumio um caracter tão sério, ou antes desceu a uma briga tão baixa, que o conego provedor teve a feliz inspiração de mandar fechar as portas da igreja afim de evitar que com o testemunho do publico o escandalo se tornasse muito maior.

A questão foi levada ao conhecimento do bispo D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello-Branco, que, depois de ouvir a irmandade, e reconhecer os seus direitos, sentenciou contra o cura bacharel.

O que mais me admira recordando estes factos é que todas estas disputas rompessem entre os vigarios e a irmandade de S. Pedro sempre por causa de defuntos!

Apezar dos leves embaraços creados por estas contestações sem fundamento nem importancia, excepção feita da questão da independencia parochial, que devia naturalmente ser de muita significação para os vigarios da freguezia da Candelaria, foi a irmandade de S. Pedro desenvolvendo-se e robustendo pouco apouco.

De uma simples instituição que era a principio, passou a irmandade a comprehender tres instituições; de um unico patrimonio que possuia, passou a ter e a administrar tres patrimonios.

As tres instituições são : a irmandade propriamente dita, o côro, e os soccorros aos sacerdotes e irmãos pobres,

Os tres patrimonios correspondem ás tres instituições.

Continuo a historia da irmandade em particular, e em seguida fallarei de cada uma das outras duas instituições.

A irmandade de S. Pedro teve a sua época de florescimento no século passado, a começar do bispado de D. frei Antonio de Guadalupe, e chegou animada e esperançosa até alguns annos depois de 1830.

Durante esse século de prosperidade preencheu sempre os seus fins, prestando á religião e ao Estado e aos membros que a compunhão, todos os serviços que era possivel esperar della.

Não posso deixar de trazer á memoria dos meus companheiros de *passeio* um facto que seria uma ingratição condemnar ao esquecimento.

Quando em 1823 o governo imperial, escutando um brado patriótico de muitos brasileiros, aceitou uma contribuição mensal para compra de navios de guerra que devião servir na luta gloriosa da independencia, a irmandade de S. Pedro não se esquivou, como aliás podia fazer, ao cumprimento de um santo dever de patriotismo, e por deliberação da sua mesa administrativa, de 26 de Fevereiro daquelle anno, sendo então provedor o illustrado conego Luiz Gonçalves dos Santos, assignou uma contribuição de 8\$ por mez, no espaço de tres annos.

A quantia pôde parecer pequena aos ricos; não o era porém para a irmandade, e além de tudo a manifestação dos sentimentos patrióticos que ella apresentou com esse acto, é de sobra para fazer-lhe honra.

Em 1828, querendo o Sr. D. Pedro I estabelecer ou rennir em uma sala da academia das Bellas-Artes uma collecção de quadros recommendaveis pelo seu merecimento, a irmandade de S. Pedro, que tinha então por seu provedor o monsenhor Duarte Mendes de Sampaio Fidalgo, offereceu um quadro de S. Pedro e S. Paulo, que passava por primoroso, e cujo autor sinto que não tivesse ficado em lembrança; sendo porém certo que o ministro do imperio mostrou em um officio de agradecimento dar muito apreço áquelle offerta.

Sujeita ás condições humanas, a irmandade de S. Pe-

dro chegou ao termo dos seus tempos felizes com a administração do fallecido vigario de Santa Rita, José Francisco da Silva Cardoso, e desde entao foi pouco e pouco decalindo, e por tal modo que ao systema desvelado dos administradores que tivera, succedeu o abandono e a anarchia, tornando-se a propria igreja famosa pelo deleixo e incuria com que a deixavão em um estado realmente vergonhoso.

É quasi incrível o que se passou e se observou na igreja de S. Pedro até ao anno de 1853, em que foi eleito provedor o monsenhor Antonio Pedro dos Reis, que, energico e decidido, encetou uma verdadeira obra de regeneração cortando por todos os abusos.

Para se fazer uma simples idéa do extremo lamentavel a que se vio reduzida a irmandade de S. Pedro, copiarei algumas linhas de um ou outro artigo do relatorio que o monsenhor Antonio Pedro dos Reis entregou ao seu successor e á nova mesa administrativa em 1856. Tratando das obras da igreja, diz esse documento :

« Todos vós vos recordareis ainda do estado de vergonhosa e mesmo de criniosa indecencia a que tinha chegado o bello templo da nossa veneravel irmandade ! templo que, pertencendo a uma corporação de sacerdotes, devia primar entre outros administrados por seculares, principalmente quando a fervorosa piedade dos antigos irmãos fundadores o tinha dotado com um patrimonio sufficiente para sua conservação e decencia. Pois bem : esse templo immundo e quasi em ruinas, com o qual tinhão acabado de gastar quasi oito contos

de réis; como se vê das contas do anno de 1852, nós vo-lo entregamos agora digno do culto, etc. »

Fallando da prata da igreja, diz o ex-provedor :

« E doloroso, senhores, o que sou obrigado a informar-vos a respeito do artigo *prata*. Quando tomámos posse desta administração, não encontrámos nos armarios da nossa igreja alguns objectos de prata, e entre esses duas lampadas que possuíamos ! achámos, sim, os inventarios de 1854 para trás falsificados nesses artigos, e o que primitivamente parecia ter sido escripto — *duas lampadas de prata* — estava ou borrado, ou escripto (emendado para) — duas almofadas de *damasco* ! . . .

« O roubo de pedaços e de peças de prata em outros objectos, os estragou de tal fórma, que para poderem servir foi preciso fazer-se uma despeza de novecentos e tantos mil réis em concertos e algumas substituições de peças roubadas e indispensaveis !

« Fazendo esta exposição, senhores, mui longe estou de querer fazer pesar sobre meus irmãos que fizerão parte das mesas transactas qualquer desar na sua probidade e honradez; não. Estou convencido que todo este deploravel acontecimento só proveio das facilidades com que tudo abandonavão para não se incommodarem muito. »

O archivo da irmandade mostrava-se em espantosa confusão, a administração economica rainosa e tristissima; tudo emfim indicava desmazelo, desprezo e incapacidade administrativa.

O monsenhor Antonio Pedro dos Reis mostrou no

triennio em que foi provedor o quanto pôde uma dedicação vigilante, uma vontade firme, uma constancia inabalavel, e a disposição decidida de bem servir, sem attender a compromettimentos e desafeições.

O mosenhor Antonio Pedro dos Reis foi como um novo fundador, ou pelo menos foi o restaurador da irmandade de S. Pedro.

A administração seguinte (de 1856 a 1859) sustentou todas as reformas da sua antecessora, e proseguio no mesmo caminho, encetando novos trabalhos cujo resultado foi o brilhantismo com que hoje se mostra a irmandade, e a harmonia e decencia que se observão nas ceremonias que se praticão.

Esta administração dotou a irmandade com um órgão novo, que mandou vir da Allemanha; desterrou da igreja de S. Pedro a musica profana, fazendo louvar o Senhor em sua casa com musica religiosa: como signal de reconhecimento aos seus irmãos bemfeitores, mandou collocar na sacristia e salões da igreja os seus retratos para perpetuar-lhes a memoria. Determinou celebrar na igreja de S. Pedro, pela primeira vez, e em seguida em todos os annos, os mysterios da paixão e morte de Nosso Senhor Jesus-Christo; lutando com uma divida de 9:000\$; tomada por tres annos, a juros de 10 %., e com outra e enorme divida de cêra, que tinha necessariamente passado de administração em administração, conseguiu pagar a primeira, e mais os juros, que subião a 1:800\$; pagou ainda a segunda que se tornára celebre; comprou o novo órgão na im-

portancia de 6:000\$; fez grandes melhoramentos com a aquisição de paramentos novos, cortinas ricas para as portas, e roupa branca para a sacristia; e entregou emfim a administração deixando a irmandade sem dividas.

Sem duvida alguma as administrações que tem de seguir-se a essa illustrar-se-hão prestando serviços de igual magnitude, como a actual o está fazendo.

O patrimonio especial da irmandade de S. Pedro consta actualmente do seguinte : 56 apolices de 1:000\$, e 2 de 400\$; 8 moradas de casas, que rendem 7:160\$329

Além deste patrimonio, a irmandade tem uma fonte de renda nas annuidades dos irmãos não remidos, e nas joias dos novos irmãos e de certos mesarios.

Adivinho que vos achaes fatigados, e que me ieis pedir para terminar aqui este passeio.

Vou fazer-vos a vontade, annunciando-vos outro um pouco menos arido e um pouco mais divertido, na proxima occasião.

XX.

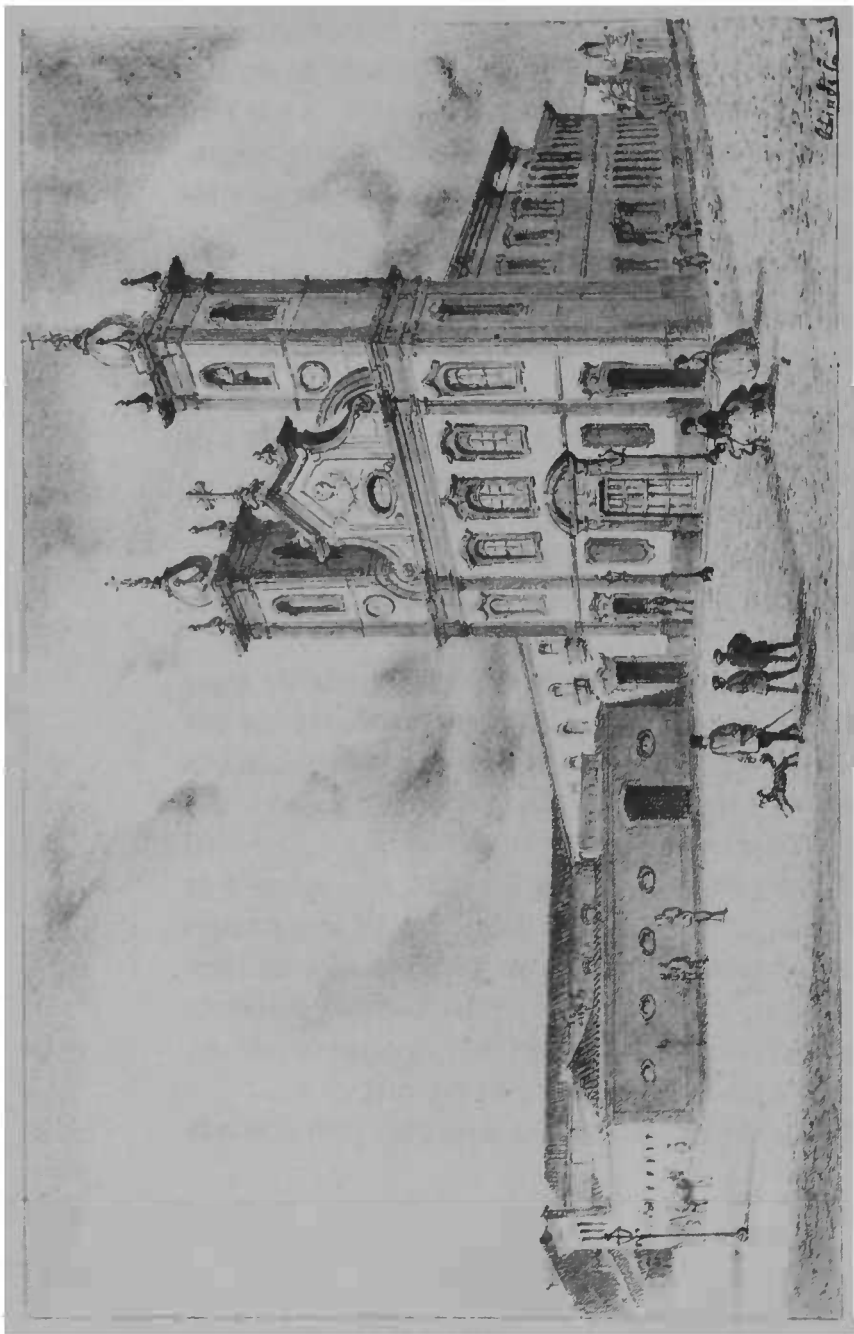
A IGREJA DE S. PEDRO

A instituição do côro da irmandade de S. Pedro tem a data de 1764, e foi devido á piedade de Manoel Vieira dos Santos, um bom catholico, que habitava em Minas-Geraes, por *de tras do morro do Rio do Peixe* termo da villa de Sabará.

Manoel Vieira meditava desde alguns annos crear na capitania das Minas uma collegiada para o serviço e louvor de Deos : que serie de difficuldades veio embarçar a realização do seu piedoso intento nessa parte do Brazil, não estou no caso de apreciar ; certo é porém que inabillavel na sua idéa, conseguiu esse homem fazer effectuar na cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro o que não lhe fôra possivel executar em Minas.

Aos 13 de Junho de 1764 passou Manoel Vieira dos Santos, no arraial de Nossa Senhora da Penha, termo de Villa-Nova da Rainha, uma procuração ao seu irmão Domingos Thomé da Costa, e á veneravel ordem Terceira de S. Francisco, no Rio de Janeiro, autorisando-os especialmente para em seu nome instituirem nesta cidade *meio côro de musica em a irmandade do Senhor S. Pedro, para o que lhes applicava de esmola a quantia de quarenta e dous mil cruzados, para a dita irmandade pôr a juros, etc.*

A 2 de Agosto de 1764 lavrou-se a competente escriptura no consistorio da igreja de S. Pedro, e como nesse



Instituto Artístico lith.

IGREJA DE S. JOAQUIM E EXTERNATO DE PEDRO II.

documento se achão especificadas todas as circumstan-
cias e condições da doação. julgo conveniente reprodu-
zillo aqui na sua quasi totalidade, ficando todos os
meus companheiros de *passeio* com a mais completa
liberdade de darem um salto por cima da escriptura se
não julgarem conveniente lê-la e aprecia-la :

• Fazia doação de hoje para sempre de 42,000 cruza-
dos à dita irmandade, para na igreja della se estabelecer
perpetuamente um côro, que se comporia de cinco
capellães, um presidente e quatro meninos de côro,
com as clausulas abaixo declaradas, que valerão como
postas no limen da presente instituição ; — que, para
fundo e patrimonio do dito côro, applicara elle institui-
dor quarenta e dous mil cruzados, os quaes logo a dita
irmandade poria a juros, com as seguranças necessa-
rias, ou empregaria em bens estaveis e rendosos, para
os seus redditos se distribuirem pelos reverendos capel-
lães e mais pessoas destinadas para o presente côro, e
que os dous mil cruzados, de que mais faria doação
à dita irmandade, esta os despenderia no que fosse
preciso para os preparos do mesmo côro, e para pagar
as porções dos reverendos capellães e mais pessoas
destinadas, emquanto o fundo ou patrimonio não
produzisse redditos sufficientes ; — que elle instituidor
nomeava a dita irmandade *imperpetuum et solidum*
administradora do dito côro, à qual cedia e traspas-
sava de hoje para todo sempre o direito de padroado
do dito côro, para o effeito de a ella pertencerem as
nominatas e apresentações de todos os reverendos ca-

pellães ; porém que no presente limen reservava e queria que na capella-mór da dita igreja se lhe designasse uma sepultura para jazigo do seu corpo, para nelle ser sepultado, quando succeda morrer nesta cidade ; e fallecendo nas Minas, onde se acha, queria fossem trasladados para a dita sepultura á sua custa ; que para primeiros capellães no limen da presente instituição poderia a dita irmandade nomear e ápresentar quaesquer reverendos sacerdotes que bem lhes parecessem idoneos depois de cujas primeiras nominatas, succedendo vaga qualquer das referidas capellantias por móрте, renúnciação, delicto, ou por outro qualquer modo do expressos em direito, seria a dita irmandade obrigada a nomear e ápresentar para a capellania vacante o parente ou consanguineo d'elle instituidor, concorrendo nelle os requisitos necessarios, com preferencia ao mais, para o que vagando alguma capellania por algum dos referidos modos, fixará a dita irmandade editaes nos lugares publicos, por trinta dias, dentro dos quaes apparecendo algum parente ou consanguineo d'elle instituidor, concorrendo nelle os requisitos necessarios preferirá ao que estiver em gráo mais proximo, sem preferencia entre os provenientes por linha masculina ou femenina ; e estando em igual gráo, poderá a dita irmandade gratificar a qual dellas lhe parecer ; e quando dentro do dito mez dos editos não comparecer parente ou consanguineo algum d'elle instituidor, poderá a dita irmandade nomear para a capellania vacante a pessoa que lhe parecer ser idonea, sobre cuja eleição onera ell

instituidor as consciencias dos mesarios que a esse tempo servirem, e quer que esta ordem inviolavelmente se observe *in perpetum*; — que reconhecendo os inconvenientes contingiveis em serem manuaes e amoviveis as capellarias, principalmente nas expulsões dos providos que pela maior parte se fazem por odios, vinganças e sem justificadas causas, de que se poderão originar multiplicados pleitos, é vontade d'elle instituidor que as presentes capellarias sejam perpetuas, não havendo causa sufficiente por onde a dita irmandade os deva expulsar : que havendo-a, o poderá fazer; — e que como para o referido é preciso autoridade ordinaria *in limine* quer outrosim, elle instituidor, que os reverendos provedores e mais mesarios desta irmandade apresentem a instituição ao Exm. e Revm. bispo deste bispado, do qual implorem a sua autoridade para a erecção das ditas capellarias antes de formarem os estatudos para o seu regimen, e que, feitos estes, lh'os apresentem juntos com esta, que no principio delles se encorporará para o dito senhor haver por bem de os confirmar; — que querendo elle instituidor favorecer aos estudantes e mais pessoas pobres, afim de se poderem ordenar a titulo das presentes capellarias, é sua vontade que para ellas possam ser nomeadas e apresentadas quaesquer pessoas de limpo sangue, tendo 21 annos de idade, e dahi para cima, comtanto que se ordenem dentro de dous annos inclusivo; — que todos e quaesquer capellães que fôrem providos nas ditas capellarias, terão obrigação de rezar as Horas Canonicas de manhã e á tarde, congruentes ás festas de cada

dia, com mais ou menos pausa, conforme a celebridade e que outrosim terão obrigação de dizer missa quotidiana, que será celebrada no fim do côro de manhã, a que vulgarmente chamão missa conventual, assim como se pratica nos mais côros desta cidade, com a declaração que, por ora, enquanto não houver maior numero de capellães do que o estipulado, será a dita missa rezada; porém, correndo o tempo e havendo maior numero de capellães do que o estipulado, se praticará com a dita missa o mesmo que se pratica no côro da freguezia de Nossa Senhora da Candelaria, e os ditos reverendos capellães não poderão receber esmola alguma annua pela dita missa, e menos lhes será livre a applicação della, por ser vontade indispensavel do instituidor que pela sua alma seja applicada, e tambem sua vontade que todos os dias se lhe cantem dous *Memento*, um de manhã, outro á tarde, e aos sabbados, no fim de Completas, uma ladainha conta-la a Nossa Senhora, com verso e oração; e no oitavario de defuntos será o mesmo côro obrigado a fazer-lhe um officio de nove lições com missa cantada, tudo pela alma do instituidor e de seus parentes; — que todos os reverendos capellães serão obrigados á residencia pessoal do côro ás Horas Canonicas, sendo-lhes só permittidas em cada anno as faltas que por direito são permittidas aos reverendos capellães ou conegos das cathedraes ou collegiadas, e fazendo mais faltas em cada um anno além das referidas, se procederá contra elles na fórma que se procede contra os reverendos conegos, até sentença de privação inclu-

sive ; que a dita irmandade terá obrigação de dar contas todos os annos do rendimento, receita e despeza, e sobras, havendo-as, e, como a administração das presentes capellarias, a une elle instituidor *in solidum et in perpetuum* á dita irmandade, que é da jurisdicção ecclesiastica, não só por ser erecta por autoridade ordinaria, mas tambem por ser administrada por clérigos : quer o instituidor que a dita irmandade dê as referidas contas todos os annos ao Exm. e Revm. Sr. bispo desta diocese, ou aos seus reverendissimos ministros, aos quaes pede queirão tomar todos os annos e exactamente as ditas contas, e achando sobras em cada um anno, as incorporem ao fundo e patrimonio, em ordem a se ir augmentando o rendimento, e por consequencia o numero das capellarias ; — que a dita irmandade fará, como já se disse, os estatutos que achãr são convenientes para o bom regimen do presente côro com declaração que serão em conformidade das clausulas acima apontadas, sem que nelles posão estabelecer cousa alguma que directa ou directamente se encontre a ellas ; — que a dita irmandade passará carta de nominação ou apresentação aos providos, com as quaes os ditos recorrerão ao Exm. e Revm. bispo deste bispado para as mandar confirmar, sem o que não poderão tomar posse das ditas capellarias, e que, como por ora a dita irmandade tem esta administração do dito côro sem premio, quer, e é sua vontade que, havendo rendimentos sufficientes, tenha a mesma irmandade por premio o mesmo que se pratica no côro da igreja da

Candelaria, e para a celebração desta escriptura impetrarão elles reverendo provedor e mais mesarios licença do dito Exm. e Revm. Sr. bispo desta diocese, que lhe foi concedida por despacho dado em a sua petição, como della melhor se verá, que ao diante se copiará. E por esta mesma escriptura, disserão elles ditos reverendos provedor e mais mesarios, se obrigão quanto é necessario e em direito se requer de fazer a diligencia de pôr a juro em poder de pessoas que sejam reputadas e conhecidas por abonadas, ou empregarem em bens estaveis os referidos quarenta mil cruzados, com a brevidade que lhes fôr possível, e com a mesma cuidar-se se louve o Senhor no referido côro. E logo no acto desta mesma escriptura, pelo dito Domingos Thomé da Costa foi entregue a dita quantia de quarenta e dous mil cruzados em boas moedas de ouro corrente neste Reino e Estado, que elles ditos reverendo provedor e mais mesarios contárão, receberão e achárão certos, sem falta alguma. »

Tal foi a origem do côro da igreja de S Pedro : o ouro das minas, o ouro arrancado ao seio da terra foi sujeito ao sagado fogo da piedade, e perdendo a sua natureza metallica, transformouse em cantos e orações que se erguem ao senhor.

Na fórma da provisão de 11 de Novembro de 1764 passada pelo bispo D. frei Antonio do Desterro, instituiu-se o côro com seis capellães.

Mas o exemplo de Manoel Vieira dos Santos achou imitadores.

Em 1770 o conego Manoel Freire fez para o mesmo fim doação á irmandade de S. Pedro de duas casas de sobrado situadas no fim da rua do Ouvidor para o lado da praça da *Sé Nova*, que é a que hoje e desde muito se chama largo de S. Francisco de Paula, e que então se chamava da *Sé Nova*, pelas obras da nova Sé, que acabáráo servindo para o edificio em que está estabelecida a escola militar, e que nos deixárão um proverbio, que sempre se faz lembrar quando se trata de obras publicas.

Com a doação devida ao conego Manoel Freire augmentou-se mais um capellão aos seis que compunhão o côro da irmandade, e esta ficou com o encargo de uma missa rezada pela alma do instituidor no dia anniversario da sua mórte, e de um *memento* cantado no côro

Em 1790 Belchior Soares deixou por seu fallecimento um legado á irmandade para subsistencia ou augmento de outro capellão do côro, uma casa na rua do *Sacussarará*, que depois se denominou rua da Quitanda, e que outr'ora assim se chamára por um motivo que eu não ignoro, mas não quero dizer, porque estou tratando de um assumpto muito sério e não devo provocar o riso aos meus companheiros de *passeio*.

Finalmente o bispo D. José Caetano, em consideração do augmento das rendas do patrimonio do côro, elevou a dez o numero dos beneficiados ou capellães, e augmentou as congruas destes.

O bispo D. frei Antonio do Desterro, em provisão de 29 de Novembro de 1764, deu estatutos para o regimen

do côro, estatutos que fôrão reformados com approvação do nosso actual e venerando hispo em 1854, como se vê da provisão de S. Ex. Revma. de 27 de Outubro desse anno.

O patrimonio da instituição do côro da irmandade de S. Pedro se compõe de cento e treze apolices de 1:000\$: de duas de 800\$, de cinco de 600\$, de uma de 400\$, e de quinze moradas de casas que rendem 14:550\$000.

Cumpre notar que o numero de apolices relativamente avultado que apparece, tanto no patrimonio do côro, como no da irmandade, é em sua maxima parte o frato da conversação de predios que a irmandade e o côro possuem : a venda desses predios e a compra de apolices foi uma medida financeira da administração do mosenhor Antonio Pedro dos Reis, medida que deu em resultado um augmento de renda, o que é uma util e excellente lição que deve ser aproveitada por todas as corporações de mão-morta, quando o paiz, mostrando-se em mais animadoras condições economicas, puder offerecer-lhes as vantagens que em 1854 e 1855 offereceu á irmandade de S. Pedro.

Tenho dito quanto sei a respeito da instituição do côro da irmandade de S. Pedro; passo portanto a contar a historia da terceira e ultima instituição, que é a *dos soccorros aos sacerdotes e irmãos pobres*, que me parece em verdade a mais interessante de todas, por alguns episodios e algumas circumstancias que a ella se prendem, e de que não dão conta as memorias e os manuscriptos que se pôdem consultar; mas que eu

consegui ler em alguns bons e conscienciosos archivos de oitenta e noventa annos, archivos que pouco apouco vao desaparecendo, como desapareceremos todos.

Em 25 de Julho de 1756 o irmão secular Antonio Fernandes Maciel fez á irmandade de S. Pedro doação da quantia de 800\$, para que com os juros desse dinheiro se dessem annualmente no dia de Todos os Santos dezaseis esmolos de 1\$ cada uma a dezaseis pobres de mais necessidade, á eleição da mesa, preferindo-se na distribuição os proprios irmãos; ficando além disso a irmandade obrigada á pensão de quatro missas annuaes e dous responsorios por alma do instituidor

Esta doação era em verdade tão insufficiente para produzir soccorros aproveitaveis aos irmãos necessitados, e além disso as condições com que ella se fizera tão facilmente permittião que as fraquissimas esmolos fossem dadas a pobres que não pertencessem ao gremio da irmandade de S. Pedro, que não é admissivel referir áquelle anno de 1756 o principio da instituição de que vou tratar.

A instituição dos soccorros aos padres e irmãos, pobres da irmandade de S. Pedro começou em 1812 e foi levada á caridade do sargento-mór Alexandre Dias de Rezende.

Quero dizer-vos alguma cousa a respeito deste homem piedoso, cuja historia deixarão esquecida os nossos escriptores, e apenas hoje se póde colher da memoria dos bons velhos, ultimos representantes que nos restão do século passado.

Alexandre Dias de Rezende era homem pardo : seu pai tinha sido um carpinteiro laborioso, e economico: que lhe deixára uma pequena fortuna, que elle soube augmentar pouco a pouco, entregando-se ao commercio, de modo que, além da sua casa mercantil, adquirio tambem a propriedade de uma grande chacara no caminho de Mataporcos para S. Christovão.

Entre parenthesis : o sitio que actualmente e desde muitos annos é chamado Mataporcos começou provavelmente a ser denominado *Mata dos porcos*, porque alli havia um arvoredor silvestre terminando no mangue, e nessa mata se criavão numerosas varas de porcos, que se matavão para alimentação dos habitantes da cidade. É de crer que depois se corrompesse a denominação primitiva. E fecho aqui o parenthesis.

A fortuna ou tal qual riqueza de Alexandre Dias de Rezende erá explicada pelos invejosos e murmuradores de um modo menos honroso para elle : dizião que, descobrindo um thesouro enterrado junto de uma arvore no lugar do *Jogo da Bola*, no Morro da Conceição. .

E abro de novo outro parenthesis : o *Jogo da Bola* de que se trata neste caso ficava perto da antiga fortaleza da Conceição, e não se deve confundir com outros dous *Jogos da Bola*, que então existião, um perto do lugar em que hoje se vê a igreja do Sacramento, e outros nas immedições da actual rua de Bragança. Os Jogos da bola erão lugares de numerosa e alegre reunião. Conclue-se disto que no século passado jogava-se muito

a bola na cidade do Rio de Janeiro ; hoje, porém, não havendo tantos *jogos da bola*, dá-se mais frequentemente no *vinte*.

E torno a fechar o parenthesis.

Dizião pois que Rezende descobrindo um thesouro enterrado junto de uma arvore no lugar do *Jogo da Bola* no morro da Conceição, de todo o dinheiro se apoderára, sem respeito aos direitos de quem se devia considerar seu verdadeiro dono. Entretanto a vida inteira de Rezende faz crêr que essa historia de thesouro enterrado não passou de um aleive levantado contra aquelle a quem não perdoarão o accidente da côr, apesar do mercimento que tinha, e que lhe deu força para conquistar uma certa consideração.

Depois do conhecimento d'essa calumnia, forjada para nodoar a reputação de Rezende, não admira saber-se que este era objecto de satyras e de zombarias; e como nas pequenas povoações, e a cidade do Rio de Janeiro não era grande naquelle tempo, é costume darem-se alcunhas a muita gente, não pôde Rezende escapar á regra terrivel, e era chamado o *Phocas Tyranno*.

Nada disso porém pôde amesquinhar ou obscurecer as boas qualidades de Rezende.

Quando o terceiro vice-rei do Brazil, homem que tinha nove nomes, D. Luiz de Almeida Portugal Soares Eça de Alarcão Mello Silva e Mascarenhas e de quem apesar disso não se pôde dizer que maior foi o nome do que a pessoa, quando o marquez de Lavradio te-

ceiro vice-rei do Brazil, organisou *completamente* os quatro *terços* ou *regimentos auxiliares* da cidade do Rio de Janeiro, dispôz que o quarto regimento fosse o *regimento dos pardos*, e foi Alexandre Dias de Rezende nomeado capitão de uma das companhias do quarto terço, o que indica bem que Rezende era digno de estima e de confiança.

Mas o quarto *terço* ou o *terço dos pardos* teve por commandante o major Mello, official portuguez, austero na disciplina; ás vezes porém tão violento e desattencioso, que sacrificava, sem o pensar, a propria disciplina.

Os pardos do quarto regimento, repetidamente victimas do genio desabrido e frenetico do seu commandante, quizerão ver na escolha de um tal chefe uma prova da má vontade que lhes tiuha o marquez de Lavradio e procurando a origem da supposta má vontade do vice-rei, fôrão descobri-la em um facto, que elles interpretarão como lhes convinha.

Este episodio não tem relação alguma com a historia de Rezende; como porém elle dá idéa de um dos principaes defeitos, ou da grande fraqueza do marquez de Lavradio, que aliás foi um vice-rei que prestou immensos serviços ao Brazil, vou occupar-me d'elle, para deixar o marquez bem marcado com a sua notavel fraqueza, como opportunamente o apresentarei com as suas muito bellas qualidades de homem e de administrador.

O marquez de Lavradio era famoso pelo amor que tributava ao bello sexo, e pelas travessuras, ás vezes

bem reprehensíveis, que fazia para satisfazer a sua paixão. A sua fama a este respeito era tal, que em um tempo em que muito se occupava da policia da cidade e do asseio das ruas e praças della, encontrou o marquez em certo dia um doudo tão celebre na cidade pelas seus repentes e ditos espirituosos, que o seu nome ainda hoje não está esquecido : o doudo chamava-se Romualdo.

O marquez de Lavradio ao encontra-lo fez parar o cavallo em que ia, e, sorrindo-se para o doudo, perguntou-lhe :

— Romualdo, que dizem de mim ahi pela cidade ?

O doudo encarou o vice-rei, rio-se tambem para elle, e respondeu sem hesitar :

— Dizem que V. Ex. limpa as ruas e suja as casas.

É escusado dizer que o vice-rei fez o cavallo partir a galope.

Agora o caso de que murmuravão os paridos do quarto regimento.

Havia naquelle tempo na cidade do Rio de Janeiro uma senhora muito formosa e de uma das mais nobres familias, mas tão facil e pouco recatada, que com vergonha das proprias loucuras trocára por outro e esquecêra o seu nome de familia, como eu o quero deixar esquecido ainda hoje Maria era o seu nome baptismal, e com esse ficará sómente.

Maria tinha tido já não poucos amantes, e o ultimo o coronel Antonio Carlos Furtado de Mendonça, irmão do visconde de Barbacena, deixou-a, para ir tomar conta do governo de Minas-Geraes, por nomeação do

marquez de Lavradio : o coração da bella moça pareceu a alguém ter então ficado em uma especie de viuvez ; ninguém lhe conhecia amante nem preferido ; mas o marquez, apesar disso e a despeito do seu brillantismo e da sua influencia de vice-rei, não conseguiu fazer-se amar.

O marquez, depois de perseguir debalde a cruel moça, veio enfim a descobrir que ella amava perdidamente a um mancebo pardo que era um dos comicos da *casa da opera*.

Que delicto commetteu esse moço não sei ; contão porém que elle fôra preso, e que da cadêa ia representar ao theatro, e, findo o espectáculo, voltava do theatro para a cadêa.

Quem sabe se esta prisão não era uma exigencia da familia offendida, e se o marquez de Lavradio, em vez de ser accusado de uma condescendencia que se tornára em injusta oppressão, carregou com a culpa de uma ignobil vingança que não cahia em seu coração ? . .

Mysterios do passado !

Mas em todo o caso, o preso ainda gozava mais do que o vice-rei ; porque em todas as noites, uma mulher engraçada e elegante, trazendo a cabeça envolvida em longo manto, passava repetidas vezes em frente da janella da cadêa, donde o amado preso pagava-lhe com suspiros aquelles ternos passeios nocturnos.

O vice-rei esperou, desesperou, teve de consolar-se com outras bellas menos cruéis da ingratição da formosa Maria.

Entretanto os pardos do 4º regimento pretendêrão que o marquez de Lavradio estendêra à todos os pardos o odio que tivera do comico, seu rival preferido, e que por isso escolhiêra o major Mello para commanda-los.

Falta por certo fundamento para tal supposição; mas, ainda mesmo infundada, ella subsistio.

Emfim o marquez de Lavradio foi substituido no vice-reinado do Brazil por Luiz de Vasconcellos e Souza.

O major Mello continuou a commandar o quarto regimento.

Entra de novo em scena Alexandre Dias de Rezende.

O capitão Rezende foi um dia indignamente desattendido por um dos soldados da sua companhia : o caso era grave e exigia uma forte punição.

Resentido da offensa, o capitão Rezende foi á casa do Major, e, expondo a triste occurrencia, declarou que julgava não dever prescindir de uma satisfação.

O major Mello olhou para o capitão com desprezo, e disse-lhe com um tom de inconvenientissima zombaria ;
— Homem, vocês são mulatos, lá se entendem.

E voltou-lhe as costas.

O capitão Resende, ainda mais ultrajado pelo seu commandante do que pelo soldado, correu ao palacio e, fez-se annunciar pedindo uma audiencia do vice-rei.

Luiz de Vasconcellos recebeu-o immediatamente, e, ouvindo as queixas que o offendido lhe vinha apresentar, prometeu-lhe justiça prompta, despedi-o e mandou logo chamar o commandante do quarto regimento.

O major Mello acudindo ao chamado do vice-rei, e sendo por elle interrogado a respeito do motivo da queixa do capitão, confessou tudo sem hesitar, e até se defender-se.

Então Luiz de Vasconcellos reprehendeu-o severamente, lançando-lhe em rosto o seu descomedimento e o insulto com que ultrajára o capitão Rezende, e acabou por ordenar-lhe que se recolhesse preso a uma das fortalezas.

Ouvindo a ordem de prisão que acabava de receber, o major Mello não se pôde conter, e exclamou :

— Preso !... pois devéras V. Ex. me manda prender ?.

O vice-rei respondeu socegradamente :

— Homem, nós somos brancos, cá nos entendemos.

O major Mello foi preso, perdendo o commando do regimento dos pardos ; e, mandado servir no sul lá ficou por muitos annos, voltando sómente ao Rio de Janeiro depois da chegada da familia real.

E cheguei apenas ao meio da historia do capitão Alexandre Dias de Rezende, e já o nosso *passeio* de hoje se acha com proporções taes que, se eu quizesse estendê-lo até á conclusão da historia, seria obrigado a transforma-lo, de simples *passeio* que deve ser em *viagem de longo curso*, que não convém que seja.

Devo portanto parar aqui.

Fação de conta que deu a hora no *relogio da casa* e que o Sr. presidente me convida a interromper o meu discurso *reservando-me a palavra* para a proxima sessão.

A IGREJA DE S. PEDRO.

No meu antecedente *Passeio* tive de interromper, obrigado por força maior, a historia que vos contava de Alexandre Dias de Rezende; mas, se não tendes memoria infeliz, deveis lembrar-vos que deixámos esse bom homem elevado a capitão, e á frente da sua companhia do regimento dos pardos.

De uma só ligeira pennada termino as minhas informações a respeito da carreira militar de Rezende, dizendo-vos que elle chegou a sargento mór, e com essa patente morreu em 1812.

Mas não penseis que sómente na vida da militança foi que Rezende teve de provar amarguras e decepções.

Ides ver que elle foi tão infeliz com os padres da irmandade de S. Pedro, como tinha sido com o major Mello.

Rezende era devoto de S. Pedro, e tinha pelos padres verdadeira veneração; desejava sempre approximar-se delles, e tanto desejou que um dia sorrio-lhe docemente a idéa de entrar para a irmandade do principe dos apóstolos.

A principio hesitou, depois foi pouco a pouco tomando animo, e por fim de contas não se pôde conter e manifestou a sua ardente ambição ao padre Luiz Gonçalves dos Santos, que achou muito razoavel a pretensão, e comprommeteu-se a propôr o candidato á irmandade.

Convocou-se a mesa: correu a noticia de que Rezen-

de ia ser proposto para irmão de S. Pedro, e no dia aprazado achou-se *plena* a mesa da irmandade no consistorio da igreja.

Rezende, cheio de esperanças e de alegria, esperava o resultado da sua pretensão passeando na sacristia; começou porém em breve a incomodar-se com a demora prolongada do despacho.

Era que havia discussão renhida no consistorio.

Irmãos padres e irmãos seculares estavam quasi todos em movimento e excitação.

Não podião tolerar a idéa de ver o *pardo* Rezende irmão de S. Pedro.

Entretanto alguns seculares mais habéis dizião sorrindo-se :

— A irmandade é dos senhores padres; elles pois que decidão.

E lavavão as mãos como Pilatos.

Emfim o padre Francisco dos Santos Pinto, que depois foi senador do imperio, e o padre Francisco Antonio pronunciárão-se de tal modo que a mesa repulsou a pretensão de Alexandre Dias de Rezende.

O padre Luiz Gonçalves dos Santos desceu á sacristia e communicou a decisão da mesa ao triste Rezende. Este desatou a chorar, e retirou-se dizendo :

— Paciencia ! os Srs. padres não me querem ; paciencia !

Esta humildade não foi um fingimento : o futuro mostrou que Rezende nem ao menos modificou as suas disposições generosas a respeito dos padres.

Alguns annos depois um vizinho da chacara que Rezende possuia no caminho de S. Christovão principiou a inquieta-lo, e acabou por tornar-se tão incommodo, que Rezende vendeu a chacara, e com o producto da venda fez construir duas casas de sobrado na rua de S. Pedro, ficando uma dellas no canto da rua Direita.

Causava alguma surpresa, o ver-se que Rezende, que já a esse tempo se achava bastante velho, se mettesse em obras tão dispendiosas, e que indicavão projectos de futuro.

O padre Luiz Gonçalves fez-lhe sentir isso um dia, mas Rezende respondeu sorrindo-se :

— É um segredo que só deve ser conhecido depois da minha mórte.

E passados alguns momentos, como tratando de outro assumpto, accrescentou tristemente :

— Tenho muita pena dos Srs. padões que sendo pobres e estando doentes, não pôdem celebrar.

O dia da revelação do segredo chegou finalmente.

A 9 de Agosto de 1842 falleceu o sargento-mór do regimento dos homens pardos Alexandre Dias de Rezende, e aberto o seu testamento encontrou-se a seguinte disposição :

« Declaro que entre os bens que possuo, são duas moradas de casas que fazem dous sobrados no canto da rua de S. Pedro, uma com frente para a rua Direita, e outra com frente para a dita rua de S. Pedro, as quaes deixo á irmandade de S. Pedro, para esta tomar logo conta dellas e fazer assistencia aos Rev. sacerdotes

que se acharem enfermos sem poderem celebrar, fazendo-se-lhes uma mesada ao arbitrio da mesma irmandade obrigada a pagar a decima; e no caso de que a dita irmandade as queira vender, então passarão para a Misericórdia, oppondo-se esta a tal determinação, e tomando logo conta dellas, para do seu rendimento se sustentarem os pobres clérigos. »

E Alexandre Dias de Rezende morreu sem fazer parte da irmandade de S. Pedro, e enriquecendo-a com este legado, não lhe impoz onus algum nem em beneficio da sua alma.

É completamente inutil dizer que a irmandade de S. Pedro não discutio um só instante se o legatario das duas casas tinha sido branco, pardo, preto, amarello ou azul, e aceitou logo o caridoso legado.

A mesa da irmandade de S. Pedro em 1812 não pôde ser de modo algum responsavel pelo que annos antes fizera outra mesa, repelindo Alexandre Dias de Rezende; mas em todo caso é curioso o que então se observou.

Cousas deste mundo! sempre é bom dizê-las.

Alexandre Dias de Rezende, como bemfeitor da irmandade de S. Pedro, teve um officio de corpo presente na igreja de S. Pedro, e os padres levárão sobre seus hombros o caixão do *pardo* Rezende para a igreja da ordem terceira de S. Francisco da Penitencia, de que elle era irmão!

E, ainda melhor, ao chegar o acompanhamento ao cruzeiro do convento de Santo Antonio, apresentárão-se os *terceiros* para receberem o caixão; os padres decla-

rarão que o não entregavão senão a presbyteros como elles ; trocárão-se palavras duras e azedas, pondo termo á desagradavel scena os frades de S. Antonio, que tomárão o caixão ás costas.

Vejão pois ! ião brigando pelo Rezende morto os mesmos que o tinhão desprezado vivo !

A irmandade de S. Pedro celebra annualmente no mez de Novembro um officio solemne por alma de Alexandre Dias de Rezende, presentes os seus ossos que se achão encerrados em uma urna.

A administração da irmandade em 1852 mandou tirar e collocar na sacristia o retrato de Rezende, como em 1857 por proposta do thesoureiro do patrimonio dos padres e irmãos pobres o Sr. padre Manoel Agostinho José da Silva e com approvação da mesa se deliberou que fossem tambem tirados e conservados os retratos dos outros bemfeitores.

Aqui está pois toda a historia de Rezende, e nella a da origem da instituição dos soccorros aos padres e irmãos pobres da irmandade de S. Pedro.

A instituição começou portanto com o patrimonio a 9 de Agosto de 1812.

Mas o caridoso instituidor desse patrimonio não só legou duas casas, como ainda um bello exemplo que achou alguns piedosos imitadores.

Assim contão-se ainda os seguintes bemfeitores da mesma instituição :

Manoel Rodrigues dos Santos, que legou em 1827
2:000\$000.

Antonio Rodrigues dos Santos (irmão do precedente), que deixou 4:000\$ em 1829.

O conego Alberto da Cunha Barbosa, que em 1845 legou 2:000\$000.

O monsenhor ex-delegado apostolico Antonio Vieira Borges, que tambem em 1845 legou 2:000\$000.

E finalmente o padre Luiz Antonio Moniz dos Santos Lobo, que deixou 2:000\$ em 1857

O patrimonio dos padres pobres rende actualmento 16:238\$072.

É uma verdadeira instituição de caridade que tem já prestado muitos serviços, confôrme a natureza e fins da sua criação e affianção-me que se pôde asseverar sem receio de calir em erro, que os padres, para quem ella se destina, estão acoberto de privações nos casos de enfermidade.

O nome do sargento mór Alexandre Dias de Rezende está com razão perpetuado nos archivos da irmandade de S. Pedro, e nos corações dos padres que o abençoão como um bemfeitor.

Ora pois! cheguei finalmente ao desejado termo da historia das tres instituições da irmandade de S. Pedro.

Podemos agora desembaraçadamente lançar uma rapida vista d'olhos sobre a igreja para dizer o que é ella e o que contém.

Vinde : não tenhais medo de encher de pó as calças, nem de têas de aranhas as casacas : ha nove annos que a igreja de S. Pedro está limpa, e se pôde entrar nella como nos seus bellos tempos.

Pelo seu aspecto exterior a igreja de S. Pedro distingue-se de todas as outras da cidade do Rio de Janeiro.

É uma igreja de fôrma circular como algumas de Roma, tendo seu zimbório pequeno mas proporcionado e elegante: as portadas são de marmore e executadas com talento e gosto. Sobre a porta principal vêm-se as armas do príncipe dos Apostolos.

Domina em toda a igreja o estylo *barroco* da architectura do decimo oitavo século.

A igreja tem duas torres e abre o seu portico de marmore para um pateo defendido por grades de ferro: esse pateo outr'ora regular, apresenta hoje dimensões mesquinhas e irregulares, porque foi necessario sacrificar parte delle ás justas e rectas dimensões da rua de S. Pedro.

No interior do templo predomina ainda e sempre o estylo barroco em todos os ornatos, aliás habilmente executados. Toda a obra é de solida construcção de pedra e em abobada.

A igreja tem tres altares.

No altar-mór, além da imagem do veneravel príncipe dos Apostolos, que occupa o seu devido lugar de honra, vêm-se ao lado direito S. Paulo, ao lado esquerdo Santo André e no mais alto degráo do throno a imagem do Senhor dos Afflictos.

O altar do lado do Evangelho é consagrado a Nossa Senhora da Boa Hora, a cujos pés está a imagem de Santo Antonio, e em dous nichos lateraes vêm-se as imagens de Nossa Senhora da Conceição e de S. José.

O altar do lado da Epistola é dedicado a S. Gonçalo de Amarante, que tem em um degrão inferior do seu throno a imagem de Santa Anna, e aos lados S. João Nepomuceno e S. Pedro martyr.

Não são notaveis estas imagens pela sua execução artistica; ao menos porém vai sê-lo a nova de S. Pedro que está sendo executada em marmore branco pelo habil Sr. Despré, e cujo desenho me pareceu muito bonito.

Foi o bispo D. frei Antonio de Guadalupe quem collocou no altar do lado da epistola a imagem de S. Gonçalo de Amarante por louvavel devoção ao santo padroeiro da terra de seu berço.

Esta demonstração do bispo deu logo a S. Gonçalo de Amarante um grande numero de ardentes devotos, e por supplicas do padre João de Araujo e Macedo e de outros foi creada a respectiva irmandade com permissão dos irmãos de S. Pedro, que para esse fim lavrarão o termo de 7 de Outubro de 1741.

Diz um antigo anexim que *beijão-se as pedras por causa dos santos*; neste caso porém o anexim falhou, observou-se o contrario, e o tempo veio demonstrar que se venerava o santo por causa do bispo.

Desde que D. frei Antonio de Guadalupe deixou o Brazil e foi substituido no bispado do Rio de Janeiro, cahio pouco a pouco, ou antes logo e logo S. Gonçalo de Amarante em um triste esquecimento e abandono, e por modo tão sensível, que o seu culto acabou por ficar a cargo da irmandade dos clérigos.

Dir-se-lhia que os antigos devotos de S. Gonçalo de Amarante causados da sua devoção, e desconfiando que outros santos erão mais milagrosos e de mais potente influencia do que elle, se puzerão a entoar em côro aquella cantiga com que as moças de Santarem atordoão o padre Froilão Dias no drama *Alfajeme de Santarem*.

S. Gonçalo de Amarante.
Bem lhe reza minha tia ;
Casamenteiro é de velhas,
Vá para outra freguezia.

Mas eu penso que não o tiverão na conta nem de casamenteiro de velhas; porque se o reputassem tal, duvido que houvesse santo que mais culto recebesse.

O infortunio do S. Gonçalo de Amarante, da igreja de S. Pedro, offerece uma lição proveitosissima, mostrando-nos a conveniencia de não acreditar facilmente em certas devoções que se observão no mundo, e de procurar distinguir bem os devotos sinceros e leaes dos devotos que beijão os santos por cousa dos bispos.

Tomem portanto nota desta historia de S. Gonçalo de Amarante, que é bôa e que se parece bastante com outras historias que se estão sempre passando, fóra das igrejas, nos palacios, nas casas dos grandes, e ás vezes até mesmo nas cabanas dos pobres.

Agora chamão a nossa attenção o presbyterio e o côro da igreja que estamos visitando.

O presbyterio é de marmore tendo a frente ornada

de lvores, e sempre em relação com o estylo barroco dominante.

O côro é proporcionado ao tamanho da igreja, e nelle se faz notar o orgão, que passa, creio que com razão, por ser o melhor que existe na cidade do Rio de Janeiro.

A irmandade possuia um orgão antigo, mas vendeu-o por quatrocentos mil réis, substituindo-o pelo novo que lhe custou seis contos de réis, livre dos direitos da alfandega.

O novo orgão consta de duas ou antes de tres peças distinctas e como que separadas : os teclados, o orgão propriamente dito, e o folle.

São tres os teclados, dous para as mãos, e um para os pés, sendo os primeiros de marfim e ébano e o ultimo de carvalho, bem como é de carvalho envernizado a caixa.

O orgão propriamente dito tem a caixa de carvalho envernizado e ornada com pilastras da ordem corinthia e de cada lado um anjo de madeira, obra do Sr. Despré. e consta de doze jogos de canudos.

Estas duas peças se communicão por baixo do banco do organista, que assim toca com o rosto voltado para o altar.

O folle está collocado fóra do côro, e um pequeno registro ligado a uma campainha adverte ao tocador do folle quando ha falta de vento.

Este orgão foi fabricado em Hamburgo por Schulz, sendo o plano e a collocação do instrumento devidos ao Sr. Napoleão Lebreton.

Desculpem-me o tempo que gastei com a descripção do órgão : tenho a maior consideração por todas as entidades que se fazem admirar, quando se enchem de vento, e portanto era uma injustiça que não tratasse com a mesma attenção o órgão de S. Pedro.

Passemos do corpo da igreja á sacristia por esta porta lateral que temos a mão direita.

A sacristia, que tambem abre uma porta para o exterior, comunicando-se com a rua dos Ourives, é uma sala, em cujas proporções se guardou a necessaria harmonia com a igreja.

Na sacristia excitão a nossa curiosidade os retratos que a ornão e de que vou dar-vos conta immediatamente.

O primeiro retrato é o do bispo D. frei Antonio de Guadalupe, o grande protector da irmandade de S. Pedro, e infeliz instituidor da devoção de S. Gonçalo de Amarante.

O segundo retrato é do sargento-mór Alexandre Dias de Rezende, o caridoso instituidor do patrimonio dos padres e irmãos pobres da irmandade de S. Pedro.

O terceiro é o de Manoel Vieira dos Santos, que acabou cego na terra, mas que do mundo feliz da eternidade vê perfeitamente o esenvolvimento da instituição do côro de S. Pedro que á sua caridade é devida.

O quarto retrato é o do padre Francisco Barreto de Menezes, que doára o terreno em que se levantou a igreja de S. Pedro.

O quinto é o do padre Luiz Antonio Moniz dos Santos

Lobo, um dos benfeitores da instituição e do patrimonio dos padres e irmãos pobres.

O padre Luiz Antonio Muniz dos Santos Lobo foi um sacerdote muito respeitavel, e um cidadão que prestou ao paiz não poucos serviços. Foi por bastantes annos membro da assemblêa provinciual do Rio de Janeiro, á qual presidio por vezes; na primeira eleição que se effectuou logo depois da declaração da maioridade de S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II, mereceu ser eleito deputado á assemblêa geral pela mesma provincia do Rio de Janeiro; não pôde porém assignalar-se na camara temporaria, em consequencia da dissolução da camara que se effectuou estando ainda esta em sessões preparatorias, o que deu lugar a que o illustre Martim Francisco Ribeiro de Andrada, que presidia á assemblêa, denominasse esse facto *uma dissolução prévia*.

O padre Santos Lobo occupou tambem durante algum tempo a presidencia da provincia do Rio de Janeiro.

Foi sempre contado entre os membros distinctos do partido liberal, e era por todos estimado o respeitado, porque não houve jámais quem puzesse em duvida a sua intelligencia esclarecida, o seu patriotismo, a sua honradez, e o seu coração cheio de bondade.

Morreu este digno cidadão no anno de 1857, e os seus restos descansão na cidade de Magè.

Continuo com a resenha dos retratos.

O sexto retrato é o do venerando bispo actual do Rio de Janeiro o Sr. conde de Irajá.

O setimo enfim é o do monsenhor Antonio Vieira

Borges, outro bemfeitor da instituição e do patrimonio dos padres e irmãos pobres

Destes retratos, algum dos quaes talvez seja de simples fantasia, suave engano desculpavel pela gratidão que o inspirou, sei que o do sargento-mór Rezende é obra do Sr. Mafra, o estimavel artista, digno secretario e professor da nossa academia das Bellas-Artes; o do monsenhor Antonio Vieira Borges, trabalho do Sr. Istaloni; os do bispo D. frei Antonio de Guadalupe e de Manoel Vieira dos Santos, obras do Sr. Manoel Pereira Reis, e os do padre Francisco Barreto de Menezes e do padre Luiz Antonio Moniz dos Santos Lobo devidos á palheta do Sr. Pedro Americo de Figueiredo e Mello.

O Sr. Mafra e o Sr. Istaloni são artistas desde muito tempo conhecidos e apreciados, e não precisão que eu me occupe em dar informações a seu respeito.

Os Srs. Reis e Americo são jovens, e ainda novos em suas carreiras, e a ambos dedicarei algumas linhas.

Não creio que os retratos de que fallei e que a irmandade S. Pedro deve a estes dous jovens, possam considerar-se obras de um grande valor artistico; premissas animadoras porém de bellos talentos, servem para dar-nos uma idéa da natureza feliz, da inspiração e da habilidade desses nossos patricios.

O Sr. Manoel Pereira dos Reis actualmente professor de desenho na escola de marinha, é natural da provincia da Bahia. Filho de um livreiro estabelecido na cidade de S. Salvador da Bahia, o Sr. Pereira dos Reis, impellido pelo coração, divertia-se horas inteiras a desenhar co-

piando as estampas que encontrava nos livros e que mais o impressionavão: as suas disposições fôrão logo conhecidas e o seu talento applaudido. Em 1855 o flagello do cholera-morbus roubou-lhe seu pai, e em Março de 1856 veio para o Rio de Janeiro, e matriculando-se na academia das Bellas-Artes, foi nella um dos melhores alumnos e obteve diversos premios, sendo no primeiro anno approvado com louvor no exame de mathematicas, que elle fez em presença de S. M. o Imperador.

O Sr. Manoel Pereira dos Reis conta hoje vinte tres annos de idade, e é, como disse, professor de desenho da escola de marinha, o que é una prova do seu incremento.

O Sr. Pedro Americo de Figueiredo e Mello é natural da provincia, da Parahyba do Norte, donde veio para o Rio de Janeiro em 1855 em consequencia das proezas que fazia, pintando quanto lhe vinha á cabeça, sem ter mestre que o dirigisse. Realmente era um menino que parecia ter nascido artista; tinha tanta imaginação como espirito, e já manejava a caricatura com habilidade.

Em 1855 matriculou-se na nossa academia das Bellas-Artes, e a frequentou com notavel aproveitamento e assiduidade até meados do anno de 1858, tempo em que começou a não comparecer por ter sido atacado de teimosos incommodos do figado.

Entretanto fôr sempre o primeiro estudante da sua turma, e em todas as aulas que tinha cursado, constantemente obtivera premios: no primeiro anno fizera, como fez depois o Sr. Peirera Reis, exame de mathemati-

licas em presença de Sua Magestade o Imperador e tambem merecêra approvação com louvor; e emfimes tudando as bellas-artes, não se descuidára nunca de aprofundar os seus conhecimentos nas methematicas e na optica.

Um joven de tantas esperanças não devia parar no caminho por onde tão brilhantemente avançava.

Sua Magestade o Imperador, á custa do seu bolsinho, mandou o Sr. Americo completar os seus estudos na Europa, e em Março de 1839 partio o nosso talentozo patricio para o velho mundo, e ainda agora lá está em Pariz, onde tem feito muitos progressos especialmente na pintura historica.

Actualmente tem o Sr. Pedro Americo de Figueiredo e Mello vinte annos de idade.

Á vista do que acabo de dizer, não será por certo de admirar que daqui a dez ou vinte annos vá muita gente por uma curiosidade muito explicavel á igreja de S. Pedro apreciar alguns dos primeiros fructos do talento ainda não muito cultivado desses dous mancebos de quem o Brazil espera ter justos motivos para ufanar-se.

Tenho fé em que elles não hão de desmentir uma tão bella e tão fagueira esperança.

Nada me falta para acrescentar a respeito da sacristia da igreja de S. Pedro, e achava-me muito disposto a sahír da sacristia e a subir ao consistorio; mas um dos meus companheiros de passeio puxou-me neste momento pelas abas dasobrecasaca e bradou-me aos ouvidos :

— Basta ! por hoje basta!

Não se pôde resistir a tão solemne manifestação de fadiga, e por consequencia.... basta; por hoje basta.

—

XXII.

A IGREJA DE S. PEDRO.

Subamos ao consistorio da igreja de S. Pedro pela competente escada que se levanta ao lado esquerdo da acristia.

Não ha quem ignore a importancia que tem as escadas, quando se precisa dellas para subir ás alturas a que se deseja chegar; cobrem-se de flôres e de ornamentos os degrãos, animão-se, e forrão-se de seda os corrimões, fazem-se protestações de perpetuo reconhecimento a esses meios indispensaveis para a elevação de quem ainda está de baixo, e que de ordinario quebra nos corrimões e dá um pontapé nos degrãos depois que se acha de cima, e com a certeza de não cair. A decepção porque em tal cazo passão as escadas é cruel; nas não ha nem desengano nem experiencia que proveite completamente ao mundo; por isso que ao tempo que uns tomão juizo ensinados pelo desengano e illustrados pela experiencia, apparecem outros muito lispostos e promptos a serem enganados, e a servirem de novos fundamentos á lição que transpira daquelles suavissimos versos de Virgilio :

*Sic vos non vobis mellificatis apes,
Sic vos non vobis fertis aratra boves
Et cætera.*

Não sei se comprehendestes bem as observações

que acabo de fazer sobre as escadas ; se, porém, apesar da sua simplicidade, ainda precisaes de explicações, ide pedi-las a respeito das flôres e ornamentos dos degrãos, das sedas dos corrimões, e dos protestos de perpetuo reconhecimento a todos os politicos e estadistas que ainda não são senadores; e a respeito dos ponta-pés nas escadas, a muitos daquelles que já têm cadeira no salão da vitalicia.

Por cónsequencia a importancia das escadas não admitte oontestação; infelizmente, porém, não se entende essa regra com as escadas de pedra e cal, nem com as de pão, e sómente com as de carne e osso, e a escada do consistorio da igreja de S. Pedro não desafia pois interesse algum; porque é uma simples, estreita e curta escada de pão, e nem ao menos excita a curiosidade pelo esmero da obra.

O consistorio da igreja de S. Pedro é nada mais e nada menos que uma sala de limitadas porporções, continuando-se com outra sala ou com um largo e espaçoso corredor, que vai terminar dando entrada para o pulpito. Qualquer destas salas, ou antes o consistorio e o vasto corredor que se segue, resentem-se ainda do estado de abandono em que ficou por muitos annos a igreja de S. Pedro, e estão reclamando um concerto prompto, e cuidados e desvelos da administração da irmandade.

O consistorio tem em sua face principal um altar que não brilha pelo merecimento artistico: nesse altar venera-se, como é natural o principe dos Apostolos

representado por uma imagem aliás imperfeita, e que terá sem duvida de ser substituida quando se tratar do necessario concerto daquella parte do templo.

À direita do altar vê-se um quadro da resurreição da viuva do Levita, e á esquerda outro representando a morte de Nossa Senhora. O primeiro, cópia de uma gravura em miniatura, é do Sr. Pedro Americo de Figueiredo e Mello.

O segundo, que é por certo tambem uma cópia, é do Sr. Manoel Pereira dos Reis, que a executou ainda antes de entrar para a academia das bellas-artes.

No corredor que faz seguimento ao consistorio achão-se um retrato do Senhor D. João VI e um quadro da Cêa do Senhor.

O retrato não traz, não conserva o nome do artista que o executou; bem pôde ser porém devido á palheta feliz do nosso José Leandro.

O quadro, cópia de uma gravura de Raphael Morghen, que aliás tambem a copiára de um painel de Leonardo de Vinci, é ainda do Sr. Manoel Pereira dos Reis.

Tudo quanto disse no nosso ultimo *Passeio* acerca dos trabalhos destes dous jovens artistas, e das premissas do genio de ambos, premissas que serão conservadas na igreja de S. Pedro, tem inteiro cabimento em relação aos tres ultimos quadros de que acabo de fallar.

É na sala do consistorio, isto é, no mesmo consistorio que se reúne a irmandade de S. Pedro, para cele-

brar as suas sessões, e portanto não poucas interessantes historias poderíamos aqui encontrar, se tão facilmente não as esquecesse a memoria dos homens.

Uma no entanto ainda até hoje se conservou na lembrança de alguns irmãos de S. Pedro, e que se não é igual áquella travessura eleitoral do velho padre provincial de S. Antonio que vos referi no competente *passeio*, é pelo menos digna de um bom cavalista.

Vou contar a historia.

Um padre, ainda em annos deste século, pretendia ser admittido no *côro* de S. Pedro; deu-se o caso de uma vaga, apresentou-se candidato, e foi reprovado pela mesa da irmandade.

Um cavalista não desanima com as derrotas, pelo contrario sente-se excitado por ellas e nutre desejos ardentes de novos combates, em que além de colher a palma da victoria, tire desforra das zombarias dos adversarios.

O Padre calou-se e esperou, e logo que outra vaga appareceu no *côro* de S. Pedro apresentou-se candidato, e começou a trabalhar, e com a experiencia que colhêra na primeira campanha em que fôra vencido tomou todas as precauções, e estudando o campo inimigo, pois que outro candidato tambem pretendia o lugar suspirado, reconheceu que ainda essa vez teria de ser vencido por *dous votos*!

Pois bem: o homem não desanimou: reforçando os seus pedidos e empenhos tranquillizou-se a respeito da segurança dos votos que lhe tinham sido promettidos,

e ficou sem mais se esforçar por conquistar outros, á espera do dia da mesa da irmandade.

Emfim, o dia estava a chegar, e o padre moveu-se na vespera de tarde.

Que faz elle ?. marca para o ataque que já havia planejado tres padres de sua escolha, tres padres membros da mesa e que devião votar no seu adversario: vai a casa de um amigo, porque não quer despertar desconfianças, executando elle proprio o seu movimento estrategico, procura pois um amigo, entrega-lhe tres bilhetes de 10\$000, e recommenda-lhe, que sem fallar no seu nome, vá á casa dos tres padres e a cada um delles encommende uma missa para o dia seguinte, ás dez horas da manhã, devendo ellas serem celebradas uma na ermida de Nossa Senhora da Gloria, outra na matriz de Nossa Senhora da Gloria e a terceira emfim na igreja da Lapa.

O amigo sahio : as missas fôrão encommendadas e a esmola de 10\$000 a cada um dos padres fê-los sorrir com razão, porque, principalmente naquelle tempo, 10\$ erão uma esportula avultada, e um pouco rara.

No dia seguinte reunirão-se os irmãos de S. Pedro as 10 horas do dia, esperarão até ás 10 e meia pelos tres padres que faltavão, cansarão de esperar, instalou-se a mesa, e ás 11 horas da manhã o padre cabalista ganhou *por um voto* o lugar vago do côro de S. Pedro.

De volta para casa o padre encontrou o amigo que o esperava.

— Então?... perguntou este.

— Ganhei *por um voto*; respondeu o padre.

— Ah! é por que soube empregar os meios.

— Sim; mas está vendo que empreguei sómente meios justos e santos. . . mandei dizer tres missas *por minha intenção*.

Nada mais temos que ver no consistorio da igreja de S. Pedro.

Desçamos : é mais facil descer do que subir; perguntem aos ministros de estado.

Temos agora do lado do Evangelho da igreja, e contiguo ao corpo desta, um longo corredor destinado, creio eu, a guardar objectos que servem nas ceremonias do culto: nada teriamos que apreciar aqui a não serem os dous retratos que ornão uma das parêdes do corredor.

São os retratos do conego Manoel Freire, um dos bemfeitores da instituição do côro, e do conego Alberto da Cunha Barbosa, um dos bemfeitores da instituição dos soccorros aos padres e irmãos pobres da irmandade S. Pedro. Ignoro qual o artista que tirou estes retratos.

Um pequeno corredor communica a sacristia da igreja de S. Pedro com um limitado páteo, em torno do qual existem convenientemente abrigados diversos armarios, contendo alfaias e ornamentos da igreja. Em um desses armarios conservão-se com zeloso cuidado seis grandes ramos de flôres artificiaes, trabalho delicado e digno de attenção e de elogios, feito pelas freiras de Santa Thereza. Nessas flôres a natureza foi

perfeitamente imitada, e devem-se apreciar ainda mais as finas tintas empregadas, tintas que resistem a acção do tempo, conservando as flôres o seu *viço primitivo*.

No fundo do pateo ha uma saleta onde se achão tambem armarios; estes porém, destinados aos capellães que nelles guardão as suas vestes proprias do culto e os seus livros.

Este pateo é historico : recorda-nos o ruido alegre da vida, e o triste silencio da mórte.

Ides vêr que não estou *fazendo poesia*.

Houve tempo em que junto desse pateo tinha lugar o refeitório dos *orphãos de S. Pedro*, que depois se chamárão *seminaristas de S. Joaquim*, e portanto aqui se sentia o rir dos meninos, a vivacidade dessas felizes creaturas, que quasi nunca se lembrão do passado, que sonhão com um futuro sómente cheio de folguedos, e festas, e que a despeito de toda a disciplina são sempre mais ou menos ruidosas e travessas, como é sempre ruidosa e travessa a vida naquella idade.

Depois o silencio succedeu ao ruido.

O refeitório transformou-se em jazigo. O pátio foi cercado de catacumbas, e onde soavão as risadas alegres dos meninos, corrêrão lagrimas dos olhos daquelles que vinhão chorar os seus finados.

Mas as catacumbas são tambem paginas importantes daquelle grande livro da historia que sempre se pôde lêr em um campo funebre.

É verdade que essas catacumbas desapparecêrão, como felizmente todas as outras que havia no centro

da cidade; ficou porém a lembrança dellas, ficou o archivo que nos recorda os mortos.

Lembremos pois um ou outro dos homens notaveis, cujos restos mortaes fôrão encerrados nas catacumbas que em torno deste páteo existião.

Aqui foi sepultado o monsenhor José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo. Era natural da Cidade do Rio de Janeiro, onde nasceu a 12 de Outubro de 1753 Fez os seus primeiros estudos nesta mesma cidade, e foi conclui-los em Portugal, onde se formou em canones na universidade de Coimbra. De volta á sua patria, mereceu logo depois a gloria de ser contemplado na brutal perseguição que o enfesado oppressor vice-rei conde de Rezende desencadeou contra os homens de letras : para escapar á tempestade, aproveitou-se da autorisação que obtivera do bispo para visitar o b.spado do Rio de Janeiro, e então em longas e demoradas viagens foi recolhendo os difficeis e preciosos elementos que lhe servirão para escrever a obra que perpetúa o seu nome, as *Memorias historicas do Rio de Janeiro e das provincias annexas á jurisdicção do vice-rei do Estado do Brazil*, obra de um valôr immenso, filha de investigações repetidas e perseverantes, e que, apesar de resentir-se de falta de methodo, é uma fonte riquissima de esclarecimentos e de informações, fonte onde eu, por exemplo, tenho bebido á fartar e ainda não me sinto saciado.

Monsenhor Pizarro publicou esta obra de 1820 a 1822; constando ella de nove volumes, sendo o oitavo

dividido em duas partes, o que em realidade eleva a dez o numero dos volumes.

Este illustre brasileiro foi eleito deputado á assembléa geral em 1825, servio pois na nossa primeira camara temporaria, que o honrou elegendo-o seu presidente.

No dia 14 de Maio de 1830, passeiava monsenhor Pizarro pelo Jardim Botânico da Lagôa de Rodrigo de Freitas, quando de subito cahio morto fulminado por um ataque de apoplexia.

Tambem aqui foi sepultado o grande mestre e compositor de musica brasileiro o illustre padre José Mauricio Nunes Garcia, natural da cidade do Rio de Janeiro onde tambem fez todos os seus estudos de humanidades, de materias ecclesiasticas e da arte divina, em que tão eminente se mostrou.

Tornou-se esse homem desde logo notavel em todas as aulas que cursou, foi mesmo designado para substituto do seu mestre de philosophia racional o Dr. Goulão, e leccionou durante algum tempo, contando entre os seus discipulos o depois celebre padre Luiz Gonçalves dos Santos; conquistou porém as mais bellas palmas dos seus triumphos no cultivo e exercicio da musica.

Em um dos meus *passeios* já dei algumas informações a respeito deste illustre fluminense, e não devo nem quero repetir o que já escrevi.

Acrescentarei apenas a relação de um facto que pouco terá de importante, mas que não deixará de servir a quem quizer escrever a biographia completa do padre José Mauricio.

Em 1817 morava o padre José Mauricio Nunes Garcia, em uma pequena casa de sobrado e sótão, que ainda hoje existe na rua da Lampadosa, quasi ao canto da rua de S. Jorge, e defronte do lugar que era occupado pela pequena igreja de S. Jorge, e que hoje o é por algumas casas novas e assobradada, recentemente construidas.

Tinha naquelle anno chegado ao Rio de Janeiro a sempre lembrada princeza D. Leopoldina, archiduchessa da Austria, esposa do principe real o Sr. D. Pedro e depois primeira imperatriz do Brazil. Em um dos navios da esquadra que acompanhára S. A. Real, viera uma banda de musica que se fazia notar pela grande habilldade dos instrumentistas que a compunhão.

Essa banda de musicos allemães tivera licença para ir estudar e ensaiar as suas peças de musica em uma especie de pátco que havia ao lado da igreja de S. Jorge, e portanto defronte da casa do padre José Mauricio.

Na primeira tarde, ao começarem os musicos o seu estudo, o padre José Mauricio veio debruçar-se á sua janella, e ahi ficou até que os musicos se retirárão. O mestre acabava de apreciar a perfeição com que erão executadas as obras de habeis compositores.

Na tarde seguinte os musicos reunirão-se outra vez : antes porém de começarem a tocar, inexperadamente recebêrão um maço de papeis de musica que de presente lhes mandava o padre José Mauricio. Examinando os papeis, encontrárão uma colleção de —sonatas— ou de *divertimentos*, como os chamou o seu autor. No

primeiro momento apenas por civilidade começarão os músicos a ensaiar os — *divertimentos*; — em breve porém a curiosidade os excitava, logo depois uma especie de encanto se apoderava delles, e emfim o mais vivo enthusiasmo os arrebatava a todos.

Esses — *divertimentos* — não se conhecem no Brazil; os músicos allemães os levirão comsigo, o original que ficou em poder do padre José Mauricio perdeu-se muitos annos depois; informão-me porém que uma cópia delles existe no repertorio ou archivo musical do conde de Farrobo, em Portugal.

O padre José Mauricio morreu a 18 de Abril de 1830, pelas 6 horas da tarde, na casa n.º 18 da rua do Nuncio, onde então morava. O grande compositor de musicas sacras, expirou cantando o hymno de Nossa Senhora.

O padre Luiz Gonçalves dos Santos apenas soube do fallecimento do seu antigo mestre, correu a offerecer-se para amortalha-lo por suas mãos, já achou porém este piedoso dever cumprido pelo Sr. Dr. José Mauricio Nunes Garcia, digno filho daquelle homem illustre.

Existe um retrato muito fiel do padre José Mauricio Nunes Garcia devido ao amor filial, e á habilidade daquelle mesmo Sr. Dr. José Mauricio, a chamado do qual o Sr. Manoel de Araujo Porto-Alegre, no dia do fallecimento do abalisado mestre, fez tambem tirar uma mascara em gesso das suas feições, mascara que se acha no musêo nacional fazendo bôa companhia ás do Dante, Tasso, José Bonifacio, Antonio Carlos e Januario Arvellos.

No dia 1º de Dezembro de 1844 falleceu, e no seguinte foi sepultado na igreja de S. Pedro o conego Luis Gonçaves dos Santos que quarenta e cinco annos antes havia entrado para a irmandade do principe dos apóstolos.

Era elle natural da cidade do Rio de Janeiro, onde tambem fôra educado, e desde os seus primeiros annos mostrou a mais decidida aptidão para a carreira das letras, em que aliás teve de vencer não pequenos embaraços em consequencia de desarranjos de fortuna experimentados por sua familia.

De estatura muito menos que ordinaria, extremamente magro, soffrendo quasi constantemente ataques de asthma e apezar disso escrevendo e estudando sem cessar, o padre Luiz Gonçaves dos Santos era um argumentador infatigavel e ardente, fallava com facilidade e exaltação, e talvez por tudo isso lhe derão a desagradavel alcunha de padre — Pereréca —, pelo qual era de todos conhecido.

A elle se deve uma obra importante, as *Memorias para servir á historia do Brazil*, trabalho minucioso que dá conta de todos os factos passados desde a chegada da familia real portugueza ao Brazil até o anno de 1821.

Além desta obra, foi o conego Luiz Gonçaves um dos primeiros a escrever defendendo os direitos do Brazil na época que precedeu immediatamente a independencia, abundando muito em outros escriptos, e notavelmente em um opusculo combatendo a maçonaria, e esses outros em que, com ardor e talvez violen-

cia, arcou com o benemerito padre Diogo Antonio Feijó, quando este atacava o cellibato clerical.

Não quero estendender mais a lista dos mórtos, cujas recordações encontro no obituario da irmandade de S. Pedro; não posso porém esquecer, e lembrarei por ultimo o conego Manoel de Freitas Magalhães, a quem devo, além de um tributo ao seu merecimento real, uma divida, que não importa cousa alguma para os meus companheiros de *passeio*, mas que para mim importa muito, porque o conego Manoel de Freitas Magalhães foi o meu primeiro mestre, e mestre sómente por amizade e dedicação a meu pai. Dir-me-hão que o publico nada tem que ver com isso: convenho; creio porém que um homem depois de escrever doze paginas para o respeitavel pnblico, póde muito razoavelmente ter o direito de escrever duas ainda para o mesmo publico, e principalmente para o seu coração.

Em uma palavra: ufano-me de saber pagar minhas dividas.

O padre Manoel de Freitas Magalhães era natural da villa do Espirito-Santo, na provincia do mesmo nome, e filho legitimo de João de Freitas Magalhães e de Anna da Encarnação; foi baptisado no dia 17 de Fevereiro de 1787. tendo nascido no mesmo anno.

Veio para o Rio de Janeiro em Abril de 1822, na época ardente e enthusiastica da independencia, e fez-se notavel, pronunciando-se manifesta e vivamente pela causa da patria, e ligando-se desde logo ao partido liberal, a que preston serviços durante o reinado do Sr. D. Pedro I.

Deixando a capital do Imperio, estabeleceu-se em 1825 na villa de Itaborahy, onde permaneceu até o anno de 1835, em que depois de um brilhante concurso foi escolhido para vigario da freguezia de S. Gonçalo.

Desde a primeira legislatura provincial até a sua morte foi sempre eleito membro da assembléa provincial do Rio de Janeiro, e por alguns annos presidio a esta camara.

Em 1839 achando-se vaga a vigararia de Itaborahy; tornou o padre Manoel de Freitas Magalhães a apresentar-se em concurso, e conseguiu, o que elle dizia mais desejar no mundo, ser vigario desta parochia, á qual tinha sempre conservado o mais decidido amor.

Lembra-me que no dia de sua posse da igreja dessa freguezia, em 1839, o conselheiro José Clemente Pereira ouvindo-o no meio de um banquete manifestar esses sentimentos, exclamára sorrindo-se :

— Meu vigario, accuso-o de adulterio; porque estando casado com a freguezia de S. Gonçalo, entreteve amores occultos com a de S. João de Itaborahy.

Durante os poucos e saudosos annos que o conego Manoel de Freitas Magalhães foi vigario de Itaborahy, o seu pensamento e empenho dominantes fôrão a harmonia e união de todos os habitantes da sua freguezia. Guardando comsigo os seus principios politicos, nas épocas de lutas eleitoraes ninguem trabalhava mais do que elle; o seu unico trábhalho porém era com o fim de manter a ordem, de destruir intrigas, e de impedir inimizadas, e ás vezes conseguiu restabelecer

amigaveis relações perturbadas pelo antagonismo politico.

A sua casa e a sua meza estavam francas a todos : não ha neste ponto a menor exaggeração : tornou-se por vezes curioso e objecto de graçejo de amigos o facto de chegar-se o vigario Freitas a alguns destes para procurar saber quem erão algumas pessôas que acabavão de jantar á sua mesa, e uma vez quem era um homem que dormira em sua casa !...

Tambem os habitantes da freguezia de Itaborahy pagavão com o mais decidido amor a dedicação do seu vigario; e quando chegavão as grandes festas do anno, e mesmo durante o correr dos mezes os presentes obsequiosos erão em tão grande numero, que elle dizia que já não tinha onde guarda-los e nos jantares que sempre costumava dar nos dias de festas, o bom vigario exclamava, fallando á numerosissima companhia que cercava a mesa :

— Aqui o convidado sou eu ; porque este lauto banquete fôrão os senhores que me offerecêrão.

Estou narrando factos de que ainda ha testemunhas presencias, que se pôdem contar por dezenas, e das quaes não haverá uma unica que não abone a minha verdade.

Em 1842 o conego Manoel de Freitas Magalhães instado por alguns comprovincianos, parentes e amigos seus partio para sua provincia natal, e pretendendo a honra de represental-a na assembléa geral teve de sustentar uma luta porfiada e calorosissima com o

presidente da provincia que tambem se apresentára candidato. A camara dos deputados annullou essa eleição; o conego Freitas já se achava no Rio de Janeiro; o presidente da provincia do Espirito Santo já era tambem outro, e na nova eleição a que se procedeu em 1843 o conego Manoel de Freitas Magalhães obteve todos os votos do eleitorado a excepção *de um só!* eloquente e brilhante manifestação do voto livre dos seus comprovincianos.

O combate eleitoral de 1842 tinha no entanto affectado profundamente o conego Freitas, que voltou da sua provincia triste e doente; os habitantes da freguezia de Itaborahy fôrão em grande numero recebê-lo no porto da Villa-Nova de S. José d'El-Rei, e elle, desfazendo-se em lagrimas, atirou-se nos braços destes seus amigos.

Desde esse tempo começou o conego Freitas a prever e annunciar a sua mórte proxima, e deu-se então um facto que não me animaria a referir se não pudesse proval-o com o testemunho de pessoas muito respeitaveis.

Em 1843, pouco antes de partir para a côrte, onde devia tomar assento na camara dos deputados, o conego Freitas accordou uma manhã pensativo e melancolico: alguns amigos instárão com elle para que dissesse o motivo da sua tristeza, e emfim o obrigárão a fallar.

— Esta noite, disse elle, no meio de um sonho ouvi perfeitamente uma voz que me bradou: « o mez de Outubro te hade ser fatal. »

Como bem se pôde pensar, zombou-se da causa da melancolia do vigário conego Freitas, e procurou-se por todos os modos distrahi-lo; elle porém não se esqueceu mais do sinistro annuncio da voz mysteriosa do seu sonho.

Indo para a côrte hospedou-se na casa de seu intimo amigo o Exm. Sr, conselheiro Dr. Thomaz Gomes dos Santos, a quem *por vezes* referio o seu triste sonho.

Chegou enfim o mez de Outubro, e no dia 13 desse mesmo mez um ataque repentino pôz termo aos dias do conego Manoel de Freitas Magalhães, cujas ultimas palavras dirigidas ao seu muito prezado amigo fôrão as seguintes :

— Então, Thomaz, morro ou não ?.

E em poucos minutos morreu com effeito nos braços do Sr. conselheiro Dr. Thomaz Gomes dos Santos.

Termina aqui o nosso ultimo *Passeio* á igreja de S. Pedro.

INDICE

Das materias do 1º volume.

	PAGINA	v
<i>Aos Meos Leitores</i>		
<i>Introducção</i>	»	1
<i>Passeios : I Palacio Imperial</i>	»	7
<i>II Palacio Imperial</i>	»	17
<i>III Palacio Imperial</i>	»	33
<i>IV Palacio Imperial</i>	»	47
<i>V Palacio Imperial</i>	»	63
<i>VI O Passeio Publico</i>	»	79
<i>VII O Passeio Publico</i>	»	101
<i>VIII O Passeio Publico</i>	»	119
<i>IX O Passeio Publico</i>	»	137
<i>X Convento de S. Thereza</i>	»	152
<i>XI Convento de S. Thereza</i>	»	169
<i>XII Convento de S. Antonio</i>	»	186
<i>XIII Convento de S. Antonio</i>	»	203
<i>XIV Convento de S. Antonio</i>	»	219
<i>XV Convento de S. Antonio</i>	»	234
<i>XVI Convento de S. Antonio</i>	»	248
<i>XVII Convento de S. Antonio</i>	»	262
<i>XVIII A Igreja de S. Pedro</i>	»	280
<i>XIX A Igreja de S. Pedro</i>	»	298
<i>XX A Igreja de S. Pedro</i>	»	314
<i>XXI A Igreja de S. Pedro</i>	»	331
<i>XXII A Igreja de S. Pedro</i>	»	347

ADVERTENCIA.

No fim do 2º volume encontrar-se-ha, além de um indice geral das materias, um ligeiro artigo, em que o autor dará conta de algumas inexactidões, em que incorreo, e a respeito das quaes se acha esclarecido.





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).